

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA

CEZAR MACEDO BARROS

A REPORTAGEM NAS RÁDIOS COMERCIAIS DE NATAL-RN

NATAL
2015

CEZAR MACEDO BARROS

A REPORTAGEM NAS RÁDIOS COMERCIAIS DE NATAL-RN

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de concentração: Comunicação Midiática.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro F. Veloso

NATAL

2015

UFRN. Biblioteca Central Zila Mamede.
Catalogação da Publicação na Fonte.

Barros, Cezar Macedo.

A reportagem nas rádios comerciais de Natal-RN / Cezar Macedo
Barros. – Natal, RN, 2015.

164 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro F. Veloso.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do
Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Mídia.

1. Estudos da Mídia – Dissertação. 2. Jornalismo – Dissertação. 3.
Radiojornalismo – Dissertação. 4. Radiorreportagem – Dissertação. 5.
Reportagem Radiofônica – Dissertação. I. Veloso, Maria do Socorro F. II.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 316.774

CEZAR MACEDO BARROS

FOLHA DE APROVAÇÃO

A REPORTAGEM NAS RÁDIOS COMERCIAIS DE NATAL-RN

Dissertação _____ em ____/____/_____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Ângela Pavan
Presidente

Profa. Dra. Valquíria Aparecida Passos Kneipp
Examinadora interna – PPGEM/UFRN

Profa. Dra. Luciana Miranda Costa
Examinadora externa – PPGCOM/UFPA

Profa. Dra. Suelly Maria Maux Dias
Suplente externa – UFPB

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Erivan de Macedo Barros (*in memoriam*), que partiu para o Céu no meio da minha jornada de mestrado, deixando muita saudade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo!

À minha mãe, Luzia Macedo Barros, que, com muito amor, sempre acreditou no meu potencial. Juntamente com o meu pai, formaram uma família muito bela aos olhos do Senhor. Muito obrigado pelos exemplos e por cultivar em mim e nos meus irmãos o amor a Deus e o gosto pelos estudos.

Ao meu pai, Erivan de Macedo Barros, que prematuramente foi ao encontro do Senhor no meio deste percurso, mas que sempre me incentivou a estudar, em busca de um futuro melhor. Sinto muito a sua falta. Queria, ao terminar a defesa, te ligar para dizer como foi, mas nos comunicamos em oração. Sei que tens muito orgulho deste filho.

À minha noiva, Danyelle Soares da Costa, minha melhor amiga. Você esteve ao meu lado me incentivando desde o processo seletivo para o mestrado e foi quem ouviu todas as minhas angústias nos momentos difíceis e também vivenciou e vibrou comigo em todas as alegrias durante essa jornada. Agradeço pelo companheirismo de sempre e pelo amor correspondido – e por muitos e incontáveis motivos. Amo muito você!

Ao meu irmão mais novo, Cyro Elvis Macedo Barros, um guerreiro que me ensina a valorizar cada dia de nossas vidas.

Ao meu irmão mais velho, Celso Macedo Barros e à minha cunhada Mara Aline, pelo carinho e admiração.

À minha amiga e orientadora, professora Socorro Veloso, pelo carinho e zelo em todas as nossas conversas, orientações, e-mails e textos. Mesmo a um oceano de distância, nunca faltou atenção para o meu trabalho, além das palavras de incentivo e da valorização dos vínculos fraternos, sem dúvida, muito duradouros. Sou muito grato por essa amizade.

À família da minha noiva que também me acolheu como um filho.

Aos professores Valquíria Kneipp e Adriano Gomes, pelas valiosas contribuições ao longo da pesquisa. Agradeço também à professora Ângela Pavan pelo respeito, carinho e também por presidir minhas bancas de qualificação e defesa. E às professoras Luciana Miranda e Suelly Maux, por aceitarem gentilmente o convite para avaliar o trabalho final.

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, por compartilharem valiosos conhecimentos e experiências.

Aos colegas da turma 2014 do PPGEM, pelo companheirismo e pela convivência em cada momento. De modo especial, agradeço a Andrielle Mendes, que foi leitora do meu

trabalho nos primeiros semestres e agregou muita contribuição e a Matheus Cirne, pela amizade e auxílio com a tradução do resumo.

A Jeferson Rocha, um amigo que conheci no meio do mestrado, estudando radiojornalismo, pelos livros emprestados e ideias compartilhadas.

Aos colegas da rádio Universitária FM, que foram solidários durante o período do mestrado, entendendo as dificuldades e demonstrando apoio e amizade. Aos queridos Anna Jasiello Dantas, Iano Flávio Maia e Maralice Freitas, muito obrigado pelo agradável grupo de amigos que formamos. Aos bolsistas, agradeço pelo respeito e compreensão.

A todos os profissionais das emissoras de rádio que contribuíram com esta pesquisa, por me receberem tão bem e pelo esforço para preservar a informação no rádio.

Aos alunos das turmas de Introdução ao Jornalismo (2014.1) e de Oficina de Radiojornalismo (2014.2) da UFRN, onde realizei estágio-docência, por me ensinarem muito acerca do magistério superior.

Aos amigos que a Igreja me presenteou, por me ajudarem na caminhada cristã. São muitos, mas quero registrar o agradecimento especial a Yago, Pablo, Joyce, Silene, Valdir e Raquel. Também sou grato aos padres José Moreira e Valdemar Fernandes, por todos os ensinamentos humanísticos na paróquia do bem-aventurado Ambrósio Francisco Ferro e aos amigos do EJAC da paróquia de São Francisco de Assis, por formarmos uma família.

A todos os professores que passaram pela minha vida, da pré-escola à pós-graduação, que, de alguma forma, contribuíram para me formar um jornalista, pesquisador e, sobretudo, uma pessoa que valoriza os laços humanos.

A todos os outros amigos, colegas, vizinhos e conhecidos que participaram em algum momento da minha vida, deixando suas marcas de presença e saudade.

“Dos receptores tradicionais aos associados às chamadas novas tecnologias de informação e comunicação – cada vez menos *novas*, na realidade –, a mensagem radiofônica acompanha o ouvinte, chegando a ele no radiorrelógio, que o desperta; no radinho de pilha, enquanto toma banho; no celular, durante o deslocamento por ônibus ou por lotação; no autorrádio do carro, em meio às agruras do trânsito das grandes cidades; via internet, na escuta simultânea ao trabalho; e de dezenas de outras formas. Todas conectando o público ao mundo simultaneamente às atividades do cotidiano.”

Luiz Artur Ferraretto

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar o espaço destinado à radioreportagem e as condições de produção nos radiojornais das emissoras comerciais que operam em frequência modulada (FM), na cidade de Natal-RN. Através de observação empírica preliminar, percebeu-se que este formato jornalístico é pouco presente na programação das emissoras comerciais de rádio local, sem aprofundamento da cobertura jornalística. A pesquisa toma por base o conteúdo veiculado em quatro radiojornais diários transmitidos por emissoras de perfil comercial. Levanta-se a hipótese de que a crise pela qual atravessam as empresas jornalísticas pode justificar a falta de investimento na reportagem radiofônica. O estudo de caso (YIN, 2005) partiu de pesquisa bibliográfica, visando a construção de um modelo teórico de referência sobre o formato estudado, a partir do que propõem Prado (1989), Besspalhok (2006), Meditsch (2007), Lopes (2013) e Ferraretto (2014). A metodologia também incluiu escuta de conteúdo veiculado durante uma semana nos quatro radiojornais analisados, observação participante e entrevistas em profundidade com profissionais que produzem os referidos programas. Verificaram-se oito ocorrências com características similares às da radioreportagem, todas veiculadas em apenas um dos programas analisados. Segundo os entrevistados, o formato é pouco utilizado porque geraria custos altos às empresas, que não têm condições de arcar com essa despesa. A pesquisa inferiu ainda que, além da falta de visão empresarial, há acomodação dos profissionais que poderiam produzir radioreportagens mesmo com a pouca estrutura disponível. Por fim, esta dissertação aponta a necessidade de se investir mais no radiojornalismo local com vistas a melhorar a qualidade das informações veiculadas nas emissoras comerciais de Natal-RN e na capacitação dos estudantes de Jornalismo para utilizarem as potencialidades do rádio com máximo aproveitamento.

Palavras-chave: Estudos da Mídia; Jornalismo; Rádio; Radiojornalismo; Radioreportagem; Reportagem Radiofônica.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the space of radio reporting and production conditions in radio newscasts in commercial stations operating in modulated frequency (FM) in the city of Natal, Rio Grande do Norte. Through preliminary empirical observation, it was observed that this journalistic style (radio reportage) is hardly present in the schedule of local commercial radio stations, with a lack of in-depth news coverage. The research is based on the content broadcast in four daily radio news programs transmitted by commercial stations. It raises the hypothesis that the crisis that cuts across journalistic companies could be justified by the lack of financial funding in in-depth news reporting. The starting point for the case study (Yin, 2005) was a bibliographical research, for building a theoretical model of reference for the studied style, based on Prado (1989), Bessalho (2006), Meditsch (2007), Lopes (2013) and Ferraretto (2014). The methodology also included listening to content broadcast during a week in the four analyzed news programs, participant observation and interviews with professionals who produce these programs. There were eight events with similar characteristics to radio reporting, all broadcast in just one of the analyzed programs. According to the interviewees, the format is rarely used because it would generate high businesses costs, which are prohibitively high for the stations. The research also inferred that besides the lack of entrepreneurial vision, there is accommodation of the professionals who could produce news stories even with little structure available. Finally, this work points out the need to invest more on local radio journalism to improve the quality of the information provided on commercial broadcasters in Natal and the training of journalism students to use radio's potential to maximum use.

Keywords: Media Studies; Journalism; Radio; Radio journalism; Radio Reportage; Radio Reporting.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tensão da reportagem simultânea	58
Gráfico 2 – Formatos radiofônicos no Jornal da Cidade – Período de 11 a 15/05/2015.....	84
Gráfico 3 – Formatos radiofônicos no Jornal 96 – Período de 11 a 15/05/2015.....	89
Gráfico 4 – Formatos radiofônicos no Jornal da Noite – Período de 11 a 15/05/2015	95
Gráfico 5 – Formatos radiofônicos no Jornal das Seis – Período de 11 a 15/05/2015.....	101
Gráfico 6 – Contabilização dos formatos nos radiojornais analisados	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trabalhos apresentados no GT Estudos do Jornalismo da Compós	35
Tabela 2 – Classificação dos gêneros radiojornalísticos	53
Tabela 3 – Simultaneidade em cada grau de vivo	61
Tabela 4 – Conceito, caracterização e classificação da radorreportagem	63
Tabela 5 – Emissoras AM em Natal-RN	79
Tabela 6 – Emissoras FM em Natal-RN.....	80
Tabela 7 – Radiojornais das FMs comerciais de Natal-RN	80
Tabela 8 – Radiojornais em análise	81
Tabela 9 – Formatos radiofônicos no Jornal da Cidade – Período de 11 a 15/05/2015	84
Tabela 10 – Formatos radiofônicos no Jornal 96 – Período de 11 a 15/05/2015	89
Tabela 11 – Formatos radiofônicos no Jornal da Noite – Período de 11 a 15/05/2015	95
Tabela 12 – Formatos radiofônicos no Jornal das Seis – Período de 11 a 15/05/2015	101
Tabela 13 – Itens comparativos entre os radiojornais analisados.....	104
Tabela 14 – Contabilização dos formatos nos radiojornais analisados	106
Tabela 15 – Participação de repórter policial no Jornal das Seis	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O RÁDIO: AS MUDANÇAS, O MERCADO E A PESQUISA CIENTÍFICA	20
1.1 O RÁDIO FRENTE ÀS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS	20
1.2 AUDIÊNCIA DE RÁDIO: CENÁRIO BRASILEIRO	28
1.3 A PESQUISA CIENTÍFICA EM RÁDIO NO BRASIL	31
2 A REPORTAGEM RADIOFÔNICA: EM BUSCA DO CONCEITO.....	38
2.1 A APRESENTAÇÃO DE CONTEÚDO EM RÁDIO.....	38
2.2 O CONTEÚDO JORNALÍSTICO NO RÁDIO.....	45
2.3 A REPORTAGEM RADIOFÔNICA EM (RE)DEFINIÇÃO	53
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	64
3.1 FASES DA PESQUISA	65
3.1.1 Pesquisa Bibliográfica	66
3.1.2 Definição e Recorte do Objeto.....	68
3.1.3 Coleta de Dados	70
3.1.4 Análise e Interpretação	70
3.2 ESTUDO DE CASO.....	71
3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO	73
3.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA COLETA DE DADOS.....	74
3.4.1 Gravação e Escuta Radiofônica	74
3.4.2 Pesquisa Etnográfica a partir da Observação Participante.....	75
3.4.3 Entrevistas em Profundidade	77
4 A REPORTAGEM RADIOFÔNICA EM NATAL-RN.....	79
4.1 EMISSORAS RADIOFÔNICAS EM NATAL-RN	79
4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RADIOJORNAIS OBSERVADOS	82
4.2.1 Jornal da Cidade	82
4.2.2 Jornal 96.....	86
4.2.3 Jornal da Noite.....	92
4.2.4 Jornal das Seis.....	98

4.3 ASPECTOS TÉCNICOS COMPARATIVOS	104
4.4 A REPORTAGEM NO JORNAL DAS SEIS	107
4.5 REFLEXÕES SOBRE O JORNALISMO RADIOFÔNICO EM NATAL-RN	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICES	126
ANEXOS	130

INTRODUÇÃO

O rádio é o aparelho de comunicação de massa com maior independência da rede elétrica, uma vez que os equipamentos funcionam também com a utilização de pilhas e baterias. Desse modo, pode-se creditar ao rádio efeitos de inclusão e ressocialização dos atos comunicativos, uma vez que, a partir desse meio, nos locais aonde a internet e a televisão não chegaram, as pessoas podem tomar conhecimento de fatos que acontecem em qualquer lugar do mundo, bem como ter acesso a bens culturais.

O jornalismo tem a importante função de informar para a sociedade sobre o que acontece no mundo, com precisão e de forma clara, de acordo com os chamados critérios de noticiabilidade, a partir de questões que envolvem fundamentos éticos e responsabilidade social. Costumeiramente, no dia a dia das redações de jornais, a incessante busca por material noticioso faz com que as grandes reportagens, capazes de oferecer noções mais completas da realidade, diminuam em quantidade e qualidade. Essa percepção se aplica aos diversos meios de comunicação: impressos, rádio, TV e internet.

O grau máximo de expressão da prática jornalística, contudo, se verifica na reportagem, posto que sua realização exige profundidade. A reportagem requer a busca incessante de informações não superficiais capazes de esclarecer um fato ou situação. É o formato do gênero jornalístico informativo que interpreta o cotidiano e possibilita ao interlocutor maior conhecimento sobre determinado assunto.

Com os elevados custos para a produção de material noticioso que atraia atenção do receptor e, em consequência, a destinação de recursos da publicidade, a reportagem acaba ficando em segundo plano. Sem recursos financeiros e endividadas, muitas empresas de comunicação não conseguem sobreviver. Em Natal-RN, por exemplo, em 2011 e 2012, foram fechados dois jornais impressos de circulação diária: Correio da Tarde e Diário de Natal, respectivamente. Em 2015, O Jornal de Hoje, outro impresso de circulação diária, passou a funcionar com divulgação de notícias apenas em plataforma online. A extinção de meios e a economia de recursos financeiros na produção de reportagens parecem associadas à crise de amplas dimensões que afeta o jornalismo impresso, de modo global.

Meyer (2007) analisa os impactos da extinção dos jornais nos Estados Unidos e associa a qualidade do material divulgado nos jornais à influência das empresas jornalísticas. O autor apresenta o modelo de Jurgensmeyer, em que “um jornal produz dois tipos de influência: influência social, que não está à venda, e influência comercial, ou influência sobre a decisão do consumidor de realizar a compra do que está à venda” (MEYER, 2007, p. 17-

18). Em sua análise, quanto melhor for um jornal, mais adesão ele terá e, em consequência, mais influência. Quanto mais influência, mais leitores. Quanto mais leitores, mais investidores com recursos publicitários. Em suas palavras: “A influência social de um meio de comunicação pode aumentar sua influência comercial. Se o modelo funcionar, um jornal influente terá leitores que confiam nele e, portanto, mais valor para os anunciantes” (p. 18).

Para que o jornalismo desempenhe o papel de analisar e informar com profundidade, as empresas de comunicação deveriam dedicar maior atenção e investir mais recursos ao processo de apuração das informações. Porém, o que acontece rotineiramente é o desvio da atenção dos veículos para o imediato, para aquilo que é noticiado de maneira mais fácil e menos dispendiosa. Essa prática já é comum quando se refere ao jornalismo impresso e, da mesma forma, pode ser percebida no rádio.

Conhecendo esse cenário, observamos que a programação jornalística das rádios comerciais de Natal-RN é formada, em sua maioria, por boletins informativos e, em alguns casos, por radiojornais que duram, em média, uma hora. Também se verifica empiricamente que o conteúdo veiculado nessas emissoras é prioritariamente local, com notícias nacionais e/ou internacionais, tendo a presença primordial de assuntos de política e economia, com espaço também para polícia e cidades. Esses programas são formados principalmente por notas ou notícias, entrevistas e comentários, com destaque às opiniões dos apresentadores dos jornais. A reportagem, notadamente a de rua, em que o repórter ouve fontes populares, especialistas e autoridades, tem pouco espaço nos programas.

A configuração dos serviços executados pelo profissional do jornalismo radiofônico precisa ser observada à luz das teorias e práticas desenvolvidas nas rotinas de produção em radiojornalismo. Nesse sentido, surge a necessidade de conhecer a realidade local, para que se possa entender o modo como se produz jornalismo nas emissoras de rádio de Natal-RN. Precisa-se compreender o que leva a um eventual arrefecimento na produção de reportagens para esse meio.

A partir dessas considerações iniciais, esta pesquisa parte da seguinte pergunta: como são produzidos os noticiários radiofônicos em Natal-RN, no que se refere às rotinas de produção em radiojornalismo, e qual o espaço destinado ao formato reportagem no conteúdo jornalístico das rádios comerciais pesquisadas?

O objetivo geral, portanto, é investigar o espaço destinado à radioreportagem e as respectivas condições de produção nos radiojornais das emissoras comerciais que operam em frequência modulada (FM) na cidade de Natal-RN. São objetivos específicos:

- a) Analisar a programação jornalística das rádios comerciais de Natal-RN,

- b) Mapear os modelos de jornais das rádios, elencando e calculando o espaço destinado à reportagem;
- c) Diagnosticar o interesse dos profissionais de radiojornalismo das emissoras comerciais de Natal-RN pela reportagem radiofônica nos programas que produzem;
- d) Identificar, formalmente, se há radorreportagem na programação jornalística das emissoras comerciais de Natal-RN, suas características e as razões que justificam o fenômeno constatado empiricamente.

No que concerne ao marco teórico, objetivamos buscar consenso sobre o conceito de radorreportagem, uma vez que há diferentes conceituações do termo. Para tanto, urge uma pesquisa bibliográfica que procure concatenar diversas concepções sobre formatos radiofônicos do gênero jornalístico e, de modo particular, sobre a reportagem radiofônica, para chegar a um conceito que balize a investigação empírica de natureza etnográfica.

Deste modo e a partir das primeiras observações, levantamos duas hipóteses que podem justificar o pouco ou nenhum espaço que percebemos destinado à reportagem radiofônica em Natal-RN. Uma delas está ligada à configuração das práticas radiofônicas observadas na cidade, em que o profissional deveria ser dotado de capacidade técnica para realizar múltiplas tarefas, como apurar e redigir notícias, pautar e produzir entrevistas, emitir comentários, fazer análises e apresentar os radiojornais. À multifunção exercida pelos profissionais de radiojornalismo somam-se a extinção de meios e a atual representação do rádio para o público receptor. Esse prognóstico aponta para a falta de condições, recursos e tempo para a produção da radorreportagem.

Esses fatores parecem associados à crise de grandes dimensões que o jornalismo nos meios tradicionais, especialmente no impresso, atravessa. Nos últimos anos, empresas jornalísticas foram fechadas por razões comerciais e/ou administrativas. A história da imprensa destaca que o jornalismo impresso foi, muitas vezes, a origem de pautas e, até mesmo, de conteúdo para o rádio e televisão, e vice-versa. Com o advento dos portais de notícias online, os jornais passaram a ser menos utilizados. Sobremaneira, a extinção de veículos impressos acaba por refletir diretamente no modo de produção jornalística para outros meios, incluindo o rádio.

Este estudo toma por base quatro programas jornalísticos do formato radiojornal, veiculados em três emissoras comerciais que operam em frequência modulada (FM) em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Nosso esforço se concentra na investigação sobre o modo de produção dos seguintes noticiários: Jornal da Cidade, da Rádio Cidade 94 FM, vinculada ao grupo imobiliário Haroldo Azevedo; Jornal da Noite, da Rádio 95 FM, vinculada ao sistema

Ponta Negra de Comunicação; Jornal 96 e Jornal das Seis, ambos da Rádio 96 FM, vinculada ao sistema Reis Magos. A observação preliminar do conteúdo desses programas demonstra que apenas um deles inclui veiculação de reportagens, com utilização de recursos sonoros validadores, como o uso de depoimentos gravados das fontes, por exemplo.

O recorte da pesquisa não incluiu as rádios comunitárias, as emissoras que possuem programação primordialmente religiosa e as que têm ligação direta com o poder público. O estudo é restrito ainda às emissoras que possuem o formato radiojornal em sua grade, excluindo-se, portanto, aquelas cuja programação jornalística é composta, exclusivamente, por boletins informativos.

Também optamos por não investigar veículos que ainda operam em AM. A justificativa reside na autorização da Presidência da República (BRASIL, 2013) para que as emissoras de ondas médias passem para a frequência modulada. Além disso, de acordo com o Ministério das Comunicações (2014), as primeiras oito emissoras que receberam autorização para essa migração foram do Rio Grande do Norte. Em breve, a quantidade de rádios comerciais operando nas ondas médias no estado onde a pesquisa se desenvolve será bastante reduzida.

Para o alcance dos objetivos e pretendendo responder ao problema da pesquisa, fez-se necessário um percurso metodológico que iniciou com a elaboração de um anteprojeto de pesquisa, a partir de um problema real observado empiricamente no cenário descrito: a rara presença de radiorreportagens nas emissoras comerciais de Natal-RN. Para compreender a realidade em que se insere o radiojornalismo local, realizamos um levantamento bibliográfico a fim de elencar os principais conceitos inerentes à reportagem de rádio, passando pela compreensão do papel do rádio e como esse meio de comunicação se comportou e se reinventou com a chegada de outros meios que, por vezes, ameaçaram sua sobrevivência.

Construído o referencial teórico que nos ajudasse a entender o cenário, fizemos o recorte do objeto científico, baseado em preceitos metodológicos que nos parecem suficientes para um estudo de caso ampliado da realidade local. Em seguida, definimos um período para gravação dos programas radiofônicos que não contemplasse eventos capazes de alterar significativamente as rotinas de produção em radiojornalismo, como possíveis coberturas especiais, por exemplo, o que nos faria perceber uma face dos radiojornais diferente do modelo usualmente praticado.

Foram gravadas cinco edições de cada um dos quatro radiojornais em análise, totalizando aproximadamente 20 horas de conteúdo sonoro. Para cada edição foi construído um relatório dos formatos radiofônicos percebidos, bem como um relatório geral semanal, o

que nos ajudou a comprovar a pouca presença da radioreportagem dentro dos radiojornais locais, uma vez que esse formato ocorreu apenas oito vezes ao longo de uma semana, todas em um único radiojornal.

Se realizarmos um cálculo simples, percebemos que oito reportagens em cinco edições de um radiojornal com uma hora de duração representa menos de duas reportagens por edição. Se compararmos esse número ao total de edições analisadas dos quatro radiojornais (20), teríamos uma reportagem para cada dois programas e meio. Esses dados confirmam a observação empírica que nos inquietou: em Natal-RN, não se valoriza a utilização da radioreportagem.

Insatisfeitos com esses resultados, sentimos necessidade de investigar o que justifica tal realidade. Para tanto, consideramos observar como são produzidos esses radiojornais. Deslocamo-nos até às sedes das emissoras responsáveis pela transmissão desses programas e verificamos o desenrolar de uma edição de cada radiojornal, fazendo anotações acerca da prática profissional dos jornalistas envolvidos nesses programas, bem como sobre o ambiente de trabalho e de execução dos jornais. Na oportunidade, registramos nossas impressões acerca das respectivas rotinas de produção.

Concluída a observação participante, realizamos entrevista do tipo semiaberta com um profissional responsável pela produção do programa, incluindo redatores, editores e apresentadores, quando foi possível saber, de forma ampliada, os princípios que guiam a realização de cada radiojornal em Natal-RN e coletar opiniões dos profissionais acerca da utilização da radioreportagem e sobre o cenário em que se encontra o jornalismo de rádio na cidade.

Com o cruzamento dos dados coletados a partir desses três instrumentos (relatórios de formatos dos programas, observação participante e entrevistas) e embasados em um referencial teórico sobre a reportagem radiofônica, conseguimos compreender como são produzidos os radiojornais locais e os motivos que levam à rara presença da reportagem radiofônica em Natal.

O cenário completo está relatado nesta dissertação, que se estrutura em quatro capítulos. O primeiro capítulo faz um levantamento sobre a forma como os profissionais do rádio, ao longo da história, enfrentaram os desafios trazidos pelas inovações tecnológicas, com o surgimento de outros meios de comunicação, especialmente a TV e a internet, passando pela análise de dados recentes de pesquisa de audiência, que demonstra que o rádio continua sendo um dos meios de comunicação com maior credibilidade na divulgação de informações jornalísticas. Finaliza demonstrando que a pesquisa acadêmica sobre rádio no

Brasil é profícua, mas ainda há espaço para se discutir radiojornalismo, sobretudo no contexto da convergência midiática, que impõe alterações na forma do consumo de informação.

No segundo capítulo, esforçamo-nos para construir um roteiro didático que conduza à compreensão da reportagem radiofônica. Para tanto, fizemos um levantamento geral sobre o conceito de gêneros, formatos e programas radiofônicos, à luz de autores que se destacaram nos estudos do rádio enquanto meio de comunicação e pesquisas recentes desenvolvidas no país. Concluímos com uma proposição de conceito, caracterização e classificação da radioreportagem, a fim de balizar a análise empírica.

Os procedimentos metodológicos são o tema do terceiro capítulo, que trata dos métodos e técnicas de investigação utilizados ao longo da pesquisa. Explicamos o modelo metodológico seguido e justificamos a escolha de cada técnica e dos instrumentos de coleta de dados, descrevendo os procedimentos adotados.

O quarto capítulo apresenta o quantitativo de rádios e seus perfis em Natal-RN, as emissoras comerciais que têm radiojornais em suas grades e descreve cada um dos programas analisados, a partir das técnicas acima mencionadas. Esta seção também permite comparar aspectos técnicos dos quatro radiojornais, conhecer as reportagens percebidas na pesquisa e, por fim, possibilitar a reflexão sobre jornalismo e reportagem em rádio nas emissoras comerciais da capital potiguar.

As considerações finais tratam de uma avaliação geral do percurso desenvolvido e apontam caminhos para novas pesquisas nessa área. Demarcam a contribuição que fazemos ao estado da arte, sobretudo no estudo da radioreportagem, reconhecendo que não esgota, nem põe um ponto final aos estudos que versam sobre essa temática, nos estudos da mídia, da comunicação, do jornalismo, do rádio ou do radiojornalismo.

O texto lança mão da primeira pessoa do plural, por reconhecermos que o mérito dos resultados dessa pesquisa não está concentrado no mestrando, mas em um conjunto de pessoas que ajudaram a construir a proposta da dissertação e, sobretudo, nos profissionais que produzem o radiojornalismo no contexto que estudamos e atuamos.

Queremos, com esta pesquisa, agregar conhecimento sobre uma realidade que nos preocupa, especialmente por acreditarmos que, sem a reportagem radiofônica, o noticiário tende a cair na superficialidade, sem aprofundar os fatos, sem dar ao público ouvinte a oportunidade de conhecer causas, consequências e desdobramentos de determinados assuntos. Mas também é uma realidade que tem potencial para ser melhor explorada. O resultado desse trabalho não deve refletir uma crítica vazia, mas uma oportunidade de construção de um novo radiojornalismo para o estado do Rio Grande do Norte.

1 O RÁDIO: AS MUDANÇAS, O MERCADO E A PESQUISA CIENTÍFICA

A estruturação de um quadro teórico de referência que evidencie um conceito de reportagem radiofônica, base para a elaboração do instrumento de coleta de dados na observação participante e na entrevista em profundidade que executamos, segue um caminho que nos parece ser mais didático para a compreensão do tema em destaque. Primeiramente, consideramos que é necessário discutir o rádio enquanto meio de comunicação, seus desafios e a pertinência das pesquisas acadêmicas sobre esse tema.

A discussão parte de uma premissa básica sobre o funcionamento do veículo rádio, situando os desafios enfrentados pelo primeiro dos meios eletrônicos de comunicação e da forma de fazer jornalismo frente ao surgimento e evolução de outros meios, destacando o caminho encontrado pelos profissionais de rádio para sua manutenção enquanto meio de comunicação eficiente na divulgação de informações, especialmente jornalísticas.

Somam-se a essa argumentação dados estatísticos sobre a situação do rádio em termos de audiência e perfil do ouvinte, a partir de pesquisas de consumo de mídia realizadas por institutos nacionais. O escopo deste capítulo se completa com uma reflexão sobre como se encontram as investigações acadêmicas que versam sobre o tema do radiojornalismo e, sobretudo, acerca da forma como se faz jornalismo de rádio em Natal-RN.

1.1 O RÁDIO FRENTE ÀS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS

“Hitler só teve existência política graças ao rádio e aos sistemas de dirigir-se ao público”. A afirmação de McLuhan (2005, p. 145), que remonta à década de 1970, destaca a importância do rádio como um meio de comunicação eficiente, na divulgação imediata e massiva de informações. O aparelho, que foi utilizado pela primeira vez no Brasil em 1922, na comemoração do centenário da independência do país, é responsável por uma experiência comunicativa que colocaria as pessoas novamente em conjunto, em contraposição à experiência individual da leitura tipográfica.

Antes da popularização da escrita, as pessoas de uma comunidade trocavam informações a partir da experiência oral, do contato coletivo. A chegada do invento de Gutenberg, a prensa, possibilitou uma distribuição maciça de informações e de formas de se comunicar a partir de suportes impressos. A consequência dessa nova realidade foi que o ato

comunicativo acontecia em momentos isolados porque a leitura de um texto impresso é realizada principalmente de forma individual.

Dessa forma, a chegada de um meio de acesso coletivo, como o rádio, retribalizou os ambientes, colocou as pessoas novamente em um grupo que se reunia em torno daquele objeto por onde saíam músicas e informações. A professora Nélia Del Bianco enfatiza a premissa de McLuhan: “A palavra impressa fizera a civilização letrada homogênea, uniforme e unidimensional. O rádio, ao contrário, estabeleceu conexão íntima com a cultura oral, graças ao seu poder de envolver e afetar as pessoas em profundidade” (BIANCO, 2005, p. 154).

De acordo com McLuhan, o rádio trouxe uma reversão do sentido para onde convergiam as práticas comunicacionais da civilização oriental letrada. Essa retribalização anunciada pelo teórico canadense não significa a formação de um pensamento uníssono da população, nem mesmo de uma coerção para que as pessoas apenas reproduzam as mensagens veiculadas pelo meio. Para McLuhan (2005, p. 151), “o rádio provoca uma aceleração da informação que também se estende a outros meios (...), mas, ao mesmo tempo em que reduz o mundo a dimensões de aldeia, o rádio não efetua a homogeneização dos quarteirões da aldeia”.

A retomada da coletividade destacada pelo teórico é ilustrada se pensarmos que, a partir da chegada do rádio, as pessoas se reuniam em torno do aparelho receptor, inicialmente em espaços públicos, como praças ou igrejas, e depois dentro das próprias casas, para ouvir as notícias. A prática tentou universalizar o conhecimento das informações à civilização não letrada. Por aproximadamente três a quatro décadas, o rádio permaneceu sendo o meio de comunicação capaz de levar informação de forma mais rápida e que alterou as práticas de relacionamento das famílias e agrupamentos sociais.

Sobre o papel inclusivo do rádio, merece destaque a afirmação da professora Nélia Del Bianco (2005, p. 154): “Ao produzir imagens auditivas, o rádio cria um ambiente totalmente inclusivo e absorvente que propicia às pessoas um mundo particular em meio às multidões. (...) O que mais interessa não é o que diz o rádio, mas o fato de existir e transformar a sociedade”.

O surgimento do rádio corresponde ao início dos meios eletrônicos de comunicação, o que, de modo geral, tem relação com as descobertas da humanidade acerca da eletricidade. São as correntes elétricas, cabeadas ou não, que fazem circular dados e diminuir o tempo para que uma dada comunidade tenha conhecimento sobre um assunto. Historiadores da comunicação, como Costella (2002), relatam que, antes da eletricidade, uma informação chegava ao seu destino à velocidade de um cavalo e nem sempre de forma integral; graças às

conquistas eletrônicas, as notícias podem saltar oceanos na velocidade permitida pelos equipamentos eletroeletrônicos. A gradual utilização desses equipamentos foi fundamental para a atual concepção de radiodifusão.

Primeiramente era o telégrafo comum e, com o tempo, a partir da descoberta das ondas hertzianas, o instrumento passou a ser usado para a comunicação sem fio. O princípio deste telégrafo daria origem ao sistema utilizado atualmente pelas emissoras de radiodifusão. Um dos expoentes das experiências para criação desse equipamento foi o brasileiro Landell de Moura, no final do século XIX e início do século XX.

Com a Primeira Guerra Mundial, as experiências realizadas em radiodifusão passaram a ser concentradas para fins militares. Os países envolvidos controlaram o uso das ondas hertzianas, mas incentivaram as pesquisas para desenvolver equipamentos que fossem úteis à comunicação nas batalhas, o que favoreceu o florescer de estações radiofônicas depois da Guerra. Estima-se que “em apenas uma década ela [a radiodifusão] conquistou todas as regiões civilizadas do globo terrestre” (COSTELLA, 2002, p. 167).

Mundo a fora, na década de 1920 o rádio já despontava um relevante futuro comercial. Mas no Brasil, embora já fosse conhecido de alguns amadores, só se transformou em algo público na comemoração dos 100 anos da independência do país, em 7 de setembro de 1922, quando o presidente Epitácio Pessoa efetuou seu discurso, o qual foi irradiado para 80 receptores de rádio importados, distribuídos a algumas pessoas para ouvirem o chefe da nação. Para alguns pesquisadores do assunto, a radiodifusão no Brasil só começa efetivamente no ano seguinte, com a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923.

As primeiras emissoras brasileiras tinham a alcunha de “sociedade” ou “clube”, uma vez que a publicidade era proibida por lei e a manutenção das estações acontecia a partir de contribuições dos associados e eventuais doações de entidades privadas. Os fundadores da Rádio Sociedade foram o antropólogo Roquette Pinto e o físico Henry Morize. A formação dos pioneiros justifica a vocação educativa da emissora, que tinha por slogan “Levar a cada canto um pouco de educação, de ensino e de alegria” (COSTELLA, 2002, p. 178)¹.

O recebimento de verbas por parte das emissoras só foi autorizado pela legislação em 1931, mudando o percurso da radiodifusão brasileira. Com o aporte de recursos privados, o escopo educativo inicialmente preponderante nas emissoras foi sendo menosprezado, em detrimento dos interesses mercadológicos. A década seguinte foi marcada por um substancial

¹ Outros relatos revelam que as primeiras emissões em radiodifusão no Brasil aconteceram em Recife, com a rádio Clube, que começou a operar dois meses antes que a emissora carioca (COSTELLA, 2002).

aumento no número de emissoras e pela popularização da programação, com a inserção de radionovelas, radioteatro e programas de música popular.

Desde a chegada do rádio ao Brasil, os objetivos, a programação, o modo de trabalho e as relações estabelecidas pelas emissoras com os seus ouvintes têm se modificado. A hegemonia do rádio foi ameaçada, pela primeira vez, com a chegada da televisão. A TV foi responsável por transformar o rádio em um meio “quente”, trazendo, a todo instante o que os ouvintes precisariam saber, como descreve McLuhan:

Um dos muitos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento numa espécie de sistema nervoso da informação. Notícias, hora certa, informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras. (2005, p. 144)

Entretanto, a mesma televisão e, depois, as tecnologias que compactaram os aparelhos receptores, transformaram a experiência coletiva em algo individual.

Com a TV, o rádio se voltou para as necessidades individuais do povo, em diferentes horas do dia, bem em sintonia com a multiplicidade de aparelhos receptores nos quartos, banheiros, cozinhas, carros e – agora – bolsos. Programações diferentes são fornecidas para atender às mais diversas atividades. O rádio, que antes foi uma forma de audiência grupal, que enchia as igrejas, reverteu ao uso pessoal e individual – com o advento da TV. (MCLUHAN, 2005, p. 151)

A invenção do transistor para substituir as válvulas nos aparelhos receptores de ondas de rádio deu mobilidade ao dispositivo. Graças a essa tecnologia, as pessoas passaram a levar os equipamentos para escuta da programação radiofônica a outros lugares. O transistor foi a primeira grande revolução para o sistema de radiodifusão, porque desapripionou a relação do aparelho com as pessoas dentro das casas. A possibilidade de levar os aparelhos receptores a qualquer ambiente que captasse as ondas de rádio não eliminou o caráter retribalizante do meio, mas proporcionou uma experiência comunicativa ampliada.

“O rádio de McLuhan era vibrante, ágil, interativo, portátil, capaz de seduzir, sensibilizar, mobilizar, entreter e informar. Uma visão que não perdeu a atualidade” (BIANCO, 2005, p. 157). Essas características do rádio descrito pelo autor canadense, evidenciadas pela professora Nélia Del Bianco, só permaneceram graças ao esforço que as emissoras tiveram em recuperar o seu receptor.

Inicialmente, o custo elevado dos aparelhos de televisão permitiu que o rádio não fosse imediatamente ameaçado. Depois da popularização dos televisores, a disputa por audiência foi estabelecida. O advento mercadológico da TV, com potencial de transmissão de

conteúdo que envolve áudio e imagens e, posteriormente, seu avanço tecnológico, aliado à chegada da internet, com muitas funcionalidades, obrigaram ao reposicionamento do rádio enquanto veículo de comunicação. A programação das emissoras de rádio também se adaptou às mudanças provocadas pelas novas mídias. É o que destaca a pesquisadora Gisela Ortriwano: “O rádio não morreu quando surgiu a televisão, apesar da perplexidade inicial diante do aparecimento de outro meio tecnologicamente mais sofisticado: primeiro, se acomodou, mas, depois, se especializou em sua própria faixa de potencialidade” (ORTRIWANO, 1985, p. 81).

A partir da década de 1970, o recurso utilizado pelas emissoras para tentar manter a audiência do ouvinte foi a identificação deste com os apresentadores. Tanto o conteúdo jornalístico, quanto o conteúdo musical e de entretenimento ganham humanização a partir da locução de determinados comunicadores. Carlos Eduardo Esch explica:

(...) o que o meio continua oferecendo aos ouvintes é a possibilidade de que, ao sintonizarem as suas estações preferidas, encontrem o calor humano, a simpatia, a atenção, a amizade, a companhia e a informação que procuram, em profissionais que vivem no mesmo espaço urbano, conhecem os mesmos problemas e situações que enfrentam os seus ouvintes e, por isso, podem falar sobre diversas questões com “conhecimento de causa”. Boa parte se deve ao fato de existir o comunicador radiofônico. (ESCH, 2001, p. 79, aspas do autor)

Esse relacionamento do locutor/comunicador com o público deve estar calcado numa correspondência de pensamentos, porque as pessoas gostam de um comunicador principalmente pela afinidade de valores, crenças e ideais. Por motivos como esse, percebe-se que as rádios segmentadas têm audiências bem específicas. Comunicadores que têm inserção popular tendem a atrair a audiência de ouvintes das classes sociais cujos interesses defendam. Do mesmo modo, profissionais ligados a igrejas e religiões fazem com que os ouvintes se sintam mais propensos a ouvir seus comentários e programas. Essa aproximação se baseia, inclusive, nas características do próprio rádio, “como a de companheiro e proporcionadas pela portabilidade de vários suportes de recepção” (FERRARETTO, 2014, p. 46).

A proximidade do comunicador com o ouvinte é um dos fatores que permite ao receptor se interessar pela programação de uma emissora de rádio. Outro desses fatores é o jornalismo. Para compreender essa relação, podemos pensar nas programações gerais das emissoras de rádio. Atualmente, a maior parte oferece *playlists*, com execução de músicas, que abarca, em média, 80% de tudo que é veiculado. Em geral, o conteúdo é diversificado em virtude da obrigatoriedade legal para que as emissoras veiculem conteúdo informativo, educativo e cultural.

A seleção musical atende a critérios bem definidos: classificação da emissora e público-alvo da empresa de comunicação. Emissoras de cunho educativo costumam ter programação musical que se coaduna aos seus objetivos, enquanto as rádios comerciais estão mais preocupadas com o apelo mercadológico do que veiculam. Dentro desse critério, as músicas e demais itens da programação são distribuídos de acordo com o público que costuma ou se imagina estar ouvindo a emissora em determinado momento.

Em face das tecnologias que surgem, o rádio tende a se reinventar. Não ousa ser o principal veículo de comunicação, mas, segundo apontam os pesquisadores, continuará atendendo aos anseios do ouvinte. Na introdução do livro *Desafios do rádio no século XXI*, as professoras Sônia Virgínia Moreira e Nélia R. Del Bianco destacam o potencial do rádio:

No vendaval de mudanças, o rádio tende a continuar popular e próximo do ouvinte. Não terá a centralidade em relação a outras mídias, como na primeira metade do século XX, mas ainda será capaz de atender as demandas por lazer, informação, entretenimento do público ao oferecer programação ainda mais especializada e segmentada. (MOREIRA; BIANCO, 2001, p. 9)

O desenvolvimento tecnológico que ameaçou a extinção do rádio – e de outros veículos de comunicação – também impulsionou a melhoria técnica, o que, por consequência, tende a atrair o público, ao mesmo tempo em que permite mais opções para utilização do meio. São fatores para o desencadeamento desse fenômeno a chegada de aparatos técnicos que impulsionam a qualidade do material sonoro e liberdade de criação de rádios na internet (webrádios), que não dependem de concessão pública para operação. “A inovação melhora consideravelmente a transmissão, dotando-a de som de qualidade equivalente a de um CD, além de permitir flexibilidade de emissão, dando ao ouvinte maior liberdade para escolher a estação que deseja ouvir” (BIANCO, 2001, p. 26).

Ao longo da história recente, os pesquisadores como Luciano Klöckner e Luiz Artur Ferraretto (2010), Eduardo Meditsch (2005; 2007) e outros perceberam que as programações jornalísticas das emissoras de rádio no Brasil foram ganhando status de serviço. Os radiojornais passaram a dar informações precisas sobre como está o trânsito em determinados pontos da cidade ou informar a previsão do tempo. Essa decisão das emissoras de valorizar o que está acontecendo advém, justamente, de uma alteração na forma de consumo da informação radiofônica.

Depois que o ato de sintonizar uma estação de rádio passou a ser corriqueiro nos automóveis, rádios a pilha e telefones celulares, as pessoas querem saber o que está acontecendo em determinado instante, em sua cidade. Ao tomar conhecimento de que um

acidente em determinada via bloqueia o trânsito de uma região, o condutor de um veículo, naturalmente, pode refazer uma rota para desviar de eventual congestionamento. Esse jornalismo de serviço passou a ter mais interesse para os ouvintes e, em consequência, para as emissoras, que promoveram alterações nos horários de veiculação da programação jornalística, pensando no momento em que o ouvinte que deseja esse tipo de conteúdo componha a audiência.

Paul Chantler e Sim Harris já enfatizavam, no início da década de 1990, a preponderância do jornalismo dentro da programação radiofônica.

A força do jornalismo numa emissora de rádio local é o instrumento que dá a ela a sensação de ser verdadeiramente local. Estações de rádio locais que querem atingir grande audiência e ignoram o jornalismo correm riscos. Num mercado cada vez mais disputado, o jornalismo é uma das poucas coisas que distinguem as emissoras locais de todas as outras. (CHANTLER; HARRIS, 1992, p. 21)

A possibilidade que existe atualmente de as pessoas criarem as suas próprias *playlists*, a partir de *downloads* de músicas pela internet e a facilidade de execução desse conteúdo dentro de aparelhos móveis como celulares, *MP3 players* e similares – o que já acontecia em menor intensidade na época dos *walkmans* – fez com que as pessoas passassem a ouvir rádio não apenas pela programação musical, mas por um algo a mais.

Na década de 1970/80, esses equipamentos ainda não dispunham de capacidade de geração de notícias ou informações de serviço. Enquanto as músicas eram ouvidas pelos aparelhos leitores de mídias como LPs, fitas cassete e CDs, se a programação jornalística não fosse instantânea e voltada para o serviço, perderia totalmente o interesse do receptor, que iria preferir saber das informações a partir da televisão, que trazia, além do conteúdo informacional e sonoro, o apoio das imagens para comprovação.

A TV realmente foi incorporada às salas das casas e os atributos da mobilidade e instantaneidade do rádio foram intensificados na busca pela audiência. Na década de 1980, o jornalismo chegou ao rádio com mais força e os repórteres passaram a fazer parte da rotina de produção radiofônica. A reportagem precisava estar no local dos fatos, transmitindo, de imediato, o que acontecia. O repórter na rua deveria acabar com a prática do *gilete-press*².

Observando o cenário local, Rocha e Silva (2014) demonstraram que o *gilete-press* ainda é praticado nas redações de rádio em Natal-RN, especificamente em uma com

² “Gilete-press” era o termo usado para designar o recorte de jornais impressos para leitura dos apresentadores de noticiários no rádio e na televisão, sem atribuir o crédito aos autores. O papel era recortado com lâminas – giletes –, o que justifica a derivação do termo. De acordo com Mello (2003, p. 283), é o “aproveitamento de notícias de outros jornais, usando recortes, que são enviados à composição”.

formato *all news*³. Na pesquisa, eles apontam que a emissora local da rede CBN realizou a leitura integral de textos publicados em jornais impressos e portais de notícias da cidade e colocou, dentro da programação, o áudio de reportagens produzidas para a emissora de televisão que pertence ao grupo Rede Tropical de Comunicação, ao qual a rádio está vinculada. Ao final da reportagem, os repórteres gravam a assinatura para o referido radiojornal. Os comentários de jornalistas e especialistas também foram os mesmos veiculados na edição de programas de televisão do dia anterior. A pesquisa de Rocha e Silva chama atenção para a restrita produção de conteúdo jornalístico nas emissoras de rádio de Natal.

O jornalismo radiofônico pode contribuir para que o meio permaneça chamando a atenção do receptor. As novas tecnologias que ameaçam o meio devem ser utilizadas muito mais com potencial para transformação e melhorias. O próprio McLuhan já destacava esse fator. “Ao analisar a passagem do modelo de comunicação linear da era tipográfica, fundada com a invenção de Gutenberg, para a era eletrônica, dominada pelo rádio e a televisão, McLuhan percebeu que a tecnologia cria uma ambiência por onde o homem transita” (BIANCO, 2005, p. 153).

A pesquisadora Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva, em uma reflexão sobre a prática radiofônica, resume a realidade vivida pelo radiojornalismo frente aos avanços da televisão.

Com a chegada da TV, o rádio foi se recuperar anos depois, com a estruturação de novas emissoras, construídas com base no tripé jornalismo, esporte e entretenimento. Surge então a figura do **repórter na rua**, a acompanhar os fatos e reproduzir ao ouvinte o que acontece naquele exato momento, foi a estratégia usada pelas emissoras de rádio para recuperar o prestígio e competir com a televisão, que ocupou o lugar do rádio na sala das casas. (SILVA, 2012, p. 5, ênfase nossa)

A presença do repórter na rua, apurando, como parte da rotina de produção em radiojornalismo, era o diferencial que as emissoras tinham para mostrar que o rádio ainda era o meio mais ágil de veiculação dos fatos. A coleta das informações *in loco* é um dos requisitos básicos para que um conjunto de informações seja transformado em reportagem.

As atribuições de um profissional de radiojornalismo passam, sobretudo, pela compreensão de que o rádio tem uma linguagem e características próprias e de que, embora tenham surgido outros meios, continua sendo peculiar. A mobilidade do fazer jornalístico para

³ O formato *all news* é caracterizado por programações “dedicadas 24 horas por dia à notícia” (FERRARETTO, 2014, p. 65), como exemplo as rádios da rede CBN.

rádio a partir de aparatos técnicos mais simples que em outros veículos é, por si só, motivo para continuar existindo e sendo a forma mais instantânea de se comunicar um acontecimento.

O rádio atua na divulgação dos fatos mais rápido que os outros meios. Para a produção de uma notícia ou reportagem em meio impresso, leva-se o tempo da apuração, redação e impressão. Para o meio televisivo, que também pode ser móvel, o aparato técnico é mais complexo e as grades de programações são mais rígidas que no rádio. Para o ambiente virtual, o trabalho de redação também gasta mais tempo que o rádio, que pode, graças a técnicas de improvisação, ser mais veloz.

A linguagem radiofônica, por sua vez, é uma das mais complexas porque depende exclusivamente de elementos sonoros para comunicar. Logo, devem ser reunidos, harmonicamente, sons de fala, ruídos, música e, até mesmo, silêncio, em uma única narrativa, visando uma comunicação radiofônica mais efetiva.

A plasticidade de uma reportagem para o rádio deve fazer o ouvinte compreender totalmente o cenário onde os fatos acontecem, sem o auxílio de nenhum outro recurso, como argumenta Ortriwano (1985, p. 83): “O produto radiofônico – mensagem – precisa respeitar todas as características do meio e as condições de recepção, devendo estar, entre as preocupações básicas do emissor o fato de a mensagem radiofônica estar destinada a ser apenas ouvida”. Dentre as características do rádio que devem ser consideradas pelos seus profissionais, conforme a autora, estão a linguagem oral, a penetração, a mobilidade, o baixo custo, o imediatismo, a instantaneidade, a sensorialidade e a autonomia.

1.2 AUDIÊNCIA DE RÁDIO: CENÁRIO BRASILEIRO

A Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República divulgou, em 2014 – quando iniciamos este estudo –, o resultado de uma pesquisa nacional que investigou os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. O levantamento trouxe dados que ajudam a compreender a relação que o cidadão estabelece com os diversos meios de comunicação, mas não aponta as preferências do receptor. Entretanto, os números ilustram o perfil das pessoas que consomem produtos midiáticos e por quais meios.

Os dados apresentados pela Presidência da República são importantes para compreender ainda mais a necessidade de estudar o tema da radiodifusão. Segundo o relatório, 61% dos brasileiros tinham o costume de ouvir rádio (BRASIL, 2014), o que coloca o rádio como o “segundo meio de comunicação mais utilizado pela população brasileira”

(BRASIL, 2014, p. 36), atrás apenas da televisão. Os dados demonstram que, no Rio Grande do Norte, esse índice subia para 65% e que a população deste estado costumava ouvir, de segunda a sexta-feira, uma média de 2 horas e 38 minutos de programação radiofônica por dia; durante o final de semana, a média diária era de 2 horas e 34 minutos.

Outro dado importante levantado pela pesquisa é que o rádio também estava em segundo lugar na confiança que os brasileiros depositavam nas notícias veiculadas pelos meios de comunicação, de modo que 50% das pessoas que ouviam rádio confiavam nas notícias veiculadas pelo meio (*op. cit.*, p. 82). Neste item, superava o nível de confiança em relação à televisão em 1% e perdia apenas para os jornais impressos, que continuavam sendo os veículos de comunicação com mais credibilidade.

Em 2015, foi apresentado um novo relatório da mesma pesquisa, considerando os hábitos de consumo de mídia da população brasileira. De acordo com o documento,

O rádio continua o segundo meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros, mas seu uso caiu na comparação entre a PBM 2014 para a PBM 2015 (de 61% para 55%). Em compensação, aumentou a quantidade de entrevistados que dizem ouvir rádio todos os dias, de 21% em 2014 para 30% em 2015. (BRASIL, 2015, p. 7)

Em relação à credibilidade das notícias veiculadas pelo rádio, em 2015, o meio caiu uma posição, com 52% dos pesquisados afirmando que confiam sempre ou muitas vezes no que é transmitido pelo rádio. No Rio Grande do Norte, apenas 40% dos entrevistados revelaram confiar, da mesma forma, nas notícias veiculadas pelas emissoras de rádio. A televisão passou a ocupar o segundo lugar, com 54% das pessoas dizendo que confiam sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas. O primeiro lugar permanece com os jornais impressos que têm 58% de credibilidade. Em relação ao ano anterior, a confiança nas notícias de todos os veículos aumentou. No caso do rádio, o acréscimo foi de 2%.

A pesquisa de mídia de 2015 apontou ainda que 63% das pessoas entrevistadas dizem ouvir rádio em busca por informação; 62% utilizam o meio para diversão e entretenimento e 30% como uma forma de passar ou aproveitar o tempo livre. De acordo com o relatório, “o rádio pode ser classificado (...) como um meio de comunicação de utilidade híbrida, voltado tanto para o lazer quanto para o conhecimento sobre assuntos importantes do dia a dia das pessoas” (BRASIL, 2015, p. 31).

Sobre os hábitos de escuta de rádio, o levantamento revelou que o horário em que as pessoas mais ouvem rádio é pela manhã, das 6h às 9h. Depois disso, há diminuição gradual do número de ouvintes. Os brasileiros escutam rádio, em média, durante 3 horas e 42 minutos

por dia, na semana, de segunda a sexta-feira. Nos finais de semana, a média cai para 2 horas e 33 minutos. No Rio Grande do Norte, a média de tempo de escuta durante a semana é de 3 horas e 30 minutos e nos sábados e domingos é de 2 horas.

Os dados dessa pesquisa nacional revelam que o meio ainda é de interesse da população e tem considerável inserção na sociedade, com credibilidade acentuada em relação a outros, como revista e internet. Isso aponta para a necessidade de se continuar estudando as formas de produção de conteúdo para o rádio.

Uma pesquisa que realizamos a partir da ferramenta *GoogleForms*⁴ demonstrou que 85% das pessoas que responderam voluntariamente a um questionário na internet se interessam por ouvir conteúdo jornalístico nas rádios, sendo que 66% ouvem o noticiário das emissoras de rádio de Natal-RN. Entre os que dizem ouvir o radiojornalismo local, 63% ouvem os radiojornais das emissoras comerciais. Os entrevistados foram instados ainda a informar sobre a percepção acerca da reportagem radiofônica, ao que 55,76% informaram sentirem falta desse formato na programação jornalística de Natal.

Um levantamento mercadológico também importante para refletir sobre o rádio enquanto veículo de comunicação foi o *Antropomedia*, que procurou desvendar os hábitos e as experiências midiáticas em 10 países da América Latina” (IBOPE, 2015a, não paginado), a partir de premissas etnográficas e antropológicas. De acordo com a pesquisa, 49% das pessoas que escutam rádio querem se informar; 41% desejam se entreter e 39% ouvem para se distrair das tarefas habituais. O estudo revelou ainda que mais da metade das pessoas que escutam rádio o fazem em casa (74%) e pouco mais de um quarto (26%) em automóveis; 12% ouvem durante o trabalho e 6% em transportes públicos. Para muitos, o rádio é visto como um amigo, porque representa “distração e companhia”.

Outro estudo desenvolvido pelo instituto Ibope Media, realizado nas principais cidades e regiões metropolitanas do país, traçou um perfil do ouvinte e do consumo de rádio brasileiro. De acordo com as informações do *Book de Rádio*, 89% das pessoas escutam rádio, o que totaliza, nas regiões pesquisadas, aproximadamente 52 milhões de ouvintes, sendo a maior parte do público constituída por mulheres (53%).

O levantamento revelou ainda que 65% das pessoas que ouvem rádio se interessam por notícias e prestação de serviços; 47% gostam de uma programação musical sem intervalos; 19% dizem que os programas religiosos não podem ficar fora da

⁴ Elaborado pelo autor. O formulário recebeu 76 respostas no período de 15/06 a 24/07/2014 e a divulgação foi feita através da rede social Facebook. O questionário utilizado está nos apêndices deste trabalho. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1CPjd-SE9FrC2mLLs-D5zzdJT0KqbAlsUcEbLmGO_qU8/viewform

programação; 18% dos entrevistados gostam de ouvir esportes ou programas de variedade e humorísticos; apenas 11% aprovam o uso de entrevistas e 7% a participação de ouvintes e promoções.

O rádio continua a ser ouvido em aparelhos comuns por 65% dos brasileiros. Segundo essa outra pesquisa, a quantidade de pessoas ouvindo rádio nos automóveis chega a 24% e, nos celulares e smartphones, é cerca de 16%. Como lembra o Ibope (2015b), o rádio tem a vantagem de poder ser utilizado ao mesmo tempo que outros meios de comunicação. No Brasil, o consumo simultâneo chega a 14% com jornais ou revistas; 17% com televisão e 21% com internet. No ano anterior (IBOPE, 2014), os dados apontavam 11% dos usuários utilizando rádio e jornais simultaneamente; 12%, rádio e revista; com a televisão, o uso simultâneo chegava a 15%, e com a internet, 18%.

Esses números, embora sejam resultados de pesquisas realizadas por institutos que utilizam apenas métodos estatísticos para aferição dos dados, são, muitas vezes, os utilizados pelos empresários de comunicação para pensarem estratégias de atuação para os veículos que gerenciam. O dado que mais nos interessa em todos os levantamentos aqui apresentados é o interesse dos ouvintes pelo conteúdo informativo.

Na pesquisa brasileira de mídia, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 63% se interessam por informação no rádio e apenas 52% confiam sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas nesse meio. No Rio Grande do Norte, essa confiança cai para 40%, o que impõe o desafio de refletir sobre os motivos que levam a uma credibilidade tão reduzida. Nas pesquisas realizadas pelo Ibope Media, o percentual de pessoas que disse ter interesse pelo consumo de informação radiofônica chega a 49% na *Antropomedia* e a 65% no *Book de Rádio*.

1.3 A PESQUISA CIENTÍFICA EM RÁDIO NO BRASIL

Esta pesquisa sobre a radioreportagem em Natal-RN se insere em um contexto macro de estudos que discutem o rádio enquanto meio de comunicação. Entendemos ser importante tratar desse cenário, para justificar a empreitada, ampliando o estado da arte que se tem até o presente momento. Nesta seção apresentaremos informações recentes sobre a produção científica desenvolvida sobre rádio no Brasil.

As investigações acadêmicas sobre o meio estão concentradas, principalmente, no grupo de pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares em Comunicação (Intercom)⁵. O núcleo foi criado em 1991, mas seu início efetivo remonta aos anos 1980. Antes disso, “as produções eram isoladas, capitaneadas principalmente por profissionais da comunicação” (PRATA, 2015, p. 219). A organização do grupo “catapultou a área como locus privilegiado de investigação” (*op. cit.*, p. 219).

Segundo Prata (2015), outros fatores que podem ter impulsionado a produção científica sobre rádio no Brasil foram o redescobrimto de recursos radiofônicos, possibilitando a criação e disseminação de outros gêneros e a popularização de rádios livres, colocadas no ar sem permissão oficial.

A professora Nair Prata foi líder do referido grupo de pesquisa da Intercom até 2014, realizando levantamentos importantes sobre a produção desenvolvida pelos investigadores associados. A pesquisadora brasileira afirma que “a pesquisa em rádio pode ser apontada hoje como uma das áreas mais produtivas e mais consolidadas do campo da Comunicação brasileiro, apesar de seu início tardio” (PRATA, 2015, p. 219).

A autora cita um levantamento realizado por Sônia Virginia Moreira, revelando que, até os anos 1970, a maior parte do material produzido sobre rádio tinha autoria de profissionais atuantes, pioneiros do meio ou interessados na transmissão eletrônica de áudio. De acordo com ela,

(...) dos relatos baseados na memória particular o campo evoluiu para pesquisas de base histórica e alguma análise sociológica. Os estudos radiofônicos se ampliaram – incluindo temas como análise de conteúdo, de gêneros, avaliação de personagens, recursos de tecnologia. (MOREIRA, 2005 apud PRATA, 2015, p. 219-220)

Os trabalhos que tratam do rádio enquanto meio de comunicação no Brasil podem ser divididos em três fases: os manuais de redação como registros impressos sobre o rádio, nas décadas de 1940 e 1950; os livros-depoimento de 1960 a 1980; e a produção acadêmica propriamente dita, dos anos 1990 até os dias atuais, que refletem o papel do grupo de pesquisa em sua percepção social sobre o meio (PRATA, 2015).

A professora considera que, atualmente, as pesquisas estão se concentrando em três espaços de discussão: o primeiro deles se refere aos grupos de trabalho Rádio e Mídia Sonora da Intercom e o de História da Mídia Sonora, da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar); o segundo espaço contempla os diversos grupos de pesquisa alocados nas universidades; e o último se configura na atuação isolada de alguns pesquisadores, geralmente profissionais do rádio (*op. cit.*, p. 220).

⁵ Os conteúdos produzidos pelo GP podem ser acessados no Portal do Rádio, pelo endereço eletrônico <https://blog.ufba.br/portaldoradio>.

Os ex-coordenadores do grupo de pesquisa da Intercom, em entrevistas a Prata (2015), apresentam algumas reflexões importantes para se pensar as pesquisas em rádio no Brasil. De acordo com a professora Nélia Del Bianco (UnB), as investigações científicas devem “superar a fase de estudos históricos de caráter descritivo linear limitado, para discutir abordagens teóricas e metodológicas consistentes, adequadas ao entendimento da linguagem, impacto do meio, interação com a sociedade e recepção, entre outros aspectos” (BIANCO apud PRATA, 2015, p. 229-230).

Eduardo Meditsch (UFSC), por sua vez, destacou que, muitas vezes, o rádio é considerado, pelos pesquisadores em comunicação, como um meio menos importante e “por isso só atrai pesquisadores que amam o objeto, se identificam com ele e com os pares que têm a mesma paixão (ao contrário do que ocorre, por exemplo, no jornalismo, que atrai tanta gente que o odeia e odeia quem gosta dele)” (MEDITSCH apud PRATA, 2015, p. 230). A crítica do professor reflete algo interessante que move a pesquisa em rádio: a identificação afetiva com o meio.

Luiz Artur Ferraretto (UFRGS), outro nome com destaque nas pesquisas em rádio no Brasil, aponta os desafios a serem enfrentados pelo grupo:

1) Maior rigor científico nas publicações e nas pesquisas, com a consolidação do campo de comunicação como um todo: devemos nos cobrar sobre qual é a nossa base teórica dentro da comunicação, qual é a nossa corrente teórica, qual é a nossa metodologia como pesquisador. Fazer isso sem nariz empinado, *sem inibir os novatos* e 2) depois de consolidar as interfaces dentro do país, buscar interfaces com outros países. (FERRARETTO apud PRATA, 2015, p. 232, ênfase nossa)

O grupo de pesquisa de Rádio e Mídia Sonora da Intercom possuía, até julho de 2014, um total de 171 pesquisadores cadastrados, dos quais 95% são brasileiros, uma vez que o banco de dados também contempla estudiosos do rádio que atuam em Portugal (3%), Colômbia (1%) e Uruguai (1%). Em relação aos estados e Distrito Federal do país, a concentração de pesquisadores em rádio é maior nos estados de São Paulo (26%), Rio Grande do Sul (16%), Minas Gerais (11%) e Rio de Janeiro (10%). Somente 2% dos pesquisadores que integram o cadastro são do Rio Grande do Norte. A soma do percentual de todos os estados da região Nordeste totaliza 16%.

O grupo de pesquisa já produziu 20 livros – impressos e *e-books* – que tratam de temas diversos envolvendo o rádio. Até 2014, foram apresentados aproximadamente 600 artigos nos encontros anuais da Intercom, com a presença de quase 300 pesquisadores. Prata (2015), entretanto, observa que é “bastante expressivo o número de pesquisadores que

apresentou um único texto nas sessões do GP, mostrando uma baixa fidelização” (p. 237) e, portanto, entende-se necessário “aumentar a participação de pesquisadores do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, pois a maioria dos participantes da lista do GP está concentrada nas regiões Sudeste e Sul do país, o que compromete a atuação de um grupo que pretende ser de abrangência nacional” (*op. cit.*, p. 237).

Assim, compreendemos que nossa pesquisa responde a uma urgente demanda, visto ser desenvolvida em uma das regiões com menores índices de produção científica sobre o tema. Nossos resultados acrescentam, ao estado da arte, um pouco mais sobre o radiojornalismo na região Nordeste, em particular no Rio Grande do Norte e em Natal. Além dos trabalhos apresentados nas sessões do grupo de pesquisa nos congressos anuais da Intercom, destacam-se 244 trabalhos sobre rádio submetidos ao GT História da Mídia Sonora da Alcar entre os anos de 2003 e 2013 e outros 44 apresentados nos congressos da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) entre 2003 e 2011.

Já na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) foram identificados, entre 1993 e 1995, “dois artigos por ano, que mencionam as palavras rádio, FM, música, horário eleitoral no rádio e na TV e Associação Brasileira de Rádio e Televisão (Abert), *mas nenhum deles tem o rádio como temática principal*” (PRATA, 2015, p. 234, ênfase nossa).

Identificamos que a Compós não possui nenhum grupo de trabalho (GT) específico para estudo do rádio, nem sobre radiodifusão ou sobre radiojornalismo. Prata, Mustafa e Pessoa (2012) perceberam que, entre 2000 e 2011, os congressos da entidade receberam 21 trabalhos sobre rádio, distribuídos em grupos de pesquisa distintos. De acordo com as autoras,

O que reúne o maior número de textos sobre o rádio, entre 2000 e 2011 é o GT Economia Política e Políticas de Comunicação, conforme levantamento a seguir: Economia Política e Políticas de Comunicação (6 textos), Políticas e Estratégias de Comunicação (2), Criação e Poéticas Digitais, Cultura das Mídias, Estudos de cinema, fotografia e audiovisual, Comunicação e Sociabilidade, Práticas interacionais e linguagens na comunicação, Comunicação e Política, Mídia e Entretenimento (1). (PRATA; MUSTAFA; PESSOA, 2012, p. 5)

Considerando que esta pesquisa trata de um tema diretamente associado ao radiojornalismo, decidimos verificar a produção do Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo, da Compós, que recebe pesquisas sobre jornalismo, nos mais diversos meios. Verificamos que existe pouca ou nenhuma produção de conteúdo que aborde o radiojornalismo. A tabela a seguir apresenta um panorama dos trabalhos submetidos ao

referido GT da Compós, sobre cobertura jornalística nos diversos meios de comunicação, nos últimos cinco anos.

Tabela 1 – Trabalhos apresentados no GT Estudos do Jornalismo da Compós

Ano	2015	2014	2013	2012	2011	Total
Jornalismo Impresso	3	0	2	2	0	7
Radiojornalismo	0	0	0	0	0	0
Telejornalismo	1	1	0	1	0	3
Jornalismo Digital	1	3	2	2	2	10
Convergência midiática/Narrativas transmidiáticas	0	2	1	1	2	6
Temas Transversais	5	4	5	3	6	23
Total	10	10	10	9	10	49

Fonte: elaborado pelo autor (2015).

A leitura dos dados demonstra que, nos últimos cinco anos, nenhum dos trabalhos apresentados ao GT Estudos de Jornalismo da Compós se dedicou à pesquisa sobre radiojornalismo. Nos artigos que tratam de perspectivas multimidiáticas, apenas um cita a atuação do rádio nas coberturas jornalísticas. E falando sobre a pós-graduação,

A produção brasileira de teses e dissertações é muito recente porque os cursos de pós-graduação no Brasil, em relação a países da Europa e Estados Unidos, surgiram há quatro décadas. A Escola de Comunicação e Artes de São Paulo (ECA-USP) iniciou suas atividades em março de 1967, mas somente criou o primeiro mestrado em Ciências da Comunicação do Brasil em 8 de janeiro de 1972 e a primeira turma de doutorado em Ciências da Comunicação em 1º de agosto de 1980. A ECA-USP foi a primeira universidade no Brasil a oferecer o ciclo completo para formação acadêmica de graduação, mestrado e doutorado. (PRATA; MUSTAFA; PESSOA, 2012, p. 10)

Uma consulta que fizemos à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/Ibict) também demonstrou que, em todo o acervo digital, 30 trabalhos são especificamente sobre radiojornalismo. Já no Banco de Teses da Capes, a busca revelou apenas nove trabalhos sobre esse tema.

Prata, Mustafa e Pessoa (2012) realizaram levantamento de teses e dissertações defendidas no Brasil no período de 1987 a 2010 que tratam do rádio, de forma geral. O inventário utilizou os termos rádio, radiojornalismo e história do rádio como parâmetros, e incluiu pesquisas desenvolvidas em diversas áreas do conhecimento⁶. Ao todo, foram encontradas 125 teses de doutorado, sendo 65 da área de comunicação e 486 dissertações de

⁶ O levantamento total inclui também pesquisas nas áreas de engenharia elétrica e epidemiologia experimental aplicado às zoonoses, que, entendemos, não versam propriamente do rádio enquanto meio de comunicação, mas, provavelmente, se referem a abordagens das ondas de rádio e radiofrequência, por exemplo.

mestrado, com 230 em comunicação. Dessas pesquisas, apenas duas teses e quatro dissertações foram defendidas em Natal-RN.

No contexto regional, pesquisa desenvolvida no mestrado profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba – com sede na cidade de João Pessoa, distante aproximadamente 180 quilômetros de Natal – estudou os processos de produção em radiojornalismo desenvolvidos em duas rádios da Central Brasileira de Notícias (CBN). O estudo de Rocha (2015) verificou a construção da notícia nas emissoras da rede CBN em João Pessoa e em Natal. De acordo com o autor, os seus resultados apontam

(...) para o fato de o radiojornalismo do Rio Grande do Norte estar em atraso em relação à prática paraibana. Enquanto os manuais de radiojornalismo e teóricos dessa área da comunicação apontam para formação de equipes de profissionais que envolvam repórteres, redatores, diretores e locutores, para produção de programas jornalísticos, o que se percebeu em Natal, são equipes enxutas, sem perspectiva de crescimento ou melhoria na qualidade do conteúdo. Enquanto isso, a direção da CBN João Pessoa espera ampliar a equipe para realização de um jornalismo ainda mais dinâmico. (ROCHA, 2015, p. 139)

A assertiva inicial do pesquisador nos remete a uma reflexão que perpassa também o nosso estudo. A referida investigação demonstrou, na comparação entre duas emissoras de rádio da mesma rede – um conjunto de emissoras que se propõe “a rádio que toca notícia” –, que o radiojornalismo em Natal (ou no Rio Grande do Norte, como apontado) carece de avanços significativos para cumprir seu papel diante da sociedade e do seu público. A percepção nos leva à seguinte questão: se isso acontece nas emissoras que se dedicam exclusivamente ao conteúdo informativo, o que esperar das emissoras comerciais?

Os resultados do supracitado levantamento realizado por Prata, Mustafa e Pessoa (2012), a partir da produção científica encontrada, identificaram os principais teóricos e pesquisadores de rádio do país, revelando algumas características em comum: “são jornalistas com experiência no mercado radiofônico; possuem mestrado e/ou doutorado com pesquisa sobre rádio; participam com grande frequência de congressos e eventos de comunicação com apresentação de investigações que têm o rádio como objeto” (PRATA; MUSTAFA; PESSOA, 2012, p. 12). São eles: Dóris Fagundes Haussen (PUC-RS); Eduardo Meditsch (UFSC); Luciano Klöckner (PUC-RS); Luiz Artur Ferraretto (UFRGS); Mágda Cunha (PUC-RS); Nair Prata (UFOP); Nélia Del Bianco (UnB); e Sônia Virgínia Moreira (UERJ).

Como se nota, a maior parte dos principais teóricos e pesquisadores de rádio no Brasil estão concentrados no Rio Grande do Sul, não obstante, também pelas pesquisas que abordam experiências em rádio pelo país, as emissoras que mais aproveitam o potencial do

meio estão localizadas naquele estado. Os resultados das pesquisas de audiência que comentamos na seção anterior acabam por ilustrar esse fenômeno. Segundo a pesquisa brasileira de consumo de mídia no Brasil, o Rio Grande do Sul é o estado com a maior parcela da população ouvindo rádio todos os dias da semana (54%), enquanto a média nacional é pouco mais da metade deste índice: 30%. No Rio Grande do Norte, o percentual cai para 28% (BRASIL, 2015, p. 33).

A situação apontada por Rocha (2015), em cruzamento com esses dados, ilustra, possivelmente, o que Eduardo Meditsch afirma: “o certo é que em nenhum outro setor da comunicação (que eu saiba, pelo menos), a teoria e a prática se respeitaram tanto, trocaram tanto, tiveram um casamento tão feliz” (MEDITSCH apud PRATA, 2015, p. 230). Nos estados em que há esse “casamento” entre pesquisa e prática, revela-se uma experiência de “troca” que permite, ao mesmo tempo, o avanço das pesquisas e a melhoria das produções radiofônicas, o que se converte também em audiência. Quem sabe se a pesquisa sobre rádio no Rio Grande do Norte fosse mais profícua, a realidade que encontramos e a percebida por Rocha (2015) fosse diferente?

No âmbito local, olhando para o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ao qual esta pesquisa está vinculada, verificamos que, até setembro de 2015, foram submetidas 52 dissertações de mestrado. Dessas, apenas duas (3,84%) tiveram o rádio como destaque. A primeira, defendida em 2012, destinava-se a investigar os discursos presentes nas músicas veiculadas em um programa de rádio local, cujas composições remetessem ao universo feminino (FREIRE, 2012). A outra, apresentada em 2014, dedicou-se ao estudo da participação do ouvinte e da interação em um programa de debates veiculado pela rádio CBN Fortaleza, do Ceará (ANDRADE, 2014).

A partir dos dados apresentados, entendemos ser indispensável a realização de pesquisas que estudem as práticas sociais desenvolvidas pelos profissionais de rádio no Rio Grande do Norte, mais um motivo pelo qual nos inserimos nessa temática. Somos movidos também pelo afeto ao meio e por uma relação profissional direta. Em nosso ambiente de trabalho, na rádio Universitária FM de Natal, atuamos com estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que aprendem, ao lado dos profissionais, princípios práticos do radiojornalismo e prioritariamente executam, todos os dias, pautas de radorreportagens. Assim, esta pesquisa não só amplia o estado da arte, como aumenta nossa compreensão sobre o formato do meio, podendo resultar, em consequência, no aprimoramento profissional deste pesquisador, bem como no aprofundamento teórico-reflexivo da formação dos estudantes.

2 A REPORTAGEM RADIOFÔNICA: EM BUSCA DO CONCEITO

O percurso que desenvolvemos neste capítulo para evidenciar o conceito de radioreportagem passa por uma compreensão dos gêneros e formatos radiofônicos, a partir da classificação realizada por Barbosa Filho (2009), combinada com a concepção de programas de Ferraretto (2014) e os estudos de Lucht (2009) sobre gêneros jornalísticos no rádio, além de pesquisa de Reis (2010) sobre o mesmo tema. Essa elucidação é necessária porque ainda há divergência entre alguns pesquisadores da área sobre a denominação do conteúdo jornalístico e, para esta pesquisa, é fundamental descrever os elementos presentes nos radiojornais estudados.

O escopo teórico principal se completa com uma reflexão acerca dos conceitos que envolvem reportagem e radioreportagem. Uma de nossas preocupações com essa reflexão é destacar que o formato radiofônico “reportagem” não deve ser confundido com o conjunto de métodos de apuração próprios do jornalismo, também conhecido por reportagem. A abordagem se propõe a analisar, de forma reflexiva, alguns conceitos apresentados pelos pesquisadores em radiojornalismo sobre reportagem e escolher a definição mais adequada, bem como determinar sua utilização neste trabalho.

2.1 A APRESENTAÇÃO DE CONTEÚDO EM RÁDIO

Se foi com o jornalismo que o rádio encontrou a oportunidade de se reinventar e obter um reposicionamento – como vimos no capítulo anterior –, é importante pensarmos de que formas os diversos conteúdos se apresentam neste meio de comunicação. Essa reflexão toma por base uma distinção entre os termos gênero, formato e programa aplicados à radiodifusão. Os estudos de Barbosa Filho (2009) e Ferraretto (2014) nos encaminham a uma reflexão sobre o assunto.

O pesquisador André Barbosa Filho (2009) preocupou-se, durante sua pesquisa de mestrado, publicada posteriormente em livro – e amplamente utilizada pelos estudantes que buscam compreender a apresentação dos conteúdos radiofônicos –, em classificar as diversas formas como os programas têm sido veiculados nas emissoras de rádio.

Para Barbosa Filho (2009, p. 89), “os gêneros radiofônicos estão relacionados em razão da função específica que eles possuem em face das expectativas de audiência” e cada um dos gêneros abriga formatos radiofônicos, que são o “conjunto de ações integradas e

reproduzíveis, enquadrado em um ou mais gêneros radiofônicos, manifestado por meio de uma intencionalidade e configurado mediante um contorno plástico, representado pelo programa de rádio ou produto radiofônico” (*op. cit.*, p. 71). O programa de rádio ou produto radiofônico, por sua vez, é o “módulo básico de informação radiofônica; é a reprodução concreta das propostas do ‘formato radiofônico’, obedecendo a uma planificação e a regras de utilização dos elementos sonoros” (*idem*, p. 71).

A classificação considera a dinamicidade dos gêneros radiofônicos, dividindo os formatos em seis gêneros: jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e especial. Cada um dos gêneros propostos pelo pesquisador abarca uma série de formatos, cuja definição trazemos em linhas gerais.

O gênero jornalístico “é o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar o seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 89). Sua classificação contempla 14 formatos radiofônicos considerados jornalísticos: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica⁷.

Os formatos incluídos no gênero educativo-cultural têm por objetivo “a transmissão de valores, a promoção humana, o desenvolvimento integral do homem e da comunidade” (KAPLUN apud BARBOSA FILHO, 2009, p. 110). Um dos entusiastas do rádio no Brasil, Roquette Pinto, acreditava no poder da radiodifusão para a disseminação de conteúdos educativos. No Rio Grande do Norte, de forma especial, as escolas radiofônicas foram responsáveis pela alfabetização de muitas pessoas que não tinham acesso à educação formal a partir do final dos anos 1950.

O pesquisador lembra que, com o modelo radiofônico comercial utilizado atualmente, os formatos desse gênero tornaram-se mais escassos. “A comercialização e conseqüente banalização dos conteúdos dos programas radiofônicos da atualidade não propiciam a criação de projetos que visem instruir e educar por meio do veículo de massa mais popular e de maior penetração na sociedade brasileira” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 109). Enquadram-se como formatos do gênero educativo-cultural os programas instrucionais, a audiobiografia, o documentário educativo-cultural e o programa temático.

Os programas instrucionais são parte de uma estratégia pedagógica que permite a radiofonização de conteúdos escolares, com a utilização de recursos de divertimento, sendo

⁷ Os formatos do gênero jornalístico serão descritos em um item específico.

complementar ao conteúdo ministrado em salas de aula. Nas escolas radiofônicas do Rio Grande do Norte, “durante ou logo após a transmissão [das aulas], de acordo com as orientações da professora-locutora eram realizadas as atividades, com o auxílio da monitora que agia como intermediária, fazia-se uso do quadro e do giz, cartazes ou mesmo as cartilhas fornecidas” (LINS; PAIVA; *s. d.*, p. 4). A audiobiografia tem como tema central “a vida de uma personalidade de qualquer área de conhecimento e visa divulgar seus trabalhos, comportamentos e ideias” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 112). Peças como essa podem destacar, por exemplo, a vida e obra de determinado escritor ou mesmo de uma personalidade com contribuição histórica para alguma área do saber, visando facilitar ao ouvinte conhecer um pouco mais sobre o assunto. O documentário educativo-cultural trata de um relato sobre algum acontecimento histórico ou cultural. E o programa temático tem como finalidade a abordagem e a discussão de temas sobre a produção de conhecimento.

O gênero de entretenimento caracteriza-se por “ter a capacidade de se combinar com outros formatos de outros gêneros e de servir de ferramenta para a informação, o anúncio, a prestação de serviços, para a educação e, até mesmo, para o entretenimento” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 115). Incluem-se nesse gênero os formatos: programa musical, programação musical, programa ficcional, programete artístico, evento artístico e programa interativo de entretenimento.

O programa musical tem como princípio a difusão de músicas, caracterizado por conteúdo e plástica próprios, variando “da música erudita à popular, do folclore à vanguarda musical” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 116); difere da programação musical, uma vez que esta “pode ser entendida como uma sequência de programas dispostos dentro de técnicas específicas, mas pode representar um grande painel musical que, usualmente, chega à quase totalidade da programação de determinadas emissoras” (*op. cit.*, p. 116). O programa ficcional tem como característica a difusão de histórias fictícias, tendo como base “a interpretação, a sonoplastia, os efeitos sonoros e, especialmente, a música” (p. 117). São destaque as peças com drama e humor, como as radionovelas e séries brasileiras que tiveram apogeu na década de 1940. O evento artístico corresponde à transmissão ou cobertura, ao vivo, de acontecimentos e shows, possibilitada graças ao caráter de mobilidade do rádio – é comum que sejam criados programas específicos de um evento, como de uma feira de exposições, por exemplo. E o programa interativo de entretenimento é aquele em que há participação de ouvintes, que podem tomar parte em jogos e brincadeiras, além de opinar sobre algum tema, podendo inclusive concorrer a brindes e pedir para que seja veiculada determinada música. Esse formato é muito comum na programação de emissoras que transmitem em FM.

Os formatos do gênero publicitário se propõem especificamente à utilização do espaço radiofônico para divulgação e venda de produtos e serviços. São importantes para a subsistência das emissoras, uma vez que é a principal fonte de arrecadação de recursos para pagar os gastos com pessoal, equipamentos, tributos e demais despesas. São publicitários os formatos espote (ou *spot*), *jingle*, testemunhal e peça de promoção.

O espote surgiu na década de 1930, nos Estados Unidos. Caracteriza-se pela “**fala** de locutores e atores apoiada por uma trilha musical, vinhetas, efeitos sonoros e ruídos que, devidamente superpostos, criam o cenário necessário para o entendimento da mensagem transmitida” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 123, ênfase nossa). Por sua vez, o *jingle* é caracterizado por uma “melodia **cantada**, cuja letra deve refletir as qualidades de um produto que se quer comercializar” (*op. cit.*, p. 125, ênfase nossa). O testemunhal é o formato em que apresentadores de programas, locutores ou artistas tentam convencer o público a adquirir um produto ou serviço, atestando qualidade a partir de sua experiência pessoal. A peça de promoção tem como objetivo principal aumentar a receita dos veículos direta ou indiretamente; constitui-se da transmissão de ações publicitárias realizadas para levar a mensagem dos patrocinadores, como, por exemplo, as coberturas e transmissões em lojas e supermercados.

O gênero propagandístico tem formatos que visam à difusão de ideias, crenças, princípios e doutrinas, com o objetivo de influenciar opiniões e sentimentos do ouvinte. Registra-se a força como se utilizou a propaganda no rádio, especialmente para fins políticos e bélicos, a exemplo da influência de Adolf Hitler na Alemanha. No Brasil, Getúlio Vargas assumiu o controle da radiodifusão e criou o programa *A hora do Brasil* – renomeado em 1962 para “A voz do Brasil” (BARROS, 2014) –, para difusão dos ideais e ações governistas. São considerados formatos desse gênero a peça radiofônica de ação pública, os programas eleitorais e o programa religioso.

A peça radiofônica de ação pública “visa divulgar e esclarecer a opinião pública das ações, ideias e projetos das instâncias de poder (...), trabalhando suas respectivas imagens com o objetivo de conquistar o apoio e a aceitação populares” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 131), mas também são utilizadas para prestação de serviço, como a divulgação das ações de uma campanha de combate ao mosquito da dengue ou precauções no trânsito, por exemplo. Os programas eleitorais visam divulgar propostas de candidatos a cargos eletivos em períodos pré-eleitorais e também de ideias partidárias em outros momentos. O programa religioso pretende disseminar ideias e preceitos de uma doutrina ou seita religiosa, geralmente com o objetivo de atrair pessoas para as instituições religiosas promotoras. Atualmente, crescem, em

número, as igrejas radiofônicas – emissoras que recebem outorgas para exploração comercial, garantindo uma programação voltada para questões religiosas.

O gênero de serviço compreende “os informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população ao alcance do sinal transmitido pela emissora de rádio. A informação de serviço se distingue da jornalística pelo caráter de ‘transitividade’” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 134-135). A ideia geral deste gênero é trazer informações que tenham utilidade direta para a vida das pessoas que escutam uma estação de rádio. Integram esse gênero os seguintes formatos: notas de utilidade pública, programete de serviço e programa de serviço.

As notas de utilidade pública se assemelham às notas jornalísticas, com o objetivo de auxiliar sobre prazos de inscrições em cursos, eventos e concursos, alterações no fornecimento de serviços públicos, dentre outros. O programete de serviço pode ser inserido dentro de outros formatos e se propõe a dar dicas e conselhos sobre cuidados com a saúde, investimentos, questões legais e outras, sempre aprofundando um pouco mais o tema, tratando inclusive de causas e formas de agir. O programa de serviço, com duração bem maior, apresenta oportunidades para o ouvinte. Estão nesse formato, por exemplo, os programas de venda de imóveis ou automóveis.

Na parte final da classificação de Barbosa Filho (2009) estão os formatos do gênero especial, que não possuem função específica, como os formatos dos outros gêneros, mas apresentam, inclusive, funções concomitantes. Nessa classificação especial estão o programa infantil e o programa de variedades.

A elaboração de um programa infantil deve ter por objetivo o desenvolvimento das potencialidades da criança, agindo para divertir, educar e informar, a partir de temas que despertem o interesse do público alvo. Por fim, também conhecido como radiorevista ou miscelânea, o programa de variedades apresenta uma junção de diferentes tipos de informações, como notícias, reportagens e entrevistas – o que aproxima do gênero jornalístico –, mas também traz músicas, participação de ouvintes, jogos e promoções.

Classificando o conteúdo radiofônico de uma forma diferente, o pesquisador Luiz Artur Ferraretto (2014), em uma de suas obras mais recentes sobre teoria e prática em rádio – mas já discutido em suas obras anteriores –, entende que o formato diz respeito à maneira de abordar o segmento em que se enquadra determinada emissora. Para ele,

(...) define-se *segmentação* como um processo em que, a partir da conciliação entre interesses, necessidades e/ou objetivos do emissor e do receptor, além da identidade construída pelo primeiro, foca-se o rádio, em

qualquer uma de suas manifestações comunicacionais, em dada parcela do público. (FERRARETTO, 2014, p. 49, ênfase do autor)

Ele acredita que há uma variedade significativa de possibilidades de cortes e de definição de segmentos, mas listou, de forma didática, seis possibilidades de segmentos: jornalístico, popular, musical, comunitário, cultural e religioso. O segmento jornalístico é “explorado pelas emissoras que se dedicam a uma programação em que predomina o jornalismo” (FERRARETTO, 2014, p. 50). O popular é direcionado a ouvintes das classes C, D e E, apresentando uma “programação baseada na simulação de uma conversa coloquial com o ouvinte, em *hits* musicais, nas informações relacionadas à vida pessoal de celebridades, na constante prestação de serviços e na exploração do noticiário policial” (*op. cit.*, p. 50). O segmento musical se caracteriza pela veiculação de músicas com apresentação ou locução, que pode ser gravada ou ao vivo, e se subdivide em adulto, jovem, gospel e popular. O segmento comunitário apresenta uma programação voltada para a comunidade situada no entorno da sede da emissora, pretendendo a formação da cidadania, a resolução dos problemas da comunidade e o desenvolvimento da autoestima. As emissoras que têm vertente educativa e programação formativa atuam no segmento cultural. E o religioso corresponde à veiculação de mensagens a serviço de correntes religiosas.

Para Ferraretto (2014), o formato em si está mais associado à forma de planejar uma programação que aborde o segmento em que atua. Esse processo de formatação engloba, de acordo com o pesquisador,

(1) a demarcação da sua linha de programação, uma ideia geral dos padrões de conteúdo e de forma em relação ao conjunto de mensagens que se prevê que sejam transmitidas aos ouvintes; (2) a modelagem interna de cada programa; e (3) a adequação deste à grade horária, tanto do dia em si quanto da semana. (FERRARETTO, 2014, p. 57)

Seus estudos revelam que existem dois tipos de formatos: os musicais, em que há predominância de músicas e os formatos falados e/ou não musicais de programação, quando predomina a fala de profissionais da emissora, revezando-se com especialistas e ouvintes. Desses tipos, derivam os formatos específicos. A partir dos diferentes tipos de formatos em que se abordam os segmentos, é possível perceber ainda, segundo Ferraretto (2014), os tipos de programação: linear, em mosaico ou em fluxo.

A programação linear contempla programas mais homogêneos, organizados harmonicamente, possibilitando ao ouvinte identificar claramente o formato a que segue a emissora; geralmente as emissoras que atuam no segmento cultural adotam esse tipo de programação. Já a programação em mosaico está mais presente em veículos com conteúdo

extremamente variado e diversificado, representando a forma mais eclética de se fazer rádio; nesse caso, percebe-se uma segmentação de público muito mais presente ao longo do dia, bastante comum em regiões menos desenvolvidas, com presença de poucas emissoras. E a programação em fluxo se estrutura “em uma emissão constante em que se toma todo o conjunto como uma espécie de grande programa dividido em faixas bem definidas” (FERRARETTO, 2014, p. 70); é mais facilmente percebida na troca de âncora ou comunicadores do horário, permanecendo uma continuidade narrativa, a exemplo das rádios do segmento musical.

A forma mais comum de dividir a grade de uma emissora se dá através dos programas, os quais podem ser gravados, ao vivo ou combinando as duas formas. Ferraretto (2014) destaca que o programa se constitui em um elemento completo em si mesmo, sendo, de certa forma, independente dos outros. Dentro de uma atração podem estar presentes itens específicos como comentários, quadros, entrevistas e reportagens.

A classificação proposta por Ferraretto (2014, p. 72-76) se estrutura em doze tipos de programas:

- o noticiário, em que há predomínio de difusão de notícias, estando subdivido em síntese noticiosa, radiojornal, edição extra, toque informativo e informativo especializado⁸;
- o programa de entrevista, presente na maior parte do tempo em emissoras que se dedicam ao jornalismo, e que é caracterizado pela presença de um apresentador a conduzir as entrevistas e se concentra na fala dos protagonistas de um fato ou de analistas;
- o programa de opinião, com predomínio da opinião de um apresentador;
- o programa de participação do ouvinte, em que este pode participar comentando e opinando sobre temas que vão desde as polêmicas presentes nos noticiários até assuntos relativos ao comportamento humano;
- a mesa-redonda, que se caracteriza pela opinião de convidados e participantes, os quais podem debater visões contrárias (debate) ou complementares (painel⁹);
- a jornada esportiva, que é baseada na descrição detalhada de um acontecimento esportivo, muito comum na transmissão de jogos de futebol;
- o documentário, que pretende aprofundar ou reconstituir um tema a partir de um roteiro envolvendo textos orais, montagens e recurso de sonoplastia;

⁸ Estes programas serão descritos no tópico específico para conteúdo jornalístico.

⁹ É possível, no painel, a presença de opiniões divergentes ou complementares, mas a ideia é fornecer um quadro geral sobre o tema em discussão.

- a radiorrevista ou programa de variedades, que reúne informação e entretenimento;
- o programa humorístico, com predomínio de comediantes que contam piadas e anedotas, às vezes feitas sob improviso;
- a dramatização, em que se enquadram as peças fictícias, como as radionovelas, podendo acontecer de forma unitária, seriada ou novelada;
- o programa de auditório, pouco utilizado atualmente e que faz menção à transmissão de programas realizados em ambiente fechado, com participação do público, em que um apresentador comandava números musicais, como os shows de calouros, por exemplo; e
- o programa musical, que tem a veiculação de músicas como principal característica da transmissão.

É importante destacar ainda que a classificação de Ferraretto (2014) é pensada a partir da identidade das emissoras e também da compreensão do rádio como um todo, enquanto a de Barbosa Filho (2009) está mais associada aos gêneros (textuais, radiofônicos e jornalísticos), como forma de facilitar o entendimento de cada unidade da programação. A classificação de programas de Ferraretto é mais ampla e a de Barbosa Filho, mais minuciosa. Em alguns casos, um formato considerado por este como integrante do gênero jornalístico, é classificado por aquele como um tipo específico de programa, como é o caso das mesas-redondas, por exemplo.

Nosso entendimento é de que as duas classificações são complementares. Ao pensar especificamente sobre o gênero jornalístico, os programas, bem definidos em Ferraretto, são preenchidos por formatos propostos na obra de Barbosa Filho. A seguir, vamos apresentar cada uma das concepções a respeito do conteúdo jornalístico, somadas a estudos e propostas de Reis (2010) e Lucht (2009), que considera cada formato jornalístico de acordo com os cinco gêneros do jornalismo definidos por Marques de Melo: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional.

2.2 O CONTEÚDO JORNALÍSTICO NO RÁDIO

Considerando a ideia de que o programa é uma unidade maior, preenchido pelos formatos, e que esta pesquisa se debruça sobre a presença do formato reportagem dentro de programas noticiários do tipo radiojornal, parece-nos mais interessante falar primeiro sobre os

programas, especificamente os noticiários. Em seguida, adentraremos na seara dos formatos jornalísticos, em uma mescla da classificação de Barbosa Filho, que trata sobre as peças radiofônicas, de forma geral, e depois passando pelos estudos de Lucht e Reis, que tratam sobre gêneros jornalísticos no rádio, de modo mais específico. Em seguida, o escopo de nossa discussão ficará centrado na conceituação de reportagem radiofônica.

Nos programas do tipo noticiário, como classificou Ferraretto (2014, p. 72, ênfase nossa), “predomina a difusão de notícias **na forma de textos e/ou reportagens**”. Nesse tipo estão contidos:

- a síntese noticiosa, que se propõe a “sintetizar os principais fatos ocorridos desde a sua última transmissão. É um informativo no qual o texto curto e direto predomina em uma edição privilegiando a similaridade de assuntos. Sua duração varia entre cinco e dez minutos” (*op. cit.*, p. 72);

- o radiojornal é “uma versão radiofônica dos periódicos impressos, reunindo várias **formas jornalísticas** (boletins, comentários, editoriais, seções fixas – meteorologia, trânsito, mercado financeiro... – e até mesmo entrevistas)” (*op. cit.*, p. 73, ênfase nossa);

- a edição extra, um informativo que aparece interrompendo a programação de uma emissora, para noticiar um fato com alto grau de noticiabilidade;

- o toque informativo, espaço informativo mais comum nas emissoras que atuam no segmento musical, em que uma ou duas notícias são apresentadas, geralmente nas chamadas horas cheias¹⁰;

- o informativo especializado, que se concentra em uma área de cobertura determinada – por exemplo, os programas que tratam apenas sobre esportes ou polícia –, e “pode adotar a forma de uma síntese noticiosa ou de um radiojornal, diferenciando-se destes pela especificidade dos assuntos tratados” (*op. cit.*, p. 73).

A respeito dos formatos do gênero jornalístico, a classificação de Barbosa Filho (2009, p. 89-109) contempla:

- a nota, que é um informe sintético de um fato atual, caracterizado por curta duração (aproximadamente 40 segundos) e frases diretas;

- a notícia é, para o autor, o módulo básico da informação e dura em torno de um minuto e meio, além de poder ser apresentada em mais de um bloco, lida por mais de um apresentador ou locutor, de acordo com a quantidade de informações;

¹⁰ Hora cheia, no jargão radiofônico, corresponde à hora fechada – 9h, 10h, 11h. A cada ciclo de hora, costumam-se veicular um conjunto de notícias. Esse tipo de programa é muito comum nas emissoras de Natal-RN.

- o boletim é um “pequeno programa informativo com no máximo cinco minutos de duração, que é distribuído ao longo da programação e constituído por notas e notícias e, às vezes, por pequenas reportagens” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 92);
- a reportagem, cujo conceito será abordado em item específico;
- a entrevista, como uma fonte de coleta de informações, estando presente nas matérias jornalísticas;
- o comentário, caracterizado pelo conteúdo opinativo, e que deve vir após a informação, na voz de uma personalidade com propriedade e conhecimento especializado;
- o editorial, que corresponde ao anúncio de opinião não personalizada e representando o ponto de vista da emissora;
- a crônica, na fronteira entre jornalismo e literatura, e que consiste em um texto para ser lido, no qual é possível a combinação da entonação do locutor com recursos de sonoplastia;
- o radiojornal é o “formato que congrega e produz outros formatos jornalísticos, como as notas, notícias, reportagens, entrevistas, comentários e crônicas” (*op. cit.*, p. 100), constitui-se de diversas seções ou editorias, veiculado em periodicidade diária, com regularidade nos horários de início e término das transmissões, o que assegura, de acordo com o autor, a credibilidade;
- o documentário jornalístico, que visa analisar ou aprofundar um tema específico e cujo formato “mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não artística” (*op. cit.*, p. 102, ênfase do autor);
- as mesas-redondas ou debates são consideradas por Barbosa Filho como um espaço de discussão coletiva para apresentação de ideias diferenciadas dos participantes;
- o programa policial se propõe a cobrir os fatos da editoria de polícia, por meio de reportagens, entrevistas, notícias e comentários, pode ser apresentado dentro dos radiojornais ou de forma isolada;
- o programa esportivo destina-se à divulgação, cobertura e análise de eventos esportivos e pode conter notícias, comentários, reportagens, entrevistas, mesas-redondas ou estar inserido dentro dos radiojornais e programas específicos de caráter permanente; e
- a divulgação tecnocientífica, que “tem a função de divulgar e, conseqüentemente, informar a sociedade sobre o mundo da ciência, com roteiros apropriados e linguagem que seja acessível à maioria da população” (*op. cit.*, p. 109).

Percebemos, a partir das características supramencionadas, que a classificação de Barbosa Filho não é estanque e coloca, no mesmo nível, formatos que são considerados programas independentes por si só e partes desses mesmos programas, o que pode vir a dificultar o entendimento. Destacamos, por exemplo, os boletins, os radiojornais, programas policiais e esportivos, que são constituídos por notas, notícias, comentários, reportagens e entrevistas, não havendo, da parte do autor, uma distinção clara em categorias separadas para os programas e suas partes constitutivas.

Uma classificação que parece deixar de fora os programas e focar unicamente nos gêneros jornalísticos para o rádio é a de Clóvis Reis (2010). Seu estudo parte da classificação de Marques de Melo (1985), quando pensou os gêneros jornalísticos de forma geral, passando pela adaptação que o próprio Barbosa Filho fez em 2003¹¹ e pelos estudos de Martinez Costa e Herrera (2005). Para Reis,

- a nota é o relato sintético de um fato atual, destinado à informação rápida, caracterizada pela breve duração e frases curtas e diretas;
- a notícia é o relato a partir dos elementos básicos de um fato e sua breve explicação e está estruturada em quatro partes: abertura, entrada, desenvolvimento e fechamento;
- a reportagem, que será abordada em item específico;
- a entrevista “é uma conversa/diálogo, sob a forma de perguntas e respostas, em que o entrevistador colhe informações, interpretações e opiniões do entrevistado” (REIS, 2010, p. 44-45);
- o comentário corresponde à análise, interpretação e avaliação de um fato, segundo a opinião de um autor identificado, estruturado por abertura (referindo-se a um fato atual), entrada (menção do tema), desenvolvimento e fechamento (p. 45);
- o editorial, que expressa o ponto de vista da emissora, é breve, impessoal e tem a seguinte estrutura: explicação dos fatos, apresentação dos antecedentes, previsão de consequências e implicações e, a partir de então, exposição de um julgamento de valor;
- a crônica mescla informação e interpretação, caracteriza-se pela “autoria, o estilo livre, aí incluído o tom de voz, e a permanente referência aos fatos de atualidade (...), permitindo tratamentos sonoros diferenciados” (*op. cit.*, p. 45);

¹¹ Nesta pesquisa utilizamos a versão de 2009, também lançada pela editora Paulinas.

- o documentário pode ser considerado um “relato jornalístico gravado, de longa duração, diversidade narrativa e rigoroso tratamento sonoro, incluindo a reconstituição dos fatos com o emprego de dramatizações” (*op. cit.*, p. 45); e

- a mesa-redonda ou debate, que, através de um diálogo com o apresentador, os participantes podem informar, fazer interpretações e expressar opiniões a respeito dos fatos, sendo possível conter, inclusive, perguntas de ouvintes dirigidas aos convidados.

Em tese de doutorado, Janine Lucht (2009) faz uma extensa revisão bibliográfica, envolvendo autores estrangeiros e brasileiros, sobre a classificação dos gêneros jornalísticos para o rádio. Seus estudos contemplaram o enquadramento dos diversos formatos jornalísticos encontrados no rádio, especialmente na emissora paulista Eldorado AM, aos cinco gêneros do jornalismo estabelecidos por José Marques de Melo: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional.

Para Lucht (2009), o gênero informativo contempla os formatos radiofônicos que se limitam a narrar os fatos sem emitir qualquer juízo de valor, opinião ou interpretação. Estão incluídos nesse gênero:

- a nota, de caráter imediatista, corresponde ao relato dos acontecimentos em processo de configuração, que podem vir a se confirmar, sendo ampliadas para formatos mais adequados, tem duração de 15 a 30 segundos;

- a notícia, por sua vez, seria a nota ampliada ou o relato integral de um fato que já eclodiu, dura de 30 segundos a um minuto;

- o flash, equivalente ao lide da matéria, tem duração de 15 a 30 segundos e é dado pelo repórter;

- a manchete é equivalente à cabeça da matéria ou ao lide da notícia, variando de cinco a 15 segundos;

- o boletim é uma “matéria breve do repórter, composta da narração (seja ela escrita anteriormente ou de improviso), sem a utilização de sonora¹²” (LUCHT, 2009, p. 63);

- a reportagem, que será conceituada e caracterizada em item à parte; e

- a entrevista é um procedimento de apuração e coleta de informações próprio do jornalismo, mas, enquanto formato radiofônico, é um diálogo entre entrevistador e entrevistado, que permite interação, e dependendo da relevância do tema, dura em média cinco minutos, mas pode ser mais longa.

¹² “Termo usado para designar uma fala da entrevista. Generaliza toda a gravação feita em externa. Cortar uma sonora: escolher determinada fala.” (MELLO, 2003, p. 215)

No que diz respeito ao gênero opinativo, a pesquisadora destaca que estão inseridos os formatos que visam comentar fatos e decisões, expondo a opinião de convidados, especialistas ou a da própria emissora. Incluem-se nesse grupo:

- o editorial, que representa o consensual das opiniões defendidas pela emissora ou seus proprietários, tendo como atributos a “impessoalidade, topicalidade, consensualidade e plasticidade” (LUCHT, 2009, p. 65), com duração de um minuto e meio a três minutos;
- o comentário é realizado por um profissional ou convidado, que discute um tema, suas causas, as circunstâncias, o alcance e consequências, sem necessariamente emitir uma opinião explícita, a qual pode ser observada a partir da argumentação empregada e sua duração varia de um minuto e meio a três minutos;
- a resenha consiste na crítica de obras de arte ou produtos e eventos culturais, geralmente realizada por uma pessoa com conhecimento na área, e dura de um minuto e meio a três minutos;
- a crônica, flagrante do dia a dia, faz uma crítica social e, quanto à linguagem, transita na fronteira entre o jornalismo e a literatura, toma em média um minuto e meio a três minutos e é mais percebida nas transmissões esportivas;
- o testemunhal, diferente do formato do gênero publicitário descrito por Barbosa Filho, diz respeito à narração de um fato vivido pelo próprio apresentador, que tem relevância coletiva, servindo de alerta a outras pessoas, também com duração variando de um minuto e meio a três minutos;
- o debate consiste na apresentação de ideias conflitantes por mais de um convidado, sendo mediado por um profissional experiente e a par do assunto, mais comum em períodos pré-eleitorais e sua duração pode chegar a uma hora;
- o painel se propõe a dar uma visão ampliada sobre um tema a partir das informações especializadas e opiniões de convidados, que deem juntos uma noção mais completa a respeito do assunto em pauta; sua duração pode chegar a uma hora;
- a charge eletrônica consiste em uma caricatura sonora de um fato que já repercute no meio social. Pode conter músicas cujas letras façam referência ao assunto, além de falas de personagens envolvidos e dura de 30 segundos a um minuto e meio;
- a participação do ouvinte tem se inserido nos radiojornais como uma fonte de informação sobre a comunidade, mas também se percebem ouvintes que comentam notícias ou reportagens e falas dos apresentadores, e o formato costuma durar até três minutos; e

- o rádio-conselho se refere às respostas e soluções que um apresentador especializado (consultor financeiro, advogado, psicólogo ou outro profissional) pode dar aos ouvintes que encaminham dúvidas ou problemas, e pode durar até cinco minutos.

Os textos do gênero interpretativo são compreendidos por Lucht como aqueles que tendem a expor ao receptor da informação um quadro completo a respeito de um fato, o que inclui a inserção de causas e possíveis consequências, sem, entretanto, expressar de forma direta a opinião do autor. Nesse gênero se enquadram:

- as coberturas especiais, usualmente realizadas em dias específicos, como eleições, por exemplo, em que a equipe de jornalismo produz o máximo de conteúdo para informar ao ouvinte sobre o que está acontecendo e sua duração acontece por todo o período do evento;

- o perfil é o formato que “mostra aspectos relevantes de determinada pessoa, normalmente reconhecida do grande público” (LUCHT, 2009, p. 71), podendo, eventualmente, conter dados biográficos e ser complementado pela fala de mais de uma fonte, e sua duração pode chegar até 30 minutos, dependendo da relevância da personalidade e da sonoplastia empregada;

- a biografia, de modo diferente, contém informações precisas sobre datas e momentos da vida de uma personalidade, e é geralmente organizada de forma cronológica, durando de 15 a 30 minutos;

- o documentário radiofônico deve aprofundar um único tema, de caráter atual, baseado em documentos, sem a presença necessária de um narrador e dura de 30 minutos até uma hora;

- a divulgação técnico-científica consiste em “matérias cujo foco principal é dar conhecimento ao público, de forma clara e objetiva, das inovações tecnológicas e científicas em curso tanto em nível nacional quanto internacional” (*op. cit.*, p. 72). Deve também traduzir temas da ciência para uma linguagem mais acessível e pode durar de três a cinco minutos; e

- a enquete é a escuta da opinião de pessoas na rua, a fim de comentar um assunto e conferir a importância do tema para o público. Deve manter sempre a mesma pergunta e pode dispensar a identificação do entrevistado. Sua duração varia de um minuto e meio a três minutos.

O gênero utilitário, como o próprio termo induz, trata da difusão de informações que possam ser úteis à vida das pessoas. São considerados formatos desse gênero:

- o trânsito, que corresponde a um relato das condições em que se encontra o trânsito de uma determinada cidade, com a divulgação de eventuais acidentes e

engarraamentos, bem como a indicação de rotas alternativas. Sua duração deve ser breve, não ultrapassando um minuto e meio;

- a previsão do tempo consiste na divulgação das condições climáticas e boletins meteorológicos, que possibilitam ao ouvinte se preparar para uma possível mudança de tempo, e pode ter entre um e três minutos;

- o roteiro é “a indicação de filmes e peças teatrais que estão em cartaz na cidade” (LUCHT, 2009, p. 75), e pode chegar até três minutos, dependendo da quantidade de eventos previstos na região onde atua a emissora;

- os *serviços* de utilidade pública são as notas que informam sobre prazos, funcionamento de repartições públicas, bancos e lojas em dias de ponto facultativo e outros serviços de interesse da população e pode durar de 30 segundos a um minuto e meio;

- a cotação diz respeito à divulgação de dados da economia, como preço de moedas estrangeiras e balanço da bolsa de valores, com um a três minutos de duração;

- a necrologia “informa sobre a morte de uma pessoa, dando detalhes sobre quando e onde ocorreu, com que idade, qual foi a causa” (*op. cit.*, p. 76) e dura no máximo um minuto; e

- o indicador é a avaliação feita pela equipe de jornalismo sobre alguns tipos de produto, incluindo comparações sobre preços de combustíveis, por exemplo, com duração de um minuto e meio a três minutos.

Encerrando a classificação de Lucht, os formatos do gênero diversional, de acordo com a autora, estão associados ao entretenimento, mas não apenas com o objetivo de divertir e sim trazer informação para o receptor. Estão incluídos nesse gênero:

- a história de vida, que é um formato mais amplo que a biografia e o perfil, do gênero interpretativo, captando não apenas dados objetivos, mas também gestos, entonações, ritmos vocais, que, a partir de sonoplastia e roteiros adequados, pode ser transformada em “algo prazeroso de ser escutado” (LUCHT, 2009, p. 79) e sua duração pode ter de cinco a 15 minutos;

- o feature radiofônico ou história de interesse humano diz respeito à informação veiculada com um jogo de palavras mais atrativo, mesclando recursos sonoros e dados reais para estimular a imaginação do ouvinte, e pode durar de 20 a 30 minutos; e

- os *fait divers* radiofônicos dizem respeito às informações de aspecto inusitado, associadas ao universo da curiosidade ou do bizarro e seu tempo varia de três a cinco minutos.

Consideramos que a classificação de Lucht (2009), embora pretenda organizar as formas como se apresentam as informações jornalísticas no rádio, a partir de outra

categorização proposta por José Marques de Melo, ainda encontra limitação na caracterização de alguns dos formatos apresentados pela pesquisadora. Sua classificação, por vezes, reforça a intenção comunicativa de determinado formato e por vezes dá características de forma. Mesmo assim, o esforço merece destaque porque teve embasamento de diversos autores brasileiros e estrangeiros, aplicados à prática observada na rádio Eldorado AM de São Paulo.

Tabela 2 – Classificação dos gêneros radiojornalísticos

Gêneros	Formatos
Informativo	Nota Notícia Flash Manchete Boletim Reportagem Entrevista
Opinativo	Editorial Comentário Resenha Crônica Testemunhal Debate Painel Charge eletrônica Ouvinte Rádio-conselho
Interpretativo	Coberturas especiais Perfil Biografia Documentário radiofônico Enquete Divulgação técnico-científica
Utilitário	Trânsito Previsão do tempo Roteiro Serviço de utilidade pública Cotação Necrologia Indicador
Diversional	História de vida <i>Feature</i> radiofônico (história de interesse humano) <i>Fait divers</i> radiofônico

Fonte: (LUCHT, 2009, p. 61)

2.3 A REPORTAGEM RADIOFÔNICA EM (RE)DEFINIÇÃO

Depois de apresentados os diversos gêneros e formatos radiofônicos, a partir de pesquisas realizadas no Brasil, passamos a uma discussão específica sobre a reportagem radiofônica ou radorreportagem. Se não há equivalência exata nas classificações listadas no item anterior, o mesmo acontece a respeito do formato reportagem. Primeiramente, é necessário desfazer uma diferença clara neste termo. Reconhecemos que o procedimento de apuração das informações jornalísticas é conhecido como reportagem, mas o foco dos nossos

estudos está voltado para a radioreportagem, formato do gênero jornalístico informativo, que queremos debater e caracterizar a partir de agora.

Pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, realizada por Nadini de Almeida Lopes (2013), sob o título *Radioreportagem: referências para a prática, o ensino e a pesquisa*, traz um apanhado das diversas concepções de reportagem abordadas por alguns autores. O primeiro é o de Barbosa Filho (2009), que classifica os gêneros e formatos radiofônicos, conforme visto no item anterior. Para o autor,

(...) uma narrativa que engloba, ao máximo, as diversas variáveis de um acontecimento, a reportagem consegue ampliar o caráter minimalista do jornalismo e oportunizar aos ouvintes, leitores e telespectadores ou internautas uma noção mais aprofundada a respeito do fato narrado. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 92)

Entretanto, entendemos que esse conceito é reducionista, uma vez que não especifica, de forma clara, atributos que caracterizam a radioreportagem. O que percebemos no conteúdo das rádios de Natal é que estes, em muitas ocasiões, englobam as diversas variáveis do acontecimento, como propõe o referido autor, mas não veiculam o som das falas que comprovem as informações. Conceber esse formato como reportagem de rádio acaba por desconsiderar a principal característica da linguagem radiofônica: o uso preponderante dos sons. Pretendendo trazer um panorama teórico que abarque a multiplicidade de visões sobre radioreportagem, Lopes (2013) apresenta conceitos de outros autores. De cada um, a pesquisadora extrai material que nos ajuda a compreender a reportagem radiofônica.

Na síntese da pesquisadora, destacam-se também as contribuições de Eduardo Meditsch (2005), para quem o repórter deve ter autonomia na elaboração da reportagem; Emílio Prado (1989), que considera a reportagem como o formato mais rico, podendo ser reproduzida de forma simultânea ao acontecimento dos fatos ou diferida; Gisela Ortriwano (1985), que não abre mão da presença do repórter no local do acontecimento; Heródoto Barbeiro e Paulo Lima (2001) destacam que é através da reportagem radiofônica que o profissional capta informações para relatar ao público, o que possibilita ainda ser o formato com maior potencial para construção de material exclusivo e, por consequência, traz audiência para a emissora; José Eugênio Menezes (2007) encara a reportagem como um espaço para o estabelecimento de sensações, destacando a necessidade de um tempo entre a observação de um fato e a veiculação da reportagem; José Ignácio Vigil (2004) chama a reportagem de monografia radiofônica, uma vez que o ouvinte consegue se aprofundar mais

sobre um tema, além de abarcar os demais formatos radiofônicos; Maria Elisa Porchat (1993), no mesmo caminho, vê a reportagem como “o momento de aprofundamento do ouvinte em determinados assuntos” (LOPES, 2013, p. 37); Mauro de Felice (1981) credita à possibilidade de aprofundamento, o fato da radioreportagem estar no topo da preferência dos ouvintes; Milton Jung (2004) observa que o profissional que trabalha com reportagem para rádio precisa ter um bom repertório intelectual, além de destacar elementos técnicos como dicção e articulação das palavras; Pierre Ganz (1999) traz a importância de compreender que o tempo de veiculação é sempre inferior ao acontecimento, logo o formato é um condensado da realidade; e Zita de Andrade Lima (1970) que evidencia a visão de conjunto proporcionada pelo formato.

Esses e outros autores também não evidenciam a **sonora** como elementar para a estruturação da reportagem radiofônica. Defendemos que esse recurso confere legitimidade à reportagem, porque confirma as informações dadas pelo repórter no texto radiofônico. A sonora funciona como prova de que o conteúdo é verídico, legitimando a informação e assegurando que a fonte foi ouvida pelo repórter daquela emissora, o que indicia que a apuração foi realizada por uma equipe da própria rádio.

Ainda assim, a pesquisadora considera importante utilizar outros elementos sonoros: “A radioreportagem não é composta somente de informações; a utilização dos recursos sonoros e demais elementos transformam o gênero na composição da narrativa. Dessa forma, o som, o ruído e o silêncio também são informações” (LOPES, 2013, p. 24).

Jung (2013) destaca que a reportagem não é feita apenas pelo repórter, mas por toda a equipe de jornalismo de uma emissora de rádio. Ele reforça a necessidade do repórter na rua e é categórico ao afirmar que a informação transmitida do local onde ocorre o fato tem impacto bem maior que a lida por apresentador em estúdio. O autor descreve: “emoção, empatia, personagens, tema original, criatividade, clareza e correção no texto são elementos que fazem uma boa reportagem a partir de uma notícia” (JUNG, 2013, p. 117).

Embora seja pressuposto básico para a reportagem em qualquer meio, juntar todos esses elementos é um dos principais desafios que as empresas jornalísticas enfrentam. Isso porque colocar o repórter na rua em busca da informação impõe despesas com transporte, equipamentos e salários. Fazer jornalismo – e reportagem – é considerado dispendioso para os veículos.

A pesquisa de Lucht (2009) sintetiza, de forma breve, um conceito de reportagem radiofônica que se aproxima da concepção que defendemos. Para ela, é reportagem o

Material elaborado pelo repórter, com duração de 3 a 5 minutos geralmente composto pela cabeça ou lide da matéria lida pelo autor¹³, seguido de sonora do entrevistado (ou várias inserções intercaladas com a fala do repórter) mais as ilustrações do palco de ação, ou seja, de sons do local onde ocorreu o fato. Por exemplo: palavras de ordem proferidas durante passeata, barulhos de sirene numa perseguição da polícia, etc. (LUCHT, 2009, p. 64)

Sobre este conceito, cabe uma observação acerca do tempo de duração da reportagem. A pesquisadora realizou sua investigação a partir de rádios situadas das regiões Sul e Sudeste do país, cujo tempo de duração das reportagens radiofônicas são maiores. Entretanto, a experiência em outras regiões do país e as características do rádio requerem dos formatos radiofônicos um roteiro sintético, a fim de não perder a audiência, que poderia se sentir incomodada com uma reportagem longa¹⁴. Todavia, os estudos de teoria e prática do radiojornalismo consultados nesta pesquisa são omissos acerca do tempo mais adequado para as reportagens radiofônicas.

O pesquisador Clóvis Reis conceitua a reportagem radiofônica como

(...) o relato que engloba as diversas variáveis do acontecimento, oferecendo o maior número possível de informações a respeito de um fato. No rádio, a reportagem inclui abertura, entrada, desenvolvimento, sonoras e fechamento, com realização ao vivo ou gravada, na rua ou no estúdio. As reportagens dividem-se em básicas, documentais, investigativas e atemporais. (REIS, 2010, p. 44)

Ele toma por base o conceito de Barbosa Filho (2009), unindo-o à sua experiência e estudos em rádio. Também percebemos, em sua caracterização, uma presença mais firme das principais características da reportagem radiofônica que defendemos, pois considera os elementos constituintes da reportagem, a saber: a abertura, que tem a ver com “cabeça” ou “chamada” da matéria, em que o apresentador de um programa jornalístico situa o ouvinte a respeito do assunto e anuncia a reportagem; a entrada e o desenvolvimento, que correspondem ao texto efetivo da reportagem, narrado pelo repórter, intercalado por sonoras, chegando a um fechamento. Além disso, Reis considera que as radioreportagens podem ocorrer ao vivo, ou seja, quando são veiculados simultaneamente à realização dos fatos ou gravada, quando depois de proceder-se à devida apuração e coletadas as sonoras necessárias, o repórter pode elaborar um roteiro de edição para a reportagem, possibilitando que, a partir de um texto sintético, o ouvinte consiga compreender as diversas variáveis do acontecimento.

¹³ Autor, aqui, é entendido como o profissional que executou a pauta.

¹⁴ Essa impressão de incômodo ao ouvinte foi confirmada por alguns dos entrevistados nesta pesquisa, como Bezerra e Galvão (2015) e Marques (2015).

Outra pesquisa que traz considerações bastante úteis para se pensar a reportagem radiofônica é a dissertação de mestrado de Flávia Lúcia Bazan Besspalhok. Ela reconhece que os “manuais de reportagem consideram a reportagem radiofônica, mas são raros os trabalhos da área que discutem conceitualmente esta forma de estruturação da informação no veículo” (BESPALHOK, 2006, p. 12). Sua investigação debruçou-se sobre a incursão da reportagem radiofônica na rádio Continental do Rio de Janeiro, que, segundo a autora, foi a primeira emissora brasileira a explorar o formato.

A autora admite a estrutura da radioreportagem mesclando texto emitido por um repórter e sonoras de entrevistados, com recursos de sonoplastia e esclarece sobre as relações e interrelações da reportagem gravada com a transmitida ao vivo. O estudo se dá a partir do que ensinam Prado (1989) e Meditsch (2007) a respeito do tempo no radiojornalismo. Para Emílio Prado,

A reportagem é o gênero mais rico entre os utilizados no rádio desde a perspectiva informativa. Na prática é o menos utilizado por exigir uma elaboração conscienciosa. Sua riqueza provém, em primeiro lugar, da ausência de uma estrutura rígida neste gênero, o que permite a intervenção da criatividade em uma grande medida, sem esquecer que se trata de uma narração de caráter informativo. Toda reportagem é, em definitivo, uma agrupação de representações fragmentárias da realidade que em conjunto dão uma ideia global de um tema. (PRADO, 1989, p. 85)

O autor classifica a reportagem em simultânea ou diferida, trazendo as principais características e vantagens de cada uma. A reportagem simultânea corresponde ao formato que é veiculado ao vivo, ao mesmo tempo em que um determinado fato está acontecendo, geralmente no local da ocorrência. Ao observar o desenrolar do acontecimento, o repórter transmite as informações que presencia, fazendo, a todo tempo, um exercício de valoração quanto à importância do que deve ser dito e o que pode ser omitido, mantendo para o ouvinte uma síntese do que acontece à sua frente.

A reportagem simultânea acontece especialmente com fatos de grande valor notícia, como um incêndio que gera caos no trânsito ou grandes prejuízos a uma comunidade, bem como em coberturas previstas, como, por exemplo, a apuração de votos de uma eleição. A vantagem dessas reportagens é fazer o ouvinte se sentir partícipe dos fatos, a partir da incursão no cenário sonoro da ação, gerado em consequência dos ruídos próprios do ambiente onde acontece o fato.

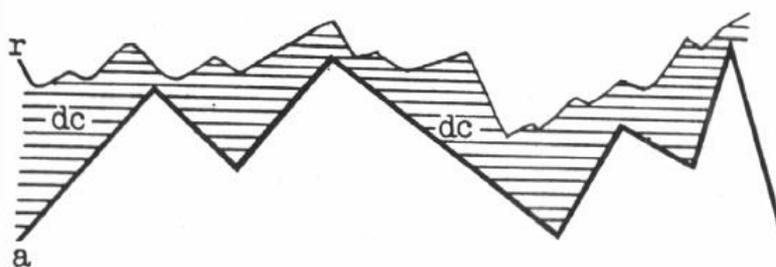
Imagine-se que a reportagem radiofônica sobre um acidente de trânsito com feridos tem como sons de fundo as sirenes de ambulâncias e viaturas policiais, gritos de populares, buzinas de veículos e outros elementos sonoros. A escuta desse tipo de informação

sonora cria o que Prado chama de ambiente acústico. “O ambiente acústico provoca uma cascata de imagens sonoras que solicitam a intervenção da criatividade e da imaginação do ouvinte para traduzi-las em imagens visuais particulares” (PRADO, 1989, p. 86).

O autor também aponta uma desvantagem desse tipo de reportagem, que é a dificuldade na narrativa, a qual deve ser improvisada, uma vez que precisa acompanhar o desenrolar dos fatos. Reportar um fato ao vivo requer do profissional conhecimento sobre o tema. O repórter que vai realizar a cobertura de um piquete promovido por manifestantes deve saber as principais causas que motivam a realização daquele ato e quais os objetivos que se pretendem alcançar. Isso porque, durante a narração do fato, haverá momentos de declínio das ações, quando diminuem os elementos do palco da ação a serem descritos pelo repórter. É o momento em que, para evitar tornar-se repetitivo e adotar um discurso com chavões e lugares comuns, o profissional pode expor dados complementares, que garantam a todo o tempo a atenção do ouvinte.

Ao ilustrar o assunto, o autor destaca que o palco da ação tem altos e baixos, mas a reportagem deve manter o mesmo nível emocional. Nos momentos em que há redução na tensão da ação, o repórter lança mão dos dados complementares – conforme demonstra o gráfico a seguir –, os quais devem ser preparados anteriormente, se possível.

Gráfico 1 – Tensão da reportagem simultânea



Legenda: **r**: tensão da reportagem; **dc**: dados complementares; **a**: tensão da ação (PRADO, 1989, p. 87).

Nesses períodos também é aconselhável a realização de entrevistas com pessoas envolvidas com o acontecimento, a fim de explicar as motivações do ato, para legitimar a reportagem. Deve-se atentar para o tempo de sua duração, que deve ser breve, a fim de não perder a sincronia com a tensão da ação. Em termos de narração, o estilo, destaca Prado, deve ser simples, utilizando ao máximo a linguagem radiofônica.

A reportagem diferida, por sua vez, é aquela que permite montagem, evitando a improvisação. De acordo com Prado (1989, p. 89), “a seleção das representações fragmentadas da realidade se faz após o conhecimento da ação, uma vez que esta tenha sido

concluída”. Destaca ainda que a ordem de apresentação das informações não precisa ser cronológica e sim uma sucessão que facilite a compreensão do ouvinte a partir de um relato sintético.

Entre as vantagens desse tipo de reportagem estão a síntese e uma menor intervenção explícita do jornalista. O profissional, segundo Prado (1989, p. 89), “selecionará as amostras e as ordenará de forma que transmita ao público, em poucos minutos, a ideia de uma ação desenvolvida em frações de tempo muito superiores, e sem esconder informação”. O autor acrescenta que devem ser incluídos no produto sons ambientes (que se fossem na reportagem simultânea seriam percebidos como pano de fundo), os quais permitem aguçar a imaginação do ouvinte, dando também credibilidade à informação, porque infere-se que os recursos sonoros foram captados no palco dos acontecimentos. Na reportagem diferida, cuja montagem acontece depois do desenrolar dos fatos, o repórter pode incluir intervenções complementares, “buscadas à margem daquelas provocadas pela ação ou fato central” (*op. cit.*, p. 89), visando aprofundar ainda mais o conteúdo.

A estrutura da reportagem diferida também é flexível, mas geralmente acontece em uma lógica de introdução, desenvolvimento e encerramento. Prado (1989) destaca (sem caracterizar) oito possibilidades de introdução: de sumário, de golpe, de pintura, de contraste ou conflito, de pergunta, de telão de fundo, com a citação e com extravagâncias. Em qualquer caso, sua função é atrair a atenção sobre o tema. Ao desenvolvimento cabe dar a ideia do fato e não à sua ação, como acontece na reportagem simultânea. E no encerramento podem ser retomados os elementos mais significativos para reforçar a ideia do fato.

Antes da internet, o rádio era o único meio de comunicação em que se podia veicular notícias a qualquer momento do dia. Marcelo Parada afirma, no livro *Rádio: 24 horas de jornalismo*:

O rádio não tem limitações industriais de um jornal, como hora de fechamento, nem as de uma emissora de TV, com compromissos dos programas em rede e as dificuldades técnicas que o veículo ainda enfrenta para as intervenções ao vivo. *Embora no rádio os programas tenham hora certa para começar e terminar, o espaço – ou o tempo – disponível para veicular notícia é de 24 horas.* (PARADA, 2000, p. 30, ênfase do autor)

Essa observação nos ajuda a pensar sobre o que afirma Meditsch (2007) acerca do rádio informativo. Para o pesquisador, toda a programação de rádio acontece ao vivo, pelo menos em algum nível. Ele observa que existem quatro graus de veiculação ao vivo, os quais têm relação direta com os momentos de recepção por parte do ouvinte, enunciação na emissora, produção do relato e do acontecimento em si.

Meditsch (2007) destaca que os estudos apontam para um ideal de dupla contemporaneidade no jornalismo, por propiciar um relato atual de um acontecimento, em tese, também atual. Em sua concepção, sempre deve haver relatividade e arbitrariedade nesse pressuposto. Para ele, “o tempo do enunciado se impõe, no discurso, sobre o tempo extratextual da realidade a que se refere, para que a referência ao tempo extratextual possa ser transportada, no tempo e no espaço, até o destino da comunicação” (MEDITSCH, 2007, p. 210). Sendo assim, considerando que o discurso do jornalismo impresso, de modo geral, se baseia na tecnologia da escrita, o que leva um tempo para produção e redação, esse discurso é originalmente diferido e é o rádio que permite acentuar a dupla contemporaneidade do jornalismo, “possibilitando a superação do *período* – implícito na ideia de *periodismo* – pela *simultaneidade* – a simultaneidade entre a enunciação e o acontecimento, mais a simultaneidade entre a enunciação e a recepção do enunciado” (*op. cit.*, p. 209).

Para entender esse pensamento, é preciso refletir sobre essa simultaneidade da enunciação de um fato. No jornalismo impresso – e também no online –, o fato acontece, mas não é possível haver uma enunciação simultânea ao desenrolar do acontecimento. Ainda assim, o discurso jornalístico será considerado contemporâneo, atual. Da mesma forma, nos meios impressos, a enunciação não acontece simultaneamente à recepção do enunciado, como a leitura de uma notícia, por exemplo. Entre o desenrolar do fato e a recepção, há necessariamente o período da produção do relato e da enunciação publicada. No rádio, a simultaneidade é possível, mas ela não é a preponderância da programação. Lembra Besspalhok (2006, p. 132) que “muita coisa é preparada e gravada de antemão, mas, ofuscada pela simultaneidade da transmissão, a condição do diferido passa muitas vezes despercebida pelo ouvinte”.

Tem-se, de um lado, o caráter eminentemente vivo do rádio, que está a todo momento enunciando simultaneamente à recepção desse enunciado pelo ouvinte e, do outro lado, o papel do diferido no discurso do rádio informativo, gerando, de certa forma, um paradoxo: “o rádio faz *ao vivo* um discurso predominantemente *diferido*” (MEDITSCH, 2007, p. 209-210). É diante desse paradoxo que surgem os quatro graus de vivo do enunciado radiofônico.

Segundo Meditsch (2007), o vivo em primeiro grau corresponde à simultaneidade entre a enunciação e a recepção, mesmo que a produção do relato a ser enunciado não ocorra no momento da enunciação. É uma relação de paralelismo entre o tempo do enunciado com o tempo da vida real, ou seja, do relógio. É a lógica e essência do veículo. O vivo em segundo grau é o que mais se aproxima do discurso diferido, pois leva em conta as condições de

produção da mensagem radiofônica. Nesse grau, “a mensagem transmitida é aquela previamente redigida ou memorizada – ou seja, diferida – mas que ganha o aspecto do vivo no momento de sua interpretação ao microfone” (BESPALHOK, 2006, p. 133). No vivo em terceiro grau, a produção do relato acontece simultaneamente à enunciação, mas depois do desenrolar dos fatos. Corresponde ao momento em que o enunciador (apresentador, locutor, repórter – falante) relata o acontecimento de um fato sem a elaboração de um texto prévio. E o vivo em quarto grau é a verdadeira transmissão direta e ao vivo, que acontece ao mesmo tempo em que os fatos se desenrolam. É quando há isocronia entre os quatro tempos – “o do acontecimento, o de produção do relato, o da enunciação e o da recepção” (MEDITSCH, 2007, p. 213). Complementando:

Em uma programação radiofônica, em especial a jornalística, percebe-se que os diversos graus de *vivo* se entremeiam e se alternam. Pode-se ter uma reportagem diferida (*vivo em segundo grau*) sendo chamada por um locutor de estúdio sem texto previamente escrito (*vivo em terceiro grau*), ou um locutor lendo um texto previamente escrito (*vivo em segundo grau*) chamando uma reportagem simultânea (*vivo em quarto grau*). (BESPALHOK, 2006, p. 134, ênfases da autora)

A tabela 3 ilustra a relação dos tempos com cada grau de vivo.

Tabela 3 – Simultaneidade em cada grau de *ao vivo*

TEMPOS	DO FATO	DA PRODUÇÃO DO RELATO	DA ENUNCIÇÃO	DA RECEPÇÃO
VIVO EM PRIMEIRO GRAU			SIMULTÂNEO	
VIVO EM SEGUNDO GRAU		PRODUZIDO ANTERIORMENTE	SIMULTÂNEO	
VIVO EM TERCEIRO GRAU		SIMULTÂNEO		
VIVO EM QUARTO GRAU	SIMULTÂNEO			

Fonte: elaborado pelo autor (2015), com base no que expõem Bespalhok (2006) e Meditsch (2007).

Para finalizar a compreensão que propomos acerca da radioreportagem, trazemos as contribuições de Ferraretto (2014) sobre a estrutura desse formato. O pesquisador reforça a ideia de que o termo “reportagem” pode remeter à atuação do repórter ao apurar as notícias, mas também pode significar a transmissão informativa no local onde acontece o fato a ser narrado. De acordo com o autor, a reportagem radiofônica ultrapassa os limites do gênero informativo, porque,

(...) carregando em si uma grande carga das impressões pessoais de quem as realiza e/ou extrapolando o contexto do fato, a reportagem pode adentrar o terreno do jornalismo interpretativo. Dependendo do assunto ou do enfoque, pende ainda para o utilitário – no serviço à população, por exemplo – ou para o diversional – nas histórias de vida daquela fonte que é nela abordada. (FERRARETTO, 2014, p. 158)

A radioreportagem, de acordo com o autor, possui elementos básicos, são estes: cabeça, ilustração ou sonora, encerramento e assinatura. Segundo Ferraretto (2014), nos noticiários, esse formato pode ser anunciado no início dos programas através de uma manchete. Já o momento de veiculação da reportagem radiofônica pode ser antecedido por uma chamada. Este elemento se diferencia da manchete porque a chamada contempla, além da breve descrição do assunto, o nome do repórter.

- A cabeça é a “introdução que resume o assunto a ser desenvolvido no texto. Corresponde ao lide da imprensa escrita” (FERRARETTO, 2014, p. 164).

- A ilustração ou sonora corresponde ao “trecho editado de uma entrevista realizada pelo repórter com a fonte” (*idem*). De acordo com o autor, a sonora remete especificamente à entrevista em si, enquanto a ilustração traz, além do depoimento da fonte, outros elementos sonoros presentes no palco da ação, como barulhos específicos do local onde a reportagem foi realizada.

- O encerramento se constitui numa informação complementar.

- A assinatura é o “local de onde a informação é transmitida e a identificação do repórter. Por vezes, inclui o nome do programa, o de um patrocinador ou um *slogan* da emissora” (*idem*).

A classificação utilizada por Ferraretto (2014) em relação ao tempo de execução de uma radioreportagem é semelhante à de Prado (1989), que separa a reportagem em simultânea ou diferida (gravada), mas acrescenta a possibilidade de uma combinação entre a narração “direto no ar com um trecho de uma entrevista anteriormente realizada ou de um áudio com som ambiente” (FERRARETTO, 2014, p. 163). De acordo com o autor, a opção por utilizar a reportagem em uma dessas formas depende dos recursos técnicos e da situação encontrada pelo profissional no palco da ação do fato, que classificaremos como *mista*.

Face às considerações expostas, buscamos propor uma definição e caracterização do formato reportagem radiofônica ou radioreportagem, a fim de nos guiar durante o percurso metodológico empreendido por esta pesquisa:

Tabela 4 – Conceito, caracterização e classificação da radioreportagem

<p>CONCEITO:</p> <p>Radioreportagem é o formato radiofônico do gênero jornalístico que se propõe a relatar um fato, suas causas e desdobramentos, englobando o máximo possível de variáveis, a fim de que o ouvinte possa ter uma noção mais aprofundada a respeito do fato narrado.</p>
<p>CARACTERIZAÇÃO:</p> <p>A narrativa pode ser precedida de uma chamada, lida pelo apresentador do programa e se caracteriza por uma alternância entre a voz do repórter, a expor os fatos; sonoras de envolvidos ou personagens, capazes de ilustrar ou comentar o acontecimento, legitimando as informações; e sons captados no palco da ação. A relação harmônica desses elementos deve propiciar ao ouvinte projetar imagens mentais sobre o fato.</p>
<p>CLASSIFICAÇÃO:</p> <p>Pode ser simultânea ou ao vivo, quando acontece concomitantemente ao desenrolar dos fatos; gravada ou diferida, para edição posterior em estúdio, quando é possível a elaboração de um roteiro de edição, através do qual é utilizada uma estratégia narrativa que englobe o máximo de informações imprescindíveis à compreensão do fato, na quantidade de tempo adequada ou disponível para veiculação; ou mista, quando combina a fala de um profissional, ao vivo, com trechos de ilustrações ou sonoras, captados no momento da apuração.</p>

Fonte: elaborado pelo autor

A proposição acima não se propõe a ser uma referência absoluta sobre radioreportagem na academia. Trata-se de uma síntese que emerge das outras concepções e caracterizações de reportagem radiofônica conhecidas e discutidas durante a pesquisa bibliográfica. A finalidade precípua dessa elucidação é guiar a análise empírica sobre os formatos encontrados nos radiojornais de Natal-RN, cujas características se assemelham à radioreportagem. A classificação servirá como guia para entender as abordagens que promovemos sobre as ocorrências percebidas na escuta radiofônica.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conhecida a conceituação básica que desenvolvemos a partir de outros estudos sobre a radioreportagem, bem como evidenciada a sua caracterização, apresentamos as operações metodológicas utilizadas desde a formulação do projeto de pesquisa até os resultados obtidos, os quais podem ser conferidos no capítulo seguinte.

O presente capítulo versa, portanto, sobre as fases da pesquisa, especificamente as inseridas no campo científico da comunicação, sob a proposição de Lopes (2010). Passa, ainda, pela pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2012), pela definição do objeto estudado e recorte, pela coleta de dados e pela análise e interpretação. Aceitamos a compreensão de que nossa pesquisa tem caráter etnográfico e se reflete em um estudo de caso da realidade vivida pelo radiojornalismo na cidade de Natal-RN, motivo pelo qual apresentamos elementos básicos desse conceito, especialmente a partir do que propõe Yin (2005).

Utilizamos, para a compreensão do caso, as técnicas advindas da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e, para a coleta de dados, lançamos mão de três procedimentos: a escuta radiofônica, a observação participante (PERUZZO, 2012) e a entrevista em profundidade (DUARTE, 2012). Por conseguinte, nosso objetivo neste capítulo é justificar cada escolha metodológica empreendida na pesquisa, a fim de demonstrar a validade de aplicação de cada procedimento ao objeto explorado.

Nesse sentido, é importante frisar o que diz Bonin (2008, p. 121) sobre os procedimentos metodológicos adotados em uma investigação científica, os quais devem ser pensados a partir de uma “dimensão que norteia, orienta e encaminha os processos de construção da pesquisa em todos os seus níveis”. Por este motivo, cada operação escolhida foi planejada para que obtivéssemos resultados fidedignos acerca do objeto no momento em que o estudamos, objetivando refletir sobre a realidade que cerca o radiojornalismo em Natal-RN.

Em uma reflexão sobre as práticas metodológicas utilizadas nas pesquisas em comunicação, a autora propõe movimentos importantes no processo científico. São esses a pesquisa da pesquisa, a pesquisa teórica, a pesquisa metodológica, a pesquisa exploratória e a pesquisa de contextualização. Em sua visão, com a qual concordamos, “estas operações metodológicas precisam, portanto, ser trabalhadas concomitantemente e articuladamente” (BONIN, 2008, p. 123).

De modo sintético, apontamos cada um dos movimentos listados pela autora, para passarmos a comentar as fases da pesquisa:

- a pesquisa da pesquisa refere-se a um levantamento da produção científica que tem sido desenvolvida no campo da comunicação, a fim de entrar em contato, obter conhecimentos do que já foi pesquisado, para, em consequência, “situar, problematizar, e afirmar a contribuição que vai oferecer ao conjunto de conhecimentos do campo relacionados ao problema/objeto investigado” (BONIN, 2008, p. 123);
- a pesquisa teórica traz à tona as “elaborações teóricas que foram se fazendo na história do nosso campo e que ainda conservam fecundidade” (*op. cit.*, p. 124), mas que também precisam ser submetidas a críticas e reformulações, com vistas ao alargamento do conhecimento sobre determinado tema;
- a pesquisa metodológica alude mais precisamente ao movimento de pensar nos métodos e técnicas de pesquisa como responsáveis pela fabricação válida de conhecimento científico, sendo esses submetidos à reflexão crítica do pesquisador, permitindo, inclusive o planejamento para se utilizar mais de uma metodologia, como o que fazemos ao unir o estudo de caso e a análise de conteúdo;
- a pesquisa exploratória surge da necessidade de aproximação empírica para dar conta dos objetos em comunicação e inclui “desde o recurso a dados secundários até a observação direta de fenômenos empíricos concernentes à problemática investigada” (BONIN, 2008, p. 125); e
- a pesquisa de contextualização considera a importância de se “ter uma visão abrangente e, ao mesmo tempo, particular do fenômeno investigado” e consiste em trabalhar com “práticas que possibilitem ir construindo os múltiplos contextos que participam efetivamente da problemática em construção” (*op. cit.*, p. 125).

3.1 FASES DA PESQUISA

A partir dos apontamentos de Bonin (2008) e do modelo metodológico proposto por Lopes (2010), que compreende as pesquisas estruturadas a partir de quatro níveis, a proposição aqui empreendida segue um roteiro de investigação científica que considera a passagem por cada um dos momentos desse processo. O modelo também leva em conta a pesquisa estruturada em quatro fases. A divisão em fases parece-nos ser mais concreta para demonstrar a execução prática deste projeto.

A primeira fase do modelo metodológico de Lopes (2010) diz respeito à construção do projeto de pesquisa, que inclui algumas operações metodológicas: a definição

do problema de pesquisa, a elaboração de um quadro teórico de referência e o levantamento de hipóteses que sinalizem caminhos para solução do problema.

A segunda fase proposta por Lopes (2010) consiste no conjunto de técnicas de investigação, denominado como observação, em que são definidas a amostragem e as técnicas de coleta, pensadas com o objetivo de retratar com fidedignidade o objeto investigado. As principais técnicas utilizadas nesse projeto serão a escuta radiofônica, a observação participante e a entrevista em profundidade, que abordaremos mais adiante.

As últimas fases do referido modelo metodológico são a descrição, que consiste na observação pormenorizada do objeto a partir dos dados coletados na fase anterior e a interpretação, que é o momento em que o pesquisador se debruça sobre os dados em confrontação com o referencial teórico para, a partir daí, dedicar-se a responder o problema de pesquisa inicialmente formulado. Percebe-se, ainda, que o relacionamento entre essas fases não é estanque, sendo necessário, por vezes, reorganizar a ordem de execução. Para aplicação do modelo metodológico de Lopes (2010) a esta pesquisa, lançamos mão de algumas técnicas de observação, descritas a seguir.

3.1.1 Pesquisa Bibliográfica

Durante a construção do modelo teórico de referência, a pesquisa bibliográfica serviu para a montagem de um quadro conceitual, estabelecendo uma definição de reportagem mais adequada ao meio rádio. A pesquisa bibliográfica

(...) num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas ideias e opiniões. Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2012, p. 51)

No processo de pesquisa, o levantamento bibliográfico foi extremamente relevante, não apenas para evidenciar o que se tem discutido sobre o tema da radioreportagem, mas, sobretudo, para encontrar uma lacuna sensível quanto a definição do termo. Grande parte da bibliografia consultada surge do pressuposto de que o conceito da

reportagem radiofônica é tácito para os leitores, não abrindo espaço para uma precisa conceituação. Percebemos ainda que as principais definições do termo estão presentes nos estudos sobre gêneros e formatos radiofônicos e que, entre esses, há diferenças, haja vista que alguns autores privilegiam o modo como o formato se apresenta e, em outros casos, debatem o papel do profissional responsável pela reportagem, ou seja, o repórter.

A pesquisa bibliográfica que empreendemos ocorreu, primeiramente, nos bancos de teses e dissertações brasileiros, de onde foi possível conhecer, além dos trabalhos desenvolvidos pelos mestres e doutores que investigam radiojornalismo, os aportes teóricos de onde partiam essas investigações, o que nos conduziu a conhecer obras de referência e oportunizar um diálogo entre as múltiplas concepções da radioreportagem, refletindo em um conceito chave para a investigação empírica.

Para exemplificar, temos a dissertação de Lopes (2013), que relacionou alguns desses conceitos aplicados à prática do radiojornalismo, apresentando as opiniões de teóricos e profissionais do rádio, a fim de obter referências para o ensino de radiojornalismo. Sua pesquisa acabou por sinalizar um abismo entre a noção de radioreportagem na prática cotidiana e o conceito que se estabelece sobre o termo, bem como entre os teóricos.

Ao primeiro contato com as referências utilizadas pela pesquisadora, esforçamo-nos também para ir diretamente às principais obras, conhecer como são desenvolvidos os argumentos dos teóricos, seguindo o que propõe Stumpf (2012) como passos para a pesquisa bibliográfica: identificação do tema e assuntos; seleção das fontes; localização e obtenção do material; e leitura e transcrição.

Percebemos, então, que muitas das referências têm concepções diferentes sobre a reportagem para rádio. Entendemos que a reportagem, gênero nobre do jornalismo, deve partir dos mesmos princípios, independente do meio em que será veiculada, e respeitadas, impreterivelmente, as singularidades de cada um, especialmente no que se refere à linguagem jornalística, ao formato como se apresenta e às técnicas de apuração.

Assim, o referencial teórico que buscamos traz reflexões acerca do espaço ocupado para o desenvolvimento da reportagem e de outros gêneros jornalísticos que predominam no radiojornalismo local. A relação que a pesquisa bibliográfica promove entre teóricos do rádio e do radiojornalismo também permitiu a escolha de uma definição mais precisa do conceito de radioreportagem, a fim de balizar a pesquisa empírica, conforme observado no capítulo anterior.

3.1.2 Definição e Recorte do Objeto

A construção do objeto empírico decorreu da observação atenta à programação das rádios comerciais de Natal-RN. Como profissional da área, acompanhamos cotidianamente o conteúdo jornalístico veiculado pelas emissoras de rádio, a fim de mantermos uma prática refletida em nosso ambiente laboral. A escuta diária dos radiojornais locais levou-nos a perceber a ausência da voz não oficial nos programas jornalísticos, sendo a pauta desses programas oriunda prioritariamente de outros veículos de comunicação, como jornais impressos, revistas e internet.

Em consequência, observamos com mais detalhes cada programa e verificamos que cada radiojornal veiculado em Natal-RN possui estilo diferente, o que acaba por atrair públicos igualmente diversos. Foi preciso, então, conhecer o contexto radiofônico local para a elaboração da nossa problemática.

Esse esforço de contextualização nos levou a identificar não apenas radiojornais com estilos diferentes, mas também programações jornalísticas diversificadas. Ao conhecer as grades de programação das emissoras radiofônicas, verificamos que em algumas das rádios de Natal-RN o conteúdo jornalístico é limitado a boletins informativos – ou sínteses noticiosas, para usar o termo de Ferraretto (2014) –, que apenas reproduzem informações veiculadas em outros meios de comunicação, o que já indicia menos esforço e menor investimento na produção jornalística.

Nas emissoras que dedicam horários mais amplos para o noticiário, nas quais percebemos a existência de radiojornais, debruçamo-nos a conhecer os conteúdos e sentimos a ausência da reunião de “várias formas jornalísticas (boletins, comentários, editoriais, seções fixas – meteorologia, trânsito, mercado financeiro... – e até mesmo entrevistas)” (FERRARETTO, 2014, p. 73), característica que esperávamos confirmar nos programas. O formato da radioreportagem foi um dos menos percebidos.

Assim, entendemos que essas diferenças fazem parte da estratégia de cada emissora e que não produzir a radioreportagem poderia ser uma opção com justificativas variáveis, como a falta de recursos, ou mesmo, a compreensão de que o formato não agregaria valor aos programas. Como as estratégias são diferentes, optamos por trabalhar com emissoras cujos objetivos sejam similares.

Levantamos, então, o perfil das emissoras locais e encontramos, no dial FM, três rádios vinculadas a órgãos públicos (Universitária FM – UFRN; Rádio Marinha e Rádio Senado); três mantidas por igrejas evangélicas (rádios Feliz FM, Nacional Gospel RN e Rede

Aleluia); uma com programação jornalística exclusivamente nacional (Jovem Pan); e seis comerciais, além da faixa destinada a rádios comunitárias.

Escolhemos trabalhar com as emissoras que visam, entre outros objetivos, o lucro: as rádios comerciais. Na disputa por audiência, e em consequência, por anunciantes, as emissoras almejam conquistar mais recursos financeiros. Por dedução, entende-se que essas rádios devem atuar de forma similar na distribuição de conteúdo do tripé jornalismo, esporte e entretenimento (SILVA, 2012).

Observamos a programação jornalística dessas seis emissoras e verificamos que em duas delas não havia programas do tipo radiojornal. Portanto, o escopo ficou limitado a quatro emissoras (rádios Cidade FM, 95 FM, Reis Magos FM e 98 FM). Percebemos, nessas rádios, seis programas cujos formatos se aproximam do que consideramos radiojornal, mas, dois deles funcionam como se fossem mesas redondas, não incluindo, inclusive, o termo “jornal” ou “radiojornal” em seus títulos. Acabamos por fechar nosso *corpus* de análise em quatro programas, os quais se definem, diretamente nos títulos, como jornais: Jornal da Cidade, Jornal 96, Jornal da Noite e Jornal das Seis, sendo dois veiculados no turno matutino e dois no turno noturno.

Definidos os programas a serem analisados, precisávamos definir um recorte temporal de análise. Primeiramente, delimitamos o período de tempo em que analisaríamos cada um. Partimos do princípio de que a análise de uma edição de cada programa seria insuficiente para notar a presença ou ausência dos formatos predominantes. É comum perceber quadros que são veiculados apenas em um dia da semana, por exemplo. Nesses quadros, é possível também a utilização de formatos especiais. Por este motivo, concluímos que o recorte temporal de uma semana demonstra melhor o perfil de cada radiojornal. Um tempo superior a uma semana seria redundante, porque a lógica de trabalho acaba se repetindo de uma semana para outra. Depois de definido o tempo de análise, precisava ser escolhido o período.

Alguns aspectos influenciaram nessa decisão: (1) era necessário que o escopo teórico da dissertação tivesse sido definido e escolhido um conceito chave para detectar a radioreportagem nos programas. Se o período captado fosse anterior a essa decisão, a análise poderia ficar ultrapassada e correríamos o risco dos radiojornais sofrerem mudanças bruscas de estilo; (2) o período de análise não deveria comportar datas comemorativas, efemérides ou eventos que deslocam a atenção dos veículos para realização de coberturas especiais, porque, nesse caso, não se reflete a prática cotidiana e não seria possível alcançar resultados gerais ao caso estudado, haja vista que nossa pesquisa não pretendia refletir a radioreportagem apenas

em coberturas específicas; e (3) como os jornais ocorrem simultaneamente (dois pela manhã e dois à noite), era necessária uma tecnologia de gravação igualmente simultânea, cujo domínio não possuíamos na formulação da ideia inicial.

O primeiro aspecto foi sanado em fevereiro de 2015. Nos meses que se seguiam, surgiriam eventos como carnaval e semana santa, portanto definimos que a coleta ocorreria depois desses períodos, atendendo ao segundo critério. No final de abril, tivemos conhecimento de empresas que gravam as programações das emissoras radiofônicas locais, sanando a terceira condição. Atendidos todos os critérios estabelecidos, definimos que os programas analisados deveriam ser gravados no período de 11 a 15 de maio de 2015.

3.1.3 Coleta de Dados

A terceira fase da pesquisa passou por uma observação minuciosa de como se comportam os radiojornais veiculados pelas emissoras comerciais da cidade. Essa observação gerou um relatório dos formatos radiofônicos percebidos e suas respectivas editorias nos programas em análise, permitindo calcular o percentual destinado a cada formato no período de análise, de modo especial o destinado à reportagem radiofônica.

De posse dos relatórios, entendemos ser necessário o acompanhamento presencial de uma edição dos respectivos radiojornais, a fim de realizar apontamentos sobre as práticas desenvolvidas pelos profissionais do radiojornalismo local durante os programas. Para tanto, fizemos uso da técnica de observação participante, cuja inserção nas pesquisas em comunicação é bem discutida por Peruzzo (2012).

O terceiro instrumento de coleta de dados utilizado nesta investigação foi a entrevista em profundidade, do tipo semiaberto, seguindo as orientações de Duarte (2012). As entrevistas foram realizadas com pelo menos um profissional envolvido na realização de cada radiojornal, geralmente um editor ou um redator, haja vista serem esses os que conhecem as rotinas de produção aplicadas aos respectivos programas. O roteiro de questões foi elaborado com base em três eixos norteadores: execução, conteúdo e avaliação.

3.1.4 Análise e Interpretação

De posse dos dados coletados a partir dos três instrumentos, tivemos a oportunidade de ter um panorama geral sobre como procedem os profissionais do

radiojornalismo de Natal-RN na execução das rotinas de produção para levar os noticiários ao ar nas emissoras comerciais. Todos os elementos apontados pelo relatório de formatos, pela observação participante e pelas entrevistas com os profissionais permitiram descrever o cenário geral vivido pelo radiojornalismo nas emissoras comerciais, a partir, é claro, de uma descrição particular de cada radiojornal.

Compreendemos que a análise sobre o objeto de estudo acontece a partir de uma “colcha de retalhos” de informações. Precisamos juntar várias peças para demonstrar uma totalidade heterogênea. Cada programa jornalístico veiculado tem estilo diferente, mas há elementos comuns em alguns deles. A análise tentou diagnosticar essas semelhanças e diferenças para, assim, apresentar nossas conclusões.

Essas conclusões nos permitiram realizar inferências gerais sobre o cenário do radiojornalismo em Natal-RN, gerando a percepção sobre problemas maiores que envolvem o objeto e a expectativa de contribuir para a discussão sobre a crise no radiojornalismo, que parece acontecer em um contexto local, haja vista relatos de atuações diferentes em outras capitais do país, inclusive da região Nordeste (ROCHA, 2015).

3.2 ESTUDO DE CASO

No processo de pesquisa, percebemos perfis semelhantes entre os programas analisados e, por este motivo, precisávamos de uma estratégia metodológica que nos ajudasse a compreender o fenômeno relativo à pouca presença da radioreportagem no noticiário veiculado pelas emissoras comerciais locais. Assim, entendemos que os procedimentos deveriam visar uma abordagem generalizante, sem, no entanto, deixar escapar as particularidades de cada radiojornal analisado, em particular.

Compreendemos que Yin (2005) trouxe grande iluminação metodológica para o trabalho, ao argumentar acerca dos estudos de caso. Segundo ele,

(...) os estudos de caso, da mesma forma que os experimentos, são generalizáveis a proposições teóricas e não a populações ou universos. Nesse sentido, o estudo de caso, como o experimento, não representa uma “amostragem”, e, ao fazer isso, seu objetivo é expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística). (YIN, 2005, p. 29-30, aspas do autor)

Essa generalização analítica de que o autor fala é possível graças às múltiplas fontes de evidências utilizadas durante a pesquisa. De acordo com Yin (2005), muitos

elementos podem atuar como evidências, que incidem sobre o fenômeno observado. Entre as principais evidências apontadas pelo autor estão documentação, registros em arquivos, observação direta, observação participante e artefatos físicos. Essa incidência das fontes sobre o fenômeno é o que permite inferir argumentos gerais.

Os procedimentos para a definição da estratégia do estudo de caso são adotados desde a formulação do problema de pesquisa. Trabalhos que partem de perguntas dos tipos “por que” ou “como” (nosso caso) tendem a ser mais apropriados para utilização do estudo de caso. Acresce-se a evidência de que nesse método não é possível controlar comportamentos e acontecimentos contemporâneos.

A questão central desta pesquisa inicia justamente com o termo “**como**” e investiga uma situação contemporânea, cujo comportamento não podemos controlar, apenas observar; afinal, o objeto está em movimento e poderia mudar de configuração no decorrer do estudo. O estudo de caso acontece, portanto, quando se decide investigar “um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2005, p. 32).

O método em questão, destaca o autor, obedece, em síntese, a três princípios: a utilização de múltiplas fontes de evidências; a criação de um banco de dados para o estudo de caso, contemplando notas, documentos, tabelas, narrativas, entrevistas e outros; e o encadeamento das evidências e dos dados coletados. Obviamente, como já se discute em outros métodos, não deve prescindir de um apanhado teórico que norteie a investigação.

Assim, segundo Yin (2005, p. 33),

A investigação de estudo de caso

- enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado,
- baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado,
- beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise dos dados.

Face ao exposto, entendemos que nossa pesquisa pode ser considerada um estudo de caso que reflete sobre a forma como a reportagem é tratada pelos profissionais e pelas emissoras de rádio comercial na capital do Rio Grande do Norte. Está ancorada em uma definição sobre o conceito da radorreportagem, que considera os principais gêneros e formatos radiofônicos e pesquisas que abordam esse meio de comunicação, bem como as múltiplas fontes de evidência que cercam o fenômeno observado: a rara presença do formato radorreportagem no jornalismo radiofônico local.

3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

O *corpus* da pesquisa consta de uma quantidade extensa de dados, coletados a partir de vários instrumentos, que, juntos, permitem uma compreensão ampla da realidade vivida pelo radiojornalismo na capital do Rio Grande do Norte. O cruzamento de todo o material ajuda-nos a compreender o contexto em que se insere a reportagem radiofônica em meio a uma produção jornalística limitada nas emissoras radiofônicas comerciais em Natal-RN. A análise de conteúdo, por se configurar como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44), parece-nos bastante apropriada para o estudo.

Bardin (2011) destaca que, a partir de indicadores, quantitativos ou não, a análise de conteúdo permite inferir (deduzir logicamente) conhecimentos relativos, não apenas às mensagens tratadas, como também às condições de produção dessas mensagens, o que se aproxima do nosso principal objetivo. Essa inferência acontece entre dois procedimentos presentes na maioria das pesquisas:

(...) se a descrição (a enumeração das características do texto, resumidas após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma a outra. (BARDIN, 2011, p. 45)

Desta forma, conforme Bardin (2011), a análise de conteúdo compreende uma articulação entre a superfície dos textos, descrita e analisada (pelo menos alguns elementos característicos) e os fatores que determinam estas características, deduzidos logicamente, a partir do conjunto de dados disponíveis, e possibilitando a observação de elementos que são encobertos pelos próprios dados e pela formatação final dos produtos, em nosso caso, dos radiojornais.

Segundo Fonseca Júnior (2012), “esse método tem demonstrado grande capacidade de adaptação aos desafios emergentes da comunicação e de outros campos do conhecimento” (p. 280), especialmente pela sua utilização em parceria com outras técnicas de investigação.

O autor destaca que um dos fatores que impulsionaram a utilização da análise de conteúdo surgiu da necessidade de analisar o conteúdo das transmissões **radiofônicas** internas dos nazistas e seus aliados durante a Segunda Guerra Mundial, o que nos faz crer na eficácia

do método aplicado ao estudo que desenvolvemos. Entre as características listadas por ele estão:

(a) orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva; (b) transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema; (c) metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados. (FONSECA JÚNIOR, 2012, p. 286)

A análise de conteúdo se situa a partir de três polos cronológicos, a saber: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. O primeiro corresponde à fase de organização propriamente dita, quando se escolhe o material a ser analisado, formulam-se as hipóteses e os objetivos e são definidos os indicadores que fundamentam a interpretação. O segundo polo cronológico refere-se às operações de exploração dos dados, codificando, decompondo ou enumerando, a partir de regras formuladas na fase anterior. E o último momento é o de tratar o material e interpretar os dados, fazer com que os resultados brutos, agora tratados, “falem” mais claramente, adquiram significados, porque apenas “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2011, p. 131).

3.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA COLETA DE DADOS

Passamos agora a descrever as razões que nos levaram à escolha de cada um dos instrumentos de coleta utilizados. Primeiramente, explicaremos a opção por gravar, ouvir e realizar levantamento dos programas radiofônicos, para, em seguida, proceder a uma justificativa sobre o uso da observação participante na investigação, que teve caráter etnográfico. Por fim, demonstraremos que a análise precisaria ser complementada por entrevistas em profundidade, a fim de captar dados ainda não obtidos com os procedimentos anteriores.

3.4.1 Gravação e Escuta Radiofônica

A escuta radiofônica visou o recorte do objeto para definição da amostra e o levantamento de informações acerca dos radiojornais para elaboração do roteiro das entrevistas. Os procedimentos utilizados nessa fase foram:

- a) escuta da programação das rádios comerciais de Natal-RN;
- b) consulta aos sites das emissoras, para conhecer a programação geral;
- c) identificação dos programas do tipo radiojornal;
- d) escuta dos referidos programas, a fim de conhecer o estilo de cada um deles, especialmente no que se refere à utilização de “diversas formas jornalísticas” (FERRARETTO, 2014);
- e) gravação dos radiojornais selecionados pelo período de uma semana, sem feriados;
- f) decupagem dos referidos programas, com anotação, em uma planilha, de dados sobre formato, área de cobertura, assunto e locução, o que permitiu ter uma noção de como se processa a execução de cada programa;
- g) relatório quantitativo dos formatos identificados nos programas;
- h) análise da quantidade de cada formato, calculando o percentual de reportagens;
- i) identificadas oito radorreportagens nos relatórios, procedemos à sua transcrição, a fim de perceber os elementos que as caracterizam.

3.4.2 Pesquisa Etnográfica a partir da Observação Participante

A etnografia é, para Geertz (1997, p. 15 apud TRAVANCAS, 2012), “um processo de interpretação que pretende, e espera-se que consiga, dar conta das estruturas significantes que estão por trás do menor gesto humano” (p. 98), porque permite “sair da descrição superficial dos fatos” (p. 99). Entendemos que a pesquisa etnográfica surge, para o nosso trabalho, como uma experiência capaz de transcender uma descrição limitada à escuta dos programas radiofônicos.

Partimos do pressuposto de que entender a radorreportagem no contexto das rádios comerciais de Natal-RN exige que conheçamos o ambiente onde o jornalismo radiofônico efetivamente acontece, para que consigamos obter resultados ampliados e profícuos. Conforme destaca Travancas (2012, p. 100), “a etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. Ela exige um ‘mergulho’ do pesquisador”

Assim como entendem Bonin (2008) e Stumpf (2012), a pesquisa etnográfica também parte de um levantamento sobre o que já se pesquisou naquela seara, “porque o pesquisador precisa estar minimamente ‘iniciado’ no seu tema. Precisa saber o que já se disse

e escreveu sobre o grupo escolhido antes de ‘entrar’ nele. Saber quais as dificuldades e riscos que vai encontrar” (TRAVANCAS, 2012, p. 100).

Realizamos esse trabalho de pesquisa da pesquisa, pesquisa teórica e pesquisa de contextualização (BONIN, 2008) com a consulta aos bancos de teses e dissertações, o levantamento bibliográfico e a escuta radiofônica dos radiojornais das emissoras comerciais de Natal-RN. Apenas depois de conhecer minimamente a teorização sobre o espaço onde adentraríamos é que conseguiríamos avançar para as etapas seguintes da pesquisa etnográfica: a elaboração do caderno de campo e a entrada no campo propriamente dita.

Travancas (2012) destaca que há dois instrumentos importantes para a coleta de dados na pesquisa etnográfica. São eles a observação participante e a entrevista em profundidade. A observação participante “consiste na *inserção* do pesquisador no *ambiente natural* de ocorrência do fenômeno e de sua *interação* com a situação investigada” (PERUZZO, 2012, p. 125, ênfases da autora) e tem como principais características a incursão do pesquisador no grupo pesquisado, o acompanhamento e a vivência concreta que abriga o objeto investigado e uma definição clara de que o pesquisador não é membro do grupo, agindo de forma autônoma.

Peruzzo (2012) destaca que “o pesquisador pode aplicar técnicas complementares de coleta de dados como a entrevista (...), a análise documental e o estudo de dados” (p. 139) e alerta para a importância da pesquisa bibliográfica antecedendo a entrada no campo: “se a pesquisa for fundamentada em teorias previamente selecionadas, concorrerá mais naturalmente para *resultados fidedignos*” (*op. cit.*, p. 141, ênfase nossa).

A necessidade de cautela do pesquisador é um aspecto que também precisa ser ressaltado na observação participante. Isso porque é possível que o pesquisador modifique o contexto que pretende investigar ou seja influenciado pelo ambiente. Em nossa inserção nas emissoras de rádio, tivemos o cuidado de não provocar perturbações ou mutações no desenrolar dos programas, nem nos objetivos da pesquisa, visando não comprometer o estudo.

Uma classificação da autora sobre o papel do pesquisador divide o perfil da inserção no campo em integral ou periférica. Esta pesquisa se enquadra na segunda opção, porque só acompanhamos “as partes às sessões de trabalho que têm relação direta com o objeto de estudo” (PERUZZO, 2012, p. 142), não sendo necessário observar programas diferentes dos selecionados para análise.

Considerados esses elementos, nossa incursão nas rádios comerciais para acompanhar uma edição de cada um dos quatro radiojornais em estudo serviu para captar detalhes que não seriam possíveis apenas com a escuta radiofônica e a entrevista, como

sabermos, por exemplo, de onde são lidas as informações veiculadas, se o programa tem script, se os apresentadores fazem anotações, dentre outros.

Todas as informações que considerávamos relevantes na execução dos radiojornais eram devidamente anotadas no caderno de campo, para que, assim, pudéssemos construir uma descrição mais completa de cada radiojornal. Além disso, acompanhar os programas possibilitou elaborar ou excluir perguntas que estavam previstas para a entrevista em profundidade.

3.4.3 Entrevistas em Profundidade

O passo seguinte à observação participante é a entrevista em profundidade. Para Duarte (2012, p. 63), “por meio da entrevista em profundidade, é possível, por exemplo, (...) explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação”. Esse exemplo se aplica especificamente a esta pesquisa porque se pretende conhecer também a forma como se produzem os radiojornais em Natal-RN.

O autor faz uma advertência importante que nos ajuda a tomar precauções durante a pesquisa:

A entrevista, vista como técnica de pesquisa, entretanto, exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos: o marco conceitual no qual se origina, os critérios de seleção das fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações são essenciais para dar validade e estabelecer as limitações que os resultados possuirão. (DUARTE, 2012, p. 64)

A observação do autor é pertinente para entender que é impossível a utilização da técnica de entrevista em profundidade sem uma pesquisa bibliográfica que norteie a elaboração dos instrumentos de pesquisa, a saber, o roteiro ou questionário, além da escolha dos personagens entrevistados, que deve ser realizada com critérios bem definidos. Nossa seleção privilegiou responsáveis pelo programa analisado, especificamente os envolvidos com a produção, redação e/ou edição.

A entrevista pode ser classificada em três tipos: aberta, semiaberta ou fechada. As duas primeiras são consideradas em profundidade, por terem caráter mais qualitativo que quantitativo. A diferenciação que Duarte faz dos tipos justifica a escolha da semiaberta para as entrevistas aos profissionais que produzem os radiojornais em Natal-RN. A entrevista

totalmente aberta acontece a partir de um tema central e sem um itinerário bem delimitado. A semiaberta, por sua vez, também é flexível, mas parte de um roteiro específico de temas.

Duarte destaca a vantagem dessa técnica: “criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes. O roteiro de questões-chave serve, então, como base para a descrição e análise em categorias” (2012, p. 67). O esboço de questões que utilizamos foi formatado a partir dos pressupostos teóricos que emergiram da pesquisa bibliográfica, assim como dos relatórios apresentados pela escuta radiofônica.

O instrumento que desenvolvemos para as entrevistas parte de questões mais objetivas que visam à descrição do radiojornal produzido pelo profissional entrevistado, para, em seguida, partir para indagações mais subjetivas, como a concepção de reportagem que possuem e as limitações apresentadas pelo veículo de comunicação na execução da radioreportagem. Em síntese, há um primeiro bloco de perguntas que trata da execução do radiojornal, com perguntas que tratam de estrutura para funcionamento e definições editoriais; o segundo bloco trata de conteúdo, incluindo questões sobre a presença/ausência da radioreportagem, com devidas justificativas; e o último bloco trata de avaliação do programa e do cenário do jornalismo de rádio em Natal-RN.

Os principais aspectos da pesquisa e os objetivos das entrevistas foram apresentados aos entrevistados, antecedendo a aplicação da técnica. Depois de realizadas as entrevistas com os profissionais que produzem radiojornais em Natal, a reflexão ficou concentrada nas características do radiojornalismo praticado pelas emissoras comerciais.

4 A REPORTAGEM RADIOFÔNICA EM NATAL-RN

Depois de compreendidos os conceitos básicos sobre a radioreportagem e definido um padrão de referência para guiar esta investigação, bem como descritas as principais técnicas de pesquisa utilizadas, cumpre-nos analisar o modo como se apresenta a radioreportagem nas emissoras comerciais de Natal-RN. Para tanto, detalharemos o perfil radiofônico das emissoras e programas jornalísticos do tipo radiojornal encontrados nas grades de programação locais e descreveremos, com base na experiência de ouvinte, na escuta radiofônica, na observação participante e nas entrevistas em profundidade, os programas enquadrados no recorte da pesquisa.

Em seguida à descrição dos radiojornais, comentaremos aspectos técnicos dos programas, demonstrando semelhanças e diferenças, para debruçarmo-nos na análise de material informativo detectado em um dos programas, cuja narrativa se assemelha a uma radioreportagem do tipo mista. Por fim, fazemos reflexões acerca do cenário radiojornalístico local, tomando por base a utilização da reportagem radiofônica.

4.1 EMISSORAS RADIOFÔNICAS EM NATAL-RN

A compreensão do cenário em que se insere a radioreportagem na capital do Rio Grande do Norte passa, primeiro, pelo conhecimento das emissoras radiofônicas em operação na cidade e sua classificação quanto à atuação, a partir de objetivos e princípios. Esse conhecimento é importante para demonstrar como realizamos o recorte da pesquisa.

De acordo com o portal “Tudo Rádio”, em Natal-RN há seis emissoras radiofônicas que operam em AM e 14 rádios que atuam em FM, conforme as tabelas a seguir.

Tabela 5 – Emissoras AM em Natal-RN

Rádio	Nome	Site	Perfil
640	Rádio Globo Natal	http://www.radioglobonatal.com.br/	Comercial
900	Nordeste Evangélica	http://www.nordesteevangolica.com.br/novo/	Evangélica
1090	Rádio Rural de Natal	http://arquiocesedenatal.org.br/radio-rural-de-natal	Católica
1190	CBN Natal	http://cbnnatal.com.br/	All News
1270	Rádio Clube AM	http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=49	Comercial
1330	Rádio Eldorado	http://www.ipda.com.br/ipda/radio/rio_grande_do_norte.php	Evangélica

Fonte: elaborado pelo autor, com base nos dados do portal tudoradio.com.

Tabela 6 – Emissoras FM em Natal-RN

Rádio	Nome	Site	Perfil
87,9	Satélite FM	http://www.87fmnatal.com.br/	Comunitária
88,9	Universitária FM	http://universitariafm.blogspot.com.br/	Pública
89,9	Jovem Pan Natal	http://natal.jovempanfm.virgula.uol.com.br/	Nacional
94,3	Rádio Cidade do Sol	http://radiocidadenatal.com.br/	Comercial
95,9	Rádio 95 FM	http://www.95fm.com.br/	Comercial
96,7	Rádio Reis Magos 96 FM	http://www.96fm.com.br/	Comercial
97,9	Rádio Feliz FM	http://www.felizfm.fm/	Evangélica
98,9	Rádio 98 FM	http://98fmnatal.com.br/	Comercial
100,1	Rádio Marinha Natal	http://www.marinha.mil.br/html/radio-marinha.html	Pública
102,1	Rádio Nacional Gospel RN	http://www.nacionalgospelrn.com.br/	Evangélica
102,9	Rádio Rede Aleluia	http://www.redealeluia.com.br/	Evangélica
103,9	Mix FM	http://www.mixnatal.com.br/	Comercial
104,7	Rádio 104 FM	http://104fmnatal.com.br/	Comercial
106,9	Rádio Senado	https://www12.senado.gov.br/radio	Pública

Fonte: elaborado pelo autor, com base nos dados do portal tudoradio.com.

Da leitura das tabelas acima, percebe-se a existência de seis emissoras radiofônicas que operam em FM e têm perfil comercial – foco de nossa pesquisa – em Natal. A leitura dos dados acima e a observação dos sites das respectivas rádios indicam que nem todas as emissoras comerciais que operam em FM na cidade possuem programas do tipo radiojornal. Desse modo, a pesquisa incluiu apenas as emissoras que possuem radiojornais em sua grade de programação.

De acordo com os sites dos veículos, percebemos os seguintes radiojornais nas grades de programação das emissoras comerciais de Natal-RN que operam em FM:

Tabela 7 – Radiojornais das FM's comerciais de Natal-RN

Turno/Rádio	94,3	95,9	96,7	98,9	103,9	104,7
Manhã	Jornal da Cidade (7h-8h)	-	Jornal 96 (7h30- 8h30)	-	-	-
Tarde	<i>Meio-dia Cidade (12h-13h30)</i>	-	-	-	-	-
Noite	-	Jornal da Noite (18h-19h)	Jornal das Seis (18h-19h)	<i>Repórter 98 (18h-19h)</i>	-	-

Fonte: elaborado pelo autor

- O *Jornal da Cidade* é veiculado de segunda a sexta-feira, das 7h às 8h, na rádio Cidade do Sol, que opera na frequência FM 94,3 MHz;
- O *Jornal 96* é veiculado de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 8h30, na rádio Reis Magos 96 FM, que opera na frequência FM 96,7 MHz;
- O programa *Meio-dia Cidade* é veiculado de segunda a sexta-feira, das 12h às 13h30, na rádio Cidade do Sol, que opera na frequência FM 94,3 MHz. Este programa teve

início no dia 13 de abril de 2015, depois que havíamos delimitado o recorte do objeto, motivo pelo qual não será analisado. Inicialmente, o programa tinha uma hora de duração (das 12h às 13h), mas, desde o dia 17 de agosto de 2015, cada edição passou a compor uma hora e trinta minutos na programação da emissora;

- O *Jornal da Noite* é veiculado de segunda a sexta-feira, das 18h às 19h, na rádio 95, que opera na frequência FM 95,9 MHz;
- O *Jornal das Seis* é veiculado de segunda a sexta-feira, das 18h às 19h, na rádio 96, que opera na frequência FM 96,7 MHz;
- O programa *Repórter 98* é veiculado de segunda a sexta-feira, das 18h às 19h, na rádio 98, que opera na frequência FM 98,9 MHz. Este programa se assemelha muito mais ao formato de mesa-redonda, uma vez que conta com a presença de convidados que debatem temas do noticiário com os apresentadores, motivo pelo qual também foi excluído de nossa análise.

Dessa forma, a investigação terá como *corpus* quatro radiojornais veiculados de segunda a sexta-feira na programação das emissoras comerciais de Natal, sendo dois no turno matutino e os outros dois no noturno, conforme tabela a seguir.

Tabela 8: Radiojornais em análise

JORNAIS MATINAIS	JORNAIS NOTURNOS
Jornal da Cidade – Rádio Cidade do Sol 94,3	Jornal da Noite – Rádio 95,9
Jornal 96 – Rádio Reis Magos 96,7	Jornal das Seis – Rádio Reis Magos 96,7

Fonte: elaborado pelo autor.

O passo seguinte à compreensão da reportagem radiofônica nos radiojornais locais foi a gravação de cinco edições de cada um dos programas selecionados no recorte acima descrito. Escolhemos trabalhar com o período de uma semana, sem a ocorrência de feriados ou efemérides, a fim de evitar interferências de eventos comemorativos na cobertura realizada pelos programas de noticiário. Ao todo, foram analisadas cinco edições de cada programa, totalizando aproximadamente 20 horas de conteúdo sonoro. A gravação foi realizada no período de 11 a 15 de maio de 2015, por uma empresa especializada, contratada para este fim.

Para cada edição, foi construído um relatório diário¹⁵ com a quantidade de ocorrências para cada formato encontrado, possibilitando análises posteriores mais detalhadas. O relatório consiste numa tabela contendo os seguintes dados: formato, área de cobertura, assunto e locução (nome do profissional que conduz a veiculação). Foi construído também um

¹⁵ Os relatórios de todas as edições estão presentes nos anexos desta dissertação.

relatório semanal, contabilizando a quantidade de ocorrências de cada formato radiofônico nas edições analisadas.

4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RADIOJORNAIS OBSERVADOS

Passamos agora à caracterização dos programas, a partir da experiência de ouvinte que temos vivido ao longo da pesquisa, além do relatório das edições de 11 a 15/05/2015 de cada um dos programas, de onde retiramos as primeiras análises, as quais serão confrontadas com os dados coletados na observação direta do jornal e na entrevista em profundidade.

4.2.1 Jornal da Cidade

É veiculado de segunda a sexta-feira, das 7h às 8h da manhã, na rádio FM Cidade do Sol, frequência FM 94,3 MHz. O programa é editado e apresentado pelo jornalista Alex Viana. Os formatos predominantes na programação são notícia, comentário e entrevista. Nas informações veiculadas, percebe-se a predominância dos temas política e economia. Alex Viana era também editor do blogue Visor Político, repórter da editoria de política do periódico O Jornal de Hoje e apresentador do programa RN em Debate, na TV Câmara. No dia 5 de outubro de 2015, o referido blogue foi desativado e o editor se tornou diretor geral do portal Agora RN.

Acompanhando as edições, percebemos que, em grande parte do tempo, ao noticiar um assunto, o apresentador sugeria que se buscassem mais informações no blogue que editava. Verificamos ainda que o programa mantém um tom sóbrio, com ausência de comentários cômicos aos fatos noticiados. Durante o período analisado as edições tiveram estilos semelhantes, que passamos a descrever:

- A edição de 11/05/2015 traz um apanhado de várias notas e notícias, sendo a maioria de política nacional. Também há veiculação dos destaques das revistas semanais de informação, com circulação nacional. Durante o programa, foram veiculados três intervalos comerciais e não houve menção a anunciantes durante os blocos de conteúdo. Foi realizada uma entrevista que abordou temas da política. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, predominando as vozes do apresentador e do entrevistado. A respeito de formatos, foram percebidos: um comentário, uma entrevista, duas manchetes, oito notas e seis notícias.

- A edição de 12/05/2015 se volta para o noticiário local, apresentando uma variação nas seguintes áreas de cobertura: cidades, economia e política. A edição contou novamente com três intervalos comerciais e sem nenhuma menção a anunciantes durante o trecho noticiário. A entrevista realizada na terça-feira, embora prioritariamente de cidades, por tratar da situação da educação estadual, abordou questões políticas associadas. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, sendo predominantes as vozes do apresentador e do entrevistado. A respeito dos formatos, foram percebidos: dois comentários, duas entrevistas, uma manchete, dez notas e 11 notícias.

- A edição da quarta-feira, 13/05/2015, aconteceu em formato diferente dos dias anteriores. O apresentador contou com a participação de uma jornalista convidada, Anna Ruth Dantas, profissional que atua também na cobertura da política nacional e local, como editora do blogue Política em Foco. O noticiário foi comentado. A cada notícia veiculada, o apresentador e a convidada comentavam o assunto, a partir do que foi repercutido na imprensa. A edição contou novamente com três intervalos comerciais, sem menção a anunciantes no decorrer dos blocos do programa. A entrevista deste dia foi voltada para a área da saúde, com a participação de um médico hiperbarista. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, sendo predominantes apenas as vozes do apresentador, da comentarista e do entrevistado. A respeito dos formatos, foram percebidos: oito comentários, uma entrevista, uma nota e 12 notícias.

- A edição da quinta-feira, 14/05/2015, também teve formato diferente dos outros dias. Neste dia, foram convidados um professor de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, um publicitário e um empresário local. O apresentador e os convidados debateram os assuntos do noticiário, sendo permitido a cada um deles opinar em todos os temas. Nesta edição não houve realização de entrevista, ao contrário das anteriores. Desta vez só foram realizados dois intervalos comerciais e não há menção a anunciantes durante os blocos de conteúdo. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, sendo predominantes apenas as vozes do apresentador e dos convidados. Nesta edição foi veiculado o quadro de destaques dos jornais locais, entretanto só foram apresentados os destaques do jornal Tribuna do Norte. A respeito dos formatos, foram percebidos: duas manchetes, uma mesa redonda, uma nota e seis notícias.

- A edição da sexta-feira, dia 15/05/2015, guardou mais semelhanças com as edições da segunda e da terça-feira, se diferenciando com a realização de duas entrevistas ao vivo, sendo uma de esportes e outra de cultura. O conteúdo foi predominantemente de cidades e política. A edição contou novamente com três intervalos comerciais, sem nenhuma menção

a anunciantes durante o noticiário. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, sendo predominantes apenas as vozes do apresentador e dos entrevistados. A respeito dos formatos, foram percebidos: um comentário, duas entrevistas, uma manchete, cinco notas e 14 notícias.

A observação dos relatórios diários permite afirmar que o programa não tem estrutura rígida de distribuição do conteúdo por áreas de cobertura. Entretanto, percebeu-se a prioridade em tratar dos assuntos da política nacional, sendo o programa preenchido ainda por notícias de economia. As informações de cidades, polícia e esportes aparecem de forma tímida a completar o noticiário.

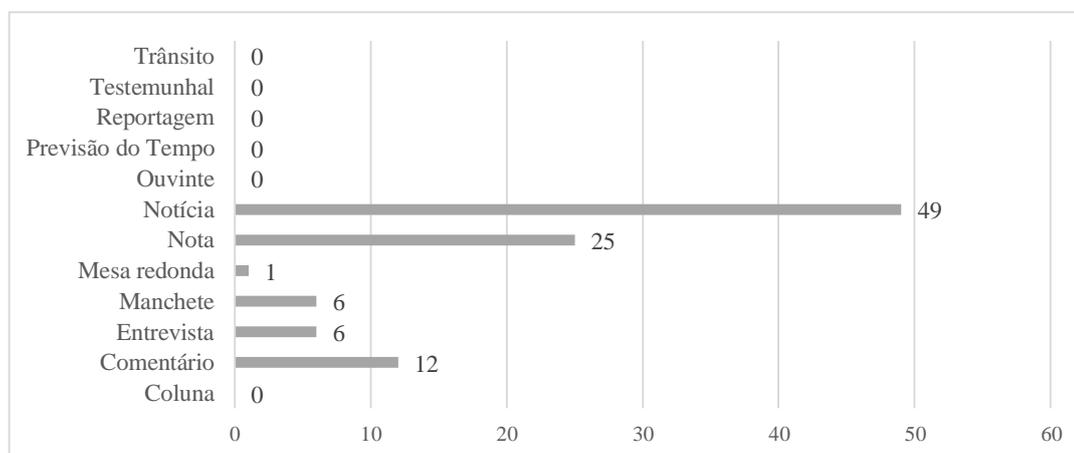
Ao longo da semana, não foi percebida a veiculação de nenhuma sonora ou reportagem. Também não foi convidado nenhum entrevistado representante de categorias populares ou sindicais noticiadas no programa. A tabela e o gráfico a seguir mostram a distribuição dos formatos por cada edição analisada.

Tabela 9 – Formatos radiofônicos no Jornal da Cidade – Período de 11 a 15/05/2015

Formato	11/05	12/05	13/05	14/05	15/05	Total	%
<i>Coluna</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Comentário</i>	1	2	8	0	1	12	12%
<i>Entrevista</i>	1	2	1	0	2	6	6%
<i>Manchete</i>	2	1	0	2	1	6	6%
<i>Mesa redonda</i>	0	0	0	1	0	1	1%
<i>Nota</i>	8	10	1	1	5	25	25%
<i>Notícia</i>	6	11	12	6	14	49	50%
<i>Ouvinte</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Previsão do Tempo</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Reportagem</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Testemunhal</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Trânsito</i>	0	0	0	0	0	0	0%
Total	18	26	22	10	23	99	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 2 – Formatos radiofônicos no Jornal da Cidade – Período de 11 a 15/05/2015



No dia 01/09/2015, realizamos visita à rádio FM Cidade do Sol para acompanhar, diretamente do estúdio da emissora, o desenrolar da transmissão do Jornal da Cidade. A chegada à sede da emissora ocorreu 40 minutos antes do início da edição. Um entrevistado chegou com 30 minutos de antecedência. O editor e apresentador do radiojornal chegou à emissora quando faltavam 15 minutos para o começo do programa. Ingressamos no estúdio no momento do início do radiojornal, ao mesmo tempo em que um dos entrevistados.

Na bancada de apresentação do Jornal da Cidade, foi verificada a presença de um netbook, um tablet, um smartphone e um jornal impresso local para utilização pelo apresentador. Não há, dentro do estúdio, nenhum contato visual entre apresentador e operador de áudio. De acordo com entrevista realizada com o editor do radiojornal, a comunicação entre os profissionais acontece a partir da rede social WhatsApp. Durante a apresentação do jornal, o apresentador revezava a leitura de informações de sites acessados pelo tablet, de um roteiro observado no netbook e, em alguns casos, diretamente do jornal impresso presente na bancada.

Transcorridos oito minutos do início do programa, chegou ao estúdio mais uma entrevistada, que é diretamente convidada à bancada, para realização da entrevista que acontece logo após os primeiros quinze minutos do radiojornal. A entrevista teve duração de quinze minutos. Percebeu-se ainda que os entrevistados não foram recepcionados, nem orientados sobre como se comportar durante a entrevista. Após, o apresentador encerrou o primeiro bloco do programa.

No retorno do intervalo, o apresentador realizou a leitura de notícias que estavam disponíveis no blogue que então editava, trechos que estavam em site de e-mail e outras duas, de maneira integral, do jornal impresso presente na bancada. O segundo bloco teve duração de oito minutos, encerrado com o anúncio da segunda entrevista da edição, que ocorre depois do segundo intervalo.

Durante o intervalo, o apresentador chamou o outro entrevistado para a bancada do radiojornal e conversou sobre o tema da entrevista. O terceiro bloco foi aberto com um convite para que os ouvintes consultassem o blogue que editava, para obterem mais informações. Em seguida, cumprimentou o segundo entrevistado e iniciou a entrevista com perguntas elaboradas previamente e disponíveis em e-mail consultado. A segunda entrevista teve duração de 11 minutos, encerrando assim o programa.

Em seguida ao encerramento, realizamos entrevista com o editor e apresentador Alex Viana, o qual forneceu informações sobre execução, conteúdo e avaliação do radiojornal estudado e de como observa o radiojornalismo em Natal-RN. Durante a conversa, que foi

gravada e transcrita¹⁶, o jornalista informou que o Jornal da Cidade está no ar há cinco anos e que a equipe é restrita ao apresentador e a um produtor auxiliar, na condição de estagiário.

Outra informação relevante captada durante a entrevista diz respeito ao vínculo dos profissionais: a exemplo do produtor estagiário, o apresentador não é funcionário da emissora. O programa Jornal da Cidade é uma produção do referido jornalista, que ocupa espaço dentro da programação da emissora. Durante a entrevista, o apresentador confirmou que “o foco maior é política e economia” (VIANA, 2015, *não paginado*). Ele destacou ainda que o roteiro do radiojornal é elaborado apenas quando ele chega à emissora, ou seja, em, no máximo, 15 minutos.

As informações veiculadas no programa são extraídas, sobretudo, de agências de notícias e os critérios de seleção são a relevância e o interesse público, de acordo com o editor. A produção das entrevistas é realizada pelo apresentador do programa, desde a marcação até a elaboração e execução das perguntas. Sobre a ausência do formato radorreportagem, o editor e apresentador informou que o Jornal da Cidade foi concebido de modo a não contemplar o formato.

Em relação à avaliação do programa, o editor considera que o Jornal da Cidade é “muito bom” e se diferencia porque não tem “nenhum comprometimento, sem nenhum compromisso, total liberdade” (VIANA, 2015, *não paginado*). Alega ainda não haver dificuldades na produção do programa e percebe um crescimento dos jornais de rádio no cenário estudado.

4.2.2 Jornal 96

O Jornal 96 é veiculado de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 8h30 da manhã, na rádio FM Reis Magos, frequência de 96,7 MHz. O programa é editado e apresentado pelo jornalista Diógenes Dantas, com locução de Gerlane Lima, participação diária de Tiago Medeiros (jornalista que cobre a área policial), Edmo Sinedino (comentarista de esportes) e Luciano Kleiber (jornalista e comentarista da área econômica), além de colunas periódicas *Conexões*, com a jornalista Glácia Marilac (às segundas e sextas-feiras); *Rio Grande do Norte.Net*, com o consultor em energia Jean Paul Prates (terças e quintas-feiras); e *Comunicação e Marketing*, com o publicitário Pedro Ratts (quarta-feira). A equipe é formada

¹⁶ A transcrição das entrevistas realizadas está disponível nos anexos desta dissertação.

ainda por uma produtora-redatora, a jornalista Ohara Oliveira. Os formatos predominantes em sua programação são notícia, nota, comentário e entrevista.

Além das colunas especiais, foram percebidos ao longo da semana os quadros *Giro pelo Brasil e pelo mundo*, em que são apresentadas notas gerais e curiosidades, sempre três de âmbito nacional e três da esfera internacional; e *Análise da notícia*, em que o editor e apresentador comenta um assunto do noticiário, geralmente sobre política. Também foi percebida a veiculação, em todas as edições da semana analisada, de uma nota oficial emitida pelo Sindicato dos Servidores Públicos de Natal, sempre lida na voz do apresentador.

Percebe-se a predominância de assuntos nas áreas de polícia, política, esportes e economia nas informações veiculadas. O programa permite a interação com os ouvintes a partir das redes *Twitter* e *Facebook*, ocorrendo, inclusive, cumprimentos a determinadas pessoas que estão aniversariando naquele dia ou que saudaram o apresentador pelas mídias sociais. Verifica-se a presença de descontração na condução do programa, havendo comicidade em alguns comentários e na relação entre apresentador, locutora, comentaristas e entrevistados. Ao longo do jornal há veiculação de diversos anúncios publicitários, alguns como vinhetas das seções de esportes, polícia, cotidiano e economia e outros como testemunhal lido pelo apresentador.

Durante o período analisado as edições tiveram perfis semelhantes, que passamos a descrever:

- A edição de 11/05/2015 traz um conjunto de notas e notícias, sendo a maioria sobre economia e política. Também houve a veiculação dos destaques das principais revistas semanais e dos jornais nacionais. Durante o programa, foi veiculado um intervalo comercial e ocorreram menções a anunciantes durante a edição. Foi realizada uma entrevista, abordando temas de política. Também foi veiculada uma coluna especial de comportamento que abordou o tema “Ser Feliz”. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, predominando apenas as vozes do apresentador, da locutora, dos comentaristas e do entrevistado. Durante a edição foram veiculados destaques do portal *Nominuto.com*, de propriedade do apresentador do programa. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: uma coluna, dois comentários, uma entrevista, seis manchetes, dez notas, nove notícias, uma previsão do tempo e seis testemunhais.

- A edição de 12/05/2015 se assemelha à edição do dia anterior, diferenciando-se apenas na coluna especial, que aborda outro assunto do cotidiano, desta vez a qualidade de vida. A coluna *Rio Grande do Norte.Net* tratou dos prejuízos provocados pela poluição sonora. Nesta edição o quadro das manchetes das revistas semanais foi substituído pelos

destaques dos jornais locais e não houve divulgação das notícias do portal Nominuto.com. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, sendo predominantes apenas as vozes do apresentador, da locutora, dos comentaristas e da entrevistada. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: uma coluna, dois comentários, uma entrevista, seis manchetes, seis notas, nove notícias, uma previsão do tempo e seis testemunhais.

- A edição de 13/05/2015 seguiu o mesmo padrão observado nos dias anteriores, com alteração da coluna especial de comportamento que abordou o assunto da comunicação em dispositivos móveis. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, predominando apenas as vozes do apresentador, da locutora, comentaristas e do entrevistado. Nesta edição, o apresentador divulgou informações repassadas por ouvintes através de redes sociais, sem, no entanto, ser possível verificar a legitimidade da informação. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: uma coluna, dois comentários, uma entrevista, seis manchetes, dez notas, sete notícias, uma previsão do tempo e seis testemunhais.

- A edição da quinta-feira, 14/05/2015, manteve o mesmo perfil das edições anteriores, com omissão da coluna especial veiculada nos dias anteriores. A locutora esteve ausente durante a execução do programa, motivo pelo qual também foi omitida a seção *Cotidiano*. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, sendo predominantes apenas as vozes do apresentador, dos comentaristas e do entrevistado. A edição foi encerrada com a veiculação de uma informação repassada por um ouvinte através de uma rede social, sem, no entanto, ser possível verificar a legitimidade da informação. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: dois comentários, uma entrevista, cinco manchetes, sete notas, nove notícias, uma previsão do tempo e seis testemunhais.

- A última edição analisada, referente ao dia 15/05/2015, ocorreu de maneira similar aos demais dias. Foi omitida a coluna especial de comportamento, segundo o apresentador, por problemas técnicos. Não foi veiculada nenhuma sonora ou reportagem, com predominância das vozes do apresentador, da locutora, dos comentaristas e da entrevistada. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: uma entrevista, seis manchetes, dez notas, 11 notícias, uma previsão do tempo e seis testemunhais.

A observação dos relatórios diários permite afirmar que o programa tem se organizado em uma estrutura que privilegia as notícias de esportes no início das edições. Em seguida são apresentadas as informações da área de polícia, manchetes de jornais, giro de notícias nacionais e internacionais, assuntos de cotidiano, economia, serviços e política, possibilitando a inclusão de notícias de outros assuntos a intercalar os blocos temáticos.

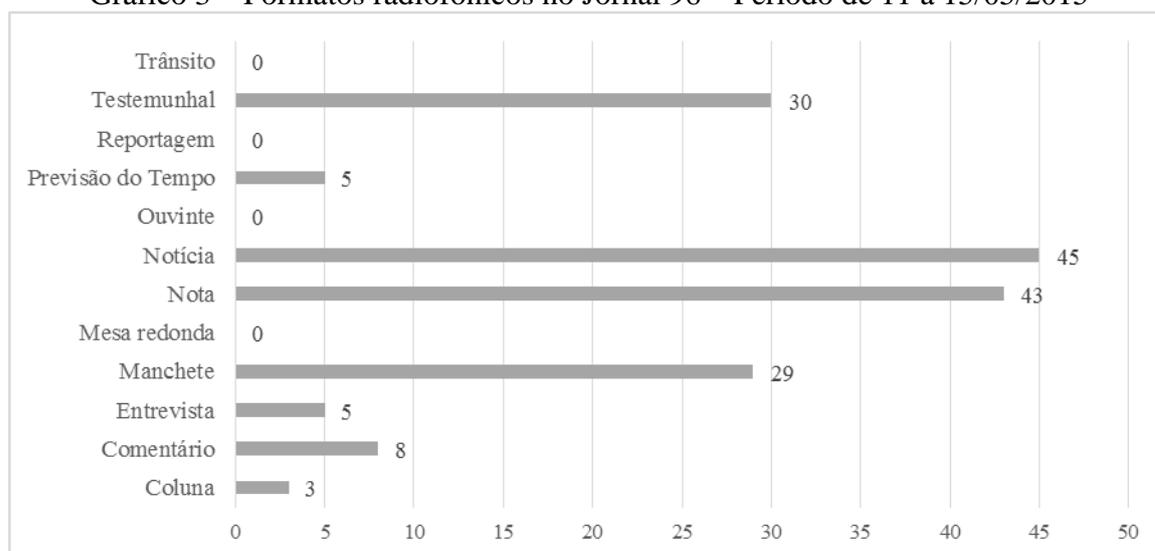
Ao longo da semana, não foi percebida a veiculação de nenhuma sonora ou reportagem, entretanto verifica-se que as notícias de polícia são veiculadas por um profissional que apurou as informações das fontes oficiais, como assessorias de imprensa das secretarias de segurança pública e diretamente em delegacias, como ele mesmo afirma algumas vezes. Os profissionais que divulgam informações de esportes e economia demonstram conhecimento especializado nos setores em que atuam. Também não foi convidado nenhum entrevistado representante de categorias populares ou sindicais noticiadas no programa, estando a informação concentrada nas fontes escolhidas pela equipe de produção do radiojornal. A tabela e o gráfico a seguir mostram a distribuição dos formatos por cada edição analisada.

Tabela 10 – Formatos radiofônicos no Jornal 96 – Período de 11 a 15/05/2015

Formato	11/05	12/05	13/05	14/05	15/05	Total	%
<i>Coluna</i>	1	1	1	0	0	3	2%
<i>Comentário</i>	2	2	2	2	0	8	5%
<i>Entrevista</i>	1	1	1	1	1	5	3%
<i>Manchete</i>	6	6	6	5	6	29	17%
<i>Mesa redonda</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Nota</i>	10	6	10	7	10	43	26%
<i>Notícia</i>	9	9	7	9	11	45	27%
<i>Ouvinte</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Previsão do Tempo</i>	1	1	1	1	1	5	3%
<i>Reportagem</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Testemunhal</i>	6	6	6	6	6	30	18%
<i>Trânsito</i>	0	0	0	0	0	0	0%
Total	36	32	34	31	35	168	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 3 – Formatos radiofônicos no Jornal 96 – Período de 11 a 15/05/2015



No dia 09/09/2015, realizamos uma visita técnica à rádio Reis Magos para acompanhar, a partir do estúdio da emissora, o desenrolar de uma edição do Jornal 96. A chegada à sede da emissora ocorreu 25 minutos antes do início do programa. No momento, já estavam na sala de redação a produtora, uma das locutoras e o jornalista responsável pela cobertura de polícia. O editor e apresentador do radiojornal chegou à emissora quando faltavam cinco minutos para o início da edição. Ingressamos no estúdio no momento do início do programa.

Na redação, a produtora-redatora trabalhava no fechamento do script do programa. Percebeu-se um aparelho de som em funcionamento, sintonizado na emissora, e os jornalistas conversavam com tranquilidade, ao mesmo tempo em que coletavam informações de portais e redigiam as notícias. Faltando dez minutos para o início do programa, chegou à redação o comentarista de esportes.

Dois minutos antes do início do programa fomos conduzidos ao estúdio, quando os profissionais se posicionaram na bancada para os destaques do início da edição. À frente do apresentador, estavam disponíveis para utilização um computador, um tablet, um smartphone, papéis, caneta e as edições dos dois jornais impressos locais daquele dia. A locutora tinha à sua disposição um tablet, papéis e caneta. Os comentaristas de esportes e polícia deram as primeiras informações apenas com o apoio de frases lidas a partir do smartphone.

O apresentador leu o script do radiojornal diretamente da tela do computador, revezando para o tablet nos momentos de testemunhal. A locutora lia a partir do tablet. Percebemos descontração e comunicação gestual e visual entre apresentador e operador de áudio. Durante as notícias de esportes e polícia, o apresentador acompanhava as informações com atenção, sempre tecendo comentários sobre o assunto.

Os quadros diários do programa (*Giro pelo Brasil e pelo mundo e Análise da notícia*) foram entregues pela produtora ao apresentador apenas minutos antes da veiculação. Decorridos 30 minutos, entrou no ar um intervalo comercial, momento em que apresentadores conversaram sobre repercussão do edição anterior do radiojornal estudado.

O retorno do intervalo foi marcado pela apresentação, por telefone, das notícias de economia, veiculadas por um jornalista que tem pós-graduações na área¹⁷ e experiências profissionais na cobertura de assuntos dessa temática, bem como em assessoria de imprensa de instituições da área empresarial. Enquanto isso, no estúdio, o apresentador conversava com

¹⁷ O jornalista possui especializações em comércio exterior e em jornalismo econômico pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

outras pessoas presentes e, ao término da participação do comentarista de economia, emitiu comentário sem relação direta com a informação veiculada.

Faltando 17 minutos para o término previsto da edição, o entrevistado entrou no estúdio acompanhado por seu assessor de imprensa e pela produtora do radiojornal. Neste momento, foi veiculado um áudio gravado, referente à coluna *Comunicação e Marketing*. O áudio contemplava a vinheta de abertura e o texto, narrado na voz do colunista. Durante os dois minutos da coluna, o apresentador conversou com o entrevistado sobre redes sociais e avisou que a entrevista seria transmitida em vídeo para a rede social *Periscope*.

Durante a entrevista, o apresentador leu manchetes de notícias e elaborava uma pergunta reforçando as informações de serviço contidas no noticiário, interpellando o entrevistado para falar sobre aquele assunto. A entrevista teve duração de 15 minutos, encerrando o programa.

Em seguida, realizamos entrevista com o editor e apresentador Diógenes Dantas, o qual forneceu informações sobre execução, conteúdo e avaliação do radiojornal estudado e sobre como observa o radiojornalismo em Natal-RN. Durante a conversa, que foi gravada e transcrita, o jornalista informou que o Jornal 96 está no ar há 13 anos. Trata-se, segundo ele, do primeiro radiojornal das emissoras que operam em FM na capital do Rio Grande do Norte.

A equipe do jornal é formada pelo apresentador, por uma locutora, uma produtora-redatora e três comentaristas de setores específicos – todos funcionários da emissora. Entre os temas abordados, o apresentador informou que o Jornal 96

(...) é um programa que tem política, economia, cidades, esporte, as coisas do mundo. Uma revista dos vários assuntos que estão em evidência naquele dia, principalmente no nosso estado, mas também no Brasil e, terminando, o programa encerra sempre com uma boa entrevista, uma entrevista relevante, uma entrevista de assuntos factuais. (DANTAS, 2015, *não paginado*)

De acordo com Dantas (2015), o programa segue a um script, mas com flexibilidade para que o apresentador faça improvisações com os assuntos noticiados. A respeito das fontes de informação, o jornalista destacou que parte das informações vem de sites de notícias nacionais e do portal de sua propriedade (Nominuto.com), mas que existe também a busca de informações específicas para o Jornal 96. O principal critério de seleção das notícias para o radiojornal, segundo o editor, é a relevância do fato. A definição das entrevistas é feita pelo próprio apresentador e a produção é realizada pela redatora do programa.

Sobre a questão da reportagem, o apresentador reconhece a necessidade de um formato capaz de aprofundar os assuntos, mas que não é possível tê-lo no programa por causa das dificuldades financeiras. Ainda sobre esse assunto, o profissional ponderou se o programa pode ser chamado de radiojornal, uma vez que inexistente a figura do radiorepórter e do formato radioreportagem.

Acerca da avaliação do programa, o editor acredita que o Jornal 96 se qualifica pelo alcance de público em diversas classes sociais. O apresentador disse que esse alcance é um diferencial, aliado a uma apresentação com maior carga de informalidade. Destacou também que não há dificuldades na produção, sobretudo porque a equipe de profissionais é bastante experiente. Sobre o cenário do radiojornalismo em Natal, o apresentador avalia que ainda é fraco, embora já existam iniciativas em formação. Segundo ele,

(...) há um grupo de pessoas tentando fazer algo diferente, algo bom, né, tentando avançar. Mas assim, eu acho ainda muito fraco. Pelas faltas de condições financeiras de pagar bons profissionais, de ter boas equipes de produção, é um problema, porque não é só a apresentação. É produção. Porque, com bons produtores, bons redatores, você tem uma possibilidade de ter novos quadros, novas situações, né?! Buscar aprofundar, sei lá, uma crise hídrica no Rio Grande do Norte, entendeu? Trazer personagens, então, isso tudo é produção. O radiorepórter de buscar informação, de gravar, de trazer aquela matéria bacana, você tá entendendo? Então, eu acho que é isso, eu acho que a gente está longe do cenário ideal. (DANTAS, 2015, *não paginado*)

A experiência do profissional, que trabalha com jornalismo há mais de 30 anos, dá a ele uma clareza sobre a necessidade de se investir no radiojornalismo, com a formação de equipes de produtores capazes de promover a realização de radioreportagens, aprofundando temas de relevância, como a citada crise hídrica, por exemplo. A crise que atinge o jornalismo de modo geral está ilustrada na fala desse profissional.

4.2.3 Jornal da Noite

O Jornal da Noite é veiculado de segunda a sexta-feira, das 18h às 19h, na rádio FM 95, frequência de 95,9 MHz. O programa é apresentado pelos jornalistas Eugênio Bezerra (ex-diretor de jornalismo da emissora e blogueiro), Juliana Celly (apresentadora de televisão) e Thaisa Galvão (blogueira), com participação diária de informações de trânsito com o setorista Kennedy Diniz. A equipe se completa com a presença do radialista Erick Nobre, que

ocupa a função de produtor-redator. Os formatos predominantes em sua programação são notícia, nota e entrevista.

Percebe-se a predominância de assuntos de polícia, cidades, política e economia nas informações veiculadas. O programa também permite interação com ouvintes a partir do aplicativo de comunicação instantânea *WhatsApp*. Verifica-se descontração na condução do programa, principalmente entre os apresentadores e na relação com os entrevistados. Ao longo do jornal há veiculação de anúncios publicitários, principalmente como testemunhal dos apresentadores.

No início de nossa pesquisa, o programa era veiculado das 18h30 às 19h, de segunda a sexta-feira. Havia dois jornalistas na apresentação e veiculavam-se, por edição, duas radioreportagens, sendo uma tratando de conteúdo mais comportamental e outra de caráter mais factual. Em 27/04/2015, o programa passou a ter uma hora de duração e incorporou uma terceira apresentadora, a blogueira Thaisa Galvão. Desde então, o formato reportagem não é mais utilizado no programa.

Durante o período analisado as edições tiveram perfis semelhantes, que passamos a descrever:

- A edição de 11/05/2015 apresentou assuntos de várias áreas, com destaque para os assuntos de polícia. Não houve menção a veículos de comunicação impressos, apenas ao blogue editado por uma das apresentadoras. Durante o programa teve um intervalo comercial e, no retorno do intervalo, os apresentadores falaram sobre um dos anunciantes. Nesta edição foi realizada uma entrevista de política. Não houve veiculação de sonora ou reportagem de nenhuma espécie, com predominância das vozes dos apresentadores e do entrevistado. Um locutor da emissora lia mensagens enviadas por ouvintes pelo aplicativo *WhatsApp*, em geral tratando-se de elogios ou denúncias, relatados sem aprofundamento ou checagem. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: dois comentários, uma entrevista, três notas, oito notícias, uma participação de ouvinte, um testemunhal e um serviço de trânsito.

- A partir da edição de 12/05/2015 um dos apresentadores não estava presente, por problemas de saúde. O programa foi apresentado pelas duas jornalistas. A segunda edição analisada trouxe também conteúdo diversificado, contemplando as diversas temáticas de forma quase equânime. O programa teve um intervalo comercial e repetiu o procedimento de anunciar um dos patrocinadores no retorno. A edição contou com duas entrevistas, uma realizada por telefone. O programa foi iniciado e encerrado com uma entrevista, com duas personalidades da área política, mas a primeira delas tratou de assunto da editoria de cidades. Não houve veiculação de sonora ou reportagem de nenhuma espécie, predominando as vozes

das apresentadoras e dos entrevistados. Um locutor da emissora leu mensagens enviadas por ouvintes pelo aplicativo *WhatsApp*, em geral tratando-se de elogios ou denúncias, relatados sem aprofundamento ou checagem. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: quatro comentários, duas entrevistas, três notas, dez notícias, duas participações de ouvinte, um testemunhal e um serviço de trânsito.

- A terceira edição analisada, referente ao dia 13/05/2015, seguiu o perfil das edições anteriores, havendo um equilíbrio na distribuição dos temas abordados. Foram realizadas igualmente duas entrevistas, uma da área econômica e outra de política. Depois do intervalo comercial, foi lido um testemunhal anunciando um dos patrocinadores. Não houve veiculação de sonora ou reportagem de nenhuma espécie, predominando as vozes das apresentadoras e dos entrevistados. Um locutor da emissora leu mensagens enviadas por ouvintes pelo aplicativo *WhatsApp*, em geral tratando-se de elogios ou denúncias, relatados sem aprofundamento ou checagem. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: duas entrevistas, cinco notas, seis notícias, duas participações de ouvinte, um testemunhal e um serviço de trânsito.

- A edição da quinta-feira, 14/05/2015, contou com notas e notícias de várias temáticas e apenas uma entrevista tratando da segurança pública. Não houve veiculação de sonora ou reportagem de nenhuma espécie, com predominância das vozes das apresentadoras e dos entrevistados. Um locutor da emissora leu mensagens enviadas por ouvintes pelo aplicativo *WhatsApp*, em geral tratando-se de elogios ou denúncias, relatados sem aprofundamento ou checagem. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: três comentários, uma entrevista, três notas, dez notícias, duas participações de ouvinte, um testemunhal e um serviço de trânsito.

- E a edição de 15/05/2015 contou com o retorno do terceiro apresentador que estava de licença médica. O programa contemplou diversos temas e se diferenciou das demais edições por causa da realização de três entrevistas (uma por telefone) em uma única edição. Também foi o único dia da semana em que foi contemplada, ainda de forma distante, a área de cultura, abordando um evento religioso e o falecimento de um artista internacional. Não houve veiculação de sonora ou reportagem de nenhuma espécie, predominando as vozes dos apresentadores e dos entrevistados. Um locutor da emissora leu mensagens enviadas por ouvintes pelo aplicativo *WhatsApp*, em geral tratando-se de elogios ou denúncias, relatados sem aprofundamento ou checagem. A respeito dos formatos radiofônicos, foram percebidos: dois comentários, três entrevistas, sete notas, sete notícias, três participações de ouvinte, um testemunhal e um serviço de trânsito.

A observação dos relatórios diários permite afirmar que o programa tem se organizado em uma estrutura que privilegia as notícias de trânsito e da área policial no início das edições. Em seguida são apresentadas as informações da área de cidades, economia, esportes e política, possibilitando a inclusão de notícias de outros assuntos a intercalar os blocos temáticos.

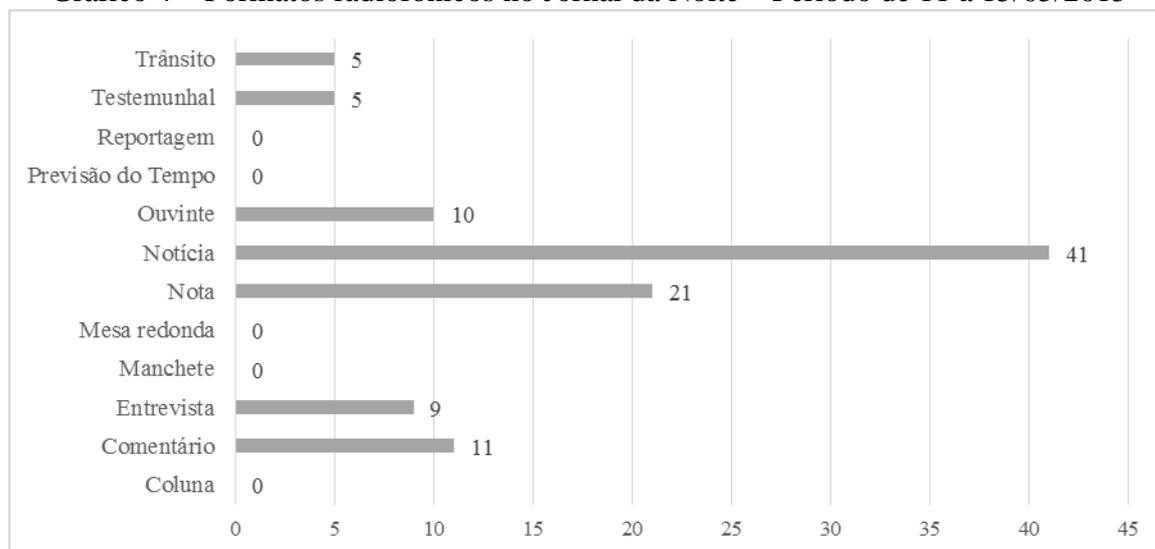
Ao longo da semana, não foi percebida a veiculação de nenhuma sonora ou reportagem. Também não foi convidado nenhum entrevistado representante de categorias populares ou sindicais noticiadas no programa, estando a informação unicamente concentrada nas fontes escolhidas pela equipe de produção do radiojornal. A tabela e o gráfico a seguir mostram uma distribuição dos formatos por cada edição analisada:

Tabela 11 – Formatos radiofônicos no Jornal da Noite – Período de 11 a 15/05/2015

Formato	11/05	12/05	13/05	14/05	15/05	Total	%
<i>Coluna</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Comentário</i>	2	4	0	3	2	11	11%
<i>Entrevista</i>	1	2	2	1	3	9	9%
<i>Manchete</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Mesa redonda</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Nota</i>	3	3	5	3	7	21	21%
<i>Notícia</i>	8	10	6	10	7	41	40%
<i>Ouvinte</i>	1	2	2	2	3	10	10%
<i>Previsão do Tempo</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Reportagem</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Testemunhal</i>	1	1	1	1	1	5	5%
<i>Trânsito</i>	1	1	1	1	1	5	5%
Total	17	23	17	21	24	102	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 4 – Formatos radiofônicos no Jornal da Noite – Período de 11 a 15/05/2015



No dia 03/09/2015, realizamos uma visita técnica à rádio 95 FM para acompanhar, a partir do estúdio da emissora, o desenrolar de uma edição do Jornal da Noite. A chegada à sede da emissora ocorreu uma hora antes do início da edição. No momento, estava na sala de jornalismo apenas o produtor-redator, que trabalhava na elaboração do script. A primeira apresentadora chegou à redação faltando 45 minutos para o início do programa. O entrevistado chegou aproximadamente 30 minutos antes e sua participação só aconteceu nos últimos 20 minutos de programa. Ele esperou aproximadamente uma hora até o momento de ser entrevistado no radiojornal. O segundo apresentador chegou à emissora faltando dez minutos para o início do programa e a terceira exatamente no horário em que todos se deslocavam para o estúdio.

A bancada de apresentação do radiojornal continha tablet para utilização de dois apresentadores e um script impresso para uma das apresentadoras. O programa teve início com a leitura dos destaques da edição, seguida de cumprimentos a ouvintes e da participação de um profissional que dá informações sobre a situação do trânsito em vários pontos da cidade, havendo, inclusive, troca de informações e leitura de comentários enviados por ouvintes via rede social *WhatsApp*. A participação dos ouvintes foi gerenciada pelo produtor-redator, que encaminhava os comentários para os apresentadores lerem durante o programa.

Apenas depois de transcorridos 15 minutos de radiojornal, veiculou-se a primeira notícia previamente redigida para o programa. Os apresentadores se revezaram na leitura das notícias. Antes do intervalo do programa, os apresentadores realizaram uma promoção para o primeiro ouvinte que ligasse para a rádio, o qual foi beneficiado com ingressos para uma feira de produtos em cartaz na cidade. Em seguida, os apresentadores anunciaram o intervalo e a entrevista do bloco seguinte. Durante o intervalo, o produtor conduziu o entrevistado até o estúdio.

O radiojornal foi retomado depois do intervalo com notícias da editoria de esportes e, em seguida, com a entrevista. Quando os apresentadores começaram a interrogar o entrevistado, o produtor-redator fotografou o ambiente e postou a imagem no perfil do Jornal da Noite na rede social *Instagram*. A entrevista foi transmitida pelo perfil de uma das apresentadoras no *Periscope*. Faltando quatro minutos para o horário de encerramento do radiojornal, o produtor sinalizou aos apresentadores que deveriam encerrar a entrevista. Depois disso, o programa foi finalizado com a leitura de uma mensagem bíblica.

Em seguida à apresentação do programa, realizamos entrevista com os apresentadores Eugênio Bezerra e Thaisa Galvão, que forneceram informações sobre execução, conteúdo e avaliação do radiojornal estudado e como observam o radiojornalismo

em Natal-RN. Durante a conversa, que foi gravada e transcrita, os jornalistas informaram que o Jornal da Noite está no ar há apenas dois anos.

A equipe do programa é formada pelos três jornalistas apresentadores e pelo produtor-redator, que é radialista por formação. Os quatro profissionais não têm vínculo empregatício com a emissora. Os apresentadores ocupam o espaço da programação com o radiojornal, com liberdade para explorarem, inclusive, o caráter comercial.

De acordo com um dos entrevistados, o programa era estruturado em um estilo que contemplava diversos formatos radiofônicos, incluindo reportagens, notas, notícias e entrevistas. Mas, desde o mês de abril, o programa passou por uma mudança, aumentando o tempo de veiculação (de trinta minutos para uma hora) e contando com uma terceira apresentadora. No início, o programa tinha dois apresentadores.

Entre os temas abordados, destacam-se as informações sobre política, o que se justifica, de acordo com os profissionais, pela relação de uma das apresentadoras que possui um blogue com atuação nessa área. O critério de seleção das notícias acontece, segundo eles, pelo assunto do dia e pelo interesse. Sobre esse tema, um dos apresentadores destacou que o ouvinte do Jornal da Noite escuta o programa para saber o que os três apresentadores têm a falar sobre aquele assunto e não propriamente com o objetivo de se informar.

O programa segue a um roteiro elaborado pelo produtor-redator, mas há liberdade para que os apresentadores acrescentem mais informações. As notícias têm como fonte, em geral, os veículos de comunicação da cidade. A produção das entrevistas é definida pelos quatro profissionais a partir de conversas que têm em um grupo da rede social *WhatsApp*, sendo as perguntas elaboradas durante a entrevista pelos próprios apresentadores. Sobre a reportagem, os apresentadores entrevistados nesta pesquisa têm opinião divergente. Uma acredita que a reportagem não é interessante para o veículo rádio. O outro disse que o formato inexistente no Jornal da Noite por causa do custo que seria gerado.

Ao avaliar o Jornal da Noite, os apresentadores creditam sua qualidade ao nível dos profissionais envolvidos.

Thaís: Eu acho que a gente tem uma qualidade bacana, nós somos três pessoas com uma bagagem de jornalismo, com uma bagagem já de vários veículos, de experiências passadas. Então, assim, eu acho que a qualidade de um noticiário começa pela qualidade das pessoas que fazem o noticiário. E eu acho que não falta qualidade. Eu acho que tem qualidade, que a gente tem qualidade. Entendeu?! A minha resposta é essa.

Eugênio: É, eu também endosso o que Thaís falou. O nosso jornal, ele é pautado nos apresentadores, na bagagem individual de cada um e na química dos três. Eu acho que é por aí. Isso que faz o nosso jornal ser completamente

diferente dos demais. Você vai observar no teu trabalho, aí na tua pesquisa, que o nosso formato é diferente. Aqui cabe tudo, né? Guardado aí o devido respeito, a temática daquele momento, cabe sempre desconstruir o óbvio. (BEZERRA e GALVÃO, 2015, *não paginado*)

Os jornalistas alegaram inexistirem dificuldades na produção do radiojornal e que consideram, inclusive, fácil de fazer por não depender de muitas pessoas e de muita estrutura. Sobre a situação do radiojornalismo em Natal, os apresentadores avaliam que se tem avançado bastante, havendo migração de profissionais de outros meios de comunicação para o rádio, abrindo espaço para o jornalismo nas programações. Eles creditam essa migração a uma eventual falência do jornalismo impresso e da dificuldade de se fazer televisão com pouca estrutura. Além disso, acrescentam que apenas o rádio é capaz de acompanhar a velocidade de divulgação das informações proporcionada pela internet.

4.2.4 Jornal das Seis

O Jornal das Seis é veiculado de segunda a sexta-feira, das 18h às 19h, na rádio FM Reis Magos, frequência de 96,7 MHz. O programa é apresentado pelo diretor da emissora, Ênio Sinedino, com participação dos jornalistas Marco Aurélio Sá (professor aposentado de Jornalismo da UFRN e proprietário do periódico O Jornal de Hoje) e Túlio Lemos (blogueiro, ex-editor de O Jornal de Hoje, ex-repórter e apresentador da rádio CBN Natal e da TV Tropical). O jornalista Ciro Marques completa a equipe do programa, na função de produtor e redator. O radiojornal conta também com a participação de um locutor nas ruas sobre a situação do trânsito em dois momentos, do comentarista esportivo Edmo Sinedino (o mesmo que noticia esportes no Jornal 96), que traz as informações da editoria de esportes e do repórter Sérgio Costa com notícias e reportagens na área policial. Os formatos predominantes na programação são notícia, nota, comentário e entrevista.

Percebe-se uma predominância de assuntos de política, economia e cidades nas informações veiculadas. Verifica-se descontração contida na condução do programa, principalmente entre os apresentadores e na relação com os entrevistados, mas se mantém o tom de seriedade na apresentação das informações jornalísticas. Ao longo do jornal há veiculação de diversos anúncios publicitários, com testemunhal dos apresentadores. De todos os programas analisados, foi o único que apresentou veiculação de sonora/reportagem, dando legitimidade à narrativa do repórter.

As informações de polícia são noticiadas por um repórter que narra os acontecimentos, intercalados com sonoras dos personagens envolvidos, em uma espécie de formato similar à radioreportagem mista. Através da escuta radiofônica no período delimitado, não houve interação com os ouvintes, exceto pelos cumprimentos a aniversariantes e amigos dos apresentadores no início do programa. Entretanto, quando realizamos a observação participante, a equipe havia incorporado a utilização do *WhatsApp* como forma de interagir com o público.

Durante o período analisado nesta pesquisa as edições tiveram perfis semelhantes, que passamos a descrever:

- A edição de 11/05/2015 apresentou um apanhado das notícias locais de vários setores, especialmente as ocorridas naquele dia. Não houve menção a veículos de comunicação impressos, nem intervalos comerciais durante o programa. A publicidade esteve concentrada em cinco testemunhais dos apresentadores, falando sobre os anunciantes, sempre com trilha característica, distribuída entre os formatos jornalísticos. Foi realizada uma entrevista, ao final do programa, da área econômica. Em relação aos formatos radiofônicos, foram percebidos, nessa edição: quatro comentários, uma entrevista, uma nota, seis notícias, uma previsão do tempo, uma reportagem, cinco testemunhais e dois serviços de trânsito.

- A segunda edição analisada, referente ao dia 12/05/2015, também apresentou conteúdo informativo referente a fatos ocorridos naquele dia, privilegiando a esfera local. Nessa edição, os apresentadores leram e comentaram uma notícia veiculada em um jornal impresso local, tratando da questão da segurança pública. A publicidade ficou concentrada em cinco testemunhais dos apresentadores, a falar sobre os anunciantes, sempre com trilha característica, distribuída entre os formatos jornalísticos. A entrevista desse dia tratou de ações da política partidária. Em relação aos formatos radiofônicos, foram percebidos, nessa edição: cinco comentários, uma entrevista, quatro notas, cinco notícias, uma previsão do tempo, duas reportagens, cinco testemunhais e dois serviços de trânsito.

- A edição da quarta-feira, 13/05/2015 segue o mesmo perfil dos dias anteriores, mas difere-se na condução, por causa da ausência do apresentador. Não ocorreram menções a veículos de comunicação impressos, nem intervalos comerciais durante o programa. A publicidade foi concentrada em cinco testemunhais dos apresentadores, a falar sobre os anunciantes, sempre com trilha característica, distribuída entre os formatos jornalísticos. A entrevista deste dia tratou novamente de política, desta vez de conjecturas sobre a eleição municipal do ano seguinte. Uma das informações da editoria de polícia neste programa teve perfil semelhante aos dias anteriores, com narração dos acontecimentos, intercalada por

sonoras de um personagem envolvido, em uma espécie de formato similar à radioreportagem mista; a segunda informação foi noticiada pelo repórter, mas sem veiculação de sonora. Em relação aos formatos radiofônicos, foram percebidos, nessa edição: quatro comentários, uma entrevista, três notas, oito notícias, uma previsão do tempo, uma reportagem, cinco testemunhais e dois serviços de trânsito.

- Na edição da quinta-feira, 14/05/2015, o apresentador retornou ao programa, mas outro dos jornalistas esteve ausente, por problemas de saúde. Neste dia, os comentaristas abordaram assuntos do noticiário, intercalando com informações advindas de um blogue editado por um dos jornalistas. A publicidade esteve concentrada em cinco testemunhais dos apresentadores, a falar sobre os anunciantes, sempre com trilha característica, distribuída entre os formatos jornalísticos. A entrevista deste dia tratou de assunto da área social. Em relação aos formatos radiofônicos, foram percebidos, nessa edição: quatro comentários, uma entrevista, cinco notas, seis notícias, uma previsão do tempo, duas reportagens, quatro testemunhais e dois serviços de trânsito.

- A edição de 15/05/2015 seguiu o mesmo perfil dos dias anteriores, também com a ausência de um dos apresentadores. A publicidade ficou concentrada em cinco testemunhais dos apresentadores, falando sobre os anunciantes, sempre com trilha característica, distribuída entre os formatos jornalísticos. A entrevista deste dia tratou de um evento cultural que ocorrera durante toda a semana, mas que não havia sido mencionado em nenhum dos noticiários analisados em qualquer dia daquela semana. Na área policial, o repórter fez a apresentação de uma radioreportagem mista como nos dias anteriores, intercalando narrativa e sonora e realizou uma radioreportagem simultânea, direto do local do acontecimento, inclusive, com entrevista, ao vivo, a um oficial do batalhão de choque da polícia militar. Em relação aos formatos radiofônicos, foram percebidos, nessa edição: quatro comentários, uma entrevista, três notas, sete notícias, uma previsão do tempo, duas reportagens (uma mista e outra simultânea), cinco testemunhais e dois serviços de trânsito.

A observação dos relatórios diários permite afirmar que o programa tem se organizado em uma estrutura que privilegia as notícias de trânsito e cidades no início das edições. Em seguida são apresentadas as informações da área de política, economia, esportes e polícia, possibilitando a inclusão de notícias de outros assuntos a intercalar os blocos temáticos.

Para as entrevistas, não foi convidada nenhuma personalidade representante de categorias populares ou sindicais noticiadas no programa, estando a informação unicamente

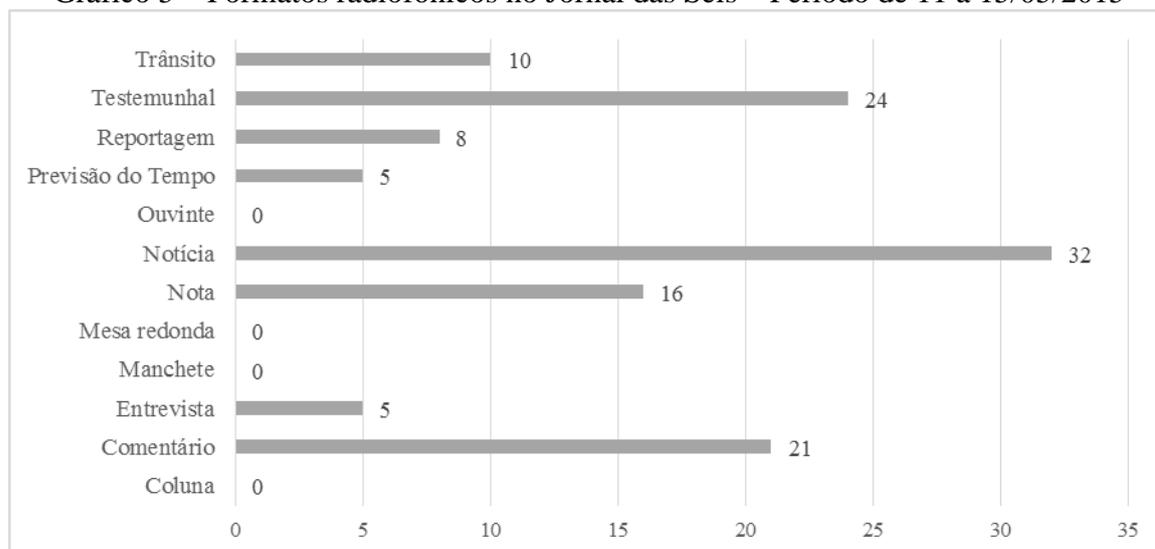
concentrada nas fontes escolhidas pela equipe de produção do radiojornal. A tabela e o gráfico a seguir mostram a distribuição dos formatos por cada edição analisada:

Tabela 12 – Formatos radiofônicos no Jornal das Seis – Período de 11 a 15/05/2015

Formato	11/05	12/05	13/05	14/05	15/05	Total	%
<i>Coluna</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Comentário</i>	4	5	4	4	4	21	17%
<i>Entrevista</i>	1	1	1	1	1	5	4%
<i>Manchete</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Mesa redonda</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Nota</i>	1	4	3	5	3	16	13%
<i>Notícia</i>	6	5	8	6	7	32	26%
<i>Ouvinte</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Previsão do Tempo</i>	1	1	1	1	1	5	4%
<i>Reportagem</i>	1	2	1	2	2	8	7%
<i>Testemunhal</i>	5	5	5	4	5	24	20%
<i>Trânsito</i>	2	2	2	2	2	10	8%
Total	21	25	25	25	25	121	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 5 – Formatos radiofônicos no Jornal das Seis – Período de 11 a 15/05/2015



No dia 02/09/2015, realizamos uma visita técnica à rádio Reis Magos FM para acompanhar, diretamente do estúdio da emissora, o desenrolar da transmissão do Jornal das Seis. A nossa chegada à sede da emissora ocorreu 50 minutos antes do início da edição, quando não estavam na emissora nem o produtor-redator, nem os apresentadores. O produtor chegou quando faltavam 30 minutos para o início do programa, dedicando-se à finalização do script do radiojornal. Ingressamos no estúdio no momento do início do programa.

No dia em que realizamos a observação, um dos apresentadores esteve ausente. Na bancada onde é apresentado o programa continha um computador, a partir do qual um dos

apresentadores acompanha o script. O outro apresentador fez a leitura a partir de um tablet. O operador de áudio também tinha acesso ao script do programa em computador.

O programa iniciou com a escalada, ressaltando os destaques, lidos em sistema de revezamento entre os apresentadores. Os apresentadores conversavam descontraidamente. Logo após, entraram no ar as informações de trânsito, relatadas por um profissional da emissora que estava nas ruas, acompanhando a situação. O script contemplava, além das informações jornalísticas, o texto dos testemunhais em destaque e indicação para que os apresentadores leiam os comentários enviados para a rede social *WhatsApp*. Após a leitura das notícias, os próprios apresentadores fizeram comentários sobre o assunto, os quais não estão previstos no script.

O radiojornal conta também com a participação de um profissional para informar e comentar os acontecimentos da área esportiva. Nesse momento, ao noticiarem sobre um campeonato de futebol, o operador de áudio possibilitou ficar disponível, em uma televisão, um portal de notícias com resultados de jogos e classificação do campeonato, para que os apresentadores e o comentarista pudessem repassar as informações atualizadas para os ouvintes. Mesmo consultando o portal, os jornalistas não informaram a fonte consultada.

O entrevistado chegou ao estúdio faltando vinte minutos para o término do radiojornal. A entrevista teve início seis minutos depois. No roteiro do programa, estavam indicadas algumas sugestões de temas a serem abordados na entrevista, mas os apresentadores tinham liberdade para elaborar as perguntas que desejassem. Ainda antes do encerramento, um dos apresentadores leu duas perguntas enviadas por ouvintes através da rede social *WhatsApp*. Em seguida, o programa foi encerrado.

Após o término do radiojornal, realizamos entrevista com o produtor-redator do programa, *Ciro Marques*, que forneceu informações sobre execução, conteúdo e avaliação do radiojornal estudado e de como observa o radiojornalismo em Natal-RN. No dia da entrevista, fazia menos de quatro meses que o profissional tinha começado a trabalhar na produção e redação do *Jornal das Seis*, motivo pelo qual não sabia dar informações precisas sobre o tempo em que o programa está no ar. Em contato posterior, obtivemos a informação de que o radiojornal surgiu há quatro anos, inicialmente com um formato de boletim informativo de aproximadamente quatro minutos e, depois, a direção da emissora percebeu que seria interessante aumentar o tempo do programa, culminando com o formato veiculado durante a pesquisa de campo.

A equipe de profissionais que atua no Jornal das Seis é totalmente contratada pela emissora. O programa, segundo o produtor, privilegia notícias de política por orientação da direção da emissora.

(...) geralmente são três notícias de política local, uma que varia entre política nacional ou economia e uma de cidades. Isso eles vão ler as notícias e vão comentar. Aí depois vêm duas notícias de esporte, duas notícias de política. Basicamente o jornal é composto desse esqueleto. E por quê? Porque ele tem um viés, até pelo perfil dos comentaristas, de Túlio e de Marco Aurélio, eles são pessoas mais ligadas com política. E, segundo Ênio [diretor da emissora], esses são os assuntos que repercutem mais no programa de rádio. Por isso que a gente acaba priorizando mais política. (MARQUES, 2015, *não paginado*)

De acordo com Marques (2015), as notícias veiculadas no Jornal das Seis são redigidas especificamente para o programa, mas advêm de diversas fontes. Há uma preocupação para que as notícias sejam mais recentes, com o objetivo de deixar o noticiário mais “quente”. O redator se esforça para, diariamente, dar notícias em primeira mão ou com alguma exclusividade e o critério para veicular é a repercussão do fato.

Os profissionais não realizam uma reunião para definir os assuntos que serão abordados no programa, havendo liberdade para que o produtor-redator escolha o que deve ter destaque em cada edição. Um grupo na rede social *WhatsApp* permite que os profissionais conversem sobre os temas e façam ponderações sobre o que é sugerido pelo produtor.

O Jornal das Seis foi o único programa acompanhado por esta pesquisa que apresenta sonoras e reportagens em sua execução, sempre sobre assuntos policiais. Verificamos que o profissional que cobre a referida área atua com equipamento próprio e envia o áudio das sonoras por e-mail para o programador da emissora. Depois, ele faz uma participação por telefone, dando uma pausa para que seja veiculada a sonora de algum personagem. O assunto será detalhado em item específico.

Sobre a qualidade do radiojornal, o produtor avalia que o programa “é muito bom, muito bom mesmo, mas (...) eu acho que sempre dá pra melhorar. E tem algumas coisas que a gente pode aprimorar mais, como por exemplo, essa questão dos áudios, pra deixar o programa até mais **dinâmico**” (MARQUES, 2015, *não paginado*, ênfase nossa). Para ele, o radiojornal se diferencia por ser um noticiário comentado, sem se tornar tedioso. A notoriedade dos comentaristas e a interação via redes sociais, além de uma cobertura policial, também são creditados pelo produtor como importantes para a qualidade do Jornal das Seis.

O cenário do radiojornalismo em Natal, na opinião do profissional entrevistado, tem crescido em qualidade, sobretudo por causa da concorrência. Além disso, há uma atração

de patrocinadores para o horário dos programas jornalísticos. Para o profissional, o rádio se destaca porque faz com que os profissionais e o público se apaixonem pelo meio.

4.3 ASPECTOS TÉCNICOS COMPARATIVOS

A descrição dos radiojornais em observação nos ajudou a compreender mais sobre a maneira como são estabelecidas as rotinas de produção em radiojornalismo, sobretudo as utilizadas em Natal-RN. Com esse intuito, estabelecemos alguns itens comparativos para evidenciar as semelhanças e diferenças entre os quatro programas analisados, como é possível verificar na tabela a seguir. Os dados foram obtidos através de escuta radiofônica, observação participante e entrevistas com os profissionais das emissoras.

Tabela 13 – Itens comparativos entre os radiojornais analisados

Item de comparação	Jornal da Cidade	Jornal 96	Jornal da Noite	Jornal das Seis
Equipe	2 pessoas	6 pessoas	5 pessoas	7 pessoas
Vínculo empregatício com a emissora	Não	Sim	Não	Sim
Quantidade de blocos	4 blocos	2 blocos	2 blocos	1 bloco
Conteúdo comercial dentro do programa	Não	Sim	Sim	Sim
Temas prioritários	Política e economia	Assuntos do dia	Assuntos do dia	Política
Script	Não	Sim, flexível	Sim, flexível	Sim, flexível
Fontes de informação	Agências nacionais; blogue Visor Político; Jornal impresso	Sites, jornais, Portal Nominuto.com, redes sociais e fontes próprias	Sites, jornais, blogues, redes sociais e fontes próprias	Portais e fontes próprias
Reunião de pauta	Não	Não	Não	Não
Produção de perguntas para entrevista	Não	Às vezes	Não	Listagem de temas
Presença de radioreportagem	Não	Não	Não	Sim
Importância da radioreportagem – opinião do profissional	Relativa	Faz falta	Alto custo/Não interessa	Inserção de áudios para deixar o noticiário mais dinâmico
Permite improvisação?	Sim	Sim	Sim	Sim

MÍDIAS SOCIAIS PRÓPRIAS DOS PROGRAMAS				
Facebook	NÃO	NÃO	NÃO	SIM (inativo)
Twitter	NÃO	SIM (inativo)	SIM	SIM
Instagram	NÃO	SIM (bloqueado)	SIM	SIM
WhatsApp	NÃO	NÃO	SIM (emissora)	SIM (emissora)

Fonte: elaborado pelo autor.

A observação e leitura minuciosas desses dados permitem perceber que os radiojornais das emissoras comerciais de Natal, em geral, contam com uma equipe média de cinco profissionais na produção de conteúdo para o programa, sendo estes contratados pela própria emissora apenas no caso da rádio Reis Magos (96 FM). Os demais programas são realizados por pessoas que comercializam uma faixa de horário da programação das emissoras.

Em alguns casos, especificamente no Jornal da Cidade, observamos que o programa não tem produção exclusiva. Durante a edição acompanhada, o apresentador leu as notícias produzidas para outros veículos de comunicação, de suportes diferentes. Não obstante possam ocorrer problemas de compreensão por causa da linguagem utilizada, a prática é similar ao chamado *gilete press*, “eticamente condenável” (BESPALHOK, 2006, p. 133), por se tratar, muitas vezes, da apropriação de conteúdos produzidos por outros profissionais e veículos de comunicação, sem que isso fique claro para os ouvintes.

Em outros momentos, em pelo menos três dos programas analisados, o que acontece é uma circulação do conteúdo produzido para os veículos de comunicação – todos virtuais – que têm profissionais em comum com os radiojornais¹⁸. Por exemplo:

- o Jornal da Cidade divulgava conteúdo do blogue Visor Político e, neste, havia referências às entrevistas realizadas no radiojornal, uma vez que ambos são editados pelo mesmo profissional;
- o Jornal 96 divulga informações do portal Nominuto.com, que é de propriedade do editor do radiojornal. Além disso, uma redatora do portal é também locutora do programa e os áudios e vídeos das entrevistas realizadas no Jornal 96 são disponibilizados na íntegra, no portal;
- o Jornal da Noite divulga informações do blogue da jornalista Thaisa Galvão, que é uma das apresentadoras do programa. Por sua vez, ela grava, em vídeo, as entrevistas do radiojornal e as disponibiliza no blogue.

¹⁸ Inexistem relações formais entre os radiojornais e os respectivos veículos. Trata-se, mais propriamente, de um aproveitamento do conteúdo.

No Jornal da Noite e no Jornal das Seis, a utilização da rede social *WhatsApp* para interação com os ouvintes não parece ter objetivo muito claro. Em alguns casos, os ouvintes denunciam ou comentam sobre algum acontecimento, mas não há procedimentos (nem estrutura) no sentido de checagem da informação, nem em uma eventual transposição para a pauta ou conjunto de temas a serem abordados no programa. Na maioria dos casos, os comentários veiculados são elogios enviados pelos ouvintes. A maior utilidade do recurso se nota quando o público elabora perguntas para algum entrevistado.

Entendemos que a liberdade para improvisação em todos os programas também deveria ser utilizada de maneira criteriosa pelos apresentadores. Em geral, os comentários emitidos pelos profissionais não estão redigidos e são formulados de improviso. Muitas vezes, não refletem o tema em debate, suas causas, circunstâncias, alcance e consequências, tal como preconizam os conceitos de comentário apresentados por Barbosa Filho (2009), Lucht (2009) e Reis (2010), utilizados nesta pesquisa.

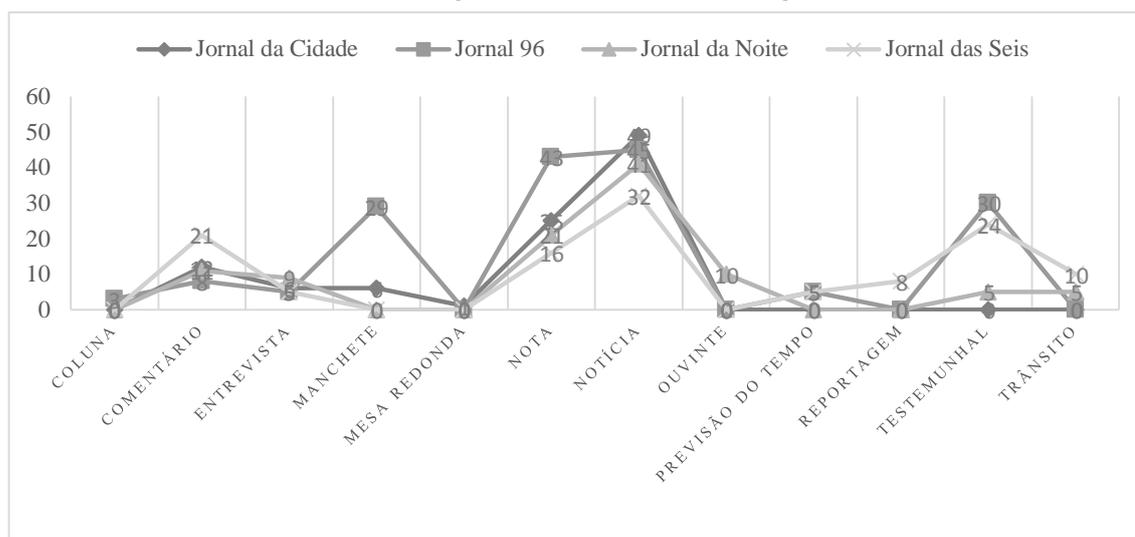
Ao adentrar a seara de formatos radiofônicos, compilamos, na tabela a seguir, o total de formatos encontrados ao longo de uma semana (11 a 15/05/2015) em cada um dos radiojornais e contabilizamos o percentual de cada formato. Ao todo, foram percebidas 490 ocorrências de 13 formatos radiofônicos distintos, ao longo das cinco edições dos quatro radiojornais. Dessas, oito são reportagens, o que representa 1,63% do total, correspondendo à percepção empírica que motivou esta pesquisa.

Tabela 14 – Contabilização de formatos nos radiojornais estudados

Formato	Jornal da Cidade	Jornal 96	Jornal da Noite	Jornal das Seis	Total	%
<i>Coluna</i>	0	3	0	0	3	0,61%
<i>Comentário</i>	12	8	11	21	52	10,61%
<i>Entrevista</i>	6	5	9	5	25	5,10%
<i>Manchete</i>	6	29	0	0	35	7,14%
<i>Mesa redonda</i>	1	0	0	0	1	0,20%
<i>Nota</i>	25	43	21	16	105	21,43%
<i>Notícia</i>	49	45	41	32	167	34,08%
<i>Ouvinte</i>	0	0	10	0	10	2,04%
<i>Previsão do Tempo</i>	0	5	0	5	10	2,04%
<i>Reportagem</i>	0	0	0	8	8	1,63%
<i>Testemunhal</i>	0	30	5	24	59	12,04%
<i>Trânsito</i>	0	0	5	10	15	3,06%
Total	99	168	102	121	490	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 6 – Contabilização de formatos nos radiojornais estudados



A função dos gráficos apresentados neste capítulo é identificar visualmente, no caso dos primeiros, a predominância de cada formato nos radiojornais estudados; e, neste último, a sobreposição das linhas de formatos em cada radiojornal, o que indica que os programas acabam tendo variação similar na utilização dos formatos.

As oito ocorrências registradas se referem a um formato identificado no Jornal das Seis, da rádio Reis Magos, 96 FM, que se assemelha à radorreportagem do tipo mista, pois há veiculação de sonoras em meio à narração, ao vivo, de um fato, realizada por um profissional. No item a seguir, fazemos uma análise mais detalhada das ocorrências que registramos no período analisado.

4.4 A REPORTAGEM NO JORNAL DAS SEIS

A escuta atenta aos programas revelou a presença de radorreportagens do tipo mista apenas no Jornal da Seis, da rádio Reis Magos, 96 FM. Todas as ocorrências são na área policial. As informações desse tema não são narradas pelos apresentadores do programa. A divulgação é feita pelo jornalista Sérgio Costa, que trabalha como repórter da rádio 96 FM e da TV Ponta Negra, com atuação no programa policial televisivo *Patrulha da Cidade*. O profissional é também criador e editor do Portal de Notícias B. O.¹⁹ (PORTAL B.O., 2015).

A participação do repórter de polícia no Jornal das Seis é precedida de uma vinheta com trilha sonora característica, o nome do programa, seguido de um som de sirene de

¹⁹ A sigla B. O. faz referência a boletim de ocorrência.

viatura policial, sobreposto com o trecho narrado “Polícia, com Sérgio Costa”. Em seguida, o som da sirene é elevado e interrompido. Neste momento, o apresentador do programa faz a chamada de conteúdo informativo, passando a palavra para o repórter. A participação deste, em todos os radiojornais analisados e acompanhados, foi realizada por telefone. Antes dos programas, o profissional enviou, por e-mail, trechos de sonora para serem utilizados no radiojornal.

Depois de lida a chamada, o repórter complementa a informação com outros dados para, em seguida, cumprimentar o apresentador e o público ouvinte, e voltar a narrar o fato. Durante a sua participação, ele descreve os fatos de maneira objetiva, sem emitir muitos comentários, nem julgamentos de valor. Geralmente, ele apresenta a narração de dois acontecimentos, podendo, em alguns casos, conter uma sonora, coletada no palco da ação.

Durante a semana em que ouvimos e elaboramos relatórios dos radiojornais em análise, observamos que o profissional participou do programa com duas informações, nos cinco dias, totalizando dez acontecimentos narrados. Em oito deles, utilizou áudios para ilustrar e complementar as informações. Nas oito ocorrências, o repórter, depois de relatar o fato, sinaliza que será ouvido um trecho da conversa/entrevista que ele teve com um personagem envolvido. Essa sinalização, conhecida como “deixa”²⁰, acontece geralmente informando que ele, o repórter, conversou com o personagem ou informando que este explicou algum fato.

Em três das ocorrências, o trecho sonoro veiculado contemplou, inclusive, perguntas que o repórter fazia ao entrevistado, reforçando alguma informação. Em todos os trechos sonoros é possível, inclusive, perceber sons de fundo, como pessoas conversando, tilintar de chaves e objetos metálicos, fechamento de portas, entre outros. Estes sons indiciam que o repórter coletou a informação, muitas vezes, nas delegacias de polícia onde se encontravam os personagens.

Ao longo da semana, as participações do repórter policial versaram sobre os seguintes temas:

Tabela 15 – Participações de repórter policial no Jornal das Seis – 11 a 15/05/2015

Data	Formato	Assunto
11/05/2015	Radorreportagem mista	Novo túnel/Sistema penitenciário
11/05/2015	Notícia	Apreensão/Maconha
12/05/2015	Radorreportagem mista	Sequestro/Gerente
12/05/2015	Radorreportagem mista	Apreensão/Paredões de som

²⁰ “Sinal para começar ação ou fala” (MELLO, 2003, p. 72).

13/05/2015	Radorreportagem mista	Assaltos/Carros
13/05/2015	Notícia	Troca de tiros/Assaltantes
14/05/2015	Radorreportagem mista	Prisão/Procurador
14/05/2015	Radorreportagem mista	Mãe entrega filho
15/05/2015	Radorreportagem mista	Prisioneiro/Olhos Verdes
15/05/2015	Radorreportagem simultânea	Corpo encontrado em bueiro

Fonte: elaborado pelo autor.

Outra constatação acerca dos áudios veiculados durante a participação do repórter policial no Jornal das Seis é que não houve o processo de montagem da radorreportagem diferida completa. Não se percebeu a utilização de mais de um trecho sonoro em nenhuma reportagem. Os formatos também não contemplaram a completude dos cenários e versões, além de ser veiculada apenas a sonora de uma das partes envolvidas.

Na radorreportagem do dia 11/05/2015, que trata da descoberta, feita por agentes penitenciários e policiais militares, de um túnel em um presídio provisório da capital, foi veiculada apenas a fala de um agente relatando que as fragilidades do sistema penitenciário se devem a um problema político.

SONORA AGENTE: A questão é mais política, é mais administrativa do que operacional. A gente percebe que pode ter boa vontade, mas esbarra na falta de compreensão de alguns, que ao invés de observar o lado da dificuldade, da falta de material e investir. Conforme as verbas que chegam, eles olham em função da politicagem, de busca de votos, em busca de aparecer. Essa é a verdade. E assim a gente vai sofrendo, sofrendo por essas, com essas, com a consequência desse povo que é preso e foge sempre por conta desses túneis que nem acabou, nem vai acabar.

Uma reportagem que demonstrasse o máximo de informações sobre o assunto deveria, para ter uma atuação responsável, compreender o depoimento de uma autoridade competente para responder pelo sistema penitenciário, por exemplo, haja vista a gravidade da denúncia feita pelo agente. A mesma falta de cuidado acontece na reportagem da quinta-feira, dia 14/05/2015, que trata da prisão de um procurador, realizada no interior do estado. Na reportagem, o profissional ouve e veicula somente a versão do delegado de polícia responsável pela prisão do acusado, que teria cometido um assassinato em um posto de combustíveis. Seria mais ilustrativo ouvir o próprio acusado ou, até mesmo, alguma testemunha.

A prática de coletar a sonora de apenas uma fonte ocorreu em todas as participações do repórter de polícia observadas nesta pesquisa. O fato de não contemplar todas as versões dos fatos é, por si só, motivo para pensar se o enquadramento do formato encontrado no Jornal das Seis como uma radorreportagem pode ser considerado adequado.

No último dia dos cinco em que gravamos os radiojornais para análise, observamos uma participação diferente do repórter policial no Jornal das Seis. Depois de reportar o primeiro fato, o jornalista pede licença à equipe de apresentadores do programa para dar outra informação. Trata-se da descoberta de um corpo humano em um bueiro para escoamento de água e esgoto, nas proximidades de um cruzamento de duas ruas movimentadas da cidade.

A reportagem, ao vivo, acontece por volta das 18h40, horário em que, infere-se, há grande fluxo de veículos nas ruas. Durante a narração, o profissional informa o local em que se encontra, destaca que está na presença de agentes de segurança pública e fala sobre o acontecimento, inclusive descrevendo que ocorre, naquele momento, um isolamento da área e levantando hipóteses para a situação (morte de um mendigo ou assassinato de outra pessoa). Por fim, ele entrevista um sargento do batalhão de choque da Polícia Militar.

SÉRGIO: Ênio, eu queria pedir licença a vocês da mesa. Eu estou aqui neste momento na avenida Jaguarari, com a Alexandrino de Alencar. Os policiais do Batalhão de Choque e o Corpo de Bombeiros estão exatamente aqui, próximo a um bueiro, porque um corpo foi encontrado em um bueiro agora aqui, nessas, no cruzamento dessas duas importantes avenidas da zona leste da capital do estado. O pessoal ‘tá’ isolando, aguardando o Itep, pra saber o que realmente pode ter acontecido aqui: se trata-se de um mendigo ou se alguém foi assassinado. Rapidamente, Ênio, o sargento Pedro ‘tá’ aqui, do BPChoque. Sargento, vocês receberam essa informação e agora vocês estão fazendo esse trabalho, pra tentar encontrar ou ter mais informações sobre isso aqui. Ele ‘tá’ aqui ao nosso lado. Vou saber com ele aqui. Sargento, o que realmente vocês encontraram aqui? É um corpo?

SONORA SARGENTO: Positivo, a gente ia passando aqui na Alexandrino e fomos solicitados por populares, que informou que ‘tava’ tendo um fedor muito grande, já tinha uns dois ou três dias. A gente pensou que era algum animal morto no local. Quando a gente desceu da viatura, que a gente focou a lanterna lá pro final do túnel lá do bueiro, né? Foi ver, realmente, deu pra ver, visualizar um corpo lá no chão, lá embaixo, lá no bueiro. Agora ninguém sabe se foi acidente, se foi homicídio, ninguém sabe. Estamos aguardando, juntamente com a equipe dos bombeiros, para fazer o exame do corpo, pra saber realmente quando o Itep chegar se foi crime, se não foi crime. Aí só quando o Itep chegar para averiguar, pra saber realmente o que foi que houve.

SÉRGIO: Obrigado, Sargento Pedro! Então, Ênio, uma notícia em primeira mão, eu estou no local. E, com certeza, no nosso próprio, na nossa própria 96, teremos mais notícias sobre o que realmente aconteceu aqui no cruzamento da Jaguarari com a Alexandrino de Alencar. Ênio!

ÊNIO: Ok, Sérgio! Obrigado pelas informações! Boa noite, bom fim de semana e até segunda!

SÉRGIO: Até segunda! Um abraço para você, um abraço para todos!

Depois da participação do sargento, o repórter agradece a participação e diz que pode, a qualquer momento, retornar com mais informações sobre o fato e despede-se do apresentador. Entretanto, não há mais nenhum retorno sobre o fato no decorrer do radiojornal.

Percebemos, nessa situação, algumas características da reportagem simultânea descrita por Prado (1989). Observamos a presença no local, representada pelo ambiente acústico, uma vez que é possível perceber que a reportagem acontecia na rua, considerando os sons de carros e vozes ao fundo; a narrativa improvisada, percebida por meio de construções de frases demoradas ou sendo refeitas e elementos coesivos coloquiais; a entrevista com pessoas envolvidas, no caso, o sargento que acompanhava as buscas; o tempo de duração breve; e o estilo simples de narração.

4.5 REFLEXÕES SOBRE O JORNALISMO RADIOFÔNICO EM NATAL-RN

Conhecer a forma como são produzidos os radiojornais nas emissoras comerciais de Natal-RN e o espaço destinado à reportagem radiofônica nos respectivos programas permitem-nos elaborar algumas reflexões sobre o jornalismo radiofônico desenvolvido na cidade onde realizamos esta pesquisa. Essas considerações partem de um olhar de pesquisador que está, ao mesmo tempo, imerso no cenário, por tratar-se de profissional que atua no radiojornalismo público e, por este motivo, também pode se considerar fora do contexto das emissoras comerciais, conferindo isenção.

A inquietação que movimentou esta pesquisa surgiu do acompanhamento dos programas jornalísticos de rádio em Natal-RN na condição de ouvinte que busca conteúdo informativo, assim como o fazem outros ouvintes que, no acelerado ritmo de rotinas diárias, têm, muitas vezes, apenas os horários de deslocamento no trânsito para consumir conteúdo jornalístico e espera que o rádio possa cumprir essa necessidade.

A observação nos permite entender que o radiojornalismo em Natal-RN passa por uma carência evidente de repórteres, que possam buscar as informações diretamente no local em que os fatos noticiosos acontecem. Essa carência resulta em um radiojornalismo superficial, que não é calcado na apuração, princípio básico do jornalismo, independentemente da forma e suporte em que se veicula.

Outra percepção está nas precárias condições para desenvolvimento de conteúdo e checagem das informações. Não obstante existam poucos profissionais para a produção

jornalística nas emissoras, essas pessoas fazem com que os programas sejam veiculados graças à sua experiência em outros meios e veículos de comunicação (jornais impressos, televisão e internet).

As equipes reduzidas acabam por promover um conteúdo igualmente menos produzido e mais improvisado. A presença de um comentarista ou realização de mesa redonda para comentar assuntos do noticiário de forma esporádica parece mais uma estratégia para fazer o programa ocupar efetivamente o tempo destinado ao radiojornal na programação do que, propriamente, aprofundar a discussão em torno dos temas noticiados. Suspeitamos que uma observação mais atenta ao discurso produzido nessas ocasiões (mesas redondas ou presença de comentarista externo à equipe) demonstraria que não há acréscimo objetivo de opiniões, de dados e, até mesmo, de argumentos novos somente por haver uma quantidade maior de pessoas falando sobre aquele tema. As abordagens acabam não se complementando; apenas produzem discursos redundantes.

Um fator que permite o improviso na condução dos radiojornais é a utilização de scripts ou roteiros flexíveis. Há liberdade para que os jornalistas abordem os assuntos de maneira própria e repentina, fugindo, em alguns casos, do cerne do assunto que está sendo noticiado. Esse improviso, súbito muitas vezes, diminui a qualidade dos programas, especialmente no que se refere ao aprofundamento dos temas, porque as opiniões e impressões pessoais dos apresentadores expostas nos radiojornais estudados carecem, na maioria das vezes, de fundamentação.

A quantidade reduzida de profissionais faz com que, na percepção de alguns jornalistas, a audiência dos programas se dê não pela natureza informativa dos radiojornais, mas pela credibilidade que eles mesmos, experientes em outras mídias, trazem para o radiojornal que apresentam. Desconsidera-se que o produto gerado, mesmo com essa experiência, precisa de adaptação ao meio em que tenta se inserir, produzindo conteúdo que não utiliza as potencialidades do rádio. Os profissionais acreditam ainda que há associação direta da audiência do programa aos seus respectivos apresentadores, de modo que, na ausência de um destes, não acontece substituição. Prefere-se alterar o formato de apresentação em vez de se promover uma mudança provisória do apresentador.

Mesmo com condições insuficientes, há, claramente, demanda por conteúdo informativo no rádio local. Exemplo disso é o aumento na quantidade de horas dedicadas ao jornalismo radiofônico nas emissoras estudadas ao longo dessa pesquisa. Quando começamos nossa investigação nas FMs comerciais de Natal-RN, os radiojornais destas emissoras consumiam, diariamente, um total de quatro horas e meia da programação. Atualmente, esses

programas totalizam, por dia, seis horas e meia nas rádios comerciais, com previsão de aumento de mais uma hora no mês de novembro de 2015, a partir da criação de um novo programa jornalístico (Bate papo na Cidade) na rádio Cidade do Sol, 94 FM, das 18h às 19h (LIMA, 2015).

Uma característica também percebida na produção dos radiojornais das emissoras comerciais de Natal-RN é a inexistência de reunião de pauta em que se discutam os temas a serem noticiados nos programas. Os redatores e produtores atuam muito mais por intuição que por princípios editoriais. A ausência dessas reuniões acaba também por não permitir que os profissionais compartilhem fatos dos quais tiveram conhecimento por fontes diversas, incluindo as oficiais e as não oficiais. O que acontece nos radiojornais estudados é apenas a definição dos entrevistados, que ocorre, prioritariamente, através de uma rede social virtual.

As mídias sociais também não parecem ser utilizadas pelas equipes dos radiojornais como estratégia de comunicação. Segundo o portal Marketing de Conteúdo²¹, a rede social *Facebook* é a mais utilizada pelos brasileiros; “atingindo cerca de 64,82% dos acessos em todo o país, o *Facebook* já ultrapassou o número de acessos diários do *Google* no Brasil” (MARKETING DE CONTEÚDO, 2015). Enquanto isso, dos quatro radiojornais analisados, apenas um deles (Jornal das Seis) possui uma página no *Facebook*, criada em 2 de junho de 2015, mas sem nenhuma postagem posterior.

Em relação ao *Twitter* – quarta rede social virtual mais usada no Brasil, segundo o referido levantamento –, três dos quatro programas possuem perfis nessa mídia social. O perfil do Jornal 96 era pouco utilizado e foi descontinuado em 3 de setembro de 2015. O Jornal da Noite utiliza perfil para anunciar, em geral, os entrevistados e patrocinadores do programa. E o Jornal das Seis usa bastante o perfil para divulgar não só os principais destaques e entrevistas do programa, mas também declarações dos entrevistados.

O *Instagram*, por sua vez, é a sexta mídia social mais usada no país e é utilizada também por três dos quatro radiojornais estudados. O Jornal 96 possui perfil com 18 postagens, mas a conta é privada e não foi possível identificar quando foram realizadas as postagens e qual a sua regularidade. O Jornal da Noite utiliza a mídia para informar quem são os entrevistados de cada edição, bem como para divulgar, durante a entrevista, uma fotografia do momento. E o Jornal das Seis também possui perfil no *Instagram* com poucas postagens, concentradas todas em uma semana, divulgando imagens das entrevistas ou dos apresentadores na condução dos programas.

²¹ Pesquisa divulgada pelo portal em 11 de junho de 2015.

O aplicativo de comunicação instantânea *WhatsApp* foi citado em todas as entrevistas como forma de contato entre os profissionais dos radiojornais. Em relação ao público, três dos quatro programas utilizam o aplicativo para receber comentários dos ouvintes. São divulgados, em geral, elogios, perguntas aos entrevistados ou denúncias de ocorrências, as quais acabam não sendo checadas. Esses três programas não utilizam contas específicas dos radiojornais para comunicação com os ouvintes. Em todos os casos, as contas utilizadas para os radiojornais são as mesmas usadas pelas emissoras para interagir com o público em outros programas, como os de entretenimento.

Percebemos ainda que apenas o Jornal da Cidade não possui perfil em nenhuma das citadas mídias sociais. Não obstante, o referido programa é o que tem a equipe mais reduzida e, durante sua veiculação, não conta com nenhum profissional trabalhando na produção, que tivesse disponibilidade, por exemplo, para divulgar o que ocorre no radiojornal, a exemplo do que se percebe no Jornal da Noite e no Jornal das Seis.

A pouca utilização das mídias sociais resulta em outra reflexão: os programas têm pouca interação com o público. E isso não é resumido às redes sociais virtuais. Verifica-se que os radiojornais não divulgam para os ouvintes nenhuma forma de contato como e-mails ou telefones, exceto a conta de *WhatsApp*, que, como já dissemos, não é exclusiva dos radiojornais e, com certeza, não será acompanhada pelos jornalistas, uma vez que a conta ficará à disposição dos outros programas que compõem a grade da emissora.

Como os programas não divulgam as formas como o público pode interagir com os profissionais que produzem o radiojornal, é restrita também a possibilidade dos radiojornais divulgarem e verificarem informações repassadas pelo público ouvinte. Dessa forma, a origem das informações fica restrita às fontes oficiais, como assessorias de imprensa e a outros veículos de comunicação.

A situação é como uma “bola de neve”. A falta de contato com fontes não oficiais restringe a possibilidade de noticiar acontecimentos inéditos, o que daria ao programa a chance de veicular material produzido por seus próprios profissionais, que poderiam ir à origem dos assuntos e captar, inclusive, áudios e sonoras. Esses, por sua vez, permitiriam a montagem de uma narrativa que aproveitasse as características da linguagem radiofônica, sendo a radioreportagem sua expressão máxima, porque concatena os diversos recursos sonoros. Esses recursos, como reconheceu Marques (2015), tendem a dinamizar o programa, o que, por natureza, têm condições de atrair o público, que se identificaria mais com o noticiário. Maior audiência representa mais argumentos na busca por anunciantes ou pela valorização do programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada de novos meios de comunicação sempre provocou a expectativa de falência dos meios tradicionais. Entretanto, os novos meios trazem junto o excesso e redundância das mensagens, que ultrapassa a capacidade do público de apreendê-las. Com isso, as mídias tradicionais subsistiram a partir da qualidade mais acentuada de suas produções e da adaptação às tecnologias.

O desenvolvimento tecnológico que ameaçou a extinção do rádio – e de outros meios de comunicação – também impulsionou a melhoria técnica, o que, por consequência, tende a atrair o público, ao mesmo tempo em que permite mais opções para utilização do suporte. São fatores para o desencadeamento desse fenômeno a chegada de aparatos técnicos que possibilitam a melhoria do material sonoro e a liberdade de criação de rádios na internet (webrádios), as quais não dependem de concessão pública para operação.

As atribuições de um profissional de radiojornalismo passam, sobretudo, pela compreensão de que o rádio tem uma linguagem e características próprias e de que, embora tenham surgido outros veículos de comunicação em suportes diversos, continua sendo peculiar. A mobilidade do fazer jornalístico para rádio possibilita ao meio continuar a ser a forma mais instantânea de se comunicar um fato jornalístico.

Para a produção de uma notícia ou reportagem em meio impresso, leva-se o tempo da apuração, redação e impressão. Para o meio televisivo, que também pode ser móvel, o aparato técnico é mais complexo e as grades de programações são mais rígidas que no rádio. Para o ambiente virtual, o trabalho de redação também gasta mais tempo que o rádio, que pode, graças a técnicas de improvisação, ser mais veloz.

A linguagem radiofônica, por sua vez, é uma das mais complexas porque depende exclusivamente de elementos sonoros para comunicar, sendo necessário harmonizar a relação entre palavras, músicas, efeitos sonoros e silêncio. A utilização equivocada de um desses elementos pode comprometer a mensagem. A plasticidade de uma reportagem para o rádio deve fazer o ouvinte compreender o cenário onde os fatos acontecem.

De forma geral, essa pesquisa apresentou as características da radioreportagem e como esse formato se apresenta nas rádios comerciais de Natal-RN. Ao longo da investigação, destacamos a produção científica que tem o rádio como mídia principal, a partir dos estudos desenvolvidos prioritariamente pelo grupo de pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação. Nossa reflexão destacou

conceitos sobre gêneros e formatos radiofônicos e discutiu uma noção chave para entendermos a reportagem radiofônica no contexto em que nos inserimos.

A reportagem simultânea, ao vivo, possibilita ao ouvinte conectar o seu tempo ao tempo da vida real. Isso desperta interesse pela divulgação das informações. A reportagem diferida, por sua vez, permite o aprofundamento de temas, com a exploração máxima dos recursos sonoros, haja vista o tempo que se leva para a produção da narrativa. A radioreportagem mista se apropria dessas duas vantagens, especialmente quando há dificuldades de montagem da narrativa diferida.

Entretanto, não parece ser interesse dos profissionais que trabalham no rádio em Natal-RN propiciarem aos ouvintes o aprofundamento dessas informações. As razões para isso estão basicamente concentradas nas dificuldades e gastos para realizar radioreportagens. Mas, sabemos, estão disponíveis equipamentos tecnológicos sofisticados, leves e relativamente simples de manusear, os quais podem ser utilizados na captação de sonoras e ilustrações para a produção de reportagens. Sejam com gravadores ou smartphones ou, até mesmo, com os aparelhos telefônicos convencionais presentes nas emissoras e computadores básicos, torna-se relativamente fácil a elaboração de radioreportagens, aproveitando bem os recursos da linguagem radiofônica. Não é, contudo, o que acontece.

Um dos produtores entrevistados disse ser possível receber áudios até mesmo por um serviço de comunicação instantânea via internet. Os próprios smartphones já disponibilizam aplicativos que permitem edição do material sonoro de forma simplificada, agilizando a produção, o que derruba o argumento da quantidade reduzida de pessoal para produção das radioreportagens. O formato que estudamos, se bem elaborado, consegue naturalmente aprofundar os temas do noticiário, além de transportar o ouvinte para o cenário acústico da ação e aproximar as emissoras dos seus ouvintes e sem se tornar enfadonho.

A carência de reportagens radiofônicas nas emissoras comerciais de Natal-RN aponta para um problema maior, que é a produção jornalística em rádio na cidade. Sem dúvida, pelo que identificamos, não há uma cultura de jornalismo radiofônico com a busca precisa pela informação. O que vemos é ainda a reprodução de conteúdo disponibilizado em portais de notícias e jornais impressos, bem como a repercussão de assuntos já debatidos.

Verifica-se, ainda, carência de participação popular engajada na produção de conteúdo jornalístico pelas emissoras. O público informa-se pelo rádio, mas não é instado a ter consciência de que pode contribuir com a produção dos radiojornais. Essa aproximação pode acontecer de várias formas, como a disponibilização de linhas telefônicas, e-mails ou mídias sociais para contato.

A falta de conteúdo que esteja próximo ao ouvinte, dando a este uma visão mais aprofundada da realidade, reflete também o papel do jornalista perante a sociedade, especificamente no que diz respeito à construção da cidadania. Ao apurar um fato denunciado por um ouvinte em determinada comunidade, buscando as justificativas das autoridades para aquela situação, o jornalista está cumprindo uma função social própria da profissão.

A iniciativa de trazer conteúdo informativo para as rádios, entretanto, já é um ponto de partida interessante para pensar o fazer radiojornalístico. O rádio é tido como o primo pobre dos meios de comunicação. Essa concepção está nos bancos das universidades, que não privilegia as disciplinas associadas à área de rádio e também no mercado de trabalho, que paga baixos salários aos seus profissionais, os quais acabam precisando ocupar outros empregos para complementação de renda. Todos os jornalistas envolvidos na produção dos radiojornais de Natal-RN têm outros empregos e, aparentemente, o rádio é o local para onde eles destinam a menor quantidade de tempo laboral.

Os baixos salários e a falta de perspectivas para a carreira acabam sendo também um obstáculo para que os novos profissionais, iniciados nas graduações em comunicação social, possam se interessar por atuarem nesse meio. Além disso, os estudantes já chegam às universidades sem o hábito de ouvir rádio, como podemos detectar durante o estágio docência que fizemos em duas turmas do componente curricular “Oficina de Radiojornalismo” na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de julho a dezembro de 2014.

Ao terem contato com o meio e suas rotinas de produção, o interesse pela prática profissional radiofônica até surge, mas o pouco destaque dado a essa área acaba arrefecendo a motivação. Como poderia, então, o novo profissional de radiojornalismo chegar às emissoras e propor realizar algo diferente, inovador, se não recebeu, na universidade, qualificação suficientemente extensa para sua atuação?

Do outro lado, em algumas emissoras de rádio inexistem, até mesmo, uma sala de redação. Nesta pesquisa, percebemos que há radiojornais cujos profissionais não têm vínculo de qualquer natureza com as emissoras. O graduado em jornalismo acaba por não encontrar espaço para atuar como profissional nas emissoras comerciais de Natal-RN.

As ocorrências de radioreportagens verificadas em nossa pesquisa revelaram outros aspectos dessa realidade. As reportagens produzidas para o Jornal das Seis, por exemplo, só são possíveis porque o jornalista responsável pelas informações da área policial daquele programa também atua em outros veículos de comunicação e produz material para o Portal B. O. e para o programa televisivo Patrulha da Cidade. Infelizmente, a iniciativa não

busca aprofundar os temas da referida área de cobertura, pois o relato é apenas factual, sem descrever o contexto e os desdobramentos que cercam o fato policial.

Devemos reconhecer, entretanto, que a existência dos radiojornais em que há espaço para estabelecimento de debates, com realização de entrevistas com mais de dez minutos de duração, é uma iniciativa interessante, que parte do esforço dos profissionais em levar a informação para os ouvintes de rádio na faixa FM. O que falta é fazer com que eles saiam da acomodação e percebam que o espaço utilizado na programação das emissoras pode ser ampliado, com um noticiário que valorize as discussões e se aproxime dos interesses do ouvinte.

O uso associado das mídias sociais também pode ser melhor aproveitado. Por meio do *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Periscope* e *WhatsApp*, ao receber a denúncia de uma ocorrência e promover a ida de um repórter ao local, para coletar informações, apurar, ouvir as pessoas da comunidade, e em seguida buscar as respostas das autoridades competentes, o radiojornal tende a atrair a audiência daquela comunidade, que desejará acompanhar o programa a fim de conhecer os desdobramentos da denúncia realizada, além de estimular o envio de sugestões de pautas.

Outra carência evidente no jornalismo de rádio em Natal-RN – percebida por Rocha (2015), também observada em nossa pesquisa – é a ausência de profissionais noticiando fatos que acontecem à noite e nos finais de semana. Essa lacuna não se limita às rádios comerciais. Nas emissoras públicas, religiosas e comunitárias também não há veiculação de conteúdo informativo nesses horários, por não haver profissionais destinados à tarefa.

A responsabilidade por essa situação vivida pelo radiojornalismo em Natal-RN deve ser compartilhada entre empresários, profissionais, universidades, patrocinadores e tantos outros atores que compõem o sistema de produção de conteúdo radiofônico. Podemos dizer que, no contexto estudado, o ouvinte não tem suas demandas por informação supridas pelo rádio, devendo recorrer a outras mídias para saciar a necessidade de conteúdo jornalístico.

Para mudar tal situação, é preciso compreender que, por mais que falte vontade dos empresários em investir recursos financeiros e contratar equipes maiores, o espaço para o jornalismo tem se ampliado cada vez mais no rádio em Natal-RN. É preciso que esse espaço temporal seja melhor aproveitado. Há empresas que comercializam períodos de tempo na programação, que são utilizados apenas com comentários e informações centradas nos pontos de vista particulares dos produtores. Isso, no mínimo, não pode ser considerado jornalismo.

Espera-se que os profissionais encarem o desafio de produzir informação para o público como responsabilidade social e não meramente obtenção do lucro financeiro advindo dos anunciantes. A radioreportagem nesses programas só tende a melhorar a qualidade dos radiojornais e, com isso, atrair audiência, que renderia anunciantes com cifras maiores de investimentos.

As características do repórter de rádio, por sua vez, não são diferentes do profissional que atua no noticiário impresso, televisivo ou virtual. A ele, é necessário adicionalmente compreender o atributo de sensorialidade do rádio como princípio para produzir radioreportagens que envolvam o ouvinte. O simples fato de ser apaixonado pelo rádio não é suficiente. Criatividade, vontade, iniciativa e ousadia para conhecer e experimentar formatos novos e antigos são fundamentais.

Para este pesquisador, o percurso empreendido até aqui foi desafiador em muitos sentidos. Conciliar o mestrado e o trabalho, sem afastamento durante a maior parte do tempo, não foi fácil, sobretudo diante de problemas familiares que enfrentamos, o que levou a pesquisa a ficar estacionada por alguns meses. Também foi desafiador ir a campo, conhecer pessoalmente as emissoras e os profissionais que trabalham com informação pelas ondas sonoras em Natal-RN.

A experiência foi bastante interessante, principalmente porque conhecemos pessoas que, mesmo não aproveitando o máximo que o rádio pode oferecer, são apaixonadas e acreditam que vale a pena investir no meio. Não concordam com a morte do rádio, como profetizam alguns professores de Comunicação com os quais nos deparamos no decurso do mestrado. Se os profissionais acreditam nessa sobrevivência, é um sinal de que há esperança. Até porque isso só será possível se o conteúdo radiofônico se adaptar à nova realidade proporcionada por esse momento de convergência midiática. E quem vai fazer essa adaptação, essa reinvenção? Os profissionais, com conhecimentos teóricos e práticos e apoio das empresas, que, com certeza, também não pretendem ir à falência.

Acreditamos também que o conhecimento dos objetivos desta pesquisa pode ter despertado ou inquietado esses profissionais, de alguma forma, sobre o valor da reportagem radiofônica em seus programas. Ao questionarmos se a radioreportagem fazia falta aos radiojornais que produzem, as respostas vieram com o reconhecimento de que o formato agregaria valor e, em alguns casos, pressentimos o desejo de realizarem a experimentação se tivessem condições. Essa inferência foi mais perceptível nos profissionais que são efetivamente contratados das emissoras.

Sabemos que esta pesquisa não supre todas as lacunas presentes no radiojornalismo natalense. Há muito ainda o que estudar sobre esse cenário, que tem potencial para ser modificado. A nossa pesquisa deixa uma contribuição ao estado da arte, especialmente na conceituação, caracterização e classificação que julgamos claras para o termo, pelo menos para os fins da nossa análise. Acrescenta também dados à construção do cenário radiofônico de Natal-RN.

O mestrado nos trouxe muito mais que conhecimentos científicos. Esse período foi relevante em nossa formação pessoal e profissional. Retornamos ao trabalho em uma emissora de rádio com a certeza de desenvolver uma prática refletida, com olhar crítico ao que se produz, objetivando a melhoria dos produtos radiofônicos que desenvolvemos.

Conhecer as experiências exitosas do radiojornalismo brasileiro nos motivou e aumentou ainda mais o nosso desejo de fazer melhor. Cresce a paixão pelo meio que movimentou esta pesquisa. O que também evolui é a qualidade da atenção destinada aos estudantes de jornalismo que têm suas primeiras experiências profissionais a nosso lado na rádio Universitária FM, de Natal-RN, porque podemos contribuir em suas formações, promovendo a capacitação para se tornarem radiorepórteres de nível similar aos profissionais que viveram e fizeram a época de ouro do rádio.

O rádio não vai morrer. Vai se reinventar quantas vezes forem necessárias. Mas isso depende da colaboração e esforço de muitos, e nós queremos contribuir nesse processo. Esta dissertação é somente uma das muitas iniciativas possíveis. Ainda queremos fazer muito mais. Queremos fazer um radiojornalismo atuante, capaz de cumprir sua função social, que conquiste a todos os que o conhecerem em plenitude.

REFERÊNCIAS

- AGORA RN. **Portal Agora RN**. Disponível em: < <http://agorarn.com.br/>>. Acesso em 06 out. 2015.
- ANDRADE, Mônica Araújo. **Interação no rádio**: a participação do ouvinte no programa Debates do Povo. Natal-RN: PPGEM/UFRN, 2014. (Dissertação de mestrado)
- BARBERO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BARBERO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de jornalismo para rádio, TV e novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e programas em áudio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, Renato Delmanto. **O programa Voz do Brasil e os critérios de noticiabilidade na cobertura do “apagão” elétrico**. In: FACULDADE CÁSPER LÍBERO. 10º Interprogramas de mestrado da Faculdade Casper Líbero. São Paulo, 2014, p. 1-13.
- BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **A prática da reportagem radiofônica na emissora continental do Rio de Janeiro**. Bauru-SP: UNESP, 2006 (dissertação de mestrado).
- BEZERRA, Eugênio; GALVÃO, Thaisa. **Entrevista concedida ao autor**. 03 set. 2015.
- BIANCO, Nélia R. Del. Cautelas, riscos e incertezas na implantação do rádio digital no Brasil. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. Del (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom/Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 25-44.
- BIANCO, Nélia R. Del. O tambor tribal de McLuhan. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do rádio**: textos e contextos (volume I). Florianópolis-SC: Insular, 2005, p. 153-162.
- BONIN, Jiani A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 37, dezembro de 2008, p. 121-127.
- BRASIL. Decreto nº 8.139, de 07 de novembro de 2013. Dispõe sobre as condições para extinção do serviço de radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local, sobre a adaptação das outorgas vigentes para execução deste serviço e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, ano 150, n. 218, 08 nov. 2013. Seção I, p. 1-2.
- BRASIL. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 2014.
- BRASIL. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 2015.

CAPES. **Banco de teses**. Disponível em: < <http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2015.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

COMPÓS. **Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Disponível em: < <http://www.compos.org.br>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

COSTELLA, Antonio F. **Comunicação – do grito ao satélite**: história dos meios de comunicação. 5. ed. Campos do Jordão-SP: Mantiqueira, 2002.

DANTAS, Diógenes. **Entrevista concedida ao autor**. 09 set. 2015.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 62-83.

ESCH, Carlos Eduardo. O futuro dos comunicadores e a reinvenção do rádio. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. Del (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom/Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 75-91.

FELICE, Mauro de. **Jornalismo de rádio**. Brasília: Thesaurus, 1981.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (Orgs.). **E o rádio?**: novos horizontes midiáticos (Ebook). Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrês da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 280-304.

FREIRE, Libny Silva. **Forró eletrônico**: uma análise sobre a representação da figura feminina. Natal-RN: PPGEM/UFRN, 2012. (Dissertação de mestrado)

GANZ, Pierre. **A reportagem em rádio e televisão**. Lisboa: Inquérito, 1999.

IBICT. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br>>. Acesso em: 20 set. 2015.

IBOPE. **Um novo cenário para o consumo de mídia**. Ibope Media, 2014. Disponível em: <<http://www.ibopemedia.com/um-novo-cenario-para-o-consumo-de-midia/>>. Acesso em 01 out. 2015. Infográfico.

_____. **Antropomedia**. Ibope Media, 2015a. Disponível em: <<http://www.ibopemedia.com/antropomedia/>>. Acesso em 01 out. 2015. Infográfico.

_____. **Book de rádio**. Ibope Media, 2015b. Disponível em: <<http://www.ibopemedia.com/book-de-radio/>>. Acesso em 01 out. 2015. Infográfico.

INTERCOM. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação**. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br>>. Acesso em: 20 set. 2014.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LIMA, Eliana. Vem aí em novembro, o programa “Bate papo na Cidade”... In: **Instagram**. Disponível em: <https://instagram.com/p/80s7Kgmb1K5t-XsV_IBJ1s7WX3Jb8SLQsewaA0>. Acesso em 15 out. 2015.

LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnica de radiojornalismo**. Brasília: Instituto de Ciência da Informação, 1970.

LINS, Maria Elza Alves dos Santos; PAIVA, Marlúcia de. **A história das escolas radiofônicas: uma prática político-educativa da igreja católica do Rio Grande do Norte**. Disponível em <<http://www.afirse.com/archives/cd3/tematica2/052.pdf>>. Acesso em 03 jul. 2015.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LOPES, Nadini de Almeida. **Rádiorreportagem: referências para a prática, o ensino e a pesquisa**. São Paulo: ECA-USP, 2013. (Dissertação de mestrado)

LUCHT, Janine Marques. **Gêneros radiojornalísticos: análise da Rádio Eldorado de São Paulo**. São Bernardo do Campo-SP: UNIMESP, 2009. (Tese de Doutorado)

MARKETING DE CONTEÚDO. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil?** Disponível em: <<http://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em: 07 out. 2015.

MARQUES, Ciro. **Entrevista concedida ao autor**. 02 set. 2015.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARTINEZ-COSTA, M. P.; HERRERA, S. **Qué son los géneros radiofónicos y por qué deberían importarnos** (2005). Disponível em: <http://gmje.mty.itesm.mx/articulos3/articulo_7.html>. Acesso em: 17. out. 2005: 15:30 (acessado em 6 jul. 2015).

MCLUHAN, Marshall. Rádio: o tambor tribal. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do rádio: textos e contextos** (volume I). Florianópolis-SC: Insular, 2005, p. 143-152.

MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do rádio: textos e contextos** (volume I). Florianópolis-SC: Insular, 2005.

_____. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular/Ed. da UFSC, 2007.

MELLO, José Guimarães. **Dicionário multimídia**: jornalismo, publicidade e informática. São Paulo: Arte&Ciência, 2003.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidade**: vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?**: como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Migração das rádios AM para a faixa FM** (12/11/2013). Disponível em: <<http://www.comunicacoes.gov.br/acoes-e-programas/radiodifusao/migracao-das-radios-am>>. Acesso em 13 fev. 2015.

_____. **MiniCom autoriza rádios AM do Rio Grande do Norte a migrar para faixa FM** (25/08/2014). Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radio-e-tv/noticias-radio-e-tv/32026-minicom-autoriza-radios-am-do-rio-grande-do-norte-a-migrar-para-faixa-fm>>. Acesso em 13 fev. 2015.

MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. Del (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom/Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

NOMINUTO.COM. **Portal Nominuto**. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/>>. Acesso em 14 set. 2015.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação de conteúdo. 4. ed. São Paulo: Summus, 1985.

PARADA, Marcelo. **Rádio**: 24 horas de jornalismo. São Paulo: Panda, 2000.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 125-145.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo Jovem Pan**. São Paulo: Ática, 1993.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PRATA, Nair. Pesquisa em rádio no Brasil – o protagonismo do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. In: OLIVEIRA, Madalena; PRATA, Nair. **Rádio em Portugal e no Brasil**: trajetória e cenários. Braga: CECS/Universidade do Minho, 2015, p. 219-237.

PRATA, Nair; MUSTAFA, Izani; PESSOA, Sônia. **Teóricos e pesquisadores de rádio no Brasil**. INTERCOM. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza, 2012, p. 1-15.

POLÍTICA EM FOCO (blogue). Disponível em <<http://blog.tribunadonorte.com.br/politicaemfoco>>. Acesso em 25 ago. 2015.

PORTAL B.O. **Quem somos**. Disponível em: <<http://portalbo.com/quemsomos>>. Acesso em 17 set. 2015.

REIS, Clóvis. **Na fronteira da persuasão: os gêneros jornalísticos nas emissoras de rádio.** Blumenau-SC: Edifurb, 2010.

ROCHA, Jeferson Luís Pires. **Processos de produção em radiojornalismo: um estudo sobre a construção da notícia local nas rádios CBN Natal e CBN João Pessoa.** João Pessoa-PB: UFPB, 2015 (Dissertação de mestrado).

ROCHA, Jeferson Luís Pires; SILVA, Luiz Custódio. **A influência dos jornais impressos na construção das notícias da capital potiguar veiculadas no programa CBN Natal.** In: INTERCOM. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa-PB, 2014, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1280-1.pdf>>. Acesso em 22 set. 2014.

SILVA, Karoline Maria Fernandes da Costa e. **A informação no radiojornalismo em ambiente de convergência: a gradativa desvalorização da prática da reportagem.** In: INTERCOM. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza, 2012, p. 1-14.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 51-61.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 98-109.

TUDO RÁDIO (portal). Disponível em: <<http://tudoradio.com/>>. Acesso em 10 fev. 2015.

UFRN. **Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia/CCHLA.** Disponível em: <www.posgraduacao.ufrn.br/ppgem2>. Acesso em: 03 out. 2015.

VIANA, Alex. **Entrevista concedida ao autor.** 01 set. 2015.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para jornalistas apaixonados.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

VISOR POLÍTICO (blogue). Disponível em: <www.visorpolitico.com.br>. Acesso em 30 jul. 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA REALIZADA PELA PLATAFORMA GOOGLE

PESQUISA SOBRE RADIOJORNALISMO EM NATAL

Essa pesquisa pretende investigar como os ouvintes de rádio em Natal avaliam os jornais veiculados pelas principais emissoras de rádio FM de Natal.

Na sua opinião, que elementos são importantes para uma programação de rádio?*

- a. Música
- b. Informação
- c. Programas de Variedades
- d. Esportes
- e. Outro: _____

Como você ouve rádio? *

- a. Aparelho de som convencional/Televisão
- b. Celular/smartphone
- c. Computador/tablet/Internet
- d. Outro: _____

Você ouve jornais das emissoras de rádios? *

- a. Sim, ouço jornais das rádios de Natal
- b. Sim, ouço jornais das rádios de Natal e de outras rádios
- c. Sim, mas não ouço jornais das rádios de Natal
- d. Não ouço jornais de rádio

Você foi selecionado no filtro. Obrigado por aceitar o convite para participar dessa pesquisa!

Quais jornais das rádios de Natal você ouve? *

- a. Jornal do Meio-Dia. Rádio Universitária FM 88,9. Apresentação: Ednaldo Martins. Veiculação: segunda a sexta, às 12h
- b. Jornal da Cidade. Rádio Cidade FM 94,3. Apresentação: Alex Viana. Veiculação: segunda a sexta, às 07h
- c. Jornal da Noite. Rádio 95 FM. Apresentação: Juliana Celli e Eugênio Bezerra. Veiculação: segunda a sexta, às 18h30
- d. Jornal 96. Rádio 96 FM. Apresentação: Diógenes Dantas. Veiculação: segunda a sexta, às 07h30
- e. Jornal das Seis. Rádio 96 FM. Apresentação: Edmo Sinedino, Túlio Lemos e Marco Aurélio Sá. Veiculação: segunda a sexta, às 18h
- f. Repórter 98. Rádio 98 FM. Apresentação: Felinto Rodrigues e Robson Carvalho. Veiculação: segunda a sexta, às 18h30
- g. Boletins informativos
- h. Outro: _____

Que gêneros jornalísticos são fundamentais para um jornal no meio rádio? *

- a. Notas/Notícias
- b. Reportagens
- c. Entrevistas
- d. Previsão do Tempo
- e. Serviços de trânsito
- f. Outro: _____

O que você mais sente falta nos jornais das emissoras de rádio em Natal? * *(Marque apenas a opção que mais sente falta)*

- a. Notas/Notícias
- b. Reportagens
- c. Entrevistas
- d. Previsão do Tempo
- e. Serviços de trânsito
- f. Outro: _____

Os assuntos de quais editorias abaixo mais interessam? *

- a. Cidades/Geral/Cotidiano
- b. Comportamento

- c. Cultura
- d. Economia
- e. Esportes
- f. Polícia
- g. Política
- h. Saúde
- i. Turismo
- j. Outro: _____

Como você avalia a presença do gênero Reportagem nos jornais das emissoras de rádio em Natal? * *(A reportagem aqui é considerada como aquela em que um repórter noticia com a utilização de falas de outras pessoas, como especialistas e pessoas comuns, por exemplo.)*

- a. Em geral, todos os jornais apresentam reportagens
- b. Os jornais não possuem e eu não sinto falta disso
- c. Os jornais não veiculam reportagens e eu sinto falta

Quanto você concorda com a afirmação: "A reportagem, ouvindo fontes diversas, faz diferença para o jornalismo de rádio. Ouvir as vozes de outras pessoas dá maior credibilidade ao jornal."? *

- a. 1 Concordo Muito
- b. 2 Concordo
- c. 3 Não concordo nem discordo
- d. 4 Discordo
- e. 5 Discordo muito

Você ainda concorda continuar com a pesquisa? * *(Se concordar, marque sim e vamos coletar apenas informações pessoais para melhor organizar a pesquisa. Caso contrário, marque não e suas respostas serão descartadas.)*

- a. Sim
- b. Não

A pesquisa está finalizando. Vamos apenas coletar alguns dados pessoais. (Nenhum desses dados será divulgado.)

Sexo: *

- a. Masculino
- b. Feminino

Idade: *

- a. Até 18 anos
- b. De 18 a 30 anos
- c. De 31 a 45 anos
- d. De 45 a 60 anos
- e. Acima de 60 anos

Grau de escolaridade: * *(Marque apenas o nível de ensino concluído)*

- a. Alfabetizado ou analfabeto funcional
- b. Nível fundamental
- c. Nível médio
- d. Nível superior
- e. Especialização
- f. Mestrado
- g. Doutorado
- h. Pós-doutorado

Faixa remuneratória *

- a. Até 1 salário mínimo por pessoa da casa
- b. De 1 a 3 salários mínimos por pessoa da casa
- c. De 3 a 6 salários mínimos por pessoa da casa
- d. Acima de 6 salários mínimos por pessoa da casa

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Jornal:

Nome:

Função no programa:

Data da entrevista:

EIXO I: EXECUÇÃO

1. Há quanto tempo o radiojornal está no ar?
2. Como é composta a equipe que trabalha no radiojornal?
3. Qual a relação dos profissionais com a emissora?
4. Qual a função de cada profissional?
5. Que temas são abordados no programa? Há preponderância de algum tema? Por quê?
6. O radiojornal segue a um roteiro ou script?

EIXO II: CONTEÚDO

7. Quais as principais fontes de informação do radiojornal?
8. Que critérios são utilizados na escolha das notícias?
9. Existe reunião de pauta? Se sim, como acontece? Se não, por que não acontece?
10. Há produção (agendamento de entrevistas)?
11. O radiojornal possui reportagem? De que forma? Se não tem, por quê?
12. A emissora dispõe de estrutura para reportagem (carro, gravadores, editores)?
13. Para você, como se caracteriza a reportagem em rádio?

EIXO III: AVALIAÇÃO

14. Como você avalia a qualidade do radiojornal que produz?
15. Qual o diferencial do radiojornal que você produz?
16. E quais as principais dificuldades encontradas na produção desse radiojornal?
17. E em relação ao cenário de Natal, como você vê a produção de radorreportagens?
18. Como você avalia a qualidade dos programas jornalísticos das outras emissoras?
19. Na sua opinião, ainda vale a pena investir em radiojornais em Natal? Por quê?
20. Há estudiosos que pregam a morte do rádio. Você concorda com isso? Justifique.

ANEXOS

ANEXO A – RELATÓRIOS DIÁRIOS DO JORNAL DA CIDADE

JORNAL DA CIDADE – DATA: 11/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	4 notas	Alex
3	Nota	Cidades	Leilão JF	Alex
4	Manchete Jornais Nacionais	Imprensa	Folha de São Paulo, Estado, O Globo, Correio Braziliense, Valor Econômico	Alex
5	Manchetes Revistas Semanais	Imprensa	Veja, Isto É, Época	Alex
6	Nota	Política	Blog Visor Político: Antonio Jacome candidato a prefeito	Alex
7	Nota	Política	Blog Visor Político: Dilma evita TV no dia das mães	Alex
8	Nota	Política	Blog Visor Político: Planalto/Ajuste	Alex
9	Nota	Política	Blog Visor Político: Indicado/Dilma	Alex
10	Nota	Política	Blog Visor Político: Operação/Lavajto	Alex
11	Nota	Política	Blog Visor Político: Robinson descarta reajuste	Alex
12	Intervalo	Comercial		
13	Notícia	Política	Protesto/Dilma	Alex
14	Notícia	Política	Mossoró/Declaração Beto Rosado PP	Alex
15	Comentário	Política	Destaques da entrevista de Robinson à Tribuna do Norte	Alex
16	Notícia	Nacional	ADIN/Aposentadoria Ministros STF	Alex
17	Notícia	Nacional	OAB/Indicação/Ministro STF	Alex
18	Nota	Política	Blog Visor Político: Escritórios/Sergio Moro	Alex
19	Intervalo	Comercial		
20	Notícia	Economia	Comércio/Promoções	Alex
21	Notícia	Cidades	Obras/Governo do Estado	Alex
22	Intervalo	Comercial		
23	Entrevista	Política	Dep. Fed. Antonio Jácome/Avaliação Conjuntura e Eleição para prefeito	Alex
24	Encerramento			

JORNAL DA CIDADE – DATA: 12/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	5 notas e 1 entrevista	Alex
3	Notícia	Cidades	Vacinação/Gripe	Alex
4	Notícia	Economia	Licitação/Porto	Alex
5	Notícia	Cidades	Monitoramento/Meningite	Alex
6	Notícia	Cidades	Paralisação/Penitenciários	Alex
7	Manchete Jornais Nacionais	Imprensa	Folha de São Paulo, Estado, O Globo, Correio Braziliense, Valor Econômico	Alex
8	Entrevista	Política	Dep. Est. Albert Dickson – Avaliação/Mandato (por telefone)	Alex
9	Nota	Política	Blog Visor Político: Temer acerta nomeações para acalmar PP	Alex
10	Nota	Política	Blog Visor Político: Eduardo Cunha acusa procurador de violar cunhada	Alex
11	Intervalo	Comercial		
12	Notícia	Política	Repercussão/Entrevista Robinson – Sindicatos	Alex
13	Notícia	Política	Reuniões/PMDB	Alex
14	Comentário	Política	Situação Política – Henrique Alves	Alex
15	Notícia	Nacional	Lava-jato/Indiciados	Alex

16	Intervalo	Comercial		
17	Nota	Cidades	Blog Visor Político: Acordo suspende efeitos de greve	Alex
18	Nota	Nacional	Blog Visor Político: Denúncia – Doleiro/Lula	Alex
19	Nota	Nacional	Blog Visor Político: Murrice/Mensalão	Alex
20	Nota	Cidades	Blog Visor Político: Retomada/Moradias populares	Alex
21	Nota	Cidades	Blog Visor Político: Promoção/Militares	Alex
22	Nota	Economia	Juros/Alta	Alex
23	Notícia	Economia	Balanco/Dia das Mães	Alex
24	Notícia	Economia	Aumento/Arrecadação SIMPLES	Alex
25	Notícia	Cidades	Relocação/Segurança	Alex
26	Comentário	Cidades	Diminuição/Criminalidade	Alex
27	Notícia	Cidades	Recurso/Terreno Presídio	Alex
28	Intervalo	Comercial		
29	Entrevista	Cidades	Sec. Chagas Fernandes – Educação/Estado	Alex
30	Nota	Política	Blog Visor Político: PT local/Sem doação	Alex
31	Nota	Cidades	Blog Visor Político: Prefeito – Concurso /Decoração Natalina	Alex
32	Encerramento			

JORNAL DA CIDADE – DATA: 13/05/2015 –

Participação de Anna Ruth Dantas

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	12 notas e 1 entrevista	Alex
3	Notícia	Cidades	Demissão/Grevistas	Alex
4	Comentário	Cidades	Greve/Judiciário	Anna Ruth/Alex
5	Notícia	Cidades	Auditoria/Unificação de fundos	Alex
6	Comentário	Cidades	Unificação/Previdência	Anna Ruth/Alex
7	Intervalo	Comercial		
8	Notícia	Esportes	Jogo/América	Alex
9	Notícia	Esportes	Jogo/ABC	Alex
10	Notícia	Nacional	Senado/Indicação STF	Alex
11	Comentário	Nacional	Indicação/Facchin STF	Anna Ruth/Alex
12	Nota	Nacional	Delação/UTC	Anna Ruth
13	Notícia	Política	PT/Mandato Marta Suplicy	Alex
14	Comentário	Política	Desfiliações partidárias	Anna Ruth/Alex
15	Notícia	Nacional	Collor/Denúncias/Janot	Alex
16	Comentário	Nacional	Ação/Collor	Anna Ruth
17	Intervalo	Comercial		
18	Notícia	Economia	Monitoramento/Devedores	Alex
19	Notícia	Economia	Venda/Títulos Petrobras	Alex
20	Comentário	Economia	Crise/Petrobras	Anna Ruth
21	Notícia	Economia	Honda/Recall	Alex
22	Notícia	Polícia	Túnel/Alcaçuz	Alex
23	Comentário	Polícia	Túneis nos presídios	Anna Ruth
24	Notícia	Polícia	Apreensão/Maconha	Anna Ruth
25	Intervalo	Comercial		
26	Entrevista	Saúde	Médico Marcos Vinicius de Moraes – Medicina hiperbárica	Alex
27	Comentário	Cidades	Previsão de fatos para a semana	Anna Ruth
28	Encerramento			

JORNAL DA CIDADE – DATA: 14/05/2015

Salão Nobre – Quadro no formato mesa redonda, em que são convidadas personalidades para comentar diversos temas do noticiário. Participantes: Carlos Alberto Medeiros (professor da UFRN), Jenner Tinôco (publicitário) e Zeca Melo (empresário – SEBRAE)

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	6 notas	Alex
3	Notícia	Cidades	Dengue/Números	Alex
4	Nota	Polícia	Redução/Criminalidade	Alex
5	Notícia	Economia	Demissão/Construtoras/MCMV	Alex
6	Mesa redonda	Economia	Crise na economia	Alex, Zeca, Jenner, Carlos Alberto
7	Notícia	Cidades	Meningite/Descartada	Alex
8	Manchete Jornais Nacionais	Imprensa	Folha de São Paulo, Estado, O Globo, Correio Braziliense, Valor Econômico	Alex
9	Manchetes Jornais Locais	Imprensa	Tribuna do Norte	Alex
10	Intervalo	Comercial		
11	Notícia	Cidades	Liberação/Terreno	Alex
12	Mesa redonda	Cidades	Avaliação/Segurança	Alex, Jenner, Carlos Alberto, Zeca Melo
13	Notícia	Cidades	Vetos/Lei dos transportes	Alex
14	Mesa redonda	Cidades	Sistema de transportes na capital	Alex, Zeca Melo, Jenner, Carlos Alberto
15	Notícia	Cidades	Greve/Justiça RN	Alex
16	Mesa redonda	Cidades	Greve no judiciário	Alex, Jenner, Carlos Alberto, Zeca Melo
17	Intervalo	Comercial		
18	Mesa redonda	Economia	Ações em Turismo	Alex, Jenner, Carlos Alberto, Zeca Melo
19	Encerramento			

JORNAL DA CIDADE – DATA: 15/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	6 notas e 2 entrevistas	Alex
3	Notícia	Cidades	Zikavírus/Brasil	Alex
4	Notícia	Polícia	Prisão/traficantes	Alex
5	Notícia	Cidades	Novas linhas/Estações de ônibus	Alex
6	Notícia	Cultura	Programação/Semana de Museus	Alex
7	Notícia	Economia	Voo/Itália	Alex
8	Manchete Jornais Nacionais	Imprensa	Folha de São Paulo, Estado, O Globo, Correio Braziliense, Valor Econômico	Alex
9	Notícia	Política	Deputados/Lava-jato	Alex
10	Nota	Cidades	Bloqueio/Empresas Lava-jato	Alex
11	Nota	Cidades	Blog Visor Político: Cobrança de tributos na CMN	Alex
12	Nota	Política	Blog Visor Político: PT realiza reunião de grupo de trabalho em Natal	Alex
13	Nota	Economia	Blog Visor Político: Levy sugere que impostos podem aumentar	Alex
14	Nota	Polícia	Blog Visor Político: Beira Mar é condenado a 120 anos de prisão	Alex
15	Intervalo	Comercial		
16	Notícia	Política	STF Legitimidade MP/Investigação penal	Alex
17	Notícia	Política	Fusão/PPS-PSB	Alex
18	Notícia	Política	Lula entra em cena nas negociações	Alex
19	Comentário	Política	Imagem/Dilma	Alex
20	Entrevista	Esporte	Nana – Corrida Track Field Run Series	Alex

			Natal Shopping	
21	Intervalo	Comercial		
22	Notícia	Economia	Novos Voos/Segundo Semestre	Alex
23	Notícia	Economia	Vendas no Varejo/Redução	Alex
24	Notícia	Cidades	Redução/Chuvas	Alex
25	Notícia	Cidades	Zika/RN	Alex
26	Notícia	Esporte	Corrida Track Field Run Series	Alex
27	Intervalo	Comercial		
28	Entrevista	Cidades	Paulo Araújo – jornalista e diretor do Departamento Estadual de Imprensa – Ações do DEI no estado	Alex
29	Encerramento			

ANEXO B – RELATÓRIOS DIÁRIOS DO JORNAL 96

JORNAL 96 – DATA: 11/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Notícia	Política	Morte de 2 políticos	Diógenes
3	Manchete	Polícia	PM prende dupla com maconha	Diógenes-Tiago
4	Manchete	Economia	Balanço Dia das Mães	Diógenes-Luciano
5	Manchete	Economia	Receita libera extrato	Diógenes-Gerlane
6	Manchete	Esporte	ABC perde na estreia	Diógenes-Edmo
7			Aniversários	Diógenes
8	Escalada	Diversas	4 assuntos e anúncio da entrevista	Gerlane-Diógenes
9	Testemunhal	Publicidade	Aqualive Group	Diógenes
10	Notícia	Esporte	ABC perde na estreia	Diógenes-Edmo
11	Comentário	Esporte	Derrota do ABC	Diógenes-Edmo
12	Notícia	Esporte	Série A	Diógenes-Edmo
13	Testemunhal	Publicidade	Espaço Zeta	Edmo
14	Notícia	Cidades	Mega Sena acumula	Diógenes
15	Nota	Cidades	SINSENAT/Reunião Prefeito	Diógenes
16	Notícia	Polícia	PM prende dupla com maconha	Diógenes-Tiago
17	Notícia	Polícia	PCivil prende 5 pessoas	Tiago
18	Notícia	Polícia	Greve Guarda Municipal	Diógenes-Tiago
19	Testemunhal	Publicidade	Resid. Jardim Paraíso das Nações	Diógenes
20	Manchetes Jornais Nacionais	Imprensa	Folha, Estadão, O Globo	Diógenes-Gerlane
21	Manchetes Revistas Semanais	Imprensa	Veja, Isto É, Época, Carta Capital	Diógenes-Gerlane
22	Testemunhal	Publicidade	Procuradoria de Imóveis	Diógenes
23	Nota	Nacional	Deslizamento/Salvador	Diógenes-Gerlane
24	Nota	Nacional	FIES/parcela	Diógenes-Gerlane
25	Nota	Nacional	Pesquisa/Mães solteiras	Diógenes-Gerlane
26	Nota	Internacional	China/corte de juros	Diógenes-Gerlane
27	Nota	Internacional	Espanha/Criança na mala	Diógenes-Gerlane
28	Nota	Internacional	Paraguai/Pedofilia	Diógenes-Gerlane
29	Comentário	Política	Análise da notícia: Os desafios de Robinson Faria	Diógenes
30	Passagem	Comercial	Anúncios do bloco a seguir	Diógenes
31	Notícia	Economia	Balanço Dia das Mães	Diógenes-Luciano
32	Testemunhal	Publicidade	Mania de Casa	Diógenes
33	Nota	Economia	NoMinuto: Petrobras/ressarcimento	Gerlane
34	Nota	Cidades	NoMinuto: Marco Civil	Gerlane
35	Nota	Economia	NoMinuto: Concessionárias/desemprego	Gerlane
36	Notícia	Economia	Receita libera extrato	Diógenes-Gerlane
37	Testemunhal	Publicidade	Nutri Mais	Diógenes
38	Previsão do Tempo	Serviço	Previsão do tempo	Gerlane-Diógenes
39	Coluna	Comportamento	Coluna Conexões/Ser Feliz	Glácia Marilac
40	Entrevista	Política	Vereador Felipe Alves – Orçamento impositivo municipal e outros assuntos	Diógenes
41	Encerramento			

JORNAL 96 – DATA: 12/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Manchete	Polícia	Quadrilha prende policiais	Diógenes-Tiago
3	Manchete	Economia	Porto de Natal	Diógenes-Luciano
4	Manchete	Nacional	Redação ENEM/Espelho	Diógenes-Gerlane
5	Manchete	Esporte	Jogo ABC	Diógenes-Edmo

6	Escalada	Diversos	4 notas e 1 entrevista	Diógenes-Gerlane
7	Testemunhal	Publicidade	Aqualive Group	Diógenes
8	Notícia	Esporte	ABC busca recuperação	Diógenes-Edmo
9	Comentário	Esporte	Situação do ABC	Diógenes-Edmo
10	Notícia	Esporte	América e Atlético-GO	Diógenes-Edmo
11	Testemunhal	Publicidade	Espaço Zeta	Edmo
12	Notícia	Cidades	Greve/SINSENAT	Diógenes
13	Notícia	Polícia	Quadrilha prende policiais	Diógenes-Tiago
14	Notícia	Polícia	Polícia apreende Maconha/Caicó	Diógenes-Tiago
15	Notícia	Cidades	Meningite/Surto descartado	Diógenes
16	Testemunhal	Publicidade	Resid. Jardim Paraíso das Nações	Diógenes
17	Notícia	Política	Sabatina/Luiz Edson Facchin	Diógenes
18	Manchetes Jornais Locais	Imprensa	Jornal de Fato, Tribuna do Norte, Novo Jornal	Gerlane-Diógenes
19	Manchetes Jornais Nacionais	Imprensa	Folha, Estadão, O Globo	Diógenes-Gerlane
20	Testemunhal	Publicidade	Procuradoria de Imóveis	Diógenes
21	Nota	Nacional	Lava-jato/Oitivas	Diógenes-Gerlane
22	Nota	Nacional	Aracaju/Emergência	Diógenes-Gerlane
23	Nota	Nacional	Brasileiros/Amizade	Diógenes-Gerlane
24	Nota	Internacional	Terremoto/Nepal	Diógenes-Gerlane
25	Nota	Internacional	Detenção/Camboja	Diógenes-Gerlane
26	Nota	Internacional	Prêmio Professor Global	Diógenes-Gerlane
27	Comentário	Política	Análise da notícia: Robinson foi corajoso ao admitir que não tem aumento para servidor	Diógenes
28	Testemunhal	Publicidade	Mania de Casa	Diógenes
29	Passagem	Comercial	Anúncios do bloco a seguir	Diógenes
30	Notícia	Economia	Situação/Porto de Natal	Diógenes-Luciano
31	Testemunhal	Publicidade	Nutri Mais	Diógenes
32	Notícia	Nacional	Espelho da Redação do ENEM	Diógenes-Gerlane
33	Previsão do Tempo	Serviço	Previsão do tempo	Gerlane-Diógenes
34	Coluna	Comportamento	Rio Grande do Norte.Net – Poluição sonora	Jean Paul Prates
35	Entrevista	Política	Juíza Maria Rita Manzarra: PEC da Bengala e Terceirização	Diógenes
36	Encerramento			

JORNAL 96 – DATA: 13/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Manchete	Polícia	Juiz manda soltar policial	Diógenes-Tiago
3	Manchete	Economia	Potencial/Turismo	Diógenes-Luciano
4	Manchete	Nacional	Suspensão/FIES	Diógenes-Gerlane
5	Manchete	Esporte	América/Atlético-GO e Jogo/ABC	Diógenes-Edmo
6	Escalada	Diversos	4 notas e 1 entrevista	Diógenes-Gerlane
7	Testemunhal	Publicidade	Aqualive Group	Diógenes
8	Notícia	Esporte	América/Atlético-GO	Diógenes-Edmo
9	Comentário	Esporte	Situação de América e ABC	Diógenes-Edmo
10	Notícia	Esporte	ABC/Criciúma	Diógenes-Edmo
11	Testemunhal	Publicidade	Espaço Zeta	Edmo
12	Notícia	Nacional	Facchin/STF	Diógenes
13	Testemunhal	Publicidade	Jardim Paraíso das Nações	Diógenes
14	Notícia	Polícia	Juiz manda soltar policial	Diógenes-Tiago
15	Notícia	Polícia	Crescem roubos a veículos	Diógenes-Tiago
16	Nota	Cidades	Trânsito parado na Av. Salgado Filho	Diógenes
17	Nota	Cidades	Missa 10 anos/Santuário Parque das Dunas	Diógenes
18	Nota	Cidades	Acidente/Salgado Filho	Diógenes
19	Testemunhal	Publicidade	Procuradoria de Imóveis	Diógenes
20	Manchetes Jornais Locais	Imprensa	O Mossoroense, Jornal de Fato, Gazeta do Oeste, Tribuna do Norte, Novo Jornal	Gerlane
21	Manchetes	Imprensa	Folha, Estadão, O Globo	Gerlane-Diógenes

	Jornais Nacionais			
22	Nota	Cidades	SINSENAT-Greve	Diógenes
23	Nota	Nacional	Banda Larga/95% da população	Diógenes-Gerlane
24	Nota	Nacional	Júri/Beira-Mar	Diógenes-Gerlane
25	Nota	Nacional	12 estados/Chikugunha	Diógenes-Gerlane
26	Nota	Internacional	66 mortos/Terremoto no Nepal	Diógenes-Gerlane
27	Nota	Internacional	Trem descarrilha nos EUA	Diógenes-Gerlane
28	Nota	Internacional	Empresário Chinês banca viagem para funcionários	Diógenes-Gerlane
29	Comentário	Política	Análise da notícia: Auditoria no Fundo Previdenciário	Diógenes
30	Testemunhal	Publicidade	Mania de Casa	Diógenes
31	Passagem	Comercial	Anúncios do bloco a seguir	Diógenes
32	Notícia	Economia	Potencial/Turismo RN	Diógenes-Luciano
33	Testemunhal	Publicidade	Nutri Mais	Diógenes
34	Notícia	Nacional	Suspensão novos contratos FIES	Diógenes-Gerlane
35	Previsão do Tempo	Serviço	Previsão do tempo	Gerlane-Diógenes
36	Coluna	Comportamento	Comunicação e Marketing – Revolução mobile	Pedro Ratts
37	Entrevista	Economia	Emerson Fernandes – Diretor da CODERN – Terminal Marítimo de Passageiros	Diógenes
38	Encerramento			

JORNAL 96 – DATA: 14/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Notícia	Nacional	Nova delação/Operação Lava-jato	Diógenes
3	Manchete	Polícia	Operação/Hipócrates-Clineuro	Diógenes-Tiago
4	Manchete	Economia	PROCON-SP/Internet no celular	Diógenes-Luciano
5	Manchete	Esporte	Eliminações/Libertadores	Diógenes-Edmo
6	Escalada	Diversos	4 notas e 1 entrevista	Diógenes
7	Testemunhal	Publicidade	Aqualive Group	Diógenes
8	Notícia	Esporte	Eliminações/Libertadores	Diógenes-Edmo
9	Comentário	Esporte	Situação do Corinthians	Diógenes-Edmo
10	Notícia	Esporte	ABC e Criciúma	Diógenes-Edmo
11	Testemunhal	Publicidade	Espaço Zeta	Edmo
12	Notícia	Cidades	Suspensão Greve/SINSENAT	Diógenes
13	Notícia	Polícia	Operação/Hipócrates	Diógenes-Tiago
14	Notícia	Polícia	Procurador/Prisão-PB	Diógenes-Tiago
15	Testemunhal	Publicidade	Jardim Paraíso das Nações	Diógenes
16	Notícia	Nacional	Mega-sena/Acumula	Diógenes
17	Manchetes Jornais Locais	Imprensa	O Mossoroense, Jornal de Fato, Gazeta do Oeste, Tribuna do Norte	Diógenes
18	Manchetes Jornais Nacionais	Imprensa	Folha, Estadão, O Globo	Diógenes
19	Testemunhal	Publicidade	Procuradoria de Imóveis	Diógenes
20	Nota	Polícia	Beira-Mar/120 anos de prisão	Diógenes
21	Nota	Política	Quebra de sigilo/Senadores	Diógenes
22	Nota	Nacional	Mapa da Violência	Diógenes
23	Nota	Internacional	Mortos/Filipinas	Diógenes
24	Nota	Internacional	Atentado/Afganistão	Diógenes
25	Nota	Internacional	FBI/Pornografia	Diógenes
26	Comentário	Cidades	Análise da notícia: Construção/Presídio Ceará-Mirim	Diógenes
27	Testemunhal	Publicidade	Mania de Casa	Diógenes
28	Passagem	Comercial	Anúncios do bloco a seguir	Diógenes
29	Notícia	Política	Reunião/Políticos RN-Turismo	Diógenes
30	Notícia	Economia	PROCON-SP/Internet no celular	Diógenes-Luciano
31	Testemunhal	Publicidade	Nutri Mais	Diógenes

32	Previsão do Tempo	Serviço	Previsão do Tempo	Diógenes
33	Entrevista	Economia	Fred Queiroz, Secretário Municipal de Turismo – Relação SETURDE e Ministério do Turismo	Diógenes
34	Nota	Cidades	Semáforo/Ponta Negra	Diógenes
35	Encerramento			Diógenes

JORNAL 96 – DATA: 15/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Notícia	Cultura	Morte/B.B. King	Diógenes
3	Manchete	Polícia	Prisão/Traficante	Diógenes-Tiago
4	Manchete	Nacional	Inscrições/ENEM	Diógenes-Gerlane
5	Manchete	Economia	Aumento/Vendas RN	Diógenes-Luciano
6	Manchete	Esporte	ABC x Criciúma	Diógenes-Edmo
7	Escalada	Diversos	4 notas e 1 entrevista	Diógenes-Gerlane
8	Testemunhal	Publicidade	Aqualive Group	Diógenes
9	Notícia	Esporte	ABC enfrenta Criciúma	Diógenes-Edmo
10	Notícia	Esporte	Estréia/América série C	Diógenes-Edmo
11	Notícia	Esporte	Alterações na gestão do América	Diógenes-Edmo
12	Testemunhal	Publicidade	Espaço Zeta	Edmo
13	Nota	Cidades	Suspensão/Greve SENSENAT	Diógenes
14	Notícia	Polícia	Prisão/Traficante	Diógenes-Tiago
15	Notícia	Polícia	Invasão/Posto de saúde	Diógenes-Tiago
16	Notícia	Polícia	Explosão/Caixas eletrônicos/Pendências	Diógenes
17	Testemunhal	Publicidade	Jardim Paraíso das Nações	Diógenes
18	Notícia	Economia	Voo/Internacional	Diógenes
19	Manchetes Jornais Locais	Imprensa	O Mossoroense, Jornal de Fato, Gazeta do Oeste, Tribuna do Norte, Novo Jornal	Gerlane-Diógenes
20	Notícia	Saúde	Confirmação/Zikavírus	Diógenes
21	Manchetes Jornais Nacionais	Imprensa	Folha, Estadão e O Globo	Diógenes-Gerlane
22	Testemunhal	Publicidade	Procuradoria de Imóveis	Diógenes
23	Nota	Nacional	Prazo/Fator Previdenciário	Diógenes-Gerlane
24	Nota	Nacional	Superlotação/Hospital no Ceará	Diógenes-Gerlane
25	Nota	Nacional	Aumento/Lei Acesso à Informação	Diógenes-Gerlane
26	Nota	Internacional	Estupro/Congo	Diógenes-Gerlane
27	Nota	Internacional	Morte/Jovem chilena	Diógenes-Gerlane
28	Nota	Internacional	Arma/Criança	Diógenes-Gerlane
29	Testemunhal	Publicidade	Mania de Casa	Diógenes
30	Passagem	Comercial	Anúncios do bloco a seguir	Diógenes
31	Notícia	Economia	Aumento/Vendas RN	Diógenes-Luciano
32	Testemunhal	Publicidade	Nutri Mais	Diógenes
33	Nota	Polícia	NoMinuto: Mortes/Armas de fogo	Gerlane-Diógenes
34	Nota	Saúde	NoMinuto: Parto Cesáreo/Sem pediatra	Gerlane-Diógenes
35	Nota	Economia	NoMinuto: Novo voo/Internacional	Gerlane-Diógenes
36	Notícia	Nacional	Inscrições/ENEM	Diógenes-Gerlane
37	Previsão do Tempo	Serviço	Previsão do tempo	Gerlane-Diógenes
38	Entrevista	Política	Júlia Arruda, vereadora – Eventual veto do Executivo à lei de licitação dos transportes públicos	Diógenes
39	Encerramento			

ANEXO C – RELATÓRIOS DIÁRIOS DO JORNAL DA NOITE

JORNAL DA NOITE – DATA: 11/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura		Saudações	Eugênio-Juliana-Thaís
2	Escalada	Diversas	8 assuntos e 1 entrevista	Eugênio-Juliana-Thaís
3	Notícia	Polícia	Operação/Venda de Pássaros	Juliana-Eugênio-Thaís
4	Comentário	Polícia	Venda de animais silvestres	Juliana-Thaís-Eugênio
5	Trânsito	Serviço	Situação/Trânsito	Eugênio-Kennedy
6	Notícia	Polícia	Túnel/Raimundo Nonato	Juliana-Eugênio-Thaís
7	Notícia	Polícia	Túnel/Empresa de Valores	Juliana-Eugênio-Thaís
8	Comentário	Polícia	Túnel/Empresa de Valores	Juliana-Eugênio-Thaís
9	Notícia	Cidades	Campanha/Vacinação	Eugênio-Juliana-Thaís
10	Nota	Cidades	Velório/Guarda Municipal	Thaís
11	Notícia	Nacional	Folha de Redação/ENEM	Juliana-Eugênio-Thaís
12	Notícia	Cidades	Protesto/Hosp. Ruy Pereira	Eugênio-Juliana-Thaís
13	Nota	Economia	Reajuste/IGPM	Eugênio-Juliana
14	Nota	Política	Robinson/Seminário	Eugênio-Thaís
15	Intervalo	Comercial		
16	Testemunhal	Publicidade	Natal Virtual Office	Eugênio-Thaís-Juliana
17	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos para os ouvintes	
18	Notícia	Esporte	ABC e América jogam na Copa do Brasil	Eugênio-Juliana-Thaís
19	Notícia	Política	PTB/Sem diretor	Eugênio-Juliana-Thaís
20	Entrevista	Política	Ezequiel Ferreira – Balanço na presidência da AL	Juliana-Eugênio-Thaís
21	Encerramento		Abraços para ouvintes e Versículo do dia	

JORNAL DA NOITE – DATA: 12/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura		Saudações	Juliana-Thaís
2	Escalada	Diversas	9 assuntos	Juliana-Thaís
3	Entrevista	Cidades	Isaías Cabral, prefeito de Acari – Falta de água no Açude Gargalheiras (por telefone)	Thaís-Juliana
4	Comentário	Cidades	Escassez de água/Seridó	Juliana-Thaís
5	Trânsito	Serviço	Situação/Trânsito	Juliana-Kennedy
6	Notícia	Polícia	Hecatombe/Liberação	Juliana-Thaís
7	Notícia	Polícia	Impedimento/Explosão caixa eletrônico	Thaís-Juliana
8	Notícia	Polícia	Paralisação/Agentes Penitenciários	Thaís-Juliana
9	Comentário	Política	Governo/Crise com servidores	Juliana-Thaís
10	Notícia	Cidades	Situação/Meningite	Juliana-Thaís
11	Notícia	Cidades	Greve TJ/Convocação Servidores	Juliana-Thaís
12	Comentário	Cidades	Greve/TJ	Juliana-Thaís
13	Notícia	Cidades	Nono dígito/RN	Juliana-Thaís
14	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos para os ouvintes	
15	Nota	Economia	Cruzeiros/Secretário	Juliana-Thaís
16	Comentário	Economia	Polêmica/Turismo de cruzeiros	Thaís-Juliana
17	Notícia	Economia	Visita/Secretário de Pesca	Juliana-Thaís
18	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos para os ouvintes	
19	Intervalo	Comercial		
20	Testemunhal	Publicidade	Natal Virtual Office	Juliana-Thaís
21	Nota	Cidades	Aplicativo/Nono dígito	Thaís
22	Notícia	Esportes	Jogador ABC/Botafogo-PB	Juliana-Thaís
23	Notícia	Esportes	América x Atlético-GO	Juliana-Thaís
24	Notícia	Nacional	Sabatina/Facchin	Juliana-Thaís

25	Nota	Política	Verba Câmara/Parnamirim	Thaiza
26	Entrevista	Política	Luiz Almir, vereador de Natal – projetos Câmara Municipal	Thaiza-Juliana
27	Encerramento		Versículo do dia	

JORNAL DA NOITE – DATA: 13/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	6 assuntos e 2 entrevistas	Juliana-Thaiza
3	Trânsito	Serviço	Situação/Trânsito	Juliana-Kennedy
4	Nota	Política	Reunião/Políticos-Turismo	Thaiza
5	Entrevista	Economia	Emerson Fernandes, diretor-presidente da CODERN – Terminal marítimo	Juliana-Thaiza
6	Nota	Polícia	Condenação/Cantarelli	Juliana-Thaiza
7	Notícia	Polícia	Troca de tiros/Macaíba	Juliana-Thaiza
8	Notícia	Polícia	Fuga/Detentas	Thaiza-Juliana
9	Nota	Cidades	Engarrafamento/Salgado Filho	Juliana
10	Intervalo	Comercial		
11	Testemunhal	Publicidade	Natal Virtual Office	Juliana-Thaiza
12	Notícia	Cidades	UERN/Indicativo Greve	Juliana-Thaiza
13	Notícia	Polícia	Reunião/Crimes letais	Juliana-Thaiza
14	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos dos ouvintes	
15	Nota	Esportes	ABC/Expectativa	Juliana
16	Notícia	Esportes	América/Vitória	Thaiza-Juliana
17	Notícia	Política	Audiência Pública/Câmara	Juliana-Thaiza
18	Nota	Política	Reunião/Políticos RN/Brasília	Thaiza
19	Entrevista	Política	Klaus Araújo, vereador – eventual saída do PP	Thaiza-Juliana
20	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos dos ouvintes	
21	Encerramento		Versículo do dia	

JORNAL DA NOITE – DATA: 14/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	8 assuntos e 1 entrevista	Thaiza-Juliana
3	Nota	Cidades	Falecimento/Poti Neto	Thaiza-Juliana
4	Notícia	Polícia	Invasão/Unidade de Saúde	Thaiza-Juliana
5	Trânsito	Serviço	Situação/Trânsito	Juliana-Kennedy
6	Notícia	Polícia	Redução/Refeição Penitenciária	Juliana-Thaiza
7	Notícia	Polícia	Promoções/Policiais	Thaiza-Juliana
8	Notícia	Cidades	Negativa/Clineuro	Thaiza-Juliana
9	Comentário	Cidades	Operação/Hipócrates-Clineuro	Thaiza-Juliana
10	Notícia	Cidades	Alterações/Paradas de ônibus	Juliana-Thaiza
11	Comentário	Cidades	Estações de Transferência	Thaiza
12	Notícia	Saúde	Novo vírus/Zikavírus	Juliana-Thaiza
13	Notícia	Economia	Novo Voo Internacional	Juliana-Thaiza
14	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos dos ouvintes	
15	Intervalo	Comercial		
16	Testemunhal	Publicidade	Natal Virtual Office	Juliana-Thaiza
17	Notícia	Esportes	Zagueiro/América	Juliana-Thaiza
18	Nota	Esportes	ABC/Florianópolis	Juliana-Thaiza
19	Notícia	Esportes	Natação/Torneio Norte Nordeste	Juliana-Thaiza
20	Notícia	Política	Repercussão/Saída de Klaus do PP	Thaiza
21	Comentário	Política	Possíveis candidaturas a prefeito	Thaiza-Juliana
22	Nota	Política	Pesquisa/Credibilidade Assú	Thaiza
23	Entrevista	Polícia	Ivênio Hermes, consultor em segurança	Juliana-Thaiza

			– números da segurança no RN	
24	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos dos ouvintes	
25	Encerramento		Versículo do dia	

JORNAL DA NOITE – DATA: 15/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	6 assuntos e 3 entrevistas	Eugênio-Juliana-Thaísa
3	Trânsito	Serviço	Situação do trânsito	Thaísa-Kennedy
4	Notícia	Polícia	Análise/Veículo de Máximo Augusto	Juliana-Eugênio-Thaísa
5	Comentário	Polícia	Investigação/Morte Máximo Augusto	Thaísa-Juliana-Eugênio
6	Entrevista	Saúde	Juliana Araújo, diretora de vigilância em saúde – Zikavírus (por telefone)	Eugênio-Juliana-Thaísa
7	Notícia	Polícia	Explosão/Caixas eletrônicos/Pendências	Juliana-Eugênio-Thaísa
8	Notícia	Cidades	Liberação Obra/Ceará Mirim	Juliana-Eugênio-Thaísa
9	Notícia	Nacional	Inscrições/ENEM	Eugênio-Juliana-Thaísa
10	Entrevista	Cultura	Eider Nepomuceno (pastor) e Teo Cassimiro (apóstolo), Igreja Comunidade Carismática Cristã – Evento Adorai	Eugênio-Juliana-Thaísa
11	Notícia	Economia	Ajuste fiscal	Eugênio-Juliana-Thaísa
12	Comentário	Economia	Ajuste fiscal	Eugênio-Thaísa-Juliana
13	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos dos ouvintes	
14	Intervalo	Comercial		
15	Testemunhal	Publicidade	Natal Virtual Office	Juliana-Thaísa-Eugênio
16	Notícia	Esportes	Entrave Renovação/Contratos ABC	Juliana-Thaísa-Eugênio
17	Nota	Esportes	ABC enfrenta Criciúma	Juliana
18	Nota	Esportes	Posse/Hermano Moraes/América	Thaísa-Juliana
19	Nota	Esportes	América x Marabá	Eugênio
20	Notícia	Política	Alterações/Reforma Política	Thaísa-Eugênio-Juliana
21	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos dos ouvintes	
22	Entrevista	Cidades	Thales Goes, assessor jurídico das entidades estudantis – descumprimento de ordens judiciais	Juliana-Eugênio-Thaísa
23	Nota	Cidades	Ranking/Transparência	Juliana
24	Nota	Economia	Ranking/Eventos internacionais	Juliana
25	Ouvinte	Comportamento	Mensagens e cumprimentos dos ouvintes	
26	Nota	Cultura	Morte B.B. King	Juliana
27	Nota	Economia	Petrobras/Lucro	Thaísa
28	Encerramento		Versículo do dia	

ANEXO D – RELATÓRIOS DIÁRIOS DO JORNAL DAS SEIS

JORNAL DAS SEIS – DATA: 11/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	7 assuntos e 1 entrevista	Ênio-Túlio
3	Trânsito	Serviço	Situação/Trânsito	Ênio-Darley Luis
4	Notícia	Cidades	CPI/Transportes-Tributação	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
5	Comentário	Cidades	Transportes/Natal	Marco Aurélio
6	Notícia	Economia	Visita/Ministros Portos e Turismo	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
7	Comentário	Economia	Gastos com Terminal de Passageiros	Marco Aurélio-Túlio
8	Testemunhal	Publicidade	Hospital do Coração	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
9	Notícia	Cidades	Retorno/Obras Habitacionais	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
10	Notícia	Política	Confissão/Lava jato	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
11	Nota	Política	Protesto/Dilma/Casamento	Marco Aurélio
12	Testemunhal	Publicidade	SEBRAE/Eficiência Energética	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
13	Previsão do Tempo	Serviço	Previsão do Tempo	Ênio-Túlio
14	Trânsito	Serviço	Situação/Trânsito	Ênio-Darley Luis
15	Testemunhal	Publicidade	A1 Serviços	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
16	Notícia	Esporte	ABC perde na estreia	Ênio-Edmo
17	Comentário	Esporte	América/Copa do Brasil	Ênio-Edmo
18	Comentário	Esporte	Times do Nordeste nos campeonatos	Ênio-Edmo
19	Testemunhal	Publicidade	AuriTur	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
20	Reportagem	Polícia	Túnel/Raimundo Nonato	Ênio-Sérgio Costa
21	Reportagem	Polícia	Infraestrutura/Presídios	Sérgio Costa
22	Testemunhal	Publicidade	Unimetais	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
23	Notícia	Nacional	Corte/FNDE	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
24	Comentário	Política	Destques da entrevista Robinson Faria à Tribuna do Norte	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
25	Entrevista	Economia	Jean Paul Prates – Royalties/Setor eólico	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
26	Encerramento			

JORNAL DAS SEIS – DATA: 12/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	11 assuntos e 1 entrevista	Ênio-Túlio
3	Trânsito	Serviço	Situação do trânsito	Ênio-Darley
4	Notícia	Economia	Modelo/Terminal Marítimo	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
5	Comentário	Economia	Turismo de cruzeiro/Infraestrutura portuária	Marco Aurélio-Ênio-Túlio
6	Notícia	Economia	Auditoria/Fundo previdenciário	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
7	Comentário	Economia	Utilização/Fundo previdenciário	Marco Aurélio-Túlio
8	Testemunhal	Publicidade	AuriTur	Ênio-Túlio
9	Notícia	Cidades	Recondução/Rinaldo Reis/MP	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
10	Notícia	Saúde	Negativa/Surto meningite	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
11	Comentário	Saúde	Informações/Meningite	Marco-Aurélio-Ênio-Túlio
12	Testemunhal	Publicidade	SEBRAE/Eficiência Energética	Ênio-Túlio
13	Nota	Cidades	Lançamento/Prêmio de Jornalismo	Marco Aurélio
14	Nota	Polícia	Situação/Sistema prisional	Ênio
15	Comentário	Polícia	Fugas/Apenados	Marco Aurélio-Túlio-Ênio
16	Previsão do tempo	Serviço	Previsão do tempo	Ênio
17	Trânsito	Serviço	Situação do trânsito	Ênio-Darley
18	Testemunhal	Publicidade	A1 Serviços	Ênio-Túlio
19	Notícia	Esporte	Jogos ABC e América	Ênio-Edmo
20	Comentário	Esporte	Times potiguares	Edmo-Ênio
21	Nota	Esporte	Resultados Champions League	Ênio-Edmo
22	Nota	Esporte	Confirmação/Sub-19	Ênio-Túlio
23	Testemunhal	Publicidade	Hospital do Coração	Ênio-Túlio
24	Reportagem	Polícia	Sequestro/Gerente de contas	Ênio-Sérgio
25	Reportagem	Polícia	Lei/Poluição Sonora	Ênio-Sérgio

26	Testemunhal	Publicidade	Unimetais	Ênio-Túlio
27	Entrevista	Política	Felipe Alves, vereador – Audiência pública e situação do PMDB-Natal	Ênio-Túlio-Marco Aurélio
28	Encerramento			

JORNAL DAS SEIS – DATA: 13/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	7 assuntos e 1 entrevista	Túlio-Marco Aurélio
3	Trânsito	Serviço	Situação do trânsito	Túlio-Darley
4	Notícia	Cidades	Revogação/Doação de terreno	Túlio-Marco Aurélio
5	Comentário	Cidades	Cessão/Terreno Ceará-Mirim	Marco Aurélio-Túlio
6	Notícia	Saúde	Programa Saúde da Criança	Túlio-Marco Aurélio
7	Testemunhal	Publicidade	AuriTur	Marco Aurélio-Túlio
8	Notícia	Cidades	Multa/Sindicato TJ/Fim da greve	Túlio-Marco Aurélio
9	Notícia	Cidades	Plano/Saneamento Básico	Túlio-Marco Aurélio
10	Comentário	Cidades	Saneamento/Natal	Marco Aurélio-Túlio
11	Testemunhal	Publicidade	SEBRAE/Eficiência Energética	Túlio-Marco Aurélio
12	Comentário	Economia	Aumento/Energia	Marco Aurélio-Túlio
13	Previsão do tempo	Serviço	Previsão do tempo	Túlio
14	Testemunhal	Publicidade	A1 Serviços	Túlio-Marco Aurélio
15	Trânsito	Serviço	Situação do trânsito	Túlio-Darley
16	Notícia	Esporte	Derrota/ABC	Túlio-Edmo
17	Comentário	Esporte	Técnico/ABC	Edmo
18	Notícia	Esporte	América/Atlético-GO	Túlio-Edmo
19	Notícia	Esporte	Juventus x Real Madrid	Túlio-Edmo
20	Nota	Esporte	Jogos nacionais	Túlio-Edmo
21	Nota	Cidades	SINDLIMP/Salários	Túlio-Marco Aurélio
22	Testemunhal	Publicidade	Hospital do Coração	Túlio-Marco Aurélio
23	Reportagem	Polícia	4 Assaltos/Zona Sul	Túlio-Sérgio
24	Notícia	Polícia	Assalto/Zona Oeste	Túlio-Sérgio
25	Testemunhal	Publicidade	Unimetais	Túlio-Marco Aurélio
26	Nota	Economia	Evento/SERASA	Túlio-Marco Aurélio
27	Entrevista	Política	Robério Paulino, professor e ex-candidato a governador – eventual candidatura à Prefeitura de Natal	Túlio-Marco Aurélio
28	Encerramento			

JORNAL DAS SEIS – DATA: 14/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	9 assuntos e 1 entrevista	Ênio-Túlio
3	Trânsito	Serviço	Situação do trânsito	Ênio-Darley
4	Notícia	Cidades	Operação/Hipócrates-Clineuro	Ênio-Túlio
5	Comentário	Cidades	Medidas restritivas/Hipócrates	Túlio-Ênio
6	Nota	Cidades	Nota oficial da Clineuro	Ênio
7	Notícia	Política	Votação/Previdência	Ênio-Túlio
8	Comentário	Política	Ações do PT/Alterações previdenciárias	Túlio
9	Testemunhal	Publicidade	AuriTur	Ênio-Túlio
10	Notícia	Economia	Novo voo internacional	Ênio-Túlio
11	Notícia	Saúde	Novo vírus/Zikavírus	Ênio-Túlio
12	Testemunhal	Publicidade	SEBRAE/Eficiência energética	Ênio-Túlio
13	Previsão do tempo	Serviço	Previsão do tempo	Ênio
14	Trânsito	Serviço	Situação do trânsito	Ênio-Darley
15	Nota	Cidades	SINDLIMP/Tabela Salários	Ênio-Túlio
16	Notícia	Esportes	Resultados/Libertadores	Ênio-Edmo
17	Comentário	Esportes	Eliminação/Corinthians	Edmo-Ênio

18	Nota	Esportes	Resultado Champions League	Ênio
19	Comentário	Esportes	Situação/Técnico ABC	Ênio-Edmo
20	Nota	Esportes	Final/Taça Natal de Futsal	Túlio
21	Testemunhal	Publicidade	Hospital do Coração	Ênio-Túlio
22	Reportagem	Polícia	Prisão/Procurador Marcelo Raposo	Ênio-Sérgio
23	Reportagem	Polícia	Mãe entrega filho à Polícia	Ênio-Sérgio
24	Testemunhal	Publicidade	Unimetais	Ênio-Túlio
25	Nota	Cidades	Falecimento/Poti Neto	Túlio-Ênio
26	Notícia	Nacional	Divulgação/ENEM	Ênio-Túlio
27	Entrevista	Cidades	José Dantas, juiz da 1ª Vara da Infância e Juventude – Semana da Adoção	Ênio-Túlio
28	Encerramento			

JORNAL DAS SEIS – DATA: 15/05/2015

Nº	Formato	Tema	Assunto	Locução
1	Abertura			
2	Escalada	Diversas	9 assuntos e 1 entrevista	Ênio-Túlio
3	Trânsito	Serviço	Situação do trânsito	Ênio-Darley
4	Notícia	Cidades	Liberação de documentos/Construção presídio Ceará Mirim	Ênio-Túlio
5	Notícia	Política	Câmara Parnamirim/Audiência	Ênio-Túlio
6	Comentário	Cidades	Preservação/Cajueiro de Pirangi	Túlio
7	Testemunhal	Publicidade	AuriTur	Ênio-Túlio
8	Notícia	Política	Lei da Música/Câmara	Ênio-Túlio
9	Comentário	Política	Lei da Música	Túlio
10	Notícia	Política	Condenação/Ex-prefeito de Macau	Ênio-Túlio
11	Testemunhal	Publicidade	SEBRAE/Eficiência energética	Ênio-Túlio
12	Testemunhal	Publicidade	AI Serviços	Ênio-Túlio
13	Previsão do tempo	Serviço	Previsão do tempo	Ênio
14	Trânsito	Serviço	Situação do trânsito	Ênio-Darley
15	Nota	Cultura	Evento/Dia do Gari	Ênio-Túlio
16	Notícia	Esportes	ABC e Criciúma	Ênio-Edmo
17	Comentário	Esportes	Expectativa/ABC	Edmo
18	Notícia	Esportes	América/Série C	Ênio-Edmo
19	Testemunhal	Publicidade	Hospital do Coração	Ênio-Túlio
20	Reportagem	Polícia	Perseguição/Assaltante	Ênio-Sérgio
21	Reportagem (ao vivo)	Polícia	Corpo encontrado/Zona Leste	Sérgio
22	Testemunhal	Publicidade	Unimetais	Ênio-Túlio
23	Notícia	Cidades	Uso do Colab.re/Natal	Ênio-Túlio
24	Nota	Política	Fusão PPS-PSB	Ênio
25	Nota	Política	Saúde/Wilma de Faria	Túlio
26	Comentário	Política	Fusão PPS-PSB	Túlio
27	Entrevista	Cultura	Gregório Duvivier, artista e Carlos Fialho, editor – Ação Leitura da Jovens Escribas	Ênio-Túlio
28	Encerramento			

ANEXO E – ENTREVISTA – JORNAL DA CIDADE

ENTREVISTADO: ALEX VIANA, EDITOR E APRESENTADOR – DATA: 01/09/2015

Cezar: Há quanto tempo já o Jornal da Cidade está no ar?

Alex: Há 5 anos.

Cezar: Como é composta a equipe do programa?

Alex: O apresentador e um produtor.

Cezar: Há operação de áudio?

Alex: Sim, há um operador. Perdão, eu esqueci.

Cezar: E vocês dois que trabalham com jornalismo têm alguma relação trabalhista com a emissora? Como funciona isso?

Alex: Não. É, nós temos espaço aqui.

Cezar: É um espaço que você ocupa dentro da programação?

Alex: Exato.

Cezar: Durante o programa, percebi que não há nenhuma comunicação visual entre você e o operador. Como ele sabe os horários para inserção de áudios?

Alex: Existe uma comunicação entre a gente. A gente utiliza várias ferramentas, como WhatsApp.

Cezar: E agora falando mais especificamente sobre conteúdo. Que temas são abordados no programa, de forma geral? Há preponderância de alguma editoria?

Alex: O foco maior é política e economia.

Cezar: Vocês seguem um roteiro fechado ou script?

Alex: Se a gente segue um roteiro?

Cezar: Isso, se segue um roteiro no jornal. Percebo que muita coisa você vê nos jornais, você vê na internet. Você segue algum roteiro do que você lê durante o programa?

Alex: Tem sim. Geralmente eu faço esse roteiro quando eu chego aqui.

Cezar: Você faz quando chega aqui?

Alex: Isso.

Cezar: E quais são as principais fontes de informação do Jornal da Cidade?

Alex: São as notícias do dia, os jornais de uma forma geral.

Cezar: Então, existem alguns jornais específicos que vocês coletam essas informações?

Alex: Sim, das agências, sobretudo.

Cezar: E existe então algum critério de escolha? De escolha das notícias?

Alex: Relevância, relevância, interesse público...

Cezar: Entre você e o produtor, existe alguma reunião de pauta? Vocês definem alguma coisa antes do programa?

Alex: Sim, nós conversamos.

Cezar: E essa questão das entrevistas. Quem é que agenda? Como é feito isso?

Alex: Eu marco a maioria delas.

Cezar: E a parte das perguntas que são elaboradas para o programa?

Alex: Ah, sou eu que faço.

Cezar: Tudo é você quem produz, então?

Alex: É, assim, eu recebo da parte do produtor, ele é muito preocupado. Ele se envolve bastante, mas, assim, não tem necessidade. A parte das perguntas, ele elabora algumas sugestões assim pra ficar na pauta, mas, assim, as perguntas quem faz sou eu mesmo, quem elabora sou eu.

Cezar: Então, qual é a função dele?

Alex: De quem?

Cezar: Do produtor.

Alex: A função do produtor? Ah, ele me auxilia. Na verdade, é um estagiário que ele mais me auxilia na realização do programa. Ele me dá uma força.

Cezar: É, eu percebo que, na produção do seu Jornal... Eu já acompanho há algum tempo o Jornal da Cidade, antes mesmo de entrar no mestrado. E aí eu percebo também que... Eu sinto falta de um formato reportagem no Jornal da Cidade. Existe alguma justificativa para isso?

Alex: Na verdade, há uma liberdade, né, para o trabalho. O programa é feito nesse formato, que não contempla a reportagem.

Cezar: Certo. Mas você entende que esse formato faz falta ou não ao programa?

Alex: Não, depende do ponto de vista. É relativo.

Cezar: A emissora disponibiliza alguma estrutura para vocês em termos de fazer o contato, ou mesmo de acontecer de ter uma entrevista por telefone?

Alex: É, entrevista por telefone sim. É da estrutura da emissora. Com relação aos contatos, isso aí, como é um espaço, então eu que me viro com isso.

Cezar: Então, Alex, pra gente finalizar, vamos falar um pouco sobre a avaliação geral do jornal. Como você avalia a qualidade do radiojornal que produz?

Alex: Muito boa.

Cezar: Qual o diferencial do radiojornal que você produz?

Alex: Diferencial? Notícias do dia, sem nenhum comprometimento, sem nenhum compromisso, total liberdade.

Cezar: Existe dificuldade na produção desse radiojornal?

Alex: Não.

Cezar: E em relação ao cenário de Natal, como você vê a produção de jornalismo de rádio?

Alex: Eu acho bacana. Se desenvolveu bem nos últimos anos. Passou um tempo parado. É... O Jornal da Cidade tem cinco anos. Eu acho que, de cinco anos pra cá, muita coisa aconteceu no rádio. Alguns programas se estabeleceram e outras emissoras passaram a investir mais no radiojornalismo.

Cezar: E você acha que vale a pena que as empresas invistam em radiojornalismo?

Alex: Com certeza.

Cezar: Há estudiosos que pregam a morte do rádio ou do radiojornalismo. Você concorda com isso?

Alex: Eu acho que esses caras estão totalmente por fora. Tenho notícias e informação, pesquisa, que só cresce a importância do rádio, sobretudo na comunicação jornalística.

Cezar: Ok, Alex! Muito obrigado pela entrevista!

ANEXO F – ENTREVISTA – JORNAL 96

ENTREVISTADO: **DIÓGENES DANTAS**, EDITOR E APRESENTADOR – DATA: 09/09/2015

Cezar: Então, Diógenes, há quanto tempo o jornal está no ar?

Diógenes: De jornal são 13 anos. Começou em junho... Eu vou dizer até o dia: 04 de junho de 2002.

Cezar: Diógenes, como é formada a equipe do Jornal 96?

Diógenes: Ela foi formada, em parte ao longo do tempo eu fiz umas modificações. Mas, assim, são os locutores, os apresentadores, você tem uma produção, um produtor e você tem os comentaristas, os repórteres-comentaristas de determinados assuntos, os principais né, no caso esporte, economia, a política e você tem polícia também, um noticiário policial. Esses quatro, e ao longo do tempo alguns quadros foram criados, né, específicos... agenda cultural, falando sobre cinema... Nós temos hoje, por exemplo, colunas de sustentabilidade, temos um cara falando sobre marketing, marketing de uma maneira geral, que é Pedro Ratts, fazendo a coluna dele de marketing. Já tivemos coluna de fórmula 1. Então, o sustentáculo, o que sustenta o jornal 96 é esse time de especialistas e de pessoas mais sintonizadas em determinados assuntos.

Cezar: Qual é a relação desses profissionais com a emissora? Eles são funcionários da emissora ou...?

Diógenes: São, eles são contratados pela empresa, a 96 FM, responsável pelo programa. Muitas pessoas acham até que o programa é contratado por mim, a relação de todos esses profissionais, todos estão sob a responsabilidade da 96 FM. Eles têm lá um salário, têm por cada participação, há uma abertura para patrocinar essa renda e tal. A relação é um pouco essa. A remuneração parte da rádio 96.

Cezar: Que temas são abordados no programa? Há preponderância de alguma editoria, alguma área?

Diógenes: Não, o programa é uma revista, matinal no rádio, a exemplo dos Bom Dia's. Eu trabalhei na época, em Natal, na época na Inter TV, na época não era nem InterTV, era Cabugi, e depois Bom Dia Brasil, em Brasília, na Globo Brasília. Então ele tem um formato desses programas matinais da televisão. Eu fiz apenas uma adaptação para o rádio. Então é um programa que tem política, economia, cidades, esporte, as coisas do mundo, uma revista dos vários assuntos que estão em evidência naquele dia, principalmente no nosso estado, mas também no Brasil e, terminando, o programa encerra sempre com uma boa entrevista, uma entrevista relevante, uma entrevista de assuntos factuais.

Cezar: O radiojornal, ele segue algum roteiro, um script?

Diógenes: Ele tem um script, mas parte desses script, eu gosto muito de dizer isso, ele fica em aberto pra mim, para que eu possa improvisar. E esse improviso é o que me deixa, que deixa o programa vivo pra mim. Né, nunca um programa é igual ao outro. Porque, tanto os assunto mudam, mas também a forma de apresentar, algum, alguma coisa que eu possa fazer, e dizer, não é, que modifique. Mas ele tem, ele tem sim um roteiro, o script né, também hoje a gente incluiu testemunhais nele, aí é uma parte mais comercial, mas, assim, faz parte do programa hoje, no início não tinha, mas a demanda por anúncio no programa é tão grande, que a gente teve que abrir essa parte do testemunhal, né?! Então, temos o script a ser seguido, mas com uma parte, uma boa parcela de improviso.

Cezar: Falando agora mais sobre conteúdo... Quais são as principais fontes de informação para o Jornal 96?

Diógenes: Olha, as fontes de informação são diversas, não é?! Mas eu cito algumas que são importantes pra gente, os sites nacionais, um site local que a gente segue, é parceiro do programa, até por eu ter uma ligação muito forte com ele, que é o portal NoMinuto.com, minha equipe, de uma maneira geral, mas tudo o que for relevante. Os jornais impressos, né, de Natal, relevantes como a Tribuna do Norte, o Novo Jornal, você tem essa gama de fontes, além daquilo que cada um dos apresentadores e comentaristas vão buscar no seu dia a dia, nas suas relações. Eu costumo dizer muito que o NoMinuto é uma continuidade do que eu faço no Jornal 96 e o Jornal 96 se alimenta também do NoMinuto e daquilo que eu faço, das entrevistas que eu faço. Hoje eu não tô na televisão aberta, mas no período que eu estava... Então, uma coisa vai complementando a outra. A coisa vai se completando e vai se retroalimentando.

Cezar: Então existe essa busca de notícia?

Diógenes: Sim, claro, a gente busca a notícia, mas assim, o NoMinuto, aliás, o NoMinuto não, o Jornal 96, leva ao público é o que está na ordem do dia. Eu vou lhe dizer uma coisa, quantas e quantas vezes nós abrimos o programa com uma operação policial na cidade, daquela rumorosa, que envolveu a dona Wilma, o filho dela e tal, quer dizer, a notícia quente, na hora do momento em que estava acontecendo, praticamente entre os veículos broadcasting, nos de canal aberto, a gente deu a informação em primeira mão. Hoje a gente tem uma concorrência muito grande, tanto o rádio como a TV, das mídias digitais, das redes sociais hoje, que é um grande desafio para o ouvinte, o internauta, a pessoa que busca informação da internet, é de separar o joio do trigo, né?! De separar a fonte boa da fonte ruim. O que é verdade, o que não é. O que é fake e o que não é, entendeu? É o grande desafio. Mas a gente tem, a gente sempre tá alerta, as redes sociais são também fonte, as redes sociais

hoje são fonte pra gente, de informação. Só que, claro, com o cuidado, de fazer checagem, pra a gente num dá informação errada.

Cezar: Que critérios são utilizados na escolha das notícias? O que é que ... Ou por que motivo algo não entra no Jornal?

Diógenes: Muitas vezes assim, eu acho que a relevância do fato. Isso depende muito da experiência do editor, da equipe, do produtor, do repórter, né?! Tem hora que, por exemplo, o comentarista de polícia chega com uma informação e ele não tem uma que eu tenho e eu peço a ele. Então um vai ajudando o outro. Num é, isso assim, o que importa é a relevância da notícia. É o que eu peço sempre à minha equipe: gente, vamos tentar trazer o que existe de mais importante acontecendo naquele momento.

Cezar: Existe reunião de pauta?

Diógenes: Temos uma pauta mais pra entrevista. Por quê? Vou lhe explicar porque. A gente não trabalha num horário corrido, né, a gente não faz um programa e continua na redação, preparando o outro dia. Então o funcionamento do Jornal 96, a gente se reúne de manhã para fazer aquela edição e só no outro dia, praticamente. A nossa conversa com a equipe, principalmente com as minhas produtoras, Ohara Oliveira e Gerlane Lima, que é também apresentadora do programa, é muito por meio hoje dos grupos, das redes sociais, do WhatsApp, e a gente vai combinando mais ou menos o que vai acontecer, principalmente a entrevista. Mas a equipe como já é calejada, tem uma experiência muito grande, já sabe muito o que é que tem que fazer. A gente não precisa muito ficar o tempo todo cobrando. Então a pauta fica mais restrita à escolha das entrevistas.

Cezar: Falando mais sobre entrevista, é o tema agora. Como é que é feita essa produção? Tanto de agendamento, quando de elaboração do roteiro de perguntas.

Diógenes: Ela leva em conta o factual, os assuntos que estão na ordem do dia. Eu tento fazer uma pré-agenda, a lista pra semana, dos entrevistados que eu acho relevantes no decorrer da semana, por uma garantia, pra que a gente não fique naquela loucura, como já aconteceu várias vezes de o entrevistado desmarcar e a gente ter que marcar outro, às vezes entra pela noite, tem situações como essas. Já teve situações de eu marcar entrevista na madrugada, antes do programa, às 7h. Tem a pré-agenda e a gente vai modificando a partir do factual. Já teve situações de eu cancelar determinado entrevistado porque outro era mais relevante. E aí, claro, a gente vai negociando, as pessoas, pra que elas não se sintam melindradas se houver alguma substituição. Mas, é mais ou menos isso. Com relação ao roteiro de perguntas, ela depende do assunto, da complexidade do assunto. Eu peço muito à equipe que, em determinadas situações, estudem o tema, mas vai muito do dia a dia. Um pouco da experiência que eu tenho de 30 anos de jornalismo e rádio e televisão, você dá pra se virar, no dia a dia. Mas determinadas entrevistas mais importantes, como governador, prefeito, presidente da República, como a gente já entrevistou aqui, a gente tem que se preparar pra elas. É isso, o roteiro fica muito em função da escolha e da relevância dada pelo editor.

Cezar: Nossa pesquisa, ela versa mais sobre a radioreportagem. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre a relação da reportagem com o Jornal 96.

Diógenes: Olha, a reportagem, ela teve em alguns momentos, eu experimentei o uso do repórter no Jornal 96. Infelizmente foi por pouco tempo, em algumas ocasiões. Pela falta de estrutura, a falta de capacidade, dos veículos de comunicação de uma maneira geral, não só aqui a 96 FM, de não poder bancar esse tipo de estrutura, né?! Então, é, a radioreportagem é uma coisa que eu gostaria que existisse mais no programa, né?! Se eu tivesse condições de manter um ou dois repórteres na rua. Daria uma, daria uma dinâmica maior, traria muito mais conteúdo, para o Jornal. Infelizmente, não temos condições. Acredito eu que nenhum veículo de comunicação, nenhum programa desses que está no ar, tenha, com regularidade e dentro da estrutura um radiorepórter para fazer esse trabalho, a exemplo do que já houve no tempo do rádio AM. O rádio AM que tinha estruturas de rádio muito atreladas a impresso. Natal já teve muitos impressos, sei lá, cerca de 20-30 anos atrás, nós tínhamos, no mínimo, três ou quatro impressos em Natal. E essas estruturas de rádio estavam muito atreladas a esses veículos. Dava pra ter repórter na época. Em algumas rádios até mesmo bancava dentro da estrutura repórter, mas hoje não. Acho que é por uma questão de custo, essa coisa tá mais complicada e mais difícil de bancar. Eu não vejo isso, nunca vi isso, no radiojornalismo do FM. Até porque hoje tudo é FM. As AM's estão migrando já para o FM. Hoje só existe um tipo de rádio que é o FM.

Cezar: Então você acredita que faz falta?

Diógenes: Faz falta. Faz falta. Eu gostaria muito. Tem época que eu fico com vontade de arranjar alguma forma pra fazer. Acho que sim, é fundamental. Como é que você pode chamar, eu por exemplo, não tenho problema nenhum de dizer, um radiojornal. Mas como é que um jornal se chama radiojornal se não tem repórter? Eu considero um radiojornal, não é, pela diversidade de assuntos, temas, mas num tem reportagem. Como é que você pode considerar faz um radiojornal se você não tem repórter, reportagem? Então, eu sinto falta disso, gostaria de ter, quem sabe no futuro, essas coisas todas não surgem, né?!

Cezar: Agora a gente passa mais para avaliação geral do jornal e do cenário do radiojornalismo. Como é que você avalia a qualidade do Jornal 96?

Diógenes: Olha, eu sou suspeito, em falar do jornal, mas eu também não sou uma pessoa que, que não tenha um senso crítico,

de fazer uma avaliação, como profissional que sou, de trinta anos de experiência, principalmente. Me considero, inclusive, um profissional mais de televisão, que propriamente de jornal. Hoje, de certa forma, parte do público me conhece mais pelo que eu faço na 96. Eu considero um bom programa dentro das condições que são proporcionadas aqui na nossa praça de Natal, no Rio Grande do Norte. Acredito eu que é um programa que, além de ter conquistado um público muito grande, diverso, nas várias faixas sociais, da A, B, D... Eu vou contar só uma história aqui, que teve uma passagem aqui, que eu fiz referência a um ovo de páscoa e tal, e isso já faz até tempo. Um ovo de páscoa, fiz uma brincadeira. E nesse dia, eu fui levar uma empregada que eu tenho lá em casa no hospital e a irmã dela no caminho disse assim: 'Diógenes, seu Diógenes, eu ouvi o senhor falando de uma história de um ovo de páscoa, eu ri demais'. De lá eu fui pra um jantar, na casa de uns amigos, pessoal mais de classe média a A. E uma das pessoas, uma das mulheres fez referência ao mesmo episódio do ovo. Pra você ter um pouco de percepção de dois assuntos e dois níveis. Essa foi uma prova pra mim do alcance do Jornal 96. Então o jornal realmente tem um alcance muito grande. Se tem público, se tem audiência, é porque o público gosta. Não digo que tudo que foi testado, que foi experimentado, ou tudo que ocorre no Jornal 96, é sucesso, é correto, a questão não é essa. A questão é que o público gosta do Jornal 96 e entende o que a gente faz. A gente busca duas coisas. Primeiro, levar informação boa, de qualidade. Eu acho que grande parte do que a gente faz aqui, consegue fazer isso.

Cezar: Nesse sentido, esse é o diferencial do Jornal 96?

Diógenes: Sim, aliado a uma forma de apresentação mais informal, não é. Porque muita gente fala assim: 'Ah, Diógenes, você tem um jeito diferente de fazer o Jornal 96, porque, apesar de vários assuntos sérios, você consegue dar uma carga de informalidade, às vezes de bom humor' e aquela coisa é muito bem recebida pelo público. Aí já é uma característica minha, quando eu falei a você que tem um script, mas uma parte é improvisado, é porque eu gosto muito de manter essa coisa viva e o Jornal 96 reflete muito o momento que eu estou no ar. Então, às vezes eu estou muito de bom humor, geralmente eu estou de bom humor, mas às vezes eu estou chateado, eu estou indignado com alguma coisa, às vezes eu estou puto da vida com outra coisa e isso passa pro público, não é. E esse choque que às vezes as pessoas têm, pro bem, pro mal, essa coisa também dá autenticidade ao Jornal 96. Então, além da boa informação, além da qualidade dos jornais que trabalham no Jornal 96, além do que a gente leva, a gente tem essa informalidade, essa forma de levar a informação que conquista. E eu vou lhe dizer uma coisa que eu acho que você sabe. Rádio é hábito. Rádio é hábito. As pessoas gostam de ouvir quando elas têm uma empatia com determinados profissionais, com determinados veículos, com determinados produtos, elas têm o hábito de ouvir aquilo. Ninguém é eterno, ninguém é insubstituível. E eu vou dizer, e eu enfrento esse problema quando eu entro de férias, eu passo uma semana fora, ou quinze dias, como foi agora. As pessoas passam o dia, não o dia todo, mas reclamando, 'Cadê Diógenes?', 'Diógenes tá aonde?', 'Ah, só presta com Diógenes'. Eu vejo muito isso nas redes sociais. Mas, assim, a gente tem vida, a gente adocece, a gente se ausenta, né?! Mas, assim, isso pra provar como rádio é hábito. Pode ter certeza, três, seis meses depois, outro profissional no lugar, o hábito é com ele, já não é mais comigo. As pessoas já não vão sentir falta de Diógenes. Vão sentir falta de sicrano, beltrano e fulano, né?!

Cezar: Diógenes, existem dificuldades na produção do Jornal 96?

Diógenes: Dificuldades em que sentido?

Cezar: Dificuldades, ou de texto ou de conseguir informação ou de entrevistado...

Diógenes: Não, do ponto de vista do conteúdo não, porque, como eu já falei, são profissionais experientes, já sabem mais ou menos onde buscar as informações... Notícia tem todo dia, né, ainda mais com essa gama de informações que você tem na internet e tal. Antigamente, você ficava mais limitado, não é, a um telefone, ou ao que você apurava em outro veículo, tal, ou a um jornal impresso que tinha na sua frente. Hoje não, hoje as coisas tão num movimento, evoluindo o tempo todo, então, a internet ela traz essa gama de informações. Você sabendo pescar, sabendo separar o joio do trigo, você encontra informação com qualidade. Então, com relação conteúdo não. Dificuldade? Eu diria, ah, da financeira até, estrutura que impossibilita que possa ter um radiorepórter. Esse, se eu disser, é uma dificuldade. Eu gostaria de pagar melhor, da rádio pagar melhor seus profissionais, você tá entendendo? Ter estrutura da gente fazer programas especiais, fora da rádio. Já tentei, já fizemos, em algum momento do aniversário do Jornal 96, o programa não foi aqui, foi em um local externo, né, com toda a equipe, com os entrevistados, tal. Então, dificuldades, eu acho que todo mundo enfrenta hoje em dia, porque a vida não tá fácil pra ninguém.

Cezar: Como é que você avalia o cenário do radiojornalismo em Natal?

Diógenes: Eu acho que ainda em formação. Eu acho que há um grupo de pessoas tentando fazer algo diferente, algo bom, né, tentando avançar, mas assim, eu acho ainda muito fraco. Pelas faltas de condições financeiras de pagar bons profissionais, de ter boas equipes de produção, é um problema, porque num é só a apresentação, é produção, porque com bons produtores, bons redatores, você tem uma possibilidade de ter novos quadros, novas situações, né, de buscar aprofundar, sei lá, uma crise hídrica no Rio Grande do Norte, entendeu? Trazer personagens, então, isso tudo é produção. O radiorepórter de buscar informação, de gravar, de trazer aquela matéria bacana, você tá entendendo? Então, eu acho que é isso, eu acho que a gente está longe do cenário ideal.

Cezar: Mas vale a pena investir?

Diógenes: Vale, vale, eu acho que o rádio hoje, apesar de todas as mudanças que ocorreram na comunicação no mundo, eu acho que você já estudou isso também, o rádio ele existia e a televisão, postergaram o início da televisão por mais de dez

anos. Os caras já tinha a tecnologia, mas seguiu por medo da televisão acabar com o rádio. Nunca acabou, como o cinema nunca acabou com a televisão, como o rádio e a televisão nunca vão acabar por causa da internet, eles se complementam, né?! E o rádio ele é vivo, o rádio tem uma coisa importante pra ele que é a mobilidade. Todo mundo escuta onde for. Se o cara tiver tomando banho... Quando eu to tomando banho, me ajeitando pra sair de casa, eu sempre estou escutando rádio. Então, o rádio tem essa mobilidade, o rádio nunca vai acabar. Então, aí você me perguntou, vale a pena investir no rádio? Sim, claro, as pessoas, você tem um sucesso nacional, com a CBN, a rádio que toca notícia. Olha só que slogan bacana. Tem ali centenas de profissionais de jornalismo e técnicos trabalhando em função de uma rede nacional, CBN, a rádio que toca notícia, campeã de audiência e de publicidade, de propaganda. Eu acho que falta as pessoas valorizarem, pra gente poder ter bons profissionais dedicados a isso. Eu tenho o maior, eu estou muito preocupado com o cenário do Rio Grande do Norte, por conta desse momento de mudança nos jornais impressos, que eram os pilares da comunicação no estado, porque a gente não o sabe o caminho que esses veículos de comunicação vão ter. As coisas estão soltas. E a internet, ela está modificando tudo. Tá todo mundo 'Ah, o jornal impresso vai acabar'. Sim, hoje tem uma geração inteira que não pega mais nem em jornal, não pega nem em livro, é tudo no tablet, no smartphone. O jornal impresso pode acabar como impresso. Mas a estrutura de jornal pra fazer internet, pra fazer rádio, pra fazer o que for, ela vai ter que existir, porque o jornalismo não pode acabar. O jornalismo não pode acabar da forma como ele é. O que é o jornalismo pra mim? Você tem a notícia, você tem aquele profissional que vai buscar aquela notícia, checar, escrever, contar essa história e levar pro público. Isso é pra mim o jornalismo. Num existe nada que seja imparcial. Não! A imparcialidade do jornalismo está em você ouvir os dois lados da notícia. No caso da denúncia, aquele que denuncia e aquele que é denunciado. Quando você faz isso, você está fazendo jornalismo. E tentar contar a história da forma mais correta, dentro da técnica, respeitando a ética e respeitando as técnicas do jornalismo. Eu acho que é isso. (24:38)

Cezar: Já que você tocou nesse assunto... Há pesquisadores que falam sobre uma possível morte do rádio. Você acredita nisso?

Diógenes: Não, não acredito na morte do rádio. Eu acredito sim é numa evolução. Vou dar um exemplo de evolução do rádio. O rádio era só AM praticamente. Hoje ele está no FM e está para um ambiente mais digital. Agora, num formato digital. Então, o rádio está evoluindo tecnicamente e, oxalá, que eles evoluam no ponto de vista dos seus profissionais, é quem faz o rádio. Porque não adianta você ter equipamento, toda uma estrutura, se você não tem gente. Profissionais qualificados para fazer conteúdo e levar a informação. Não adianta! Não adianta você ter uma televisão se você não tem gente. Você precisa de profissionais qualificados para levar aquela informação. De que adianta a internet se você não tem o público, se você não tem as pessoas? Então, as pessoas precisam humanizar mais. Ter essa noção da humanização dos veículos de comunicação. O rádio não vai acabar, a televisão não vai acabar. Os jornais, pode ser que o impresso, já perdeu força do ponto de vista físico, ele possa ter, mas ele está sofrendo uma mutação. Hoje o jornal é lido. Antigamente você lia o jornal de manhã cedo, não é?! Você pegava o jornal impresso, lia o que você queria, tal. Geralmente jogava esse jornal fora. Hoje você lê jornal o dia inteiro. Você lê o jornal 24 horas se você quiser. Porque, não só a edição está ali, como você lê no smartphone a complementação, aquela edição do final da tarde. Hoje, o conceito de leitura dos jornais está mudando. Eu estou falando muito em jornal, eu sei que seu foco é rádio, mas eu acho que está dentro desse contexto. O rádio está mudando e, acredito eu, que se Deus quiser, eu quero ainda estar vivo, pra ver o rádio mais pujante, um rádio mais vibrante, do ponto de vista da participação de seus profissionais.

Cezar: Obrigado, Diógenes, pela entrevista!

ANEXO G – ENTREVISTA – JORNAL DA NOITE

ENTREVISTADOS: EUGÊNIO BEZERRA E THAISA GALVÃO, APRESENTADORES – DATA:
03/09/2015

Cezar: Então assim, eu queria saber, eu acho que mais Eugênio, há quanto tempo o Jornal da Noite está no ar.

Eugênio: O Jornal da Noite está no ar há dois anos.

Cezar: Há dois anos? Ele sempre teve esse formato?

Eugênio: Ele começou com trinta minutos. Inicialmente, o primeiro apresentador dele foi Daniel Cabral e a Rita, que era uma estagiária, Rita Oliveira, acho que é. Eu era só diretor de jornalismo aqui. Quando a gente criou, exatamente, ele tinha muito esse formato de ter matérias, né?! Era como se fosse uma ancoragem, Daniel aqui e acolá, comentava uma matéria, mas era uma coisa meio, mais fechada assim. Tinham matérias editadas, que a gente pegava com sonoras, com reportagem, enfim. E aí ele lia as cabeças, rodava as matérias. Eram os dois apresentadores. Aí depois eu passei a apresentar, eu e Mariana Vieira. Aí depois Mariana ficou só de manhã, ficou eu e Juliana Celli. E aí a gente resolveu descontraír ainda mais, porque com Juliana e comigo ele começou a ficar descontraído, mais leve, e a gente entendeu que esse horário precisava de uma linguagem mais leve. As pessoas estão no trânsito, chateadas com o trânsito... Então a gente continuou, porque já tinha informação de trânsito, desde o início a gente sempre priorizou essa coisa de ter serviço pro cidadão, né, o rádio é serviço pro cidadão. E aí a gente continuou com isso e tirou um pouco, porque a gente já não tinha tanta estrutura pra fazer reportagem. E assim, eventualmente tem reportagem quando há um assunto que valha a pena, a gente faz uma ou outra reportagem. Mas, raram..., não é uma coisa sempre. E aí entrou Thaisa, a gente achou que precisava ainda mais tempo com a chegada dela, chegava uma terceira pessoa, a gente tinha que passar de trinta minutos pra uma hora. Que aí foi isso que foi feito, a gente tá há quatro meses, é isso Thaisa?

Thaisa: 27 de abril.

Eugênio: Dia 27..., faz quatro meses. É? Abril... maio, junho, julho, agosto.

Thaisa: É...

Eugênio: Cinco meses a gente vai fazer.

Cezar: Em linhas gerais, como é formada hoje a equipe do Jornal da Noite?

Eugênio: A equipe somos três apresentadores, um redator/produtor e um operador de áudio.

Cezar: E qual a relação de vocês com a emissora? Vocês são funcionários da 95? Ou vocês... [entrevistado interrompe]

Eugênio: Não, nós somos um programa independente, né?! Nós temos um contrato com a empresa...

Thaisa: Em parceria com a empresa...

Eugênio: É um contrato.

Thaisa: Mas que a gente tem uma independência.

Eugênio: A gente comercializa nossas cotas de patrocínio, a empresa comercializa as dela e é assim que a gente se paga e paga a equipe.

Cezar: Todos os cinco são dessa forma, dentro desse contrato?

Eugênio: Não...

Thaisa: Quatro

Eugênio: Só quatro, o operador é...

Thaisa: Da rádio.

Eugênio: Pela rádio.

Cezar: Que temas vocês abordam no programa. Quais são as prioridades?

Thaisa: Tem muita política, né, e economia, cidades, polícia. A gente tem um horário assim meio popular. A rádio, não é o

horário, a rádio tem é mais popular. Então assim, economia, a gente tenta, a gente dá economia, mas a gente dá economia da dona de casa...

Eugênio: O que interfere na vida da pessoa.

Thaís: Interfere na vida, aquela economia...

Eugênio: Ahhh, taxa de juros, não, isso não.

Thaís: Taxa de juros, num sei quê, Selic, a gente não dá...

Eugênio: A gente traduz as coisas.

Thaís: Porque a gente sabe que a gente vai perder tempo. Lógico que a gente vai alcançar algumas pessoas, mas num é bem o foco do nosso ouvinte. É política e dia a dia, cidades, a gente discute tudo.

Eugênio: Polícia, o crime que for mais chocante.

Thaís: Acaba tendo muita política, por causa da participação do meu blogue, que é um blogue político. Acaba tendo uma coisa política e acaba que todo mundo se envolve com política. Mas num tem um assunto específico não.

Eugênio: É o assunto do dia, tá?! Porque assim, o importante pra nós, é porque assim, notícia você tem em todo lugar. Vai na internet, você tem notícia. As pessoas não ligam o rádio pra ouvir notícia. Elas ligam pra ouvir Thaís Galvão falando aquela notícia; Eugênio Bezerra comentando aquela notícia. Juliana Celli falando aquilo. Então elas ligam pelo formato, não pela notícia em si porque elas encontram essa notícia em qualquer lugar.

Thaís: Por isso que a gente valoriza bem essa interação das pessoas. Assim, a gente, né... Eles lig... falam como se já conhecessem a gente. Muitos a gente já identifica, já sabe quem são. Então a gente cria, faz, bem esse...

Eugênio: Uma relação.

Thaís: Essa relação. Por isso, eles acabam sendo nossos colaboradores.

Cezar: O radiojornal de vocês, ele segue algum roteiro pré-definido?

Eugênio: Sim, tem um espelho, que é feito pelo produtor/redator, o Erick. E esse espelho é a base de tudo. Né, lá tão a hora que entra o merchan, a hora que entra a vinheta, a hora que entra... Mas a gente enfia muito cacó.

Cezar: Há liberdade para vocês...

Eugênio: Total.

Thaís: Total.

Cezar: Quais são as principais fontes de informação das notícias do Jornal da Noite?

Eugênio: Erick, o blogue de Thaís...

Thaís: A gente, o blogue, os veículos da cidade e a própria produção que recebe também, recebe informações por e-mail, recebe telefonemas... É um veículo como outro qualquer, recebe...

Eugênio: É, as formas são inúmeras. Onde tiver notícia que nos interessar... Redes sociais, tudo.
[Produtor/redator intervém]

Erick: Às vezes não parte só de mim, pra eu procurar. Às vezes Thaís vê alguma coisa, já manda pra mim pelo WhatsApp. Eu vejo quando chego aqui. Eugênio também vê, Juliana também.

Cezar: Existe algum critério de seleção quando uma notícia vai pro ar e daquela que não vai pro ar?

Thaís: Existe. Quando a gente vê que aquela interessa ao povo, aquela interfere na vida do povo. Ou então aquela vai ser só pra ocupar espaço, a gente tira. A única censura...

Eugênio: O critério é o interesse.

Thaís: É, o interesse.

Eugênio: É o que a gente imagina, seja o interesse do nosso público.

Thaís: A única censura é exatamente, há notícias que a gente sabe que não vai...

Eugênio: E assim, a gente prioriza notícias locais.
[Produtor/redator intervém]

Erick: Exemplo o de economia, que eu pergunto a você [dirigindo-se a Thaís]

Thaís: Economia, o que é que tem hoje? Vai ver o que é que tem de economia, às vezes num tem muita coisa de economia, que seja uma coisa mais local, a gente procura exatamente aquela coisa que... O bujão de gás que vai subir, o imposto de renda que vai liberar o lote da restituição...

Eugênio: O serviço...

Thaís: É serviço e que interessa ao povo.

Eugênio: E assim, essa coisa a gente prioriza muito o que é local. Às vezes a gente até dá notícia nacional, esses escândalos, tal, mas, de um modo geral, a gente prioriza o que é local. É um critério.

Cezar: Tem reunião de pauta?

Thaís: A gente tem um grupo no WhatsApp, que a gente se fala durante tod...

Eugênio: O dia inteiro, à noite, de madrugada.

Thaís: O dia inteiro, fim de semana, de madrugada.

Eugênio: Nós, fisicamente, não.

Thaís: Facilitou muito, assim, aquela coisa da reunião de pauta num existe mais, porque exatamente por essa facilidade. A gente pode fazer reunião de pauta, a hora que a gente quiser.

Cezar: Como é que funciona a produção das entrevistas, em termos de agendamento, escolha da fonte e, mesmo, elaboração de perguntas?

Eugênio: Tem desde a pessoa que procura, né, Thaís, a gente: 'Ah, eu gostaria de ser entrevistado', a assessoria de imprensa, a empresa de assessoria de imprensa.

Thaís: Tem isso e tem os assuntos em pauta e tem as coisas que a gente acha que pode ser interessante. Tudo isso a gente discute nessa, nesse grupo.

Cezar: Na prática, quem é que liga? Quem é que prepara as perguntas?

Thaís: Num tem um...

Eugênio: Depende. Se Thaís tiver um contato direto com o entrevistado é ela. Se for eu, sou eu. Ou Erick, quando a gente num quer contato mesmo, só quer que ligue, tem também.

Cezar: E a questão das perguntas? Vocês elaboram na hora ou tem uma produção anterior?

Eugênio: Não.

Thaís: Isso é cada um. São três jornalistas, então assim a gente tem obrigação de tá bem informado sobre o assunto que a gente vai abordar.

Eugênio: Assim, quando há um assunto muito específico, a gente até pede se a pessoas tem uma assessoria, que mande um release sobre o assunto ou sobre a pessoa, pede informações, enfim... Mas, de um modo geral, a maioria dos assuntos, a gente acaba dominando pela cultura geral e vai, né, Thaís?!

Cezar: Agora, sobre aquilo que a gente tava conversando antes da entrevista, sobre reportagem, né?! Como é que vocês veem a presença da reportagem no Jornal da Noite?

Thaís: Como é que o quê?

Cezar: Vocês veem a presença de uma reportagem no Jornal da Noite... Vocês não trabalham hoje com o formato, especificamente, vocês trabalham com apuração de notícia...

Eugênio: Hoje a gente vê como custo. Nós não temos como arcar com esse custo. Poderia ser interessante? Eu sempre achei, sempre defendi quando eu era diretor de jornalismo daqui da rádio, defendi e a gente implantou, mas hoje a gente é uma empresa, nós três, e pra nós seria custo. Nós não temos como arcar com esse custo.

Cezar: Então, o motivo pra não existir reportagem no Jornal da Noite...

Thaís: Eu, eu pessoalmente não gosto. Eu gosto da reportagem na televisão, mas no rádio eu não gosto. Eu pessoalmente não gosto. Eu gosto assim de uma entrevista, de uma coisa assim... mas a reportagem eu acho que ela meio que se perde na rádio, eu não gosto. Eu nunca gostei.

Cezar: Certo.

Thaís: É uma opinião minha!

Cezar: Tudo bem, eu entendo perfeitamente. E agora em linhas de avaliação, como é que vocês avaliam a qualidade do Jornal da Noite?

Thaís: Eu acho que a gente tem uma qualidade bacana, nós somos três pessoas com uma bagagem de jornalismo, com uma bagagem já de vários veículos, de experiências passadas. Então, assim, eu acho que a qualidade de um noticiário começa pela qualidade das pessoas que fazem o noticiário. E eu acho que não falta qualidade. Eu acho que tem qualidade, que a gente tem qualidade. Entendeu, a minha resposta é essa.

Eugênio: É, eu também endosso o que Thaís falou. O nosso jornal, ele é pautado nos apresentadores, na bagagem individual de cada um e na química dos três. Eu acho que é por aí. Isso que faz o nosso jornal ser completamente dos demais. Você vai observar no teu trabalho, aí na tua pesquisa, que o nosso formato é diferente. Aqui cabe tudo, né? Guardado aí o devido respeito, a temática daquele momento, cabe sempre desconstruir o óbvio.

Cezar: Esse é o diferencial do Jornal da Noite?

Eugênio: É. Isso. Desconstruir o usual.

Cezar: Existem dificuldades na produção do Jornal da Noite?

Eugênio: Nenhuma. É, eu diria, até que é fácil demais produzir, até porque...

Thaís: A gente tem uma equipe afinada.

Eugênio: Thaís vem de televisão. Eu vim de televisão também. Televisão é um negócio que a gente depende de muita gente, de muita equipe. Aqui não, a coisa é enxuta e funciona. É muito enxuto e funciona.

Thaís: Eu venho de uma, na minha história, eu venho de uma megaestrutura da TV Cabugi, quando a TV Cabugi era uma megaestrutura, a uma estrutura de um blogue que só sou eu. Então, eu conheço todas as histórias, assim.

Eugênio: Já passou por jornal...

Thaís: Já. Já fiz a megaestrutura, mas eu já sei hoje, a minha leitura hoje é de enxugar, de gastar mais e ganhar...

Eugênio: De gastar menos

Thaís: Ou... De gastar menos e ganhar mais.

Cezar: E como é que vocês avaliam em Natal o cenário dos jornais em rádio, do jornalismo de rádio?

Eugênio: Cresceu muito e eu atribuo isso, de verdade, até a essa coisa que a 95 fez. Quando a gente veio aqui pra história, o jornal era só entrevista. Todo jornal era só uma entrevista chata, enfadonha, blá-blá-blá, quando tinha algum. Aí nem todas tinham. Agora se você olhar, tem jornal de manhã, de tarde e de noite. Foi o que a 95 fez. A 95 quando mexeu nessa história, a gente tinha 10 estagiários, aqui quando eu fui gerente de jornalismo. O mercado não assimilou isso pra faturar. E aí as empresas tiveram que cortar. Mas, em compensação, as outras rádios passaram a ter. Todo mundo tem jornal de manhã, meio dia e à noite. Praticamente todas as rádios hoje têm. Aqui na 95, a gente além de ter de manhã, de tarde e de noite, a gente tinha um boletim de hora em hora, dentro da programação de música. Então, isso movimentou a coisa e, assim, a gente viu muita gente que tava em outros veículos, tipo em televisão, vir pro rádio. Gente que tava no impresso, veio pro rádio. Gente que tava no blogue veio pro rádio. Todas as rádios. Pipocou.

Thaís: E os outros programas, você pode ver que eles têm a pessoa que fala de trânsito, eles têm a pessoa que fala de economia, a que só fala de política, a pessoa que fala de esporte... Tudo isso é custo.

Eugênio: Setorizado. Aqui não. Aqui a gente fala de tudo.

Thaís: E assim, ao mesmo, não cria aquela identidade, aquele laço de amizade, porque a gente diz que rádio cria amigos, né?! O ouvinte vira amigo. Então, na hora que você tem várias pessoas, um entra numa hora, pelo telefone, num tem esse laço de amizade.

Eugênio: Você num consegue estabelecer essa empatia, essa proximidade.

Thaís: Essa coisa que... Você viu aqui, como as pessoas tratam a gente. Então, assim, é legal isso. Entendeu?

Cezar: E vocês acham que ainda vale a pena investir em radiojornalismo?

Thaís: Muito.

Eugênio: Com certeza. Até porque, o que é que a gente tá vivendo, a gente tá num momento de crise que a mídia de televisão, ela é muito cara. Demanda uma equipe muito grande.

Thaís: E o impresso morrendo, né?!

Eugênio: E o impresso morrendo. Então as pessoas estão migrando pro rádio. É um fenômeno, se você der uma estudada, nos Estados Unidos, o rádio está crescendo assustadoramente. E normalmente a gente acompanha a tendência dos Estados Unidos. Daqui, já tá acontecendo no Brasil e vai acontecer ainda mais.

Thaís: Porque o imediatismo que a internet tem, só rádio acompanha.

Eugênio: Só o rádio acompanha e, assim, a história da convergência sabe, a rádio possibilita a convergência. A televisão talvez possibilite, mas é uma mídia mais cara. O impresso, a gente já viu que tá indo, tá virando a internet.

Cezar: A última pergunta é nesse sentido também. Existem estudiosos que afirmam, a partir da internet, do avanço das redes sociais, dos smartphones, eles pregam a morte do rádio. Vocês concordam com isso?

Thaís: Nunquinha.

Eugênio: Nunca no Brasil.

Thaís: Tá crescendo. Eu acho que a rádio tá é crescendo.

Eugênio: O smartphone é como muita gente ouve rádio hoje. Muita gente ouve rádio no smartphone. Agora assim, as rádios têm que acompanhar.

Thaís: Eu fiz anos de televisão, fiz impresso, internet. Nunca tinha feito rádio. Aí, assim, eu tenho toda uma bagagem, mas o rádio pra mim tá começando agora. E eu acho que é, assim, tem um futuro enorme.

Cezar: Ok, então, muito obrigado!

ANEXO H – ENTREVISTA – JORNAL DAS SEIS

ENTREVISTADO: **CIRO MARQUES**, PRODUTOR E REDATOR – DATA: 02/09/2015

Cezar: Sabe dizer há quanto tempo o jornal está no ar?

Ciro: Não.

Cezar: Como é composta a equipe de trabalho no Jornal das Seis?

Ciro: Sou eu, que faço a produção do jornal. Temos três apresentadores, né, Túlio, Ênio Sinedino e Marco Aurélio. Geralmente, Ênio apresenta mais o jornal; Túlio faz os primeiros comentários e Marco Aurélio faz os comentários extras, mais direcionados à economia e política nacional. E Márcio, que faz a questão do áudio, das vinhetas, coloca no ar.

Cezar: E Edmo e Sérgio?

Ciro: Edmo é quem faz esportes e Sérgio faz polícia.

Cezar: Qual a relação de vocês com a emissora? Vocês são funcionários da 96?

Ciro: Sim, somos funcionários da 96.

Cezar: Todos?

Ciro: Todos.

Cezar: Todos são funcionários da 96, inclusive os comentaristas?

Ciro: É.

Cezar: Que temas são abordados no programa? Tem alguma editoria que seja prioridade?

Ciro: É. Assim quando eu cheguei, Ênio me passou o seguinte ponto, Ênio não, na verdade foi Gabriela, que era a que me precedeu. Ela disse, ela mostrou o padrão do script do programa, geralmente são três notícias de política local, uma que varia entre política nacional ou economia e uma de cidades. Isso eles vão ler as notícias e vão comentar. Aí depois vem, duas notícias de esporte, duas notícias de política. Basicamente o jornal é composto desse esqueleto. E por quê? Porque ele tem um viés, até pelo perfil dos comentaristas, de Túlio e de Marco Aurélio, eles são pessoas mais ligadas com política. E, segundo Ênio, essas são os assuntos que repercutem mais no programa de rádio. Por isso que a gente acaba priorizando mais política. Se você for ver, o programa, ele tem uns 25 minutos iniciais, 30 minutos de política, notícias de política, e depois, as entrevistas, fala um pouco de cidade, né, uma notícia de cidade, aí para esportes, que é o momento mais descontraído, aí polícia e volta, geralmente, política, que é na entrevista final. A entrevista final também a gente aborda mais política, apesar que vez ou outra a gente convida alguém, algum secretário pra falar da coisa mais administrativa. E na sexta-feira a gente procura fazer uma entrevista mais light com um cantor, médico ou coisa assim. Mas, no dia a dia é mais política.

Cezar: O radiojornal segue algum roteiro?

Ciro: Certo. Então, é isso que eu disse, ele segue o roteiro pré-definido, baseado nesse perfil mais de jornal, que é diversas notícias de política, né, as quatro iniciais, uma de cidades, que é mais serviço mesmo, alguma coisa do tipo, trânsito. Sim, e também tem Darley Luiz, que acabei esquecendo dele, que ele faz outros programas aqui e também na hora do programa ele dá um giro pela cidade e vai dando toques sobre o trânsito.

Cezar: Esse giro ele faz no carro da 96?

Ciro: É. Exatamente.

Cezar: Quais são as principais fontes de informação pro Jornal das Seis?

Ciro: Assim, quando eu cheguei aqui, a gente pegava muito as notícias dos outros jornais. A gente tirou. O que é que Gabriela fazia...

Cezar: Jornais impressos?

Ciro: Jornais impressos e sites também. O que é que ela fazia? Ela ia procurando, né, lendo jornal, vendo a televisão também, vendo internet, alguma coisa do tipo, pra saber o que foi que aconteceu no dia e o que repercutiu mais. E fazia o jornal, baseado nessas notícias, basicamente era quase que integralmente o que já tinha saído em outros cantos. A gente juntava tudo e colocava no site, desculpe no site não, no script. O que é que eu tô procurando fazer mais? Até atendendo a um pedido de

Ênio: É tentando esquentar o noticiário, dando algumas coisas novas, por exemplo, apurando. A gente não tem tanto tempo pra apurar, aí, acaba não tendo como fazer um jornal inteiramente novo, né, só com notícias quentes, notícias inéditas. Mas, a gente procura pelo menos duas ou três notícias serem exclusivas, serem feitas por a gente. A gente vai lá, produz a notícia, ouve alguém e dá, tenta dar pelo menos um fu..., num é nem um furo, mas algo em primeira mão, entendeu?!

Cezar: Algo que é redigido por vocês?

Ciro: Exatamente. Algo que é redigido por mim.

Cezar: Existe algum critério de seleção das notícias? Além das editorias que você acaba privilegiando, existe algum critério específico?

Ciro: Não, não. É o que repercutiu mais. O que repercutiu mais no dia, a gente como já tem um, todo mundo já tem uma bagagem de, tipo, trabalhar em outras redações, tem aquele feeling jornalístico de saber o que é que chama mais atenção, o que é que destaca mais e vai colocando.

Cezar: Tem reunião de pauta?

Ciro: Não.

Cezar: Nem orientação da emissora?

Ciro: Orientação tem, mas pelo WhatsApp. Túlio, a gente, eu marco as entrevistas né, mando pra Ênio, aviso quem são os entrevistados. A gente tem um grupo no WhatsApp, Ênio, Marco Aurélio e Túlio. E eu aviso, eles fazem algumas ponderações ou dão algumas sugestões também de entrevistado, tipo assim, Ênio chega assim e fala: 'Amanhã, eu marquei com Zezo que ele vai fazer um show no Teatro Riachuelo', aí eu tento encaixar ele numa primeira entrevista. Às vezes já tá marcada uma entrevista no final do programa, só que a gente tenta encaixar uma no meio pra falar tipo, cinco ou dez minutos, no máximo, sobre algum assunto mais light ou menos pesado e acabe encurtando em esportes que também é um momento mais descontraído, num é.

Cezar: E falando nas entrevistas, era o que eu ia perguntar. Como é que funciona essa produção? Quem define o entrevistado, como é feito esse contato?

Ciro: Assim, eu tô ficando bem livre pra marcar as entrevistas. Praticamente quem tá marcando sou eu. Eu vejo o que é que tem repercutido, tento fazer, com base nas notícias, não é, o que é que tem sido mais relevante, nem sempre consigo, porque, marcar entrevista no dia, os entrevistados têm muito receio de... parece que eles têm muito medo de vir, quando são convidados no dia eles aceitam dar entrevista. Eu tenho percebido isso, mas eu tenho marcado assim tipo, no dia anterior, evitando que o assunto fique muito frio. Por exemplo, é, Luciano Ramos deu uma entrevista muito boa pra Tribuna no domingo. A gente viu essa entrevista, tentou marcar com ele durante essa semana, pra ver se ele conseguia, se ele podia repercutir o assunto e falar o que ele falou também pra gente, né, pro nosso público. Acabamos não conseguindo nos primeiros dias, mas a gente conseguiu agendar com ele pra amanhã. Quer dizer, então, tipo assim, não ficar muito distante do que assim, do assunto quando foi divulgada pela primeira vez a informação. A gente tem tentado fazer isso. As entrevistas a maioria quem tá marcando sou eu, mas Ênio vez ou outra também marca alguma entrevista, principalmente quando é com algum cantor, ou então quando é, empresário, alguém do tipo, que busca ele pra dar essa entrevista, e assim a gente vai fazendo, baseado geralmente assim nos critérios de noticiabilidade.

Cezar: E quem faz as perguntas da entrevista?

Ciro: As perguntas, geralmente quem faz são eles. Eles fazem da cabeça dele mesmo, o que eles acham. O que eu tenho feito desde que entrei é dado algumas sugestões. Por quê? Porque quando eu vou marcar entrevista eu me baseio em alguns motivos, por exemplo, eu acho que o secretário, agora, de serviços urbanos tem, tá tendo essa divulgação da entrega do mercado das Rocas, essa questão da licitação que vai haver lá pra contratar, pra contratar não, pra liberar o contrato das novas bancas e tal... E, como eu me baseei nisso pra marcar a entrevista, eu também vou e passo pros entrevistadores, né, uma linha que eles podem utilizar. Agora, assim, eu não faço a pergunta. Eu faço tipo assim, coloco lá no script do programa, assunto: mercado das Rocas, iluminação pública e tal. Aí quem desenvolve as perguntas são eles baseado na cabeça deles e no roteiro ali do programa também. Até porque algumas vezes quando a gente marca a entrevista, o assessor de imprensa ou então o entrevistado ele dá algumas sugestões de assuntos. Aí a gente também pega essas sugestões e coloca lá no script do programa pra eles se basearem.

Cezar: Outra coisa. Eu acompanho já o Jornal das Seis e eu percebo que vocês têm reportagem de polícia. Como é que é feito? A estrutura pra essa reportagem é a 96 que providencia?

Ciro: Rapaz, sinceramente eu não sei te dizer. Tu sabe, Márcio [*direciona para o operador de áudio que está na mesma sala*], se a estrutura de Sérgio é da 96 ou é dele mesmo?

Márcio: É dele, é dele.

Ciro: É dele mesmo, né? É porque ele faz polícia já pra outros veículos, aí aproveita pra cá também.

Cezar: Então o material que ele explora não é exclusivo para o Jornal das Seis?

Ciro: Eu acredito que o material seja, porque os áudios ele faz fora, entendeu? Agora a estrutura não. Ele não vai no carro da 96 pra delegacia e tal, e coisa. Mas, eu acredito que, quando ele grava, pra [TV] Ponta Negra, depois que ele grava pra Ponta Negra, ele vai e grava também pro Jornal das Seis, mas não é o mesmo áudio não.

Cezar: E em outros assuntos, por que não tem reportagem?

Ciro: Rapaz, a gente tenta fazer, mas não consegue. [risos] Porque como é muito corrido, a gente acaba não indo pros locais. É, só tem eu de jornalista na produção do programa e acaba não dando tempo. Mas às vezes, vez ou outra, a gente consegue encaixar, por exemplo, um áudio. Vai pra um evento do Governo do Estado, por exemplo, aí tem lá alguém dando entrevista. Aí eu vou e consigo gravar um áudio, ou então, até peço pelo entrevistado, pra ele gravar um áudio e mandar pro WhatsApp ou coisa do tipo, pela assessoria de imprensa. A gente consegue fazer esse meio de campo. E já aconteceu de a gente ter alguns áudios, mas isso, realmente, isso não é algo rotineiro, entende? Mas, vez ou outra, acontece.

Cezar: Só pra gente finalizar, tratar um pouco mais de uma avaliação geral. Como é que vocês avaliam a qualidade do Jornal das Seis?

Ciro: Eu acredito que é muito bom, muito bom mesmo, mas... aquele negócio, eu acho que sempre dá pra melhorar. E tem algumas coisas que a gente pode aprimorar mais, como por exemplo, essa questão dos áudios, pra deixar o programa até mais dinâmico,

Cezar: Vocês avaliam que tem um diferencial o Jornal das Seis?

Ciro: Tem, tem alguns diferenciais. Por exemplo, a gente faz um jornal mais comentado, mas também não comentários longos, tão enfadonhos. A gente tem dois comentaristas polêmicos, que são, que é Túlio Lemos e Marco Aurélio Sá, que são duas pessoas que chamam a atenção pelo que falam. A gente tem um comentarista de esporte também polêmico [risos], que é Edmo Sinedino, né?! A gente tem polícia que é algo que nem todos têm, ainda mais com a produção de áudios, com a experiência que Sérgio tem no ramo.

[Operador intervém]

Márcio: Tem notícias que Sérgio dá primeiro aqui, pra poder dar em outros cantos.

Ciro: Exatamente. E eu acho que a gente tem vários diferenciais, por isso que a gente consegue fugir um pouco do padrão. Inclusive um dos diferenciais agora da gente é essa questão do WhatsApp. A gente tem se destacado muito por causa disso. O povo gosta de participar, né?! O povo às vezes escreve qualquer besteira ali só pra ter o nome lido no ar. Eu acho que é isso.

Cezar: E dificuldades?

Ciro: Dificuldades eu acho que é mais o tempo mesmo, o tempo pra produção de um jornal como esse. Talvez até se tivesse mais gente até, um repórter de cidades, alguma coisa assim do tipo.

Cezar: Quanto tempo você tem pra produzir o jornal?

Ciro: Rapaz, basicamente eu faço isso o dia todo. Mas [risos], sempre lendo o jornal, acompanhando TV, rádio, essas coisas, mas quando eu sento mesmo pra escrever o script com tudo que já está na minha cabeça assim, o que é que... Porque eu vou vendo o noticiário e bolando, né, tipo, essa notícia dá pra ser a notícia que vai abrir, essa outra dá pra ser a segunda, essa outra dá pra ser a terceira, e... É como aquele negócio de jornal impresso, quando você vai pra rua, você já volta com a matéria toda pronta dentro da sua cabeça, você já senta e escreve. Aí eu tenho tentado fazer isso, né, no script do Jornal das Seis. Somando tudo dá umas duas horas, três horas, de sentar e produzir, mas é acompanhando o dia todo o que é que a gente vai fazer, como é que vai agir, as entrevistas e tal e coisa. Mas o script basicamente fica pronto em duas horas.

Cezar: Pensando no cenário de Natal, como é que você avalia os programas jornalísticos em geral das rádios?

Ciro: Eu acho que tão muito bons. Muito bons mesmo. Eu acho que a gente tem tido vontade de crescer justamente por causa disso, entendeu, baseado na concorrência. A concorrência da gente é boa e eu acho que é por isso que a gente fica naquela de fazer cada vez melhor.

Cezar: Você avalia que ainda vale a pena investir em radiojornalismo?

Ciro: Vale! Vale muito a pena! Pra você ver, hoje a 95 tem jornal, a 98 tem jornal, a 96 tem jornal, a 94 tem e tá cada vez mais jornais. Então, tipo assim, eu acho, eu num tenho um estudo, um estudo feito pra justificar minha opinião, mas se você for ver, a maioria dos comerciais tá sendo colocada dentro dos jornais tipo assim, você quase num vê, você vê cinco ou seis que repetem durante uma hora e meia, na programação normal, uma hora e meia não, durante o dia todo na programação normal, mas quando tem os jornais ali, são geralmente poucos anunciantes mas que conseguem viabilizar os custos do

programa. E cada vez mais programas vão surgindo.

Cezar: Você acha que se investisse em reportagem, faria com que o jornal ficasse melhor? Porque não é só o Jornal das Seis, nenhum outro jornal de rádio comercial de Natal tem reportagem, o único que tem é o Jornal das Seis.

Ciro: É verdade. Eu num sei se as pessoas, no rádio, tão assim interessadas em ouvir uma reportagem muito longa e tal e coisa. Geralmente com quem eu tenho conversado é o que, a pessoa tá no trânsito, aí quer o quê? Aquela notícia ali rapidinha, só pra, ô beleza, fiquei sabendo disso aí, pronto. E, tipo assim, não é geralmente que queira um aprofundamento, a respeito de uma temática diferente e tal e coisa, entendeu?

Cezar: Há estudiosos que pregam a morte do rádio. Você concorda com isso?

Ciro: Não, acho que não. Eu me formei há uns quatro anos e durante toda a minha graduação, eu tive muita vontade de trabalhar em rádio, pô. A gente fez aquele 'Toque de rádio' lá atrás e era uma coisa, uma experiência inovadora, enriquecedora, e eu acho que o rádio conquista as pessoas que trabalham, as pessoas que escutam e eu acho que tá muito longe do rádio morrer, sinceramente! Muito longe mesmo!

Cezar: Ok, Ciro, muito obrigado!

ANEXO I – PARTICIPAÇÃO POLICIAL E REPORTAGEM – JORNAL DAS SEIS

PARTICIPAÇÃO POLICIAL – JORNAL DAS SEIS – 11/05/2015

Vinheta: Jornal das Seis / Polícia com Sérgio Costa

1)

ÊNIO: Polícia encontra túnel no presídio provisório Raimundo Nonato. Outro túnel, viu minha gente?!

SÉRGIO: Parece brincadeira, mas não é. Mais um túnel, mais um túnel encontrado pelos agentes penitenciários e policiais militares da guarda, desta vez na zona norte da capital. Boa noite, Ênio! Boa noite a todos! Pessoal da guarda percebeu um buraco já do lado de fora do presídio Raimundo Nonato, a cadeia pública de Natal, que fica no bairro Potengi. Eles observaram que o buraco era pequeno, mas quando os agentes foram fazer a verificação melhor, perceberam que se tratava de um grande túnel, que dava acesso às alas B e A daquele presídio. Cerca de 420 detentos poderiam ter fugido se quisessem fugir, mas os agentes e policiais ficaram atentos e inclusive estiveram, um agente esteve dentro do túnel mostrando a dimensão, o espaço que os presos teriam. Esse problema causa revolta por parte dos agentes penitenciários. Nós conversamos com um desses agentes, ele falou a respeito dos túneis.

SONORA AGENTE: A questão é mais política, é mais administrativa do que operacional. A gente percebe que pode ter boa vontade, mas esbarra na falta de compreensão de alguns, que ao invés de observar o lado da dificuldade, da falta de material e investir, conforme as verbas que chegam, eles olham em função da politicagem, de busca de votos, em busca de aparecer. Essa é a verdade. E assim a gente vai sofrendo, sofrendo por essas, com essas, com a consequência desse povo que é preso e foge sempre por conta desses túneis que nem acabou, nem vai acabar.

SÉRGIO: Pois é, Ênio! E depois do último motim que aconteceu em todos os presídios, em vários pontos ainda os presos continuam soltos, porque as celas estão, continuam ainda quebradas, e as reformas que foram prometidas ainda não foram concluídas. Com isso, os presos passam o dia todo planejando, ou até mesmo, construindo túneis nas cadeias de Natal e da Grande Natal.

2)

ÊNIO: Sérgio, dois homens são presos com dez quilos de maconha na zona norte.

SÉRGIO: Perfeitamente, os policiais perceberam um veículo de cor branca do tipo Palio, no bairro Nossa Senhora da Apresentação, mais precisamente na Avenida Maranguape. Eles fizeram abordagem do carro, no momento em que o sujeito parou o veículo e tentou correr, mas acabou sendo preso. Dentro do veículo, os policiais encontraram cerca de dez quilos de maconha. Em seguida, o telefone do suspeito tocou, os policiais atenderam, do outro lado da linha era uma outra pessoa, outro homem que ia se encontrar com o primeiro homem preso. Os policiais foram até o ponto de encontro e acabaram prendendo o segundo suspeito, também de posse de uma pequena quantidade de maconha. Os dois foram levados para a Plantão da Zona Norte e autuados por tráfico de drogas. Ênio!

ÊNIO: Ok, Sérgio! Obrigado pelas informações e até amanhã!

SÉRGIO: Um abraço para você e um abraço para todos, até amanhã!

PARTICIPAÇÃO POLICIAL – JORNAL DAS SEIS – 12/05/2015

Vinheta: Jornal das Seis / Polícia com Sérgio Costa

1)

ÊNIO: Gerente de contas sofre sequestro relâmpago e é obrigada a se passar por tia de assaltante. Os detalhes com Sérgio Costa.

SÉRGIO: Ela ficou frente a frente com o [INAUDÍVEL]. Boa noite, Ênio! Boa noite a todos! Esta mulher, que vai ter o nome preservado, saía do trabalho ontem, quando acabou sendo surpreendida por um sujeito armado e entrou no carro e obrigou a ela a percorrer vários lugares, inclusive uma agência bancária para sacar dinheiro. Vamos ouvir o depoimento dessa mulher que conta passo a passo como tudo aconteceu.

SONORA REPÓRTER: Qual foi o pior momento que a senhora viveu durante esses 60 minutos?

SONORA MULHER: Todos! Porque ele dividiu todo o processo em missão. A primeira missão era pra eu não cortar luz, pra que eu não chamasse atenção. É... A segunda missão era encontrar uma agência pra sacar dinheiro que não tivesse nenhum vigia. É praticamente impossível. Entrou, ele entrou comigo, do meu lado, como se eu fosse uma parente dele.

SONORA REPÓRTER: Ele exigiu que a senhora se comportasse assim?

SONORA MULHER: Nós combinamos antes que eu entraria e ele ia fingir que eu ia pegar uma sobrinha na escola e eu o tempo todo ficava dizendo ‘mas ela tem que estudar, né, Natan’. Ele ‘é... mas ela vai.’

SÉRGIO: Pois é, Ênio! Esse homem acabou fugindo para o bairro de Mãe Luiza. A polícia ainda realizou diligências, mas ele não foi preso. A mulher teria alguns produtos levados pelo bandido. Ênio!

2)

ÊNIO: Sérgio, a polícia atenta proprietários de paredões para seguir a lei ambiental e evitar prejuízos.

SÉRGIO: É verdade, Ênio! Muita gente anda perdendo o som e tendo muito prejuízo, na verdade. Ontem, por exemplo, um homem acabou sendo, é..., preso [TRECHO INAUDÍVEL] e o paredão apreendido em Emaús, um paredão avaliado em 35 mil reais. É a lei 9.605, a lei da vida, a lei ambiental, que está em vigor, e as pessoas ainda não estão sendo orientadas nesse sentido. Muita gente está caindo nessa situação desta lei. Eu conversei com o soldado Máximo Patrício, que é cabo da polícia militar do setor ambiental. Ele explicou com relação a essa lei.

SONORA SOLDADO: Apesar de ser crime, muitas pessoas estão desavisadas e acabam utilizando este tipo de instrumento, né, de material, é..., em locais públicos, desconhecendo a lei e acabam tendo prejuízo. Por exemplo, esse aí é um prejuízo de mais de 30 mil reais. Sim, pois é, a questão passa sim pela educação, passa sim pela informação, né, há uma cultura de pessoas que querem escutar o som muito alto na nossa cidade, no nosso estado, mas a lei, a lei de proteção ambiental está aí pra isso, né Sérgio!

SÉRGIO: Ênio!

ÊNIO: Oi, Sérgio!

SÉRGIO: No caso de ontem, o homem que vai ter o nome preservado, [TRECHO INAUDÍVEL], vai responder processo. E o som dele, avaliado em 35 mil reais foi apreendido. Certamente não vai ser entregue depois.

ÊNIO: Ok, Sérgio! Obrigado pelas informações e até amanhã!

PARTICIPAÇÃO POLICIAL – JORNAL DAS SEIS – 13/05/2015

Vinheta: Jornal das Seis / Polícia com Sérgio Costa

1)

TÚLIO: Assaltantes invadem Zona Sul e tomam quatro carros de assalto em ataques simultâneos. Sérgio Costa, boa noite!

SÉRGIO: Boa noite, Túlio! Boa noite a todos! A situação ficou bem preocupante. Ontem à noite, a polícia não teve como prender os criminosos, pelo menos os que agiram na zona sul, na noite de ontem. Uma mulher estava saindo de uma academia do bairro Neópolis, na avenida dos Ipês, quando foi surpreendida por um grupo de assaltantes. Ela teve o carro levado. Ela não foi a primeira. Depois dela mais três outras pessoas acabaram também tendo seus veículos tomados de assalto, por criminosos, em vários bairros da zona sul. Eu conversei com essa primeira vítima.

SONORA VÍTIMA: E, de repente, quando eu me deparei, tava, chegou os dois, os dois ‘cara’ né, os dois ‘indivíduo’, colocaram um revólver na minha boca e mandaram eu sair do carro. O outro falava assim “não, leva ela junto, leva junto”. O outro disse “não, joga pra fora”. E os dois entraram no carro e levaram. Levaram tudo, enfim.

SONORA REPÓRTER: Eles falavam “leva ela também”?!

SONORA VÍTIMA: “Também, ‘vamo’ levar também”. O outro disse “não, joga pra fora”. E foi assim que ele fez, me jogou pra fora e falou que se eu olhasse pra trás, ele estouraria minha cabeça. E assim, levaram tudo, os documentos, levaram dinheiro, levaram celular, mas, graças a Deus eu tô viva, né!

SÉRGIO: Túlio, foi impressionante chegarmos à Plantão Zona Sul na noite de ontem, já quase madrugada desta quarta-feira e olhar pra cada uma dessas vítimas. Mais ou menos seis pessoas estavam no local, todas elas assustadas e contando histórias parecidas como esta que acabamos de ouvir. Túlio!

2)

TÚLIO: Suspeito de assalto morre, um é baleado e outro é preso em confronto com a polícia, Sérgio?.

SÉRGIO: Perfeitamente! Hoje pela manhã, mais um carro foi tomado de assalto, dessa vez na região da zona oeste da capital. E a polícia acabou percebendo que existia uma atitude suspeita por parte dos criminosos, que estavam em um veículo, próximos já à BR-304, entre Macaíba e Natal. Os policiais perceberam ainda que eles estavam na contra mão. E aí fizeram uma verdadeira, uma troca de tiros, durante uma perseguição. Dois foram baleados, um morreu no local, o outro foi levado para o hospital, um terceiro acabou sendo detido, ainda no local e foi conduzido à delegacia. Eles estavam realizando arrastões na região metropolitana de Natal. Túlio!

TÚLIO: Valeu, Sérgio! Até amanhã!

SÉRGIO: Até amanhã! Um abraço pra você, um abraço para todos!

PARTICIPAÇÃO POLICIAL – JORNAL DAS SEIS – 14/05/2015

Vinheta: Jornal das Seis / Polícia com Sérgio Costa

1)

ÊNIO: Procurador, suspeito de atirar contra vereador, cumpre prisão preventiva na sede da Polícia Federal. Os detalhes com Sérgio Costa.

SÉRGIO: A polícia contou com imagem do circuito interno de um posto de combustível para alimentar as investigações. Boa noite, Ênio! Boa noite a todos! O delegado titular da Regional Caicó, doutor Eider Carvalho, chegou em Natal ontem por volta das dez horas da noite, justamente depois de cumprir este mandado de prender o procurador Marcelo Raposo de França, de 49 anos, que é suspeito de tentar tirar a vida do vereador Marfran Medeiros Santos, que é vereador da cidade de Carnaúba dos Dantas. Esse fato aconteceu no dia 23 de abril, na cidade de Caicó, em uma conveniência, onde tava tendo uma festa, um pagode. Houve uma discussão e Marcelo Raposo, o procurador, teria atirado contra o vereador. Nós conversamos com o delegado Euder Carvalho e ele explicou porque que o procurador foi preso.

SONORA DELEGADO: O procurador, ele teria assediado a esposa do vereador, né, que não gostou da atitude do procurador, e então é... Houve um início de discussão, de xingamentos, um bate boca. Em dado momento o procurador Marcelo Raposo, ele arremessou uma cadeira em cima do vereador e a briga continuou ali naquele..., de xingamentos. Quando o vereador Marfran se dirigia pra porta do carona do seu veículo, saindo do local, foi esse momento então que o procurador sacou da arma que ele possuía e efetuou três disparos contra o vereador.

SÉRGIO: O vereador sofreu três disparos, como disse aí o delegado, e que ele chegou a perder um dedo. O procurador Marcelo Raposo está preso na sede da Polícia Federal. O inquérito que investiga esse fato transcorre na delegacia de Caicó e ainda está em curso. Ênio!

2)

ÊNIO: Sérgio, a mãe entrega o filho à polícia após agressões.

SÉRGIO: A última instância, não é, Ênio? Uma mãe entregar o filho à polícia por causa das drogas, por causa das agressões. Dona Maria do Socorro pediu socorro à polícia na madrugada desta quinta-feira, porque não aguentava mais. O filho, o jovem de apenas 19 anos, Fábio Vitor, estava enlouquecido e não é a primeira vez que é preso por isso não. Eu conversei com esta mulher:

SONORA MARIA DO SOCORRO: Primeiro, ele se envolveu com droga, né isso? Quem se envolveu com droga, pronto! 'Cabou' a vida, né? E a vida de quem 'tá' por perto?! Foi o que ele fez comigo! Ele acabou com a vida e 'tá' acabando com a minha.

SONORA REPÓRTER: Diante disso, ele passou a ser uma pessoa agressiva com a senhora?

SONORA MARIA DO SOCORRO: Exatamente! Quebrar minhas coisas dentro de casa...

SONORA REPÓRTER: Quebrava tudo?!

SONORA MARIA DO SOCORRO: Quebra, ele quebra... O que tiver na frente dele quando ele tiver com raiva. Se ele pedir dinheiro, ele for... Ele pede um real, se ele pede dois, se der um real, pronto, a confusão 'tá' feita.

SÉRGIO: Ênio, a idosa de sessenta e três anos fez isso com lágrimas nos olhos. Uma pena! Ênio!

ÊNIO: Verdade! Obrigado, Serginho, pelas informações! Até amanhã!

SÉRGIO: Até amanhã, Ênio! Um abraço para você e um abraço para todos!

PARTICIPAÇÃO POLICIAL – JORNAL DAS SEIS – 15/05/2015

Vinheta: Jornal das Seis / Polícia com Sérgio Costa

1)

ÊNIO: Rá! Olha só! Suspeito de arrombamento diz que a polícia o persegue por causa dos olhos verdes que ele tem, Túlio Lemos. Os detalhes com o especialista Sérgio Costa. (...) E aí, Serginho?! Quer dizer que a polícia persegue ele por causa dos olhos verdes?

SÉRGIO: Boa noite, Ênio! Boa noite a todos! É verdade, viu?! Existe essa situação. O jovem, de apenas 19 anos, foi preso ontem, depois que o proprietário de um estabelecimento, na verdade de uma residência lá no Tirol, reconheceu ele de umas imagens que foram feitas de um circuito de segurança da própria residência. Depois de um mês, o proprietário da casa percebeu que ele estava perambulando pelo mesmo local e chamou a polícia. Ele foi pra delegacia e disse que tudo aquilo era conspiração porque ele tinha os olhos verdes. Vamos ouvi-lo:

[barulho, vozes ao fundo]

SONORA REPÓRTER: Marcelo, existe um cidadão ali fora que está dizendo que reconheceu você como sendo o autor de um arrombamento na casa dele, há cerca de um mês. Você nega, né?

SONORA ACUSADO: Eu num vou assumir um negócio que eu não fiz. Jamais. Mas você não ia assumir nada que você num fez?

SONORA REPÓRTER: De jeito nenhum!

SONORA ACUSADO: Então! É doido, né, quem vai assumir? Só se ele for assumir, porque eu num vou não.

SONORA REPÓRTER: Ele disse que conta com umas imagens do circuito interno, que a pessoa que aparece nessas imagens, é você.

SONORA ACUSADO: Eu já levei, eu já levei uma ‘pisa’ uma vez, por causa um tal de olhos verdes, porque eu tenho o olho verde. Me confundiram já por causa dos meus olhos verdes. Tô vendo a hora eu levar a ‘pisa’, porque a primeira vez eu já levei uma ‘pisa’, já. E o pior que eu num tô vendo nenhum olho verde aí nessa, nessa filmagem dele aí. Olha o corpo do cara pro meu, homem! O cara tá só o osso esse aí. Esse aí fuma crack, viu?! Porque esse aqui ainda tem uma ‘carninha’.

SONORA REPÓRTER: Você fuma também, Marcelo?

SONORA ACUSADO: Fumo, fumo, mas moderadamente, né?

ÊNIO: Moderadamente! [risos] Sérgio Costa, olhos nos olhos, ele tinha os olhos verdes?

SÉRGIO: Tinha. Ele, aliás, ele tem os olhos verdes.

ÊNIO: Num é lente não, né?

SÉRGIO: Não sei, Ênio, se também é provocado pelo efeito do crack.

ÊNIO: hehe

2)

REPORTAGEM AO VIVO

SÉRGIO: Ênio, eu queria pedir licença a vocês da mesa. Eu estou aqui neste momento na avenida Jaguarari, com a Alexandrino de Alencar. Os policiais do Batalhão de Choque e o Corpo de Bombeiros estão exatamente aqui, próximo a um bueiro, porque um corpo foi encontrado em um bueiro agora aqui, nessas, no cruzamento dessas duas importantes avenidas da zona leste da capital do estado. O pessoal ‘tá’ isolando, aguardando o Itep, pra saber o que realmente pode ter acontecido aqui: se trata-se de um mendigo ou se alguém foi assassinado. Rapidamente, Ênio, o sargento Pedro ‘tá’ aqui, do BPChoque. Sargento, vocês receberam essa informação e agora vocês estão fazendo esse trabalho, pra tentar encontrar ou ter mais informações sobre isso aqui. Ele ‘tá’ aqui ao nosso lado. Vou saber com ele aqui. Sargento, o que realmente vocês encontraram aqui? É um corpo?

SONORA SARGENTO: Positivo, a gente ia passando aqui na Alexandrino e fomos solicitados por populares, que informou que tava tendo um fedor muito grande, já tinha uns dois ou três dias. A gente pensou que era algum animal morto no local. Quando a gente desceu da viatura, que a gente focou a lanterna lá pro final do túnel lá ‘da buero’, né? Foi ver, realmente, deu pra ver, visualizar um corpo lá no chão, lá em baixo, lá no bueiro. Agora ninguém sabe se foi acidente, se foi homicídio,

ninguém sabe. Estamos aguardando, juntamente com a equipe dos bombeiros, para fazer o exame do corpo, pra saber realmente quando o Itep chegar se foi crime, se num foi crime. Aí só quando o Itep chegar para averiguar, pra saber realmente o que foi que houve.

SÉRGIO: Obrigado, Sargento Pedro! Então, Ênio, uma notícia em primeira mão, eu estou no local. E, com certeza, no nosso próprio, na nossa própria 96, teremos mais notícias sobre o que realmente aconteceu aqui no cruzamento da Jaguarari com a Alexandrino de Alencar. Ênio!

ÊNIO: Ok, Sérgio! Obrigado pelas informações! Boa noite, bom fim de semana e até segunda!

SÉRGIO: Até segunda! Um abraço para você, um abraço para todos!